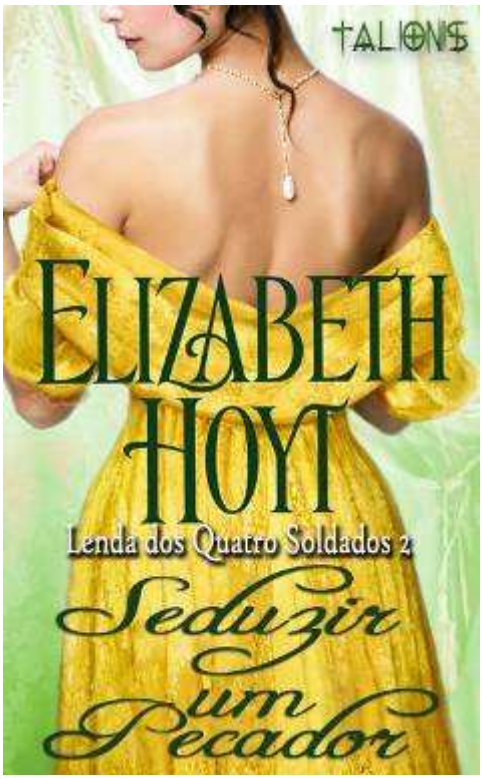


Elizabeth Hoyt
Seduzir um Pecador

Lenda dos Quatro Soldados 02

Jasper Renshaw, o Visconde Vale, tem um problema: deve se casar e engendrar um herdeiro para o título. A única coisa que Jasper deseja é encontrar uma dama que resista o tempo necessário com ele para casar-se de modo que possa retomar sua vida licenciosa... uma vida que mantém a raia as tormentosas lembranças de seu passado.

Sabendo que Jasper se encontra sob pressão para casar-se, Melisande Fleming agarra seu destino com ambas as mãos e se oferece voluntariamente para o posto. Embora Jasper no princípio se interesse unicamente por ter um herdeiro, não demora em sentir-se enfeitiçado por sua esposa, afetada e recatada de dia, licenciosa de noite, e jura desentranhar seus segredos.

Entretanto, Melisande está decidida a manter a seu marido a distância. Já amou e perdeu antes, e fará o que for necessário para impedi-lo que descubra sua terrível debilidade: leva anos apaixonada por ele em segredo.

Mas para desgosto dela, seu marido a persegue, cortejando-a como se fosse um apaixonado, não um mulherengo.

Enquanto Melisande e Jasper embarcam em um apaixonado jogo do rato e o gato, começa a ressurgir os segredos do passado... ameaçando separá-los.

Disp em Esp: *MR*
Envio e Formatação: *Δίκη*
Revisão Inicial: *Freyja*
Revisão Final: *Matias, o Marujo.*
Imagem*: Elica*
Talionis

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Comentário Freyja: Gostei muito do Jasper e da Melisande, é um casal como a gente não está habituada a ler nos livros, onde tanto o moço como a moça são belezas, mas neste nenhum dos dois é uma beleza, são pessoas com defeitos e feridas. Com partes hots, e emoção. Livro que aconselho para quem goste do estilo, e esperando o próximo.

Comentário Matias, O Marujo: — Meninas, dessa vez não temos uma das virgens fatais... Temos sim uma experiente, esperta, manipuladora e quase ninfomaníaca... Por essa história ficou caracterizado o rumo que a autora resolveu seguir. Mocinhos traumatizados e necessitados desesperadamente das mocinhas fortes e experientes, tanto na vida quanto ao trato com os homens. Até o momento nenhuma virgem e, o terceiro volume também seguirá tal diretriz.

Existe alguns padrões comportamentais nos dois primeiros volumes que nos permite saber antecipadamente quem serão os próximos envolvidos e, acho que até mesmo quem é o vilão final... Vamos ver se vocês percebem isso. — Uma boa distração, apesar de não ser "hot", tem momentos de pura sensualidade. Boa leitura.

SOBRE A AUTORA:

Elizabeth Hoyt é o pseudônimo de Julia Harper, nasceu em Nova Orleans, cidade em que sua família materna viveu durante gerações, mas se criou nos frios invernos do St. Paul, Minnesota.

Enquanto crescia viajou frequentemente a Grã-Bretanha com sua família, onde passou um verão no St. Andrews, Escócia, e um ano em Oxford. Obteve um título universitário em antropologia pela universidade de Wisconsin, Madison.

Foi também em Wisconsin onde conheceu seu marido, arqueólogo de profissão, em uma escavação em um milharal. Continuando com o tema do milharal, Elizabeth e seu marido vivem no centro de Illinois com seus dois filhos e três cães.

Prólogo

Era uma vez, em um país estrangeiro de nome desconhecido, um soldado que voltava para casa da guerra. A guerra em que lutou durava já muitas gerações. Levava tantos anos lutando, de fato, que quem lutava nela esqueceram por completo por que combatiam. Um dia, os soldados olharam aos homens contra os quais batalhavam e perceberam que não sabiam por que queriam matá-los.

Os oficiais demoraram um pouco mais em chegar à mesma conclusão, mas ao final se convenceram disso e todos os soldados de ambos os bandos depuseram as armas. Declarou-se a paz.

Assim, nosso soldado retornava a casa por um caminho solitário. Mas, como a guerra durou tantos anos, já não existia lar ao qual voltar e em realidade caminhava sem rumo.

Mesmo assim, levava uma mochila com comida às costas, o sol brilhava no céu e o caminho

que escolheu era fácil e reto. Estava contente com a vida que lhe havia tocado com sorte.

Chamava-se Jack o Risonho...

Do Jack o Risonho

Capítulo 01

Jack partia pela estrada assobiando alegremente, pois não tinha nenhuma só preocupação neste mundo...

Do Jack o Risonho

Londres, Inglaterra.
Maio de 1765.

Poucas coisas há mais desafortunadas na vida de um homem que ver-se rechaçado por sua futura esposa no próprio dia das bodas, disse-se Jasper Renshaw, visconde de Vale.

Mas que o deixassem plantado o dia de suas bodas enquanto sofria ainda os efeitos de uma noite de bebedeira... Isso, enfim, devia ser o cúmulo da má sorte.

— Sinto-o muitiiiiisimo — soluçou a senhorita Mary Templeton, a noiva em questão, em um tom o bastante agudo para lhe separar a cabeleira do crânio. — Nunca tive intenção de enganá-lo.

— Claro — disse Jasper, — isso espero.

Sentia vontades de apoiar a cabeça dolorida nas mãos, mas, obviamente, aquele era um momento extremamente dramático na vida da senhorita Templeton, e tinha a impressão de que o gesto não mostraria o devido respeito para a gravidade da situação. Pelo menos estava sentado. Havia uma cadeira de madeira de respaldo reto na sacristia da igreja, e antes de mais nada ao entrar se apropriou com nulo cavalheirismo.

Mas a senhorita Templeton não parecia ter se importado.

— Ai, meu senhor! — exclamou ela, presumivelmente dirigindo-se a ele, embora tendo em conta onde estavam possivelmente estivesse invocando a uma presença mais alta que a sua.

— Não pude evitá-lo, de verdade que não. Quão volúveis somos as mulheres! O simples que somos, atordoadas, tão incapazes de resistir ao vendaval da paixão!

O vendaval da paixão?

— Sem dúvida, sem dúvida — resmungou Jasper.

Oxalá lhe tivesse dado tempo de tomar uma taça de vinho essa manhã. Uma... Ou duas. Ter-lhe-ia situado um pouco a cabeça, possivelmente, e o teria ajudado a compreender o que tentava lhe dizer exatamente sua prometida, além do óbvio: que já não desejava converter-se na viscondessa de Vale. Mas, tolo dele, essa manhã se levantou sem esperar outra coisa que umas bodas tediosas seguidas de um interminável café da manhã nupcial. Em lugar disso, entretanto,

encontrou-se na porta da igreja com o senhor e a senhora Templeton (muito sérios e desconfiados) e com sua encantada prometida com lágrimas no rosto, e soube imediatamente, no fundo de sua escura e pesarosa alma, que esse dia não comeria bolo de bodas.

Jasper sufocou um suspiro e olhou a sua ex-futura esposa. Mary Templeton era bastante bonita. Tinha o cabelo escuro e lustroso, os olhos de um azul brilhante, a tez branca e fresca e uns seios agradavelmente retumbantes. Este último era o que mais animado o deixava, disse-se mal-humorado enquanto Mary passeava diante dele.

— Ai, Julius! — exclamou a senhorita Templeton levantando seus formosos e arredondados braços. Era uma lástima que a vicária fosse tão pequena. Aquele drama exigia um cenário maior. — Se não te amasse tanto!

Jasper piscou e se inclinou para diante, consciente de que devia ter perdido algo, porque não se lembrava de nenhum Julius.

— Né, Julius?

Ela se voltou e aumentou seus radiantes olhos azuis. Eram magníficos, de verdade.

— Julius Fernwood. O vigário do povoado que há ao lado das terras de papai.

Ia deixa-lo por um vigário?

— OH! Se pudesse ver seus doces olhos castanhos, seu cabelo loiro como a manteiga e seu sério porte, sei que entenderia que sinta o que sinto.

Jasper arqueou uma sobrancelha. Aquilo lhe parecia extremamente improvável.

— Amo-o, milord! Amo-o com toda minha alma cheia de simplicidade — em um arrebatamento alarmante, caiu de joelhos diante dele, com a formosa cara chorosa voltada para cima e as brancas e tersas mãos unidas entre os seios arredondados.

— Por favor! Por favor! O rogo, me libere deste laço cruel! Devolva-me minhas asas para que possa voar atrás de meu verdadeiro amor, do homem ao qual amarei sempre com todo meu coração mesmo que me veja forçada a me casar com você, a me deixar estreitar entre seus braços, a me submeter a seus instintos animais, a...

— Sim, sim — a cortou Jasper apressadamente, antes que acabasse de retratá-lo como uma besta empenhada em escravizá-la e abusar dela.

— Compreendo que não tenho nada que fazer, comparado com um vigário loiro como a manteiga. Retiro-me do campo do matrimônio. Por favor, vá à busca de seu verdadeiro amor. Meus parabéns e tudo isso.

— OH, obrigada, milord! — agarrou-o pelas mãos e as encheu de úmidos beijos. — Lhe estarei para sempre agradecida, estarei em dívida eterna com você. Se alguma vez...

— Claro, claro. Se alguma vez necessitar um vigário loiro como a manteiga ou à esposa de um vigário, etecetera, etecetera... Tê-lo-ei muito em conta — levado por um repentino golpe de inspiração, Jasper meteu a mão no bolso e tirou um punhado de meias coroas. Pensava jogá-las à multidão, depois das bodas. — Pegue. Para suas núpcias. Desejo-lhe a maior felicidade com... Né, com o senhor Fernwood.

Pôs lhe as moedas nas mãos.

— OH! — os olhos da senhorita Templeton se aumentaram ainda mais. — OH, obrigada!

Deu-lhe um último beijo choroso na mão e saiu correndo da habitação. Talvez se desse conta de que Jasper lhe dera várias libras em moedas movido por um impulso e sabia que, se ficasse mais tempo, possivelmente reconsiderasse sua generosidade.

Jasper suspirou, tirou um grande lenço branco e secou as mãos. A vicária era pequena; suas paredes eram da mesma velha pedra cinza que a igreja em que pensava se casar. Em uma parede havia uma prateleira de madeira escura cheia de trastes da paróquia: velas velhas, papéis, Bíblias e pires de prata alemã. No alto da parede, havia uma janela com pequenos rombos no cristal. Jasper viu o céu azul, no qual flutuava serenamente uma só nuvem branca e macia. Uma bonita habitação para que o deixassem de novo sozinho. Voltou a guardar o lenço no colete do bolso e notou que tinha um botão frouxo.

Teria que lembrar-se de dizer ao Pynch. Pôs o cotovelo sobre a mesa que havia junto à cadeira, apoiou a cabeça na mão e fechou os olhos.

Pynch, seu criado, fazia uma beberagem maravilhosa para assentar a cabeça depois de uma noite de farra. Logo poderia ir a casa e tomar aquele remédio caseiro, e possivelmente voltar para a cama.

Mas lhe doía a cabeça, maldita seja, e não podia partir ainda. Fora da vicária se ouviam vozes cujo eco ressonava na cúpula da velha igreja de pedra.

Ao que parece, o romântico plano da senhorita Templeton se chocou com certa resistência paterna. Jasper levantou uma comissura da boca. Talvez a seu pai não seduziu tanto o cabelo loiro como a manteiga.

Em qualquer caso, preferiria ir guerrear contra os franceses que ver-se com a família e quantos convidados esperavam fora.

Suspirou e estirou as pernas diante dele. Assim, seis meses de duro esforço acabavam de ir-se pela amurada. Seis meses lhe custou cortejar à senhorita Templeton: um mês para encontrar uma moça adequada (de boa família, nem muito jovem nem muito velha, e o bastante bonita para leva-la à cama); três meses para cortejá-la cuidadosamente, flertando com ela em bailes e salões, levando-a a dar passeios em sua carruagem, comprando doces, flores e pequenas quinquilharias; logo, a pergunta crucial, a resposta satisfatória e o casto beijo na face virginal; e, por último, publicar as admoestações e fazer diversas compras e preparativos para a venturosa festa nupcial.

O que saiu mal, então? Ela parecia perfeitamente de acordo com seus planos. Nunca antes expressou nenhuma dúvida. E quando lhe dava de presente pérolas e pendentes de ouro, inclusive podia dizer-se que parecia eufórica.

A que obedecia, pois, aquele repentino impulso de casar-se com um vigário loiro como a manteiga?

Seu irmão mais velho, Richard, não teria tido esse problema, se tivesse vivido o suficiente para procurar esposa: não o teria plantado sua prometida. Possivelmente não fosse culpa dela, pensou Jasper sombriamente.

Talvez existisse algo nele que repugnava ao belo sexo, ao menos no referente ao

matrimônio. Era impossível passar por cima do fato de que era a segunda vez em menos de um ano que lhe davam cabaças.

A primeira vez foi Emeline, claro, e teria que reconhecer que Emeline era mais que uma noiva, uma irmã. Mas mesmo assim a gente não podia deixar de...

O ranger da porta da vicária ao abrir-se interrompeu suas reflexões. Jasper abriu os olhos.

Uma mulher alta e magra na porta. Era uma amiga da Emeline. Essa de cujo nome nunca se lembrava.

— Sinto muito, despertei-o? — perguntou.

— Não, só estava descansando.

Ela assentiu com a cabeça, olhou rapidamente para trás e fechou a porta a suas costas, encerrando-se com ele, o que era extremamente impróprio.

Jasper levantou as sobrancelhas. Aquela senhorita nunca lhe pareceu muito dada ao melodrama, mas estava claro que, nesse sentido, sua percepção deixava muito a desejar.

Ela se mantinha muito erguida, com os ombros retos e o queixo ligeiramente levantado. Era uma mulher insossa, cujos rasgos custava recordar. Certamente por isso, pensando-o bem, Jasper não conseguia lembrar-se de seu nome.

Seu cabelo claro, recolhido em um coque à altura da nuca, era de um tom indeterminável, entre loiro e castanho. Seus olhos eram de um castanho vulgar. O sutiã de seu vestido marrom cinzento tinha um decote comum, de corte quadrado, que desvelava uns seios muito pequenos. A cútis a deixava bastante fina, notou-o. Possuía essa brancura azulada e translúcida que frequentemente se comparava com o mármore. Se a olhasse mais de perto, sem dúvida veria as veias que corriam sob a pele pálida e delicada.

Levantou os olhos para seu rosto. Ela se manteve ali, imóvel, enquanto a examinava, mas agora um leve rubor começava a aparecer em suas maçãs do rosto.

Ao notar seu sobressalto, por leve que fosse, Jasper se sentiu um trapaceiro. E falou, portanto, com certa aspereza.

— Posso servi-la em algo, senhora?

Ela respondeu com uma pergunta:

— É certo que Mary não vai se casar com você?

Ele suspirou.

— Pelo visto se empenhou em prender a um vigário, e já não lhe serve um visconde.

Ela não sorriu.

— Você não a ama.

Ele estendeu as mãos.

— Por desgraça assim é, embora confessá-lo me converta em um canalha.

— Então, tenho uma proposição a lhe fazer.

— Ah, sim?

Ela juntou as mãos diante de si e fez o impossível: ergueu-se ainda mais.

— Perguntava-me se você quereria casar-se comigo, em vez de com ela.

Melisande Fleming se obrigou a se manter erguida e a olhar aos olhos a lorde Vale, com firmeza e sem o mais leve indício de rubor pueril. A final de contas, já não era uma menina. Era uma mulher de vinte e oito anos: para ela, a época das bodas na primavera e as flores de flor-de-laranja ficavam já muito longínquas. Como à esperança de achar a felicidade. Mas ao que parece a esperança era uma coisa muito dura, quase impossível de derrotar.

O que acabava de propor era ridículo. Lorde Vale era um homem rico. Um aristocrata. Um homem na flor da vida. Um homem, em resumo, que podia escolher a seu desejo entre um elenco de moças risonhas e tolas, muito mais jovens e bonitas que ela. Embora acabassem de deixá-lo plantado ante o altar por um vigário sem um tostão.

Assim, Melisande se preparou para suportar a risada, o desprezo ou (pior ainda) a lástima de lorde Vale.

Lorde Vale, entretanto, limitou-se a olhá-la. Possivelmente não a ouviu bem. Seus belos olhos azuis estavam um pouco avermelhados, e como segurava a cabeça quando entrou, parecia ter se excedido celebrando suas núpcias a noite anterior.

Estava esparramado na cadeira, com as longas e musculosas pernas estiradas, ocupando muito mais espaço do que devia. Olhava-a com aqueles olhos brilhantes, de surpreendente tom azul esverdeado.

Eram luminosos (até mesmo frágeis), mas eram a única coisa de sua pessoa que podia considerar-se encantador. Tinha o rosto alongado e profundas rugas ao redor dos olhos e a boca. Seu nariz também era longo, além de muito grande.

Suas pálpebras caíam um pouco para as comissuras, como se sempre estivesse sonolento. E seu cabelo... Seu cabelo, para falar a verdade, era bastante bonito: encaracolado e abundante, de uma formosa cor castanha avermelhada. Em qualquer outro homem teria parecido infantil, inclusive efeminado.

Melisande esteve a ponto de não ir às bodas. Mary era prima longínqua dela; tinham conversado uma ou duas vezes ao longo de sua vida. Mas Gertrude, sua cunhada, encontrava-se mal essa manhã e insistiu em que ela fosse às bodas em representação de seu ramo da família. Assim ali estava, e acabava de cometer o ato mais temerário de toda sua existência.

Que estranho era o destino.

Lorde Vale se moveu por fim. Esfregou o rosto com a mão grande e ossuda e a olhou por entre os longos dedos.

— Desculpe-me, mas sou um idiota: juro por minha vida, que não consigo me lembrar de seu nome.

Naturalmente. Ela sempre foi das que revoavam ao redor da multidão. Nunca no centro, nunca chamando a atenção.

Ele, em troca, era justamente o contrário.

Melisande respirou fundo e estirou os dedos para que deixassem de lhe tremer. Só teria aquela oportunidade: não devia se atrapalhar.

— Sou Melisande Fleming. Meu pai era Ernest Fleming, dos Fleming do Northumberland. —

Sua família era antiga e muito respeitada, de modo que não se dignou a dar mais explicações. Se lorde Vale não ouviu falar deles antes, suas garantias de respeitabilidade de pouco serviriam agora. — Meu pai faleceu, mas tenho dois irmãos varões, Ernest e Harold. Minha mãe era uma emigrada prussiana, também falecida.

Pode ser que recorde que sou amiga de lady Emeline, que...

— Sim, sim. — Afastou a mão de seu rosto e a agitou no ar para atalhar sua lista de créditos. — Sei quem é, a única coisa que não sabia era...

— Meu nome.

Ele inclinou a cabeça.

— Exato. Como lhe dizia, sou um idiota.

Ela tragou saliva.

— Poderia me dar uma resposta?

— É que... — sacudiu a cabeça e fez um vago gesto com os dedos. — Sei que ontem à noite me excedi com a bebida e estou ainda um pouco aturdido pelo abandono da senhorita Templeton, assim pode ser que minhas capacidades cognitivas não estejam à altura das circunstâncias, mas não vejo por que deseja casar-se comigo.

— É visconde, milord. A falsa modéstia não o favorece.

Sua larga boca se curvou em um leve sorriso.

— É muito mordaz, não lhe parece? Para estar procurando a mão de um cavalheiro.

Melisande notou que o rubor lhe subia pelo pescoço e as faces e teve que sufocar o impulso de abrir a porta e fugir.

— Por que deseja casar-se comigo, entre todos os viscondes deste mundo? — perguntou ele suavemente.

— É um homem honorável. Sei pela Emeline. — Melisande falava com cautela, escolhendo suas palavras com cuidado. — Deduzo pela brevidade de seu noivado com a Mary que está ansioso por casar-se, equivoco-me?

Ele inclinou a cabeça.

— Isso parece, certamente.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu, por minha parte, desejo ter minha própria casa, em lugar de viver acolhida à generosidade de meus irmãos — uma verdade pela metade.

— Não tem meios próprios?

— Tenho um dote excelente e rendas próprias, além disso. Mas uma mulher solteira dificilmente pode viver sozinha.

— Certo.

Ele a contemplava, contente, ao que parece, de tê-la ante si como uma suplicante diante de um rei. Passado um momento assentiu com a cabeça e se levantou, e sua estatura obrigou a Melisande a elevar o olhar.

Ela era alta, mas ele o era ainda mais.

— Desculpe-me, mas devo lhe falar com franqueza a fim de evitar mal-entendidos mais adiante. Eu desejo um matrimônio real. Um matrimônio que, Deus mediante, produza filhos engendrados em uma cama compartilhada

— sorriu encantadoramente e seus olhos de cor turquesa brilharam um pouco. — É isso o que você também procura?

Sustentou-lhe o olhar, sem atrever-se a abrigar esperanças.

— Sim.

Ele inclinou a cabeça.

— Então, senhorita Fleming, sinto-me honrado de aceitar sua proposição de matrimônio.

Melisande notou uma opressão no peito, e ao mesmo tempo como se algo batesse as asas loucamente por detrás de suas costelas, lutando por liberar-se e voar pela habitação, cheio de alegria.

Estendeu-lhe a mão.

— Obrigada, milord.

Ele sorriu inquisitivamente ao ver sua mão estendida e logo a agarrou. Mas em lugar de estreitar-lhe para selar o acordo, inclinou a cabeça sobre seus nódulos e Melisande sentiu o roce suave e quente de seus lábios.

Reprimiu um estremecimento de desejo ao notar seu contato.

Ele se ergueu.

— Confio em que siga me agradecendo depois do dia de nossas bodas, senhorita Fleming.

Ela abriu a boca para responder, mas ele já dera a volta.

— Sinto muito, mas me dói horrivelmente a cabeça. Dentro de três dias irei ver seu irmão, parece-lhe bem? Devo fingir estar aflito ao menos três dias, não lhe parece?

Possivelmente poderia esperar menos impacto da negativa na senhorita Templeton. Com um sorriso irônico, fechou suavemente a porta atrás dele.

Melisande deixou cair os ombros, livre por fim de tensão. Ficou olhando a porta um momento; logo passeou o olhar pela sala. Era comum, pequena e um pouco desordenada. Um lugar pouco adequado para que sua vida desse um giro drástico. E, entretanto (a menos que os últimos quinze minutos tivesse sido um sonho), aquele era o lugar onde sua vida tomou um rumo novo e totalmente inesperado.

Examinou o dorso da mão. Não havia nenhuma marca ali onde a beijou lorde Vale. Fazia anos que conhecia o Jasper Renshaw, lorde Vale, mas em todo esse tempo ele não teve ocasião de tocá-la.

Levou o dorso da mão à boca e fechou os olhos, imaginando como seria quando a beijasse na boca. Seu corpo tremeu ao pensá-lo.

Logo voltou a estirar as costas, alisou a saia já lisa e passou os dedos pelo cabelo para assegurar-se de que tudo estava em ordem. Assim composta, dispôs-se a sair da vicária, mas ao andar seu pé tropeçou com algo. No chão, sobre os ladrilhos de pedra, escondido entre suas saias até que se pôs em marcha, havia um botão de prata. Melisande o recolheu e lentamente o volteou

entre os dedos.

Tinha gravada uma inicial: V. ficou olhando-o um momento antes de guarda-lo na manga.

Depois saiu da vicária.

— Pynch, conhece algum homem que tenha perdido uma noiva e ganhado outra no mesmo dia? — perguntou Jasper ociosamente, essa tarde.

Estava deitado em sua grande banheira, fabricada expressamente a sua medida.

Pynch, seu ajudante de câmara, estava em um canto do quarto, atarefado com a roupa da cômoda. Respondeu sem voltar-se.

— Não, milord.

— Então possivelmente eu seja o primeiro de toda a história. Londres deveria erigir uma estátua em minha honra.

Os meninos pequenos se aproximariam e me olhariam pasmados, e suas babás os aconselhariam em tom admonitório que não seguissem meus passos.

— Em efeito, milord — respondeu Pynch em tom monocórdio.

A voz do Pynch tinha o timbre ideal para um criado de primeira classe: era suave, firme, grave e serena. O qual estava muito bem, porque, pelo resto, distava muito de ser o criado ideal.

Pynch era um grandalhão. Muito grandalhão. Tinha os ombros de um boi, umas mãos que podiam abranger sem esforço uma bandeja de servir, um pescoço tão grosso como a coxa do Jasper e uma cabeça calva e redonda como uma cúpula.

Parecia um granadeiro: um corpulento soldado de infantaria, dos que no exército se usavam para abrir brecha no fronte inimigo.

E isso foi enquanto servia no exército de Sua Majestade, antes de ter uma pequena divergência de opinião com seu sargento, cujo resultado foi passar um dia na jaula.

E ali, na jaula, foi onde Jasper o viu pela primeira vez, suportando estoicamente que as pessoas lhe jogasse na cara verduras podres. Aquela imagem o impressionou tanto que, tão logo foi posto em liberdade,

Jasper lhe ofereceu ser seu ajudante. Pynch aceitou imediatamente. Então, dois anos depois, quando abandonou o exército em troca de uma substanciosa soma, comprou também a liberdade do Pynch e este retornou com ele a Inglaterra na qualidade de ajudante de câmara. Toda uma série de circunstâncias afortunadas, disse-se Jasper enquanto tirava um pé da banheira e via cair uma gota de água de seu dedão.

— Mandaste a carta à senhorita Fleming? — redigira uma missiva anunciando, educadamente, que iria ver seu irmão três dias depois, se enquanto isso não o informasse que mudara de ideia.

— Sim, milord.

— Bem. Bem. Acredito que este compromisso sairá adiante. Tenho uma intuição.

— Uma intuição, milord?

— Sim — respondeu Jasper. Agarrou uma escova de cabo comprido e a passou pela ponta do dedão. — Como a que tive faz quinze dias, quando apostei meio guinéu naquele alazão de

pescoço longo.

Pynch pigarreou.

— Acredito que o alazão resultou ser coxo.

— Sim? — Jasper meneou uma mão. — É igual. De todos os modos, jamais terá que comparar às mulheres com os cavalos. O que tentava dizer é que já levamos três horas comprometidos, e a senhorita

Fleming ainda não se desdisse. Indubitavelmente estará impressionada.

— É bom sinal, milord, mas me permite lhe fazer notar que a senhorita Templeton esperou até o dia das bodas para romper o compromisso?

— Ah, mas neste caso foi a própria senhorita Fleming quem teve a ideia do matrimônio.

— Seriamente, milord?

Jasper deixou de esfregar o pé esquerdo.

— Não quero que essa notícia saia deste quarto. — Pynch ficou muito rígido.

— Não, milord.

Jasper deu um pulo. Maldito seja, acabava de ofender ao Pynch.

— Não queria ferir os sentimentos da dama, embora ela mesma tenha se jogado aos meus pés.

— Jogou-se aos seus pés, milord?

— É uma forma de falar. — Jasper sacudiu a escova de cabo comprido, salpicando de água uma cadeira próxima. — Parecia ter a impressão de que estava desesperado por me casar e que, portanto, arriscar-me-ia a aceitá-la.

Pynch arqueou uma sobrancelha.

— E não a tirou de seu engano?

— Pynch, Pynch, acaso não te hei dito que alguma vez contradiga a uma dama? É de má educação e, para cúmulo, uma perda de tempo. De todos os modos, seguirá em seus treze*. — Jasper encostou a escova ao nariz.

— Além disso, em algum momento devo me casar. Casar-me e ter filhos, como fizeram todos meus nobres antepassados. É absurdo tentar esquivar essa obrigação. Devo engendrar um filho ou dois, preferivelmente com um pouco de cérebro na moleira, para que levem o antigo e bolorento nome de Vale. Deste modo me economizo ter que sair e cortejar durante meses a outra moça.

— Ah. Então, a seu modo de ver, o mesmo dá uma senhorita ou outra, não é isso, milord?

— Sim — respondeu Jasper, e em seguida trocou de ideia. — Não. Maldita seja sua lógica, Pynch. Parece um advogado. A verdade é que essa mulher tem algo. Não sei muito bem como descrevê-lo.

Não é a mulher que eu teria escolhido, para falar a verdade, mas quando estava ali diante, tão valente e decidida e ao mesmo tempo me olhando com o cenho franzido como se tivesse cuspido diante dela...

Enfim, eu gostei bastante, acredito. Claro que pode ser que fosse efeito do uísque que bebi

ontem à noite.

— Naturalmente, milord — murmurou Pynch.

— Enfim... O que tentava dizer é que confio em que este compromisso acabe em umas bodas como é devido. Se não, logo terei fama de ser uma espécie de ovo podre.

— Em efeito, milord.

Jasper olhou ao teto com o cenho franzido.

— Pynch, não deve me dar a razão quando me comparo com um ovo podre.

— Não, milord.

— Obrigado.

— De nada, milord.

— Só espero que a senhorita Fleming não conheça nenhum vigário nas próximas semanas, antes das bodas. Sobre tudo, loiro como a manteiga.

— Sim, milord.

— Sabe que não acredito ter conhecido alguma vez a um vigário de meu agrado? — perguntou Jasper pensativamente.

— Seriamente, milord?

— A todos parece-lhes faltar o queixo — Jasper tocou no comprido queixo. — Pode ser que seja requisito indispensável para ingressar no clero da Inglaterra. Acredita possível?

— Possível, sim. Provável, não, milord.

— Hmm.

Do outro lado do quarto, Pynch passou um montão de lençóis à prateleira mais alta do roupeiro.

— O senhor vai passar o dia em casa?

— Ai, não. Tenho outros assuntos que atender.

— Incluem esses assuntos a esse homem da prisão de Newgate?

Jasper deixou de olhar o teto para olhar a seu ajudante de câmara. Pynch, cujo semblante estava acostumado a parecer destemido, entreabrira ligeiramente os olhos: mostrava preocupação.

— Temo-me que sim. O julgamento do Thornton será muito em breve, e é seguro que o condenarão à forca. E quando morrer, levara consigo toda a informação que tenha.

Pynch cruzou o quarto provido de uma grande toalha de banho.

— Caso tenha alguma.

Jasper saiu da banheira e agarrou a toalha.

— Sim, caso tenha alguma.

Pynch o observou enquanto se secava com os olhos ainda entreabertos.

— Desculpe-me senhor, eu não gosto de falar do que não me incumbe...

— E, entretanto sempre o faz — resmungou Jasper. Seu criado continuou como se não o tivesse ouvido.

— Mas me preocupa sua obsessão com esse homem. É um exímio embusteiro. O que lhe faz

pensar que agora vai dizer a verdade?

— Nada. — Jasper jogou em um lado a toalha, aproximou-se da cadeira onde descansava sua roupa e começou a vestir-se. — É um embusteiro, um violador e um assassino, e só Deus sabe que mais coisas.

Só um imbecil confiaria em sua palavra. Mas não posso entrega-lo ao patíbulo sem tentar ao menos lhe surrupiar a verdade.

— Temo que esteja unicamente jogando com você por diversão.

— Sem dúvida tem razão, Pynch, como de costume. — Jasper não olhou ao ajudante de câmara enquanto passava a camisa pela cabeça. Conhecera ao Pynch depois do massacre do 28° Regimento de Infantaria no Spinner's Falls.

Pynch não lutara nessa batalha. Não sentia sua necessidade de descobrir quem traíra ao regimento. — Mas, por desgraça, a razão não importa. Preciso ir.

Pynch suspirou e lhe levou os sapatos.

— Muito bem, milord.

Jasper se sentou para grampear as fivelas dos sapatos.

— Te anime, Pynch. Dentro de uma semana, Thornton estará morto.

— O que você diga, milord — resmungou Pynch enquanto recolhia a banheira.

Jasper acabou de se vestir em silêncio e se aproximou logo da penteadeira para pentear-se e recolher o cabelo para trás. Pynch tirou sua casaca.

— Confio em que o senhor não tenha esquecido que o senhor Doming tornou a solicitar sua presença nas terras da família em Oxfordshire.

— Maldito seja. — Doming, o capataz de seu imóvel, lhe escreveu várias vezes para lhe pedir ajuda em uma disputa por umas terras. Já dera desculpas ao pobre homem porque ia casar se e agora...

— Doming terá que esperar uns dias mais. Não posso partir sem ter falado com o irmão da senhorita Fleming e com a própria senhorita Fleming. Recorde-me isso quando voltar, por favor.

Vestiu a jaqueta, agarrou seu chapéu e saiu antes que Pynch pudesse dizer algo mais. Desceu as escadas, saudou seu mordomo com uma inclinação de cabeça e saiu pela porta principal de sua casa de Londres.

Fora o esperava um de seus moços de estábulo com a Belle, sua formosa égua baio. Jasper agradeceu ao menino, montou e tranquilizou à égua, que se revolveu, mordendo um bocado.

As ruas estavam lotadas, e devia levar a égua a passo. Dirigiu-se para o oeste, para a cúpula de São Paul, que se abatia sobre os edifícios mais baixos de seus arredores.

A agitação de Londres se parecia muito pouco aos montes agrestes onde começou tudo aquilo. Jasper recordava bem as altas árvores e as quebradas, o fragor da água mesclando-se com os gritos dos moribundos.

Perto de sete anos antes, ele era capitão do exército de Sua Majestade e lutava contra os franceses nas colônias. O 28° Regimento de Infantaria retornava após sua vitória em Quebec, e a longa fila de soldados se estendia por uma estreita trilha quando os índios os atacaram. Não

tiveram tempo de organizar uma linha defensiva. Quase todo o regimento foi massacrado em menos de meia hora.

Seu coronel morreu. Jasper e outros oito homens foram capturados, conduzidos a um acampamento de índios furões e...

Ainda lhe custava recordar. De vez em quando, a sombra daquele período aparecia na borda de seus pensamentos, como um espião fugaz pouco visto pela extremidade do olho.

Havia pensado muito nisso, e o passado estava morto e enterrado, embora não estivesse esquecido. Logo, fazia seis meses, saiu de um salão de baile e no terraço se encontrou com o Samuel Hartley.

Hartley fora cabo no exército. Um dos poucos homens que sobreviveram ao massacre do 28° Regimento. Disse-lhe que um traidor dentro das filas do regimento dera sua posição aos franceses e a seus aliados índios.

Quando Jasper se uniu a ele para procurar o traidor, descobriram que um assassino assumira a identidade do Dick Thornton, um dos mortos no Spinner's Falls.

Thornton (ao Jasper custava lhe chamar de outro modo, embora sabia que esse não era seu verdadeiro nome) estava agora no Newgate, acusado de assassinato. A noite de sua captura, entretanto, jurou que ele não era o traidor.

Jasper espetou a Belle para evitar um carrinho de mão cheio de fruta amadurecida.

— Não quer uma ameixa doce, senhor? — gritou-lhe a linda moça de olhos escuros que havia junto ao carrinho de mão. Inclinou coquetemente o quadril ao lhe estender a fruta.

Jasper sorriu admirativamente.

— Certamente que não é tão doce como suas maçãs.

A risada da fruteira o seguiu enquanto avançava pela rua repleta de gente. Jasper voltou a pensar em sua missão. Como Pynch dissera com toda razão, Thornton era um homem acostumado a mentir.

Hartley, por sua parte, jamais expressara dúvida alguma a respeito de sua responsabilidade nos fatos. Soltou um bufido. Claro que Hartley estava muito ocupado com sua flamejante esposa, lady Emeline Gordon, sua ex-prometida.

Jasper levantou a vista e percebeu que chegara ao Skinner Street, que dava diretamente à rua da prisão. A imponente e adornada grade da penitenciária formava um arco sobre a rua.

O edifício, reconstruído depois do Grande incêndio, estava decorado com estátuas que representavam noções tão elevadas como a paz e a misericórdia, mas quanto mais se aproximava a ela, mais intolerável se tornava seu fedor.

O ar parecia carregado de um cheiro de excrementos humanos, a enfermidade, a podridão e desespero.

Uma das pernas do arco terminava na guarita do guarda. Jasper desmontou no pátio de fora.

O guarda que ficava por trás da porta se incorporou.

— Outra vez aqui, senhor?

— Outra vez aqui, McGinnis.

McGinnis, um veterano do exército de Sua Majestade, tinha perdido um olho em alguma campanha estrangeira.

Tampava o buraco com um trapo enrolado ao redor da cabeça, mas o trapo havia escorregado, deixando a descoberto uma cicatriz avermelhada.

O guarda assentiu com a cabeça e gritou para a guarita:

— Né, Bill! Lorde Vale tornou a vir — voltou-se para o Jasper. — Bill virá em seguida, milord.

Jasper assentiu e lhe deu meia coroa para assegurar-se de que sua égua seguiria no pátio quando voltasse. Já em sua primeira visita a aquele odioso lugar descobrira que subornar aos guardas com extravagante largueza facilitava enormemente as coisas.

Bill, um esquálido homenzinho com um denso arbusto de cabelo cinza ferro, saiu em seguida da guarita. Levava na mão direita a insígnia de seu ofício: uma grande argola de ferro repleta de chaves.

Fez um gesto ao Jasper inclinando o ombro e cruzou o pátio a caminho da entrada principal da prisão. Ali, o enorme portal saliente estava decorado com grilhões lavrados em pedra e a lenda "Venio sicut fur": "venho como ladrão". Bill empurrou com o ombro aos guardas que ficavam junto à porta e conduziu-o para dentro.

O cheiro era pior ali, onde o ar parecia rançoso e parado. Bill avançou diante do Jasper por um comprido corredor e voltou a sair ao exterior. Cruzaram um grande pátio onde os detentos pululavam ou formavam redemoinhos em grupos, como desperdícios jogados para a água pela borda particularmente mísera e lúgubre. Atravessaram outro edifício menor e logo Bill o conduziu até umas escadas que davam ao Corredor dos Condenados. Estava no subsolo, possivelmente para que os detentos provassem de antemão o sabor do inferno no que logo se achariam para toda a eternidade. As escadas estavam úmidas e a pedra desgastada e lisa pelo passo de tantos pés carregados de desânimo.

O corredor subterrâneo era escuro: ali, os detentos precisavam comprar velas, cujos preços eram exagerados. Um homem cantava em voz baixa uma doce toada fúnebre que de quando em quando se elevava em uma nota aguda.

Alguém tossia e outros discutiam em voz baixa, mas em geral reinava o silêncio. Bill se deteve diante de uma cela com quatro ocupantes. Um deles jazia sobre uma cama de armar, em um canto, possivelmente dormindo. Outros dois jogavam às cartas à luz da única vela.

O quarto estava apoiado contra a parede, junto aos barrotes, mas se ergueu ao vê-los.

— Uma tarde preciosa, verdade, Dick? — Disse Jasper elevando a voz ao aproximar-se.

Dick Thornton inclinou a cabeça.

— E como quer que eu saiba? — Jasper estalou brandamente a língua.

— Perdoa, homem. Esqueci que aqui não se vê muito o sol, não?

— O que quer?

Jasper observou ao homem por trás da grade. Thornton era um homem de média estatura, com um rosto agradável, embora fácil de esquecer.

A única coisa que o fazia se destacar um pouco era seu cabelo, de um vermelho intenso.

Thornton sabia muito bem o que queria: Jasper lhe perguntou já muitas vezes.

— O que eu quero? Pois nada. Só vim passar um momento, a contemplar as delícias que Newgate oferece à vista.

Thornton sorriu e piscou um olho: aquela expressão facial era como um estranho tic que não podia controlar.

— Deve pensar que sou tolo.

— Absolutamente. — Jasper olhou sua roupa puída. Meteu a mão no bolso e tirou meia coroa. — Te considero um violador, um mentiroso e um exímio assassino, mas um tolo? Não, absolutamente. Nisso te equivoca, Dick.

Thornton umedeceu os lábios enquanto via como Jasper fazia saltar a moeda entre seus dedos.

— Então, o que faz aqui?

— Bom. — Jasper inclinou a cabeça e olhou distraidamente as sujas pedras do teto. — Estava me lembrando de quando Sam Hartley e eu apanhamo-lo no cais. Choveu muito esse dia. Lembra-te?

— Claro que me lembro.

— Então pode ser que recorde também que disse não ser o traidor.

Um brilho ardiloso apareceu no olhar do Thornton.

— Não é que o dissesse, é que não o sou.

— Seriamente? — Jasper baixou o olhar do teto para cravá-lo em seus olhos. — Pois, verá, o caso é que acredito que está mentindo.

— Se minto, que morra por meus pecados.

— Vais morrer de todos os modos, e em menos de um mês. A lei diz que os condenados devem ser pendurados no prazo de dois dias depois da sentença. E temo que nesse sentido são bastante rígidos, Dick.

— Isso, se me condenarem no julgamento.

— OH, claro que o condenarão — disse Jasper brandamente.

Thornton parecia mal-humorado.

— Então, por que iria dizer alguma coisa? — Jasper encolheu os ombros.

— Ainda restam umas semanas de vida. Por que não passa-las com roupa limpa e a barriga cheia?

— Eu conto o que quiser por uma jaqueta limpa — resmungou um dos presos que estavam jogando às cartas. Jasper o ignorou.

— E bem, Dick?

O ruivo olhou-o inexpressivamente. Piscou um olho e de repente aproximou a cara aos barrotes.

— Quer saber quem vendeu aos franceses e a seus amigos aos índios? Quer saber quem tingiu a terra com sangue, ali, junto a essas malditas cataratas? Pois olhe aos homens aos quais capturaram junto a você.

Aí é onde encontrará ao traidor.

Jasper jogou a cabeça para trás, como se lhe tivesse atacado uma serpente.

— Tolices.

Thornton ficou olhando-o um momento mais. Logo começou a rir com agudas e entrecortadas gargalhadas.

— Te cale! — gritou um homem de outra cela.

Thornton seguiu proferindo aquele estranho som, sem afastar nem um instante seus olhos carregados de malícia do rosto do Jasper. Este lhe sustentou firmemente o olhar. Mentiras ou meias verdades: isso seria a única coisa que conseguiria tirar do Thornton, aquele dia ou qualquer outro. Sustentou-lhe o olhar e deixou cair a moeda ao chão. Rodou até o centro do corredor, muito longe da cela.

Thornton deixou de rir, mas Jasper já dera meia volta para sair daquele porão infernal.

Capítulo 02

Andando um tempo, Jack se encontrou com um velho sentado a beira do caminho. O velho, descalço e com a roupa em farrapos, sentava-se como se o mundo inteiro repousasse sobre seus ombros.

— Ai, amável senhor — soluçou o mendigo, — não terá algo, uma crosta de pão para me dar?

— Tenho mais que uma crosta, compadre — respondeu Jack.

Deteve-se, abriu sua mochila e tirou meia torta de carne que levava bem envolta em um lenço. Compartilhou a torta com o velho e, acompanhada de uma caneca de água de um arroio próximo, teve o sabor do mais delicioso manjar...

Do Jack o Risonho

Essa noite, sentada à mesa, Melisande contemplava o jantar: vitela cozida, cenouras cozidas e ervilhas cozidas, a comida preferida de seu irmão Harold. Ela ocupava um lado da longa e escura mesa.

Na cabeceira se sentava Harold e, no outro extremo, sua esposa, Gertrude. A sala estava na penumbra, iluminada unicamente por um punhado de velas. Podiam permitir-se comprar velas de abelha, naturalmente, mas Gertrude, que era muito poupadora, não era partidária de desperdiçar em velas, filosofia esta que seu marido aprovava de todo coração. Melisande pensava frequentemente, de fato, que Harold e Gertrude eram a quinta essência do matrimônio bem harmônico: tinham os mesmos gostos e as mesmas opiniões e eram ambos um pouco aborrecidos.

Olhou seu pedaço cinzento de vitela cozido e pensou em como ia dizer a seu irmão e a sua cunhada que chegara a um acordo com lorde Vale. Cortou cuidadosamente um pedaço de vitela.

Colheu-o com os dedos e o sustentou junto a suas saias. Notou sob a mesa que um focinho frio se apertava contra sua mão, e a vitela desapareceu.

— Quanto lamento ter perdido as bodas da Mary Templeton — comentou Gertrude do outro extremo da mesa. Sua fronte larga e lisa tinha uma única ruga, situada entre as sobrancelhas.

— Ou, melhor dizendo, suas não bodas. Estou segura de que sua mãe, a senhora Templeton, teria agradecido minha presença. Muita, muitíssima gente me há dito que sou um consolo para aqueles cuja fortuna sofreu um duro reverso, e a da senhora Templeton sofreu um e muito grande, não é certo? Poderia dizer-se inclusive que se foi a rivalidade.

Fez uma pausa para pegar um pedacinho de cenoura cozida e olhou a seu marido em busca de assentimento.

Harold sacudiu a cabeça. Tinha a grossa papada de seu pai e cobria o escasso cabelo castanho claro com uma peruca cinza.

— A essa menina teria que tê-la a pão e água até que entrasse em razão. Rechaçar a um visconde! Um disparate, isso é o que é. Um disparate!

Gertrude assentiu com a cabeça.

— Deve estar louca, acredito eu.

Harold se animou ao ouvir aquilo. Sempre sentira um interesse mórbido pela enfermidade.

— Há casos de loucura na família?

Melisande notou que algo lhe apertava a perna. Olhou para baixo e viu um focinho negro aparecer sob a borda da mesa. Cortou outro pedaço de carne e a sustentou sob a mesa. O nariz e a vitela desapareceram.

— Não sei se há lunáticos nessa família, mas não me surpreenderia — respondeu Gertrude. — Não, não me surpreenderia absolutamente.

Em nosso lado da família não há nenhum caso, certamente, mas os Templeton não podem dizer o mesmo, temo.

Melisande usou o garfo para empurrar as ervilhas até a borda do prato. Sentia lástima pela Mary. A final de contas, sua prima só seguira o ditado de seu coração. Notou uma pata no joelho, mas desta vez ignorou.

— Eu acredito que Mary Templeton está apaixonada por um vigário.

Os olhos da Gertrude aumentaram como groselhas cozidas.

— Não acredito que isso seja pertinente — apelou a seu marido. — Você o acredita pertinente, senhor Fleming?

— Não, absolutamente — respondeu Harold, como era de prever. — Essa moça ia fazer umas bodas muito vantajosas, e deixa tudo por um vigário — mastigou pensativamente um momento. — Em minha opinião,

Vale teve sorte por livrar-se dela. Possivelmente teria contribuído com uma veia de loucura a sua linhagem. E isso não é bom. Não é bom absolutamente. Mais lhe vale procurar esposa em outra parte.

— A respeito disso... — Melisande clareou a garganta. Não encontraria melhor ocasião. Melhor acabar quanto antes. — Há algo que queria dizer aos dois.

— Sim, querida? — Gertrude estava cortando a parte de vitela que tinha no prato e não a olhou.

Melisande respirou fundo e falou sem rodeios, porque em realidade não parecia haver outro modo de fazê-lo. Deixou a mão esquerda sobre o regaço e notou a carícia reconfortante e cálida de uma língua.

— Lorde Vale e eu chegamos a um acordo hoje mesmo. Vamos casar-nos.

Gertrude deixou cair a faca.

Harold se engasgou com o gole de vinho que bebera.

Melisande fez uma careta.

— Achei que deviam saber.

— Te casar? — perguntou Gertrude. — Com Lorde Vale? Com o Jasper Renshaw, o visconde de Vale? — acrescentou como se pudesse existir outro lorde Vale na Inglaterra.

— Sim.

— Ah. — Harold olhou a sua esposa. Gertrude lhe devolveu o olhar, visivelmente pasmada. Ele se voltou para a Melisande. — Está segura? Pode ser que tenha interpretado mal um olhar ou... — se interrompeu.

Certamente lhe custava pensar em que outra coisa podia confundir-se com uma proposição matrimonial.

— Estou segura — respondeu ela em voz baixa, mas com clareza. Falava com firmeza, apesar de que tinha o coração em um punho. — Lorde Vale disse que viria a verte dentro de três dias para esclarecer as coisas.

— Entendo. — Harold olhou consternado sua vitela inglesa cozida, como se se tivesse convertido de repente em calamar guisado à espanhola. — Bom. Então te dou meus parabéns, querida. Desejo que seja muito feliz com lorde Vale — piscou e a olhou com seus olhos castanhos, carregados de indecisão. O pobre nunca a entendera, mas Melisande sabia que a amava. — Se estiver segura.

Melisande lhe sorriu. Apesar do pouco que tinham em comum, Harold era seu irmão, e a amava.

— Estou-o.

Ele assentiu com a cabeça, embora seguisse parecendo preocupado.

— Então enviarei uma nota a lorde Vale informando-o de que será um prazer recebê-lo.

— Obrigada, Harold. — Melisande alinhou cuidadosamente seu garfo e sua faca sobre o prato. — Agora, se me perdoarem, foi um dia muito longo.

Levantou-se da mesa, consciente de que, assim que saísse da sala, Harold e Gertrude começariam a debater a questão. O ruído de umas patas sobre o chão de madeira a seguiu quando saiu ao corredor na penumbra: a economia de velas da Gertrude também imperava ali.

Em realidade, era natural que estivessem assombrados. Ela não mostrara interesse por

casar-se há muitos anos. Desde seu desastroso compromisso com o Timothy, muito tempo atrás.

Agora era estranho pensar o quanto sofreu quando Timothy a deixou. Na ocasião lhe parecia insuportável tudo o que perdeu.

Suas emoções estavam à flor da pele, eram tão intensas e abrasadoras que pensou que morreria por causa do seu abandono.

Era uma dor física, algo que lhe cravava no mais profundo, que lhe espremia o coração e fazia que lhe explodisse a cabeça. Não queria voltar a sentir aquela angústia.

Então dobrou uma esquina e subiu as escadas. Depois do Timothy teve alguns pretendentes, nenhum deles sério. Possivelmente Harold e Gertrude se resignaram a que vivesse com eles o resto de sua vida.

Agradecia-lhes que nunca tivessem demonstrado aversão por sua constante companhia. A diferença de muitas solteironas, eles não lhes fez sentir que ali estava fora de lugar, ou que era uma carga.

Seu quarto era o primeiro dobrando uma curva do corredor de cima, à direita. Fechou a porta e, Camundongo, seu pequeno terrier, subiu à cama de um salto. Deu três voltas e logo se deitou sobre a colcha e ficou olhando-a.

— Também foi um dia exaustivo para você, sir Camundongo? — perguntou Melisande.

O cão inclinou a cabeça ao ouvir sua voz. Seus olhos negros como contas pareciam alerta; suas pequenas orelhas (uma branca, a outra marrom) aguçaram-se. O fogo ardia suavemente na lareira, e Melisande usou um fósforo para acender várias velas pelo pequeno dormitório. O quarto tinha poucos móveis, mas cada um deles foi escolhido cuidadosamente. A cama era estreita, mas seus postes, delicadamente lavrados, eram de formosa madeira castanha. A colcha era branca e lisa, mas os lençóis de debaixo, da mais fina seda. Só havia uma poltrona diante da lareira, embora seus braços fossem dourados e o assento estava ricamente bordado em púrpura e ouro. Aquele era seu refúgio. O lugar onde podia ser simplesmente ela mesma.

Aproximou-se de sua mesa e contemplou a montanha de papéis que estava nela. Quase havia acabado a tradução do conto de fadas, mas...

Bateram na porta. Camundongo saltou da cama e começou a ladrar freneticamente, como se ao outro lado da porta houvesse um ladrão.

— Cala. — Melisande o afastou com o pé e abriu a porta. Fora esperava uma donzela. Fez uma reverência.

— Senhorita, por favor, poderia falar com você um momento? — Melisande levantou as sobrancelhas e assentiu, afastando-se da porta. A moça olhou a Camundongo, que grunhia em surdina, e esquivou-se ao cão.

Melisande fechou a porta e olhou à donzela. Era uma garota muito bonita, com cachos dourados e faces frescas e rosadas, e usava um vestido verde de chita bastante elegante.

— Sally, não?

A moça voltou a inclinar-se.

— Sim, senhorita... abaixo... Ouvi... — tragou saliva, fechou os olhos com força e disse muito

depressa: — Ouvi que vai casar com lorde Vale, senhora, e, se for verdade, partirá desta casa para ir viver com ele, e então será viscondessa, senhora, e se for viscondessa, senhora, necessitará uma donzela como Deus manda, porque as viscondessas precisam se pentear e se vestir como é devido, e, você perdoe, senhora, mas agora não se veste nem se penteia como uma viscondessa.

— Não... — abriu muito os olhos, como se temesse havê-la insultado. — Não é que sua roupa nem seu cabelo tenham nada de mau, claro, mas não são... não são...

— Exatamente como os de uma viscondessa — disse Melisande com ironia.

— Pois não, senhora, se não lhe importar que o diga, senhora. E o que queria lhe perguntar... E lhe estarei muito agradecida se me deixa, seriamente que sim, não a defraudarei nenhuma fez, senhora, o asseguro...

É se quereria me levar você como donzela.

Sally se deteve bruscamente. Ficou olhando a Melisande com os olhos e a boca abertos, como se de sua resposta dependesse seu destino.

E possivelmente fosse assim, tendo em conta que a diferença de posição entre uma criada de cozinha e a donzela de uma dama era muito considerável.

Melisande assentiu com a cabeça.

— Sim.

Sally piscou.

— Senhora?

— Sim. Pode vir comigo como minha donzela.

— Ai! — Sally levantou as mãos e pareceu que ia abraça-la de alegria, mas logo pareceu pensar melhor e se limitou às agitar no ar, cheia de contentamento.

— Ai! Obrigada, senhora! Obrigada! Não se arrependerá, seriamente que não. Serei a melhor donzela que jamais viu, o verá.

— Estou segura de que sim. — Melisande voltou a abrir a porta. — Podemos falar de seus deveres mais atentamente pela manhã. Boa noite.

— Sim, senhora. Obrigada, senhora. Boa noite, senhora.

Sally saiu ao corredor fazendo uma reverência, deu meia volta, voltou a inclinar-se e assim seguia quando Melisande fechou a porta.

— Parece uma garota bastante agradável — disse a Camundongo.

Camundongo soltou um bufido e voltou a subir na cama de um salto.

Melisande lhe acariciou o focinho e se aproximou da penteadeira. Sobre ela havia uma simples caixa, de lata. Limpou rapidamente sua deslustrada superfície com os dedos e tirou logo o botão que guardou na manga do vestido.

O V de prata brilhou à luz das velas enquanto o contemplava.

Fazia seis longuíssimos anos que se apaixonou pelo Jasper Renshaw. Foi pouco depois de que ele retornasse a Inglaterra, ao conhecê-lo em um baile. Ele não se fixou nela, naturalmente.

Seu olhar azul esverdeado se deslizou por cima de sua cabeça ao serem apresentados, e pouco depois se desculpou para ir flertar com a senhora Redd, uma proeminente viúva célebre por

sua beleza.

Melisande o observara de um lado do salão, sentada junto a uma fila de senhoras, enquanto ele jogava a cabeça para trás e ria com total despreocupação. Seu pescoço era forte, sua boca se abria de par em par, cheia de alegria.

Era cativante, mas possivelmente o teria considerado um aristocrata néscio e fátuo a não ser pelo que ocorreu umas horas depois.

Era já passada a meia-noite, e ela se cansara fazia algum tempo da festa. Teria ido a casa, de fato, se com isso não tivesse aguado a diversão de sua amiga lady Emeline.

Foi Emeline quem se empenhou em que assistisse, porque fazia mais de um ano desde a decepção do Timothy, e Melisande seguia estando deprimida. Mas o ruído, o calor, o amontoamento de gente e os olhares dos estranhos eram insuportáveis, e por isso partiu do salão. Pensava em encaminhar-se para o reservado das senhoras quando ouviu falar uns homens. Deveria ter dado a volta, ter escapulido pelo corredor na penumbra, mas uma daquelas vozes se fez de repente mais aguda, parecia estar chorando, de fato, e a curiosidade se apoderou dela. Apareceu a uma esquina e contemplou... Enfim, um quadro.

Um jovem a quem nunca viu antes estava apoiado contra a parede, ao final do corredor. Levava peruca branca, sob a qual se via sua cútis pálida, imaculada salvo pela intensa cor avermelhada de suas faces. Era muito belo, mas tinha a cabeça jogada para trás e os olhos fechados. Seu semblante era a viva imagem do desespero. Com uma mão agarrava uma garrafa de vinho.

Junto a ele estava lorde Vale, mas um lorde Vale completamente diferente ao que passou três horas flertando e rindo no salão de baile. Aquele lorde Vale era taciturno, sereno e atento a seu interlocutor.

Estava escutando chorar ao outro homem.

— Antes só me assaltavam em sonhos, Vale — soluçava o jovem. — Agora as vejo até acordado. Vejo uma cara entre a multidão e imagino que é um francês ou um desses selvagens, que vem me arrancar a cabeleira.

Sei que não é assim, mas não consigo me convencer disso. A semana passada golpeei meu ajudante de câmara até o deixar jogado no chão só porque me sobressaltou. Não sei o que fazer.

Não sei se isto acabará alguma vez. Não consigo descansar!

— Cala — murmurou Vale, quase como uma mãe consolando a seu filho. Tinha um olhar triste e a boca curvada para baixo. — Cala. Passará. Dou-te minha palavra: passará.

— Como sabe?

— Eu também estive ali, não? — respondeu ele. Com uma mão lhe tirou brandamente a garrafa de vinho. — Eu o superei e você também o superará. Precisa ser forte.

— Mas você vê esses demônios? — murmurou o jovem. Vale fechou os olhos como se sofresse.

— É melhor ignorá-los. Pensar em coisas mais alegres e saudáveis. Não entreter-se com coisas atrozes e mórbidas. Se o fizer, apanharão sua mente e o arrastarão com elas.

O outro homem se deixou cair contra a parede. Seguia parecendo infeliz, mas sua fronte começava a limpar-se.

— Você me entende, Vale. É o único que me entende.

Um lacaio apareceu do outro lado do corredor e chamou a atenção de lorde Vale. Este assentiu com a cabeça.

— Sua carruagem já está esperando. Este homem te mostrará o caminho. — Lorde Vale lhe pôs a mão sobre o ombro. — Vai a casa e descansa. Irei verte pela manhã para fazermos um passeio a cavalo pelo Hyde Park, meu amigo.

O jovem suspirou e se deixou conduzir pelo lacaio.

Lorde Vale ficou olhando-os até que dobraram a esquina e desapareceram. Logo jogou a cabeça para trás e bebeu um comprido gole da garrafa.

— Maldita seja — resmungou ao baixar a garrafa, e sua larga boca se torceu em uma careta de dor, ou de outra emoção menos compreensível. — Maldito seja este inferno.

Então deu meia volta e se afastou.

Meia hora depois, Melisande voltou a vê-lo. Estava no salão de baile, sussurrando maliciosamente ao ouvido da senhora Redd, e, se não o tivesse visto com seus próprios olhos, não teria podido acreditar que aquele divertido trapaceiro fosse a mesma pessoa que reconfortou a seu amigo. Mas o viu e sabia. Apesar de Timothy e da dura lição que aprendeu sobre o amor, sobre a pena e o abandono, sabia. Havia aí um homem que guardava seus segredos tão intimamente como ela os seus. Um homem de que podia apaixonar-se sem remédio, nem esperança.

Amou-o durante seis anos, apesar de saber que ele nem sequer a conhecia. Vira-o comprometer-se com a Emeline sem perder a compostura. Afinal, que sentido fazia lamentar-se, se nunca seria dele?

O viu voltar a comprometer-se com a insípida Mary Templeton, e conservou a serenidade, ao menos na aparência. Mas quando aquele dia na igreja compreendeu que Mary o rechaçou, algo indômito e incontrolável se elevou dentro de seu peito. Por que não? Gritava. Por que não tentar que seja teu?

E isso fez.

Inclinou o botão até que a luz das velas se refletiu em sua polida superfície. Teria que ter muito cuidado como procedia com lorde Vale. O amor, sabia muito bem, era seu calcanhar de Aquiles.

Não devia lhe mostrar nem com palavra nem por ação quais eram seus verdadeiros sentimentos. Abriu a caixa e colocou cuidadosamente o botão em seu interior.

Despiu-se e apagou as velas antes de deitar-se. Levantou as mantas para que Camundongo se metesse debaixo. A cama tremeu quando o cão se voltou e se deitou, apoiando o lombo quente e suave contra suas panturrilhas.

Melisande ficou olhando a escuridão. Logo compartilharia a cama com alguém mais que o pequeno Camundongo. Poderia deitar-se com o Jasper sem desvendar o terrível amor que sentia

por ele?

Estremeceu ao se fazer essa pergunta, e fechou os olhos para dormir.

Uma semana depois, Jasper deteve sua parelha de cavalos cinza diante da casa do senhor Harold Fleming e desembarcou de seu faetonte. De seu novo faetonte. Era uma carruagem alta e elegante, lhe custara uma fortuna e tinha umas rodas absolutamente enormes. Estava desejando levar nele à senhorita Fleming a uma velada musical. A velada gostava menos, claro está, mas imaginava que, quando se conduzia um faetonte, teria que acabar chegando a alguma parte.

Inclinando o tricórnio, subiu os degraus e bateu na porta. Dez minutos depois estava matando o tempo em uma biblioteca bastante aborrecida enquanto esperava a que aparecesse sua prometida.

Tinha visto aquela biblioteca pela primeira vez quatro dias antes, ao ir visitar o senhor Fleming para falar do acordo matrimonial: três horas de puro tédio, iluminadas unicamente pela constatação de que a senhorita Fleming lhe dissera a verdade: possuía, em efeito, um dote excelente. A senhorita Fleming não apareceu nenhuma só vez durante sua visita. Sua presença não era imprescindível, claro (em realidade, era costume que a dama implicada não estivesse presente), mas sua aparição teria sido um alívio.

Jasper passeava pela biblioteca, inspecionando as prateleiras. Todos os livros pareciam estar em latim, e se estava perguntando se seriamente o senhor Fleming lia sempre em latim, ou se comprou todos aqueles livros em grandes quantidades em algum armazém quando a senhorita Fleming entrou na biblioteca colocando as luvas. Jasper não a vira desde aquela manhã na vicária, mas ela tinha quase exatamente a mesma expressão: um olhar em que se mesclavam a determinação e uma espécie de censura. Curiosamente, aquela expressão lhe resultava encantadora.

Jasper se inclinou ante ela em uma florida reverencia.

— Ah, querida minha, você é tão deliciosa como a brisa de um ensolarado dia de verão. Esse vestido realça sua beleza como o ouro realça o brilho de um rubi.

Ela inclinou a cabeça.

— Acredito que sua comparação não é totalmente correta. Meu vestido não é de cor ouro, nem eu sou um rubi.

Jasper aumentou seu sorriso, mostrando mais dentes.

— Ah, mas não me cabe dúvida de que, por sua virtude, demonstrará ser um rubi entre as mulheres.

— Entendo — torceu a boca, embora custasse saber se estava incomodada ou divertida. — Sabe? Nunca compreendi por que não há na Bíblia uma passagem que instrua aos maridos.

Ele estalou a língua.

— Cuidado. Aproxima-se perigosamente à blasfêmia. Além disso, acaso os maridos não são universalmente virtuosos?

Ela soltou um bufido.

— E como explica o de meu vestido, que não é da cor do ouro?

— Pode ser que não, mas seu tom é... Né... — e aí, por desgraça, lhe esgotaram as ideias, porque, de fato, o vestido que levava a senhorita Fleming era de cor esterco de cavalo.

A senhorita Fleming arqueou lentamente uma sobrancelha.

Jasper agarrou sua mão enluvada e, ao inclinar-se sobre ela, pensando em algo que dizer, inalou o intenso aroma de flor-de-laranja de óleo de néroli[1]. A única coisa que lhe ocorreu foi que o perfume sensual de néroli contrastava vivamente com aquele insípido vestido. O perfume pareceu estimular seu cérebro, não obstante, porque ao erguer-se sorriu encantadoramente e disse:

— A cor de seu vestido me recorda ao de um escarpado selvagem e tormentoso.

A senhorita Fleming seguiu arqueando a sobrancelha com ar cético.

— Seriamente?

Condenada moça. Jasper apoiou a mão da Melisande sobre seu cotovelo.

— Sim.

— E isso por quê?

— É uma cor misteriosa e exótica.

— Eu acreditava que era simplesmente marrom.

— Nada disso — abriu os olhos, fingindo-se pasmado. — Jamais diga "simplesmente marrom". Cor cinza, ou carvalho, ou chá, ou pardo, ou até mesmo cor esquilo, mas não marrom: isso nunca.

— Cor esquilo? — olhou-o de soslaio enquanto desciam os degraus. — Isso é um elogio, milord?

— Acredito que sim — respondeu ele. — Nisso, ao menos, pus todo meu empenho. Mas talvez dependa do que você opine dos esquilos.

Detiveram-se diante de seu faetonte, e ela olhava o assento com o cenho franzido.

— Os esquilos são bastante bonitos às vezes.

— Aí o tem, pois. Um elogio, não há dúvida.

— Bobo — murmurou ela, e pôs com muito cuidado um pé nos degraus de madeira colocados ante o faetonte.

— Me permita. — Jasper a agarrou pelo cotovelo para sujeitá-la enquanto subia à carruagem, consciente de que podia rodear por completo seu braço com os dedos: sob a carne, seus ossos eram finos e delicados.

Sentiu-a enrijecer enquanto se sentava, e lhe ocorreu que talvez a pusesse nervosa estar tão alta. — Agarre-se a um lado. Não há nada que temer, e a casa de lady Eddings não está longe.

Ouvindo aquilo, ela enrugou o cenho.

— Não tenho medo.

— Claro que não — disse ele enquanto rodeava a carruagem para subir.

Ao pegar as rédeas e tocar aos cavalos, sentiu seu corpo, rígido e quieto, a seu lado. Tinha

O Óleo de Néroli é um óleo similar em aroma ao óleo de Bergamota produzido da flor da laranjeira Bergamota (Citrus aurantium var. amara ou Bergamia).

apoiado uma de suas mãos sobre o regaço, mas com a outra se agarrava com força a seu lado da carruagem.

Dissesse o que dissesse, sua prometida não confiava em seu veículo. Jasper sentiu uma pontada de ternura por ela. Era tão meticulosa que odiava demonstrar qualquer debilidade.

— Tenho a impressão de que você é muito aficionada aos esquilos — disse para distraí-la.

Uma ruga apareceu entre suas sobrancelhas.

— Por que o diz?

— Porque a usa muito frequentemente, essa cor esquilo. Deduzo de sua afeição pelos vestidos de cor esquilo que sente predileção pelo animal mesmo. Talvez tivesse um esquilo quando menina, como mascote, e que o esquilo brincasse de correr pela casa, assustando às donzelas e a sua babá.

— Que ocorrência — repôs ela. — Esta cor é marrom, como muito bem sabe, e não sei se sou aficionada ao marrom, mas estou acostumada a ele.

Jasper a olhou de esguelha. Ela olhava com o cenho franzido suas mãos, que sustentavam as rédeas.

— Eles o usam para que não os vejam.

Melisande afastou o olhar de suas mãos e olhou-o perplexa.

— Perdi-me, milord.

— Os esquilos outra vez, temo. Sinto muito, mas se você não tem outro tema de conversação, é provável que siga tagarelando sobre eles até que cheguemos ao recital.

Os esquilos são de cor esquilo porque a cor esquilo é muito difícil de distinguir no bosque. Pergunto-me se esse é o motivo por que você o usa tão frequentemente.

— Para poder me esconder em um bosque? — esta vez sorriu categoricamente.

— Pode ser. Possivelmente queira saltar de árvore em árvore em um bosque sombrio, evitando tanto às bestas como aos homens, esses pobres diabos. O que lhe parece?

— Parece-me que não me conhece muito bem.

Jasper se voltou e a olhou enquanto o observava, divertida, embora seguia agarrando-se com força à carruagem.

— Sim, suponho que tem razão.

Mas queria conhecer aquela desconcertante criatura que se negava a mostrar medo, pensou de repente.

— Parece-lhe bem os acordos aos que chegamos seu irmão e eu? — perguntou. As primeiras admoestações se publicaram no dia anterior, e a boda seria três semanas depois. Muitas damas teriam resistido a um noivado tão curto.

— Confesso que regateamos muito e bem. Em certo momento pensei que nossos procuradores iam chegar às pancadas. Por sorte, seu irmão interveio rapidamente e salvou a situação oferecendo chá com pães-doces.

— Ai, Deus, pobre Harold.

— Pobre Harold, sim, mas e eu?

— Você é um santo, não há mais que vê-lo.

— Alegra-me que você perceba isso — respondeu Jasper. — O que lhe parece os acordos?

— Estou contente com eles.

— Bem. — clareou a garganta. — Devo lhe dizer que amanhã saio de viagem.

— Ah, sim? — seu tom seguia sendo firme e sereno, mas havia fechado a mão que estava sobre o regaço.

— Temo que não tenha outro remédio. O capataz de minhas terras leva semanas me mandando cartas. Assegura que necessita urgentemente que me apresente ali para resolver não sei que disputa.

Não posso seguir ignorando-o. Suspeito — confessou, — que Abbott, meu vizinho, tornou a permitir que seus arrendatários construam em minhas terras. O faz a cada dez anos, pouco mais ou menos.

Expandir seus domínios. Esse homem deve ter oitenta anos, pelo menos, e age assim há meio século. A meu pai tirava-o do sério.

Houve uma breve pausa enquanto conduzia aos cavalos por uma rua mais estreita.

— Sabe quando voltará? — perguntou sua prometida.

— Dentro de uma semana, possivelmente duas.

— Entendo.

Ele a olhou. Seus lábios diminuíram. Queria que ficasse? Aquela mulher era tão inescrutável como uma esfinge.

— Mas estarei de volta para a data das bodas, naturalmente.

— Naturalmente — murmurou ela.

Jasper levantou o olhar e viu que já estavam em casa de lady Eddings. Deteve os cavalos e, antes de saltar da carruagem, lançou as rédeas ao moço que esperava.

Apesar de sua presteza, a senhorita Fleming já estava de pé quando rodeou à carruagem, o qual o irritou.

Estendeu-lhe a mão.

— Me permita ajudá-la.

Ela ignorou teimosamente sua mão e, ainda agarrada a um lado da carruagem, baixou com cuidado um pé para os degraus colocados diante do veículo.

Jasper sentiu que algo se rompia. Ela podia ser tão valente como quisesse, mas não tinha por que desdenhar sua ajuda. Levantou os braços e a agarrou pela cintura fina e quente.

Ela soltou um gritinho e um instante depois Jasper a depositou diante de si. O aroma do néroli flutuava no ar.

— Não precisava fazer isso — disse ela, sacudindo as saias.

— Claro que sim — resmungou ele antes de apoiar a mão da Melisande sobre seu cotovelo e encaminhar-se para a imponente porta branca da casa de lady Eddings.

— Ah, uma velada musical! Que forma tão deliciosa de passar a tarde. Confio em que tenha balidas bucólicas a respeito de raparigas afogando-se em poços, você não?

A senhorita Fleming olhou-o com cepticismo, mas um formidável mordomo acabava de abrir a porta. Jasper sorriu a sua prometida e a conduziu ao interior da casa, estava animado e não pela perspectiva de passar a tarde ouvindo gritos; nem sequer por desfrutar da companhia da senhorita Fleming, por interessante que fosse. Confiava em ver ali ao Matthew Horn.

Horn era um velho amigo dele, um veterano do exército de Sua Majestade e, o que era mais importante um dos poucos sobreviventes do massacre do Spinner's Falls.

Melisande se sentou em uma cadeira muito estreita e tentou concentrar-se na moça que estava cantando. Sabia que se ficasse muito quieta e fechasse os olhos, aquela terrível angústia acabaria por remeter.

O problema era que não previu quantos comentários desataria a surpreendente noticia de seu compromisso entre a boa sociedade. Assim que entraram em casa da Lady Eddings, foram o centro de todos os olhares... e Melisande desejou que a terra a tragasse. Odiava ser o centro das atenções. Aquilo a fazia acalorar-se e suar. Ficava de boca seca e lhe umedeciam as mãos.

E, o que era pior ainda, parecia incapaz de falar com inteligência. Acabava de ficar pasmada ao dar a entender a odiosa senhora Pendleton que lorde Vale devia estar desesperado, se lhe propôs matrimônio.

Essa noite, enquanto jazesse acordada na cama, lhe ocorreriam meia dúzia de réplicas mordazes, mas nesse momento parecia uma ovelha: o mais inteligente que lhe ocorria era beeeee.

A seu lado, lorde Vale se inclinou e lhe sussurrou com voz rouca e não muito baixa:

— Parece-lhe uma pastora?

Beeee? Melisande o olhou piscando.

Ele fez girar os olhos.

— Ela.

Assinalou com a cabeça o espaço que se limpou junto à harpa, onde estava a filha mais nova de lady Eddings. A garota cantava bastante bem, para falar a verdade, mas a pobre usava uma enorme crinolina e um pomposo chapéu, além de um balde, nada menos.

— Seguro que não é uma criada? — perguntou lorde Vale. Tomou com muita calma sua repentina notoriedade, e riu a gargalhadas quando vários cavalheiros o encurralaram antes que começasse o recital.

Agora mexia a perna esquerda como um menino pequeno obrigado a sentar-se na igreja. — Imagino que, se fosse uma criada, levaria um cesto de carvão. Embora possivelmente pesasse muito.

— É uma leiteira — murmurou Melisande.

— Seriamente? — suas sobrancelhas espessas se uniram. — Com essas anáguas?

— Shh! — chiou alguém atrás deles.

— Porque — sussurrou lorde Vale em voz um pouco mais baixa, — não lhe pisariam as vacas essas saias? Não parecem nada práticas. E não é que eu saiba muito de vacas, leiteiras e essas coisas, embora reconheça que eu goste do queijo.

Melisande mordeu o lábio para sufocar um desacostumado impulso de começar a rir. Que estranho! Ela não estava acostumada a dar risadas livres. Olhou a lorde Vale pela extremidade do olho e descobriu que a estava observando.

Sua larga boca se curvou, e ao inclinar-se para ela seu fôlego lhe roçou a face.

— Adoro o queijo e as uvas, dessas escuras, vermelhas e redondas que explodem na boca, doces e suculentas. Você não gosta das uvas?

Embora suas palavras fossem perfeitamente inocentes, disse-as em um tom tão intenso que Melisande teve que fazer um esforço por não se ruborizar. De repente se deu conta de que o viu fazer aquilo outras vezes: inclinar-se para uma dama e lhe sussurrar com malícia ao ouvido. Vira-o fazer inumeráveis anos, com inumeráveis damas, em inumeráveis festas. Mas esta vez era diferente.

Esta vez, estava flertando com ela.

Assim, Melisande ergueu as costas e disse:

— Eu gosto das uvas, sim, mas acredito que prefiro as framboesas. Sua doçura não é tão enjoativa. E às vezes há alguma ácida, com um pingo de... trava.

Quando levantou os olhos e olhou-o, ele a observava pensativamente, como se não soubesse o que pensar dela. Melisande lhe sustentou o olhar, não sabia se a modo de desafio ou de advertência, até que começou a notar que sua respiração se entrecortava e as faces do Jasper se obscureciam. Ele perdera seu sorriso despreocupado de costume (não sorria absolutamente, de fato) e em seus olhos havia de repente algo sério e sombrio.

Então o público começou a aplaudir e o ruído a sobressaltou. Lorde Vale afastou o olhar, e aquele instante passou.

— Quer que lhe traga uma taça de ponche?

— Sim. — Melisande tragou saliva. — Obrigada.

Viu-o ficar em pé e afastar-se, consciente de que as coisas haviam voltado de repente a seu ser. Por trás dela, a jovem senhora que os mandou calar estava cochichando com uma amiga.

Melisande ouviu a palavra "grávida" e inclinou a cabeça para não ouvir mais murmúrios. A filha de lady Eddings estava recebendo felicitações por sua atuação. Um jovem espinhento permanecia a seu lado, sujeitando fielmente seu balde.

Então alisou as saias, contente de que ninguém se incomodou em ir falar com ela. Se lhe permitissem ficar ali sentada e observar às pessoas que a rodeava, talvez pudesse desfrutar de atos como aquele.

Voltou a cabeça e localizou a lorde Vale entre a gente que se congregou ao redor da mesa dos refrigérios. Não era difícil o encontrar. Passava meia cabeça dos outros cavalheiros, e ria com aquela franqueza dele, com um braço estirado e a taça de ponche na mão, ameaçando salpicar a peruca do cavalheiro do lado. Melisande sorriu (custava-lhe não sorrir ao vê-lo tão alegre), mas então viu que lhe mudava o semblante. Foi algo sutil, um simples estreitamento dos olhos, uma leve queda de seu amplo sorriso. Certamente ninguém mais no salão o teria notado. Mas ela, sim. Então seguiu seu olhar.

Um cavalheiro com peruca branca acabava de entrar na sala. Estava falando com a anfitriã e sorria cortesmente. A Melisande era quase familiar, embora não conseguia situá-lo.

Era de média estatura, de semblante fresco e aberto e porte militar.

Melisande voltou a olhar a lorde Vale. Ele se adiantara, com a taça de ponche ainda na mão. O jovem levantou a vista e, ao ver Vale, desculpou-se com lady Eddings.

Encaminhou-se para seu prometido com a mão estendida, apesar de que tinha uma expressão sombria. Melisande viu que Vale lhe estreitava a mão e se aproximava dele para lhe murmurar algo.

Logo percorreu o salão com os olhos e, como era inevitável, encontrou o seu olhar. Perdera o sorriso em algum momento ao cruzar o salão, e seu rosto parecia de repente inexpressivo.

Voltando-se deliberadamente de costas a ela, levou ao outro homem consigo. Justo nesse momento, o jovem da peruca branca olhou para trás e Melisande conteve o fôlego. Acabava de recordar onde o viu anteriormente.

Era o homem que vira chorar seis anos antes.

Capítulo 03

Depois de comer a última migalha da torta, o velho se levantou, e então ocorreu algo muito estranho: seus farrapos desapareceram e de repente apareceu ante o Jack um jovem arrumado, ornado com esplendorosas roupagens brancas.

— Foste muito amável comigo — disse o anjo (porque, o que ia ser, a não ser um anjo de Deus?) — E por isso vou recompensar te.

O anjo fez aparecer uma caixa de lata que pôs na mão do Jack.

— Busca dentro o que necessite, e ali estará.

Deu meia volta e desapareceu.

Jack piscou um momento antes de olhar dentro da caixa. E então pôs-se a rir, porque ali dentro não havia mais que umas poucas folhas de rapé. Guardou a caixa em sua mochila e empreendeu de novo o caminho...

Do Jack o Risonho

Três semanas depois, Melisande escondeu suas mãos trementes entre as amplas saias de seu vestido de noiva. Por trás dela, Sally Suchlike, sua nova donzela, fazia acertos de última hora nas saias.

— Está muito bonita, senhorita — disse Suchlike enquanto trabalhava.

Estavam no pórtico fechado da igreja, junto à nave. Dentro, o órgão já começara a soar, e Melisande teria que entrar muito em breve na igreja abarrotada de gente. Estremeceu, cheia de nervosismo.

Apesar do precipitado das bodas, quase todos os bancos estavam cheios.

— O cinza me pareceu um pouco insípido quando o escolheu — comentou Suchlike, — mas agora quase brilha como prata.

— Não será muito, verdade? — Melisande baixou o olhar, preocupada.

O vestido era mais enfeitado do que queria no princípio, com suas cintas de cor amarelo claro maçãs em laços com o passar do decote redondo e baixo.

A saia, recolhida por trás, deixava a descoberto uma anágua de brocado cinza, vermelha e amarela.

— Não, nada disso. É muito sofisticado — respondeu a donzela. Deu a volta para olhar a Melisande de frente e enrugou o cenho enquanto a inspecionava como uma cozinheira examinando uma peça de carne.

Logo sorriu: — Estou segura de que lorde Vale vai ficar boquiaberto. Afinal, faz séculos que não a vê.

Bom, isso não era certo, pensou Melisande, mas sim que fazia várias semanas que não via o visconde. Lorde Vale partiu ao dia seguinte do recital em casa de lady Eddings e não voltou para Londres até a véspera das bodas.

De fato, inclusive, começou a se perguntar se não estaria evitando-a a propósito. Parecia muito distraído em casa de lady Eddings, depois de falar com seu amigo, ao qual não a apresentou. Por sua vez, esse amigo desapareceu depois de falar com lorde Vale. Mas nada disso importava, disse-se com uma recriminação. A final de contas, lorde Vale estava ali, junto ao abside, esperando sua chegada.

— Pronta? — perguntou Gertrude, que saiu rapidamente da igreja e alargou o braço para lhe estirar as saias. — Minha querida, acreditei que nunca veria este dia! Casada, e com um visconde!

Os Renshaw são uma família muito amável. E não têm nenhum pingo de mau sangue. Ai, Melisande!

Melisande viu com assombro que a fleumática Gertrude tinha lágrimas nos olhos.

— Me alegro tanto por ti... — Gertrude lhe deu um tenso abraço, apoiando fugazmente a face contra a sua. — Está preparada?

Melisande ergueu as costas e respirou fundo antes de responder. Nem sequer o tremor dos nervos pôde impedir que uma serena alegria penetrasse em sua voz.

— Sim, estou-o.

Jasper olhou a fatia de pato assado que estava no prato e pensou em quão estranha era o costume dos almoços de bodas. Haja aí um grupo de amigos e familiares reunidos para celebrar o amor, quando o que deviam festejar era a fertilidade. Esse era, ao fim e ao cabo, o propósito de uma união como aquela: engendrar filhos.

Mas por fim se casou, e possivelmente devesse deixar a um lado seu cinismo e não olhar mais à frente. No dia anterior, enquanto retornava a cavalo a Londres, começara a se perguntar se não teria demorado muito sua volta. E se a senhorita Fleming se cansou de que a ignorasse? E se nem sequer se incomodasse em apresentar-se na igreja para lhe dar cabaças? Seus assuntos o

retiveram no Oxfordshire mais do que esperava. Constantemente parecia surgir algo novo que atrasava sua partida: outro campo que seu capataz queria lhe mostrar ou um caminho que necessitava reparações urgentes, e, se fosse sincero consigo mesmo, a própria fixidez do olhar de sua prometida. Aqueles olhos castanhos e rasgados pareciam transpassa-lo com seu olhar, pareciam ver, além de sua risada superficial, o que se escondia no fundo de sua alma. Na velada de lady Eddings, ao voltar-se e ver a Melisande Fleming olhando-os ao Matthew Horn e a ele, experimentara um momento de puro terror: de medo que ela soubesse do que estavam falando.

Mas ela não sabia. Jasper bebeu um gole de vinho de cor rubi, tranquilo a esse respeito. Ela não sabia o que ocorreu no Spinner's Falls, nem saberia jamais, se, Deus deixasse, ele pudesse evitá-lo.

— Umas bodas estupendas, né? — disse a gritos um ancião cavalheiro, inclinando-se sobre a mesa.

Jasper não fazia nem ideia de quem era aquele senhor (devia ser um parente da noiva), mas sorriu e levantou sua taça de vinho para ele.

— Obrigado, senhor. Também estou gostando bastante.

O cavalheiro piscou um olho atrozmente.

— Mais gostará da noite de bodas, né?

Mais gostará da noite de bodas! Aha!

Estava tão entusiasmado com seu próprio engenho que esteve a ponto de perder a peruca de tanto rir.

A anciã senhora sentada em frente ao cavalheiro fez girar os olhos e disse:

— Já basta, William.

A seu lado, Jasper notou que sua noiva ficou muito quieta, e amaldiçoou para si mesmo. Suas faces tinham recuperado parte de sua cor. Pôs-se muito branca durante a cerimônia, até o ponto de que se preparou para sustentá-la, se desmaiasse. Mas Melisande não desmaiou. Manteve-se erguida como um soldado ante um esquadrão de fuzilamento e recitou severamente seus votos nupciais.

A sua não era a expressão que se esperava de uma noiva no dia de suas bodas, mas, depois de sua última decepção, ele sabia que não devia ficar meticuloso.

Jasper levantou a voz.

— Faria o favor de nos contar como foram suas bodas, senhor? Tenho a sensação de que será muito entretido.

— Não se lembra — respondeu a idosa senhora antes que seu marido pudesse recuperar o suficiente para responder. — Estava tão bêbado que ficou dormindo antes que chegássemos à cama.

Os convidados que estavam perto romperam a rir a gargalhadas.

— Ouça, Bess! — gritou o velho por cima das risadas. — Sabe muito bem que estava esgotado de tanto te perseguir — voltou-se para a jovem que estava sentada a seu lado, ansioso por narrar suas lembranças.

— A cortejei quatro anos, nada menos, e...

Jasper deixou suavemente sua taça de vinho sobre a mesa e olhou a sua esposa. A senhorita Fleming (Melisande) empurrava sua comida formando pulcros montes no prato.

— Coma algo — murmurou ele. — O pato não está tão mau como parece, e fará que se sinta melhor.

Não o olhou, mas ficou tensa.

— Estou bem.

Que menina tão obstinada.

— Estou seguro de que assim é — respondeu ele tranquilamente, — mas na igreja estava branca como um lenço. Durante um momento, esteve inclusive verde. Você nem imagina o nervoso que me pôs, a mim, o noivo.

Agora não me ignore e coma um pouco.

Ela curvou ligeiramente a boca e comeu um pedacinho de pato.

— Tudo o que diz o diz em brincadeira?

— Quase tudo. Sei que é um aborrecimento, mas assim é — fez um gesto a um lacaio e o homem se aproximou. — Por favor, encha a taça da viscondessa.

— Obrigada — murmurou ela quando o lacaio lhe serviu mais vinho. — Não o são, sabe?

— O que?

— Suas brincadeiras — seus olhos rasgados o observavam, misteriosos. — Não são tediosas. A verdade é que eu gosto. Só espero que você seja capaz de suportar minha reserva.

— Se me vê assim, poderei suportá-la admiravelmente — sussurrou ele.

Melisande sustentou o olhar enquanto bebia de sua taça de vinho, e Jasper a viu engolir. A curva de sua garganta era suave e delicada. Essa noite deitar-se-ia com aquela mulher. Com uma mulher a quem mal conhecia.

Cobriria seu corpo e penetraria em sua carne suave e cálida, e a faria sua esposa.

Aquela ideia era estranha naquele almoço tão civilizado. Estranha, e ao mesmo tempo excitante. Que coisa tão estranha era o matrimônio entre pessoas de sua fila. Em muitos sentidos, era como a cria de cavalos.

Escolhia-se à égua e ao semental conforme a suas linhagens, punham-os juntos e se confiava em que a natureza seguisse seu curso e se produzirá novos cavalos... Ou aristocratas, segundo o caso.

Sorriu enquanto olhava a sua flamejante esposa, e se perguntou o que diria ela se lhe contasse seus pensamentos a respeito dos cavalos e os matrimônios entre a aristocracia.

Era, temia, um tema muito espinhoso para seus ouvidos virginais.

Mas outros não o eram.

— O vinho está a seu gosto, senhora?

— É ácido, áspero, com um pingo da doçura das uvas — sorriu lentamente. — Assim sim, está a meu gosto.

— Que maravilha — murmurou ele, baixando languidamente o olhar. — Naturalmente, é

meu dever de marido me assegurar de que todos seus desejos, por pequenos que sejam, vejam-se satisfeitos.

— Seriamente?

— OH, sim.

— Então, qual é meu dever como esposa?

"Me dar herdeiros."

Aquela resposta era muito franca para ser dita em voz alta. Aquele era momento para flertes engenhosos e subentendidos, não para a fria realidade de um matrimônio como o seu.

— Senhora, não tem dever mais oneroso que ser encantadora e adornar minha casa e meu coração com sua presença.

— Mas acredito que, com deveres tão leves, aborrecer-me-ei muito em breve. Precisarei cumprir outras tarefas, além de estar encantadora — bebeu um gole de vinho e deixou a taça; ao fazê-lo, expôs a língua para lamber lentamente uma gota de seu lábio inferior. — Possivelmente você possa inventar algum dever mais exaustivo.

Ele conteve o fôlego: toda sua atenção se concentrou no lábio úmido de Melisande.

— Me ocorrem mil ideias, senhora. Minha mente dá voltas como um torvelinho, roçando muitas sem posar em nenhuma, embora várias delas a seduzam. Não pode me dar nenhum exemplo de quais devam ser os deveres de uma esposa?

— OH, exemplos há muitos — um sorriso brincava em seus lábios. — Acaso não devo honrá-lo e lhe obedecer?

— Ah, mas esses são deveres leves, e você falou de algum mais exaustivo.

— Pode ser que obedecer não seja sempre tarefa fácil — murmurou ela.

— Comigo o será. Só vou pedir-lhe que faça coisas tais como sorrir e me alegrar o dia. Obedecera-me nisso?

— Sim.

— Então me sinto já completo de honra conjugal. Mas acredito recordar que há outro voto.

— Amá-lo — respondeu ela, e baixou os olhos com modéstia virginal.

Jasper já não via sua expressão.

— Sim, só isso — disse com ligeireza. — Me amar é uma tarefa muito mais árdua que qualquer outro dever conjugal. Às vezes sou um indivíduo extremamente indigno de amor.

Não a culparia se preferisse evitar esse mau gole. Pode me admirar, se isso for mais de seu agrado.

— Mas eu sou uma mulher de palavra, e fiz um voto — repôs ela.

Jasper a olhou e tentou ver se era um sarcasmo engenhoso, ou se havia nisso algum sentimento real... Em caso de que sua esposa tivesse algum.

— Então, amara-me?

Ela encolheu os ombros.

— Certamente.

Jasper levantou sua taça para ela.

— Considero-me, pois, o homem mais afortunado sobre a face da Terra.

Mas ela se limitou a sorrir, como se de repente receasse a conversa.

Jasper bebeu um gole de vinho. Ela ansiava que chegasse essa noite, ou a temia? Sem dúvida, seria a última. Mesmo em sua idade (era mais velha que a maioria das noivas), era provável que soubesse muito pouco sobre o ato físico entre um homem e uma mulher. Possivelmente por isso estava antes tão pálida. Jasper devia lembrar-se de proceder com calma e de não fazer nada que pudesse assustá-la, ou repugná-la.

Apesar de sua viva conversa, era, ela mesma o admitiu, uma mulher reservada. Talvez devesse pensar em pospor a consumação do matrimônio um dia ou dois, para que se acostumasse mais a ele. Uma ideia deprimente.

Jasper sacudiu a cabeça, deixou a um lado todo pensamento desalentador e pegou outro pedaço de pato assado. Afinal, era o dia de suas bodas.

— Ah, foram umas bodas preciosas, milady! — disse Suchlike com ar sonhador essa noite, enquanto ajudava a Melisande a tirar o vestido.

— Sua excelência o visconde estava muito bonito com essa casaca vermelha de brocado, verdade? Tão alto e com essas costas tão largas... Não acredito que precise usar ombreiras, verdade que não?

— Mmm — murmurou Melisande.

As costas de lorde Vale eram das coisas que mais gostava nele, mas o físico de seu marido não era um tema de conversa apropriado para tratá-lo com sua donzela. Separou-se das anáguas, caídas no chão.

Suchlike as pôs sobre uma cadeira e começou a lhe desatar o espartilho.

— E quando lorde Vale lançou essas moedas à multidão! Que cavalheiro mais fino! Sabia, senhora, que deu um guiné a todos os criados da casa, até à engraxate?

— Seriamente? — Melisande refreou um tenro sorriso ao pensar naquela prova do sentimentalismo de lorde Vale. Não a surpreendia absolutamente.

Esfregou debaixo do braço, onde as baleias do espartilho lhe apertaram um pouco, e logo, vestida só com a camisa, sentou-se ante uma impecável penteadeira de acer e começou a tirar as meias.

— A cozinheira diz que dá gosto trabalhar para lorde Vale. Paga um bom salário e não grita às criadas, como fazem outros cavalheiros.

Suchlike sacudiu o espartilho e o colocou cuidadosamente no grande armário roupeiro de madeira lavrada que havia em um canto.

As habitações da viscondessa de Renshaw House permaneceram fechadas desde a morte do pai de lorde Vale, quando sua mãe se transladou a sua residência de viúva em Londres. Mas a senhora Moore, a governanta, era claramente uma mulher muito competente, pois as salas estavam extremamente limpas. No dormitório todas as superfícies de madeira, de cor mel, tinham sido recém-enceradas e brilhavam suavemente; as cortinas, azuis escuras e douradas, escovadas e arejadas, e até os tapetes pareciam ter sido tirados fora para sacudi-los.

O dormitório não era muito grande, mas sim bastante bonito. As paredes eram de um sedativo e cremoso tom de branco, os tapetes de cor azul escura, com filigranas de ouro e rubi. A lareira era muito bonita, azulejada em azul cobalto e rodeada de um frontispício de madeira branca. Diante dela havia duas poltronas de pernas douradas, e entre eles uma mesa baixa com prateleira de mármore.

Em uma parede havia uma porta que dava às habitações do visconde (Melisande se apressou a afastar a vista dela); na parede da frente, outra porta conduzia a seu vestidor e, mais à frente, a uma saleta de estar privada.

De vez em quando se ouvia um leve arranhar procedente do vestidor, ao que Melisande fazia ouvidos surdos. Em geral, as estadias eram muito cômodas e agradáveis.

— Então, conhece já aos outros criados? — perguntou para distrair-se e não olhar como uma boba apaixonada a porta que dava ao quarto de lorde Vale.

— Sim, senhora. — Suchlike se aproximou e começou a lhe soltar o cabelo. — O senhor Oaks, o mordomo, é muito severo, mas parece bastante justo. A senhora Moore diz que respeita sua opinião de todo coração.

Há seis criadas abaixo e cinco acima, e não sei quantos lacaios.

— Eu contei sete — murmurou Melisande. Lhe apresentaram ao serviço essa tarde, mas demoraria em aprender nomes e os trabalhos de cada um. — Foram amáveis contigo?

— Uy, sim, senhora. — Suchlike ficou calada um momento enquanto lhe tirava as numerosas forquilhas com que lhe prendeu o cabelo. — Embora...

Melisande olhou à moça pelo espelho. Suchlike franzira as delicadas sobrancelhas.

— Sim?

— Ora, não é nada, senhora — disse, e imediatamente acrescentou: — É só esse homem, o senhor Pynch. Fui muito amável quando o senhor Oaks apresentou a todo mundo, e mesmo assim esse tal senhor

Pynch me olhou dando-se muitos ares e levantando o nariz... E é um nariz enorme, senhora. Não acredito que deva sentir-se muito orgulhoso dele. E vai e diz: "É muito jovem para ser a donzela de uma dama, não?", com essa voz horrorosa que tem. E, digo eu, a ele o que lhe importa?

Melisande piscou. Nunca vira que Suchlike se ofendesse com alguém.

— Quem é esse senhor Pynch?

— O criado do senhor — disse Suchlike. Agarrou a escova e começou a passá-la pelos cabelos da Melisande com energia. — Um homem grande como um urso, sem um só cabelo na cabeça. A cozinheira diz que serviu com lorde Vale nas colônias.

— Então está muitos anos com ele.

Suchlike lhe fez uma trança com movimentos rápidos e seguros.

— Pois me parece que lhe subiu à cabeça. Poucas vezes vi um homem mais presunçoso, feio e desagradável.

Melisande sorriu, mas seu sorriso se desvaneceu em seguida. Levantou a vista ao ouvir um

ruído e lhe acelerou a respiração.

A porta que comunicava seu quarto com a do visconde se abriu. Lorde Vale estava na soleira, vestido com uma bata escarlate sobre as calças e a camisa.

— Ah, chego antes do tempo. Quer que volte mais tarde?

— Não é necessário, milord. — Melisande procurou que não lhe tremesse a voz. Custava-lhe não olhá-lo. Ele usava a camisa desabotoada na gola, e aquele pouco de pele estava sortindo um efeito devastador sobre ela.

— Isso é tudo, Suchlike.

A donzela, que parecia ter ficado muda em presença do senhor, fez uma reverência, trotou para a porta e partiu. Lorde Vale ficou olhando-a.

— Confio em não ter assustado a sua donzela.

— Só está um pouco nervosa por estar em uma casa nova. — Melisande olhou-o pelo espelho enquanto ele passeava pelo dormitório como uma exótica besta masculina. Era sua esposa. Quando o pensava, custava-lhe refrear a risada.

Lorde Vale se aproximou da pequena lareira e olhou o relógio de porcelana que havia sobre o suporte.

— Não era minha intenção interromper sua toalete. Sou terrivelmente inoportuno. Posso voltar dentro de meia hora ou assim, se o preferir.

— Não. Estou preparada — respirou fundo, levantou-se e se voltou para ele.

Lorde Vale percorreu com o olhar sua camisa adornada com renda. Era volumosa, mas muito fina, e Melisande sentiu que seu ventre se esticava ao contato com seu olhar.

Logo, ele piscou e olhou para outro lado.

— Possivelmente queira um pouco de vinho.

Uma suave pontada de decepção percorreu Melisande, mas não o demonstrou. Inclinou a cabeça.

— Sim, seria agradável.

— Excelente — aproximou-se de um velador que ficava junto à lareira, sobre o qual havia uma jarra de cristal, e serviu duas taças.

Melisande se aproximou da lareira e estava a seu lado quando ele se voltou.

Lorde Vale lhe deu uma taça.

— Aqui tem.

— Obrigada — pegou a taça e bebeu. Estava nervoso lorde Vale? Olhava fixamente o fogo, assim Melisande se deixou cair em uma das poltronas douradas e assinalou a outra. — Por favor, não quer sentar-se, milord?

— Sim. Claro — sentou-se e bebeu de um gole meia taça de vinho. Logo, de repente, inclinou-se para diante, com a taça pendurando dos dedos, entre suas pernas. — Olhe, levo todo o dia pensando em como lhe dizer isto com delicadeza, e ainda não encontrei o modo, assim vou dizê-lo sem mais. Casamo-nos com bastante precipitação, e eu estive fora quase todo nosso noivado, o qual foi minha culpa, e o sinto.

Mas devido a tudo isso não tivemos tempo de nos conhecer como é devido e estava pensando que... Né...

— Sim?

— Possivelmente você prefira esperar — levantou por fim os olhos e a olhou com algo muito parecido à piedade. — É sua decisão. Deixo-o completamente em suas mãos.

De repente, com uma chama terrível e cegadora, a Melisande lhe ocorreu que possivelmente não lhe parecia o bastante atraente para deitar-se com ela. Por que ia parecê-lo depois de tudo?

Era alta e bastante magra, sua figura não tinha muitas formas e seu rosto nunca se considerou belo. Lorde Vale flertou com ela, mas flertava com todas as mulheres às que conhecia, de alta ou baixa condição.

Isso não significava nada. Olhou-o, muda. O que devia fazer? O que podia fazer? Casaram-se essa mesma manhã; isso não podia desfazer-se.

Ela não queria que se desfizesse.

Ele seguiu falando enquanto ela refletia.

— ... E poderíamos esperar um pouco, um mês ou dois, ou o tempo que você deseje, por que...

— Não.

Lorde Vale se interrompeu.

— Como há dito?

Se esperassem, existia a possibilidade de que o matrimônio não chegasse a ser consumado. E isso era a última coisa que desejava Melisande. E a última coisa que ele dizia desejar. Não podia permitir que ocorresse.

Deixou sua taça sobre a mesa, diante do fogo.

— Não quero esperar.

— Né... Entendo.

Melisande se levantou e ficou diante dele. Lorde Vale levantou o olhar para ela. Seus olhos azuis brilhavam. Acabou seu vinho, deixou a taça e também se levantou, obrigando-a a elevar a sua vez o olhar.

— Está segura?

Ela se limitou a levantar as sobrancelhas. Não pensava suplicar.

Lorde Vale assentiu com a cabeça, apertou os lábios, pegou-a pela mão e a conduziu à cama. Ela tremia já pelo simples contato de sua mão, e não se incomodou em ocultá-lo. Lorde Vale afastou as mantas e lhe indicou com um gesto que se deitasse. Ela se deitou, ainda em camisa, e lhe viu tirar uma caixa de latão do bolso da bata e colocá-la sobre a mesinha de noite. Logo tirou a bata e os sapatos.

A cama se afundou com seu peso quando se deitou a seu lado. Era grande e despendia calor, e Melisande alargou a mão para tocar a manga de sua camisa. Só isso, porque tinha a impressão de que, se tocasse alguma outra parte de seu corpo, seu coração pulsaria com tanta força que

morreria. Ele se inclinou sobre ela e roçou seus lábios com os seus; ela fechou os olhos, extasiada. Deus santo, por fim!

Parecia-lhe estar bebendo xerez doce, depois de ter passado a vida inteira em um deserto ressecado e solitário. A boca de lorde Vale era suave, mas firme, e seus lábios tinham o sabor acre do vinho.

Ele apoiou sobre seu seio uma mão que ela sentiu grande e cálida através do fino tecido da camisa. E estremeceu.

Abriu a boca, o convidando, mas ele jogou a cabeça para trás. Olhou para baixo enquanto fazia algo com as mãos entre seus corpos.

— Vale... — murmurou ela.

— Shh — deu-lhe um suave beijo na fronte. — Logo passará — alargou o braço para a caixa que deixara sobre a mesinha e a abriu. Dentro havia uma espécie de unguento. Molhou um dedo nele e sua mão voltou a desaparecer entre eles.

Melisande franziu o cenho. Que aquilo passasse logo não era precisamente o que esperava.

— Eu...

Mas lhe subira a camisa, despindo-a até a cintura, e a distraiu o contato de suas mãos sobre os quadris. Talvez se deixasse de pensar tanto e se se concentrasse em sentir...

— Me permita — murmurou ele.

Separou-lhe as pernas e se colocou entre elas, e Melisande percebeu que abrira a braguilha das calças. Sentiu seu membro duro e quente apertar-se contra sua coxa. Sentiu um arrebatamento de excitação e de repente ficou sem fala.

— Pode ser que isto te pareça muito estranho, e que lhe doa, mas não durará muito — resmungou ele rapidamente. — E só te doerá a primeira vez. Pode fechar os olhos, se quiser.

— O que?

Então a penetrou.

Em lugar de fechar os olhos, Melisande os abriu de par em par e ficou olhando. Queria viver aquilo segundo a segundo. Ele havia fechado os olhos e tinha o cenho franzido, como se sofresse.

Melisande o rodeou com os braços e notou o tenso que estavam seus largos ombros.

— Ahhh. É... — esfregou-se contra ela. — Fica quieta um momento.

Ergueu-se com os braços estirados sobre a cama e, para desilusão da Melisande, afastou-lhe os braços. Logo começou a mover-se. Uma, duas, três vezes, com força, energicamente.

Apertou os dentes, proferiu uma espécie de tosse abafada e se deixou cair sobre ela.

Acabou logo, em efeito.

Melisande se moveu para rodeá-lo de novo com os braços. Queria ao menos ficar tombada a seu lado depois, mas ele se afastou a um lado e se afastou dela.

— Sinto muito. Não queria te esmagar.

Deu-lhe as costas e pareceu recompor-se. Melisande baixou a camisa lentamente sobre as coxas enquanto tentava sufocar um sentimento de decepção. A cama ricocheteou quando ele se levantou.

Bocejou, inclinou-se para recolher seu robe e seus sapatos e logo se aproximou dela para lhe dar um beijo na face.

— Espero que não tenha sido muito desagradável — seus olhos azuis pareciam preocupados. — Dorme um pouco. Assegurar-me-ei de que os lacaios lhe tragam um banho quente pela manhã. Isso te aliviará.

— Eu...

— Bebe um pouco mais de vinho, se sentir incômodo — passou uma mão pelo cabelo e afrouxou quase por completo o lenço. — Boa noite.

Saiu do quarto.

Melisande ficou olhando um momento a porta fechada. Estava completamente perplexa. Na porta do vestidor se ouviu de novo um roçar. Fechou os olhos e tentou ignorar aquele som. Deslizou a mão sob sua camisa.

Estava úmida ali, escorregadia pelo sêmen de lorde Vale e por seu próprio fluxo. Passou os dedos entre as dobras de seu sexo e, concentrando-se, pensou no que sentiu ao notá-lo dentro dela e no quanto seus olhos eram azuis. Acariciou aquele botãozinho de carne, no alto de sua fenda. Estava inchado, palpitava cheio de desejo frustrado. Seguiu acariciando-se, tentando relaxar e recordar...

Ouviu de novo aquele roçar.

Soltou um bufo, abriu os olhos e ficou olhando o dossel de seda da cama. Era azul e tinha um buraco em um canto.

— Será possível?

Esta vez, um gemido acompanhou a aquele ruído.

— Tenha um pouco de paciência!

Desceu da grande cama, irritada, e sentiu que o sêmen escorregava pela pele interna de sua coxa. Sobre a cômoda havia um jarro de água. Verteu um pouco na bacia. Molhou um pano na água fresca e se lavou.

Logo se aproximou da porta do vestidor e a abriu.

Camundongo soprou, indignado, e entrou correndo no quarto. Saltou à cama e deu três voltas antes de acomodar-se sobre um travesseiro, lhe dando teimosamente as costas. Odiava que o encerrassem no reservado.

Melisande tombou na cama, tão zangada como o cão. Ficou um momento olhando o dossel de seda e se perguntou no que se equivocou exatamente durante aquele apressado encontro.

Suspirou e pensou que o descobriria pela manhã. Apagou a vela da mesinha de noite e fechou os olhos. Enquanto adormecia teve uma última ideia.

Menos mal que não era virgem.

A dessa noite não foi sua atuação mais lúcida como amante, disse-se Jasper apenas uns minutos depois. Estava sentado em seu quarto, em uma grande poltrona, diante do fogo. Não mostrou a Melisande o verdadeiro prazer. Sabia que foi tudo muito rápido e precipitado. Temia alongar-se muito, se por acaso se deixasse levar e se empolgasse mais do que era devido. Assim

que a experiência foi muito pouco excitante para ela. Tinha, em troca, a impressão de que tampouco lhe doera muito. E essa era, afinal, sua intenção: não assustar a sua noiva a primeira noite que passava em sua cama.

Ou melhor, na dela. Olhou sua própria cama, enorme, escura e, muito entristecedora. Fez bem indo ao quarto da Melisande, em lugar de tentar levá-la a aquele. Sua cama assustaria à mulher mais intrépida durante sua iniciação nos prazeres carnais. Por não falar de que, depois, teria tido que procurar uma desculpa para tirá-la de seu quarto. Bebeu o último gole de conhaque de sua taça.

Isso teria sido muito violento.

O ato, em geral, foi tudo quão bem podia esperar-se. Já haveria mais tempo para lhe mostrar quão prazenteiro podia ser o encontro físico entre um homem e uma mulher. Caso, claro, que ela queira permanecer no leito conjugal. Havia muitas damas da aristocracia que não sentiam nenhum interesse por fazer amor com seus maridos.

Jasper franziu o cenho ao pensá-lo. Nunca antes lhe pareceu mal esse tipo de matrimônio elegante. Esses nos quais os interessados engendravam um herdeiro ou dois e logo seguiam caminhos separados, em sociedade e também no referente ao sexo. Era o tipo de união conjugal mais comum em seu círculo social. O tipo de matrimônio que ele mesmo esperava. Agora, entretanto, a ideia de um matrimônio no que marido e mulher só fossem corteses um com o outro lhe parecia... Fria. E bastante desagradável, em realidade.

Sacudiu a cabeça. Pode ser que as bodas lhe estivessem abrandando o cérebro. Isso explicaria aqueles estranhos pensamentos. Levantou-se e deixou o copo junto à jarra, sobre um aparador. Seu quarto era o dobro do de sua esposa, ou mais. Mas isso só fazia que fosse mais difícil iluminá-lo convenientemente de noite. Perto do roupeiro e ao redor da grande cama se acumulavam as sombras.

Despiu-se e se lavou com a água fria que havia já no quarto. Podia ter mandado que lhe subissem água quente, mas não gostava que ninguém entrasse em seu quarto de noite. Inclusive a presença do Pynch punha-o nervoso.

Apagou todas as velas, menos uma. Agarrou-a e entrou com ela em seu vestidor. Havia ali uma pequena cama, como correspondia a um ajudante de câmara.

Pynch, não obstante, tinha outras habitações, e nunca usava aquela cama. Junto à cama, no canto, contra a parede do fundo, havia um colchão desvencilhado.

Jasper deixou a vela no chão, perto do colchão e comprovou, como fazia cada noite, que tudo estava ali. Havia um saco com uma muda de roupa, água em um cantil de lata e um pouco de pão.

Pynch trocava o pão e a água a cada dois dias, apesar de que Jasper jamais falava disso com ele. Além do saco, havia uma navalha e um acendedor de pederneira. Ajoelhou-se e envolveu os ombros nus com a manta antes de tombar sobre a fina cama de armar, de costas à parede. Olhou um momento as sombras movediças que a vela projetava sobre o teto e logo fechou os olhos.

Capítulo 04

Passado um tempo, Jack se encontrou com outro velho esfarrapado sentado ao pé do caminho.

— Tem algo que me dar? — gritou-lhe o mendigo com voz áspera.

Jack deixou no chão sua mochila e tirou um pouco de queijo. O velho lhe o arrancou da mão e o devorou. Jack tirou uma fogaça de pão. O velho a comeu inteira e logo lhe estendeu a mão, pedindo mais.

Jack sacudiu a cabeça e pinçou até o fundo da mochila até que encontrou uma maçã.

O velho devorou a maçã e disse:

— Só tem essa porcaria?

Finalmente, Jack perdeu a paciência.

— Pelo amor de Deus, homem! Comeste toda minha comida e nem me disseste obrigado. Não sei por que me incomodei. Eu parto e você vá ao diabo!

Do Jack o Risonho

Renshaw House era a casa mais rica que Sally Suchlike jamais viu, e ainda estava um pouco assombrada. Cara! Chãos de mármore rosa e negro, poltronas de madeira lavradas tão delicadamente que suas pernas pareciam palito de dentes, sedas bordadas, brocados e veludos por toda parte, metros e metros de tecido, muitas mais das que necessárias para cobrir uma janela ou uma cadeira, tudo estufado por puro luxo.

A casa do senhor Fleming era bonita, sim, mas aquilo... Aquilo era formoso como viver no próprio palácio real. Vá que sim!

E acaso não havia um abismo entre aquela casa e o bairro de Seven Dials, onde ela nasceu e viveu? Se é que podia chamar-se viver a trabalhar todo o dia, de sol a sol, recolhendo bosta de cavalo e merda de cão, e qualquer outro excremento que pudesse encontrar, para vendê-lo por um pedaço de pão e um bocado de carne repleta de cartilagens, e isso quando seu pai e ela tinham sorte.

Ficou ali até aos doze anos, que foi quando seu pai falou de casá-la com seu amigo Pinky, um homem pestilento ao que lhe faltavam todos os dentes.

Viu estender-se ante si uma vida cheia de merda e penalidades, se se casasse com ele, até que morresse prematuramente no mesmo bairro no qual nasceu, e essa mesma noite fugiu para procurar fortuna como empregada de cozinha.

Foi pronta e rápida, e quando a cozinheira encontrou uma casa melhor (a do senhor Fleming), levou a Sally com ela. E trabalhou com esforço. Assegurava-se de não ficar nunca a sós com um lacaio ou um açougueiro, porque a última coisa que precisava era ficar prenha. Enquanto isso, procurava estar sempre limpa e asseada e manter as orelhas bem abertas. Escutava como

falavam os Fleming e de noite, em sua estreita cama, deitada junto à Alice, a donzela de abaixo, que roncava como um velho, sussurrava palavras e inflexões uma e outra vez, até que chegou a falar quase tão bem como a própria senhorita Fleming.

Chegado o momento (quando Bob, o lacaio, entrou na cozinha quase sem fôlego para lhes contar que a senhorita Fleming, apesar de ter essa cara tão insípida e tão triste, conseguiu agenciar um visconde),

Sally estava preparada. Dobrou a roupa que estava remendando e saiu da cozinha discretamente para ir fazer sua petição à senhorita Fleming.

E ali estava! a donzela de uma viscondessa! Agora, se conseguisse conhecer todos os corredores, as portas e os pisos daquela imensa casa, tudo seria perfeito.

Endireitou o avental ao empurrar a porta do corredor de serviço. Se tivesse calculado bem, sairia ao corredor que dava aos dormitórios dos senhores. Apareceu. O corredor era grande, com paredes revestidas de madeira e um longo tapete vermelho e negro. Por desgraça se parecia muito a outros corredores da casa, até que girou a cabeça para a direita e viu a escandalosa figurinha de mármore negro que representava a um senhor antigo assaltando a uma moça em couros. Fixou-se antes naquelas figuras (custava não fixar-se nelas, em realidade) e sabia que estava em frente a porta do quarto do visconde.

Inclinou a cabeça e fechou a porta dissimulada com um painel de madeira antes de deter-se a olhar a estatueta.

Ambas as figuras estavam nuas, e a senhora não parecia muito preocupada. De fato, rodeava com o braço o pescoço do cavalheiro. Sally inclinou a cabeça. Ele parecia ter ancas peludas, como uma cabra, e tinha uns cornos na testa. A verdade era que, agora que olhava mais de perto, aquele horrendo homenzinho de pedra se parecia bastante ao senhor Pynch, o ajudante de câmara do visconde...

Se o senhor Pynch tivesse cabelo, chifres e flancos peludos. O qual fez que baixasse o olhar e se perguntasse se o senhor Pynch também teria uma longa...

Por trás dela, um homem clareou a garganta.

Sally soltou um gritinho e se voltou. O senhor Pynch estava justo por trás dela, como se o tivesse conjurado com o pensamento. Tinha uma sobrancelha levantada, e sua cabeça calva brilhava brandamente na penumbra do corredor.

Sally notou que um rubor ardente lhe subia pelo pescoço. Pôs os braços em jarras.

— Cara! Tentava me dar um susto? Não sabe que assim se pode matar a uma pessoa? Conheci uma dama uma vez que morreu porque um menino se aproximou dela por trás e gritou " bu!".

Agora mesmo poderia estar rígida sobre o tapete. E o que diria você a meu senhor, se me tivesse matado no mesmo dia de suas bodas, pergunto-me eu? Em boa confusão se teria metido.

O senhor Pynch voltou a pigarrear, com um ruído parecido ao que faria um balde de lata cheio de pedras ao ser balançado.

— Possivelmente, se não tivesse estado tão absorta examinando essa estátua, senhorita

Suchlike...

Sally soltou um bufido muito pouco feminino, mas idôneo para o caso.

— Está me acusando de olhar mais do que devia essa estátua, senhor Pynch?

O senhor Pynch levantou as sobrancelhas.

— Eu só...

— Você saiba que só estava comprovando se tinha pó.

— Pó?

— Pó, sim. — Sally assentiu com a cabeça energicamente. — Minha senhora não suporta o pó.

— Entendo — disse o senhor Pynch altivamente. — O terei em conta.

— Isso espero — replicou Sally. Mexeu no avental para endireita-lo e ficou olhando a porta de sua senhora. Eram já as oito, bastante tarde para que se levantasse a senhora, mas o dia depois de suas bodas...

O senhor Pynch seguia olhando-a.

— Sugiro-lhe que chame.

Ela fez girar os olhos.

— Sei muito bem como despertar a minha ama.

— Então, qual é o problema?

— Pode ser que não esteja sozinha — notou que ficava corada outra vez. — Já sabe. E se ele estiver aí? Pareceria uma parva se entrar e não estão... Não estão... — respirou fundo, tentando refrear sua língua.

— Como é devido. Dar-me-ia muitíssima vergonha.

— Não está.

— Que não está?

— O senhor, não está aí — disse o senhor Pynch com absoluta certeza, e entrou no quarto do visconde.

Sally ficou olhando-o com o cenho franzido. Que homem tão desagradável. Compôs pela última vez o avental e chamou com energia à porta de sua senhora.

Melisande estava sentada a sua mesa, traduzindo o último conto de fadas, quando ouviu bater na porta. Camundongo, que estava jogado a seus pés, levantou-se e começou a grunhir à porta.

— Sim — disse, e não lhe surpreendeu ver aparecer a Suchlike. Olhou o relógio de porcelana do suporte. Eram pouco mais das oito, mas acordara a mais de duas horas. Raramente dormia mais além do amanhecer.

Suchlike conhecia sua rotina e estava acostumada a vesti-la muito mais cedo. Certamente a moça teve remorsos em despertá-la, devido a sua posição de recém-casada.

Melisande sentiu uma pontada de vergonha. Logo toda a casa saberia que não dormiu com seu marido a noite de suas bodas. Mas, enfim, não podia fazer nada a respeito. Teria que aguentá-lo.

— Bom dia, milady. — Suchlike olhou a Camundongo e o esquivou dando uma volta.

— Bom dia. Veem aqui, Camundongo. — Melisande estalou os dedos.

O animal farejou pela última vez à donzela com ar receoso e correu a sentar-se sob a mesa, junto às pernas de Melisande.

Ela já havia afastado as cortinas da janela de cima da escrivaninha, mas Suchlike foi abrir também as demais.

— Faz um dia precioso. Brilha o sol, não há nenhuma nuvem no céu e quase não sopra o vento. O que gostará de vestir hoje, senhora?

— Pensei pôr o cinza — murmurou Melisande, distraída.

Franziu o cenho, olhando uma palavra em alemão do conto no qual estava trabalhando. Aquele velho livro de contos pertencera a Emeline, sua melhor amiga. Era uma lembrança de sua infância.

Pelo visto, procedia de sua babá prussiana. Antes de embarcar para a América com seu flamejante marido, o senhor Hartley, Emeline lhe dera o livro para que pudesse traduzir seus contos.

E ela aceitou a tarefa compreendendo que para ambas significava muito mais que uma simples tradução. Ao lhe dar de presente seu querido livro, Emeline lhe estava prometendo que sua amizade sobreviveria à separação, e Melisande se sentiu comovida e agradecida por seu gesto.

Confiava em ter acabado e impresso a tradução para poder dar de presente a Emeline a próxima vez que visitasse a Inglaterra. Mas, por desgraça, topou com um problema. O livro estava composto por quatro contos relacionados entre si, cada um deles a história de um soldado que voltava da guerra. Traduziu três das histórias com bastante facilidade, mas a quarta... A quarta estava se convertendo em um quebra cabeça.

— O cinza, senhora? — repetiu Suchlike, indecisa.

— Sim, o cinza — respondeu Melisande.

O problema era o dialeto. E o fato de que estava tentando traduzir um texto escrito. Aprendeu o alemão de sua mãe, mas quase sempre o falou; mal o leu, e nessa diferença radicava o problema.

Acariciou com um dedo o papel quebradiço. Trabalhar no livro recordava a Emeline. Teria desejado que sua amiga assistisse a suas bodas. E desejava ainda mais que estivesse ali nesse momento.

Que reconfortante seria poder falar com a Emeline a respeito de seu matrimônio e do enigma que eram os homens em geral! Por que seu marido havia...?

— Que cinza?

— Como? — Melisande olhou por fim a sua donzela e viu que Suchlike franzira o cenho, exasperada.

— Que cinza? — Suchlike abriu as largas portas do armário, que estava cheio de vestidos de cores apagadas.

— O cinza azulado.

Suchlike agarrou o vestido que lhe indicava enquanto resmungava em voz baixa. Melisande preferiu não dizer nada. Levantou-se e jogou água temperada em uma bacia para lavar o rosto e o pescoço.

Já refrescada, esperou pacientemente enquanto a donzela a vestia.

Meia hora depois, a despediu e desceu ao vestíbulo, cujas paredes estavam cobertas de mármore rosa pálido, com nervuras de negro e ouro. Ali vacilou. Certamente o café da manhã se servia em alguma sala do piso abaixo. Mas havia muitas portas entre as que escolher, e no dia anterior, com a emoção de conhecer a servidão e se instalar na casa, esqueceu de perguntar.

Alguém pigarreou ali perto. Melisande se voltou e viu atrás dela ao Oaks, o mordomo. Era um homem baixo, de ombros arredondados e mãos muito grandes para seus pulsos.

Levava sobre a cabeça uma peruca branca empoeirada, de exuberantes cachos.

— Posso servi-la em algo, milady?

— Sim, obrigado — respondeu Melisande. — Poderia dizer a algum dos lacaios que leve camundongo, meu cão, ao jardim? E faça o favor de me mostrar em que sala se serve o café da manhã.

— Senhora. — Oaks estalou os dedos e um jovem lacaio se aproximou imediatamente, como um coroinha a um padre. O mordomo assinalou a Camundongo com um gesto.

O lacaio se agachou para o cão e ficou paralisado ao ver que este levantava o lábio e lhe mostrava os dentes.

— Vamos, sir Camundongo. — Melisande se agachou, agarrou ao cão e o depositou, ainda rosnando, nos braços do lacaio.

O lacaio afastou tudo o que pôde a cabeça de seus próprios braços.

Melisande deu uns golpezinhos com o dedo no focinho do cão.

— Já basta.

Camundongo deixou de rosnar, mas seguiu olhando com suspeita a seu portador. O lacaio se dirigiu para o fundo da casa levando o cão com os braços estirados.

— A saleta do café da manhã está por aqui — disse Oaks.

Conduziu-a através de uma elegante sala de estar, até uma estadia que dava aos jardins da casa. Melisande olhou pela janela e viu camundongo orvalhando cada árvore do caminho principal, seguido pelo lacaio.

— Esta é a sala que o visconde usa para tomar o café da manhã quando tem convidados — disse Oaks. — Naturalmente, se desejar que se ordene de outro modo, não tem mais que me dizer isso.

— Não. É muito agradável. Obrigada, Oaks — sorriu e se sentou na cadeira que o mordomo lhe oferecia, ante uma longa mesa de madeira brunida.

— A cozinheira faz uns ovos passados por água excelentes — disse Oaks. — Mas se deseja arenque ao...

— Os ovos estão bem. Quereria também um bolo doce ou dois e um chocolate quente.

Ele inclinou a cabeça.

— Direi a uma criada que o traga.

Melisande clareou a garganta.

— Ainda não, por favor. Eu gostaria de esperar a meu marido.

Oaks piscou.

— O visconde está acostumado a se levantar tarde...

— Mesmo assim, prefiro esperar.

— Sim, senhora. — Oaks saiu da sala.

Melisande viu que Camundongo dava por terminadas suas tarefas no jardim e voltava trotando para a casa. Uns minutos depois apareceu na porta da saleta do café da manhã, com o lacaio.

Aguçou as orelhas ao vê-la e correu a lamber sua mão. Depois se acomodou sob sua cadeira com um rosnado.

— Obrigada. — Melisande sorriu ao lacaio. Parecia bastante jovem. Sob a peruca branca, ainda tinha espinhas na cara. — Como te chama?

— Sprat, senhora — ficou avermelhado.

Santo céu, com um pouco de sorte seus pais não lhe teriam posto de nome Jack.

Melisande assentiu com a cabeça.

— Sprat, você te encarregará de sir Camundongo. Deve sair ao jardim pela manhã, justo depois da comida e antes de ir à cama. Lembrara-te de te ocupar dele em meu lugar?

— Sim, senhora. — Sprat baixou a cabeça, fazendo uma nervosa reverência. — Obrigado, senhora.

Melisande refreou um sorriso. Sprat não parecia muito seguro de ter motivos para lhe estar agradecendo. Camundongo rosnou brandamente debaixo da cadeira.

— Obrigada. Isso é tudo.

Sprat saiu de costas e Melisande voltou a ficar a sós. Ficou ali sentada um minuto, até que não pôde suportar mais tanta inatividade. Então se levantou e se aproximou das janelas.

Como enfrentar a seu novo marido? Com serenidade conjugal, certamente. Mas podia lhe fazer saber de algum modo, com tato e discrição, que o da noite anterior tinha sido, enfim, uma desilusão? Melisande fez uma careta.

Certamente não na mesa do café da manhã. Os cavalheiros estavam acostumados a ser muito suscetíveis nessas questões, e muitos não estavam do melhor humor pelas manhãs. Mas em algum momento precisava puxar o tema.

Pelo amor de Deus, Vale era um amante afamado! A menos que todas as mulheres que foram objeto de seu desejo estivessem mentindo, era capaz de fazer muito melhor que essa noite.

Em alguma parte um relógio deu as nove. Camundongo se levantou e se estirou, bocejando até que lhe curvou a língua rosada. Com uma pontada de decepção, Melisande se cansou de esperar e saiu ao corredor.

Sprat seguia ali, olhando inexpressivamente o teto, embora ao perceber que saía se apressou a olhá-la.

— Por favor, me traga o café da manhã — disse Melisande, e voltou para a saleta a esperar. Vale já teria saído, ou sempre dormia até tão tarde?

Depois de um café da manhã solitário que compartilhou com Camundongo, Melisande ficou a pensar em outras coisas.

Mandou buscar a cozinheira e encontrou uma saleta elegante, decorada em amarelo e branco, para planejar as refeições da semana.

A cozinheira era uma mulher miúda e enxuta, de cara magra e enrugada pelas preocupações. Usava o cabelo negro e grisalho recolhido em um escuro coque no alto da cabeça. Sentada na borda da cadeira, inclinava-se para diante e assentia rapidamente enquanto Melisande lhe falava. Não sorria (não parecia saber como se fazia), mas a tensa careta de sua boca pareceu relaxar-se quando ela elogiou os saborosos ovos passados por água e o chocolate quente. Melisande, de fato, tinha a sensação de começar a entender-se com ela quando um alvoroço interrompeu a conversação. As duas levantaram a vista.

Melisande percebeu que se ouviam latidos em meio de uma gritaria de vozes masculinas.

Ai, Deus. Sorriu amavelmente à cozinheira.

— Se me desculpar.

Levantou-se e se dirigiu sem se apressar a saleta do café da manhã, onde se encontrou com uma pantomima em florações. Sprat estava boquiaberto, Oaks tinha a formosa peruca branca inclinada e falava a toda velocidade, mas por desgraça sua voz não se ouvia. Enquanto isso, que era seu marido desde fazia apenas um dia fazia dramalhões e gritava como um moinho de vento furioso. O objeto de sua ira se elevava, cheio de determinação, a só uns centímetros de seus pés, ladrando e grunhindo.

— De onde saiu este vira-lata? — perguntava Vale. — Quem o deixou entrar? Será que não se pode nem tomar o café da manhã sem ter que defender seu bacon das animálias?

— Camundongo — disse Melisande brandamente, mas em voz o bastante alta para que o terrier a ouvisse. Com um último latido triunfal, o cão foi se sentar sobre seus sapatos e ficou a ofegar.

— Conhece este vira-lata? — perguntou lorde Vale, agitado. — De onde saiu?

Oaks estava endireitando a peruca enquanto resmungava algo em voz baixa, e Sprat se mantinha erguido sobre uma só perna.

Melisande entreabriu os olhos. Por favor! Depois de fazê-la esperar uma hora.

— Camundongo é meu cão.

Lorde Vale piscou, e ela não pôde evitar notar que, até confuso e desconcertado, seus olhos azuis eram de uma beleza surpreendente. Ontem à noite esteve sobre mim, pensou, sentindo que a paixão se remansava em seu ventre.

Seu corpo se uniu com o meu. É meu marido, por fim.

— Mas esse inseto comeu meu bacon.

Melisande olhou Camundongo, que ofegava olhando-a com adoração, com a boca curvada, como se sorrisse.

— Não é um inseto.

Lorde Vale passou uma mão pelo cabelo, deslocando a tira com que o atava.

— O que?

— Não é um inseto — respondeu Melisande com clareza, e sorriu. — Sir Camundongo é todo um cavalheiro entre os cães. E gosta muitíssimo de bacon, então lhe sugiro que não volte a tentá-lo com ele.

Estalou os dedos e saiu garbosamente da saleta do café da manhã, seguida por Camundongo.

— Um cavalheiro entre os cães? — Jasper ficou olhando a porta pela qual sua esposa acabava de sair da saleta. Parecia bastante elegante, para ir seguida por uma horrível besta. — Um cavalheiro entre os cães?

Alguma vez ouviram algo semelhante? — perguntou, apelando aos homens que seguiam na sala.

Seu lacaio (um moço alto e desajeitado cujo nome não recordava nesse momento) se coçou debaixo da peruca.

— A senhora parece ter muito carinho a esse cão.

Oaks se tinha reposto por fim e olhava a seu amo com incredulidade.

— A viscondessa deu ordens precisas sobre esse animal quando tomou o café da manhã, faz uma hora, milord.

Foi então quando Jasper compreendeu por fim que talvez se comportou como um cretino. Fez uma careta. Para ser sincero, pelas manhãs sempre estava um pouco duro de entender.

Mas até para ele gritar a sua flamejante esposa o dia depois de suas bodas era passar da raia.

— Dir-lhe-ei à cozinheira que lhe prepare outro café da manhã, milord — disse Oaks.

— Não. — Jasper suspirou. — Já não tenho fome — ficou olhando pensativamente a porta um instante e logo decidiu que nesse momento carecia de eloquência suficiente para desculpar-se ante sua esposa.

Talvez pudesse considerar-se um covarde, mas, referente às mulheres, convinha ser mais discreto que ousado. — Que me tragam meu cavalo.

— Senhor. — Oaks fez uma reverência e saiu silenciosamente da sala. Era assombroso o pouco ruído que fazia ao se mover.

O jovem lacaio seguia ainda na saleta do café da manhã. Parecia querer dizer algo.

Jasper suspirou. Nem sequer tinha tomado seu chá quando o cão lhe danificou o café da manhã.

— Sim?

— Devo dizer à senhora que saiu? — perguntou o moço, e Jasper se sentiu como um bárbaro. Até o lacaio sabia melhor que ele como comportar-se com uma esposa.

— Sim, diga-lhe — esquivando o olhar do lacaio, saiu da sala.

Pouco mais de meia hora depois, Jasper ia a cavalo pelas ruas lotadas de Londres, a caminho

de uma casa no Lincoln Inns Fields. Havia tornado a sair o sol, e o povo parecia decidido a desfrutar do bom tempo, inclusive a aquela hora matinal. Os vendedores ambulantes, posicionados em esquinas estratégicas, vozeavam suas mercadorias enquanto as damas elegantes passeavam agarradas ao braço e as carruagens circulavam como navios a toda vela.

Seis meses antes, quando Sam Hartley e ele se propuseram interrogar aos sobreviventes do massacre do Spinner's Falls, não puderam contatar com todos eles. De muitos se perdeu o rastro. Outros eram homens já velhos, entrevados e largados a mendicidade ou ao roubo. Viviam no limite: cabia a possibilidade de que se precipitassem no abismo e desaparecessem em qualquer momento. Ou possivelmente o perigo fora simplesmente cair no esquecimento, nem tanto morrer como deixar de viver. Em todo caso, a muitos foi impossível localizá-los.

E logo havia sobreviventes como sir Alistair Munroe. Munroe não era em realidade um soldado do 28° Regimento, a não ser um nativo a serviço da Coroa, agregado ao regimento e encarregado de descobrir e classificar fauna e flora. Naturalmente, quando o regimento foi atacado no Spinner's Falls, os índios inimigos não fizeram restrições entre soldados e civis. Munroe contava entre o grupo capturado junto ao Jasper e teve a mesma sorte que outros, antes de seu resgate. Estremeceu ao deter sua égua para deixar passar a uma cadeira de mão cujos portadores foram dando vozes.

Nem todos os que caíram em mãos dos índios e foram obrigados a partir pelos bosques escuros e infestados de mosquitos da colônia americana retornaram vivos. E os que sobreviveram não eram os mesmos de antes.

Às vezes, tinha a impressão de ter deixado um pedaço de sua alma naqueles sombrios bosques.

Afugentou aquela ideia e conduziu a Belle para a elegante e larga praça do Lincoln Inns Field. A casa a que se dirigia era alta e refinada, de tijolo vermelho, com rebordo branco ao redor de portas e janelas.

Jasper desmontou e entregou as rédeas ao moço apostado ante a porta, antes de subir os degraus e chamar. Uns minutos depois, o mordomo fê-lo entrar em um despacho.

— Vale! — Matthew Horn se levantou por trás de uma grande escrivaninha e lhe estendeu a mão. — Casou ontem. Não esperava verte tão logo.

Jasper lhe estreitou a mão. Horn usava peruca branca e tinha a pele pálida dos ruivos. Em suas faces costumavam a aparecer manchas avermelhadas, pelo vento ou por efeito da lâmina de barbear, e sem dúvida teria a tez avermelhada quando cumprisse os cinquenta. Sua mandíbula e suas maçãs do rosto eram pesadas e angulosas, para compensar a delicadeza de sua pele.

Seus olhos, em troca, eram de um azul claro e quente, com rugas nas comissuras, apesar de que ainda não completou os trinta anos.

— Sou um canalha por deixar a minha esposa tão logo. — Jasper soltou sua mão e retrocedeu. — Mas temo que se trate de um assunto urgente.

— Sente-se, por favor.

Jasper afastou as abas de sua casaca e se sentou em frente a escrivaninha do Horn.

— Como está sua mãe?

Horn levantou os olhos para o teto, como se pudesse ver o quarto de sua mãe no piso de cima.

— Prostrada na cama, temo, embora muito animada. Tomo o chá com ela cada tarde que posso, e sempre quer saber os últimos mexericos.

Jasper sorriu.

— Na velada em casa dos Eddings, mencionou Spinner's Falls — acrescentou Horn.

— Sim. Lembra-te do Sam Hartley? O cabo Hartley? Era um colono agregado a nosso regimento para nos guiar até o Fort Edward.

— Sim?

— Veio a Londres em setembro passado.

— Quando eu estava de viaje pela Itália. — Horn se recostou em sua cadeira e puxou o cordão de uma campainha. — Lamento não tê-lo visto.

Jasper assentiu com a cabeça.

— Veio para ver-me. Mostrou-me uma carta que chegou as suas mãos.

— Que classe de carta?

— Detalhava a marcha do 28° Regimento de Infantaria de Quebec ao Fort Edward, incluindo a rota que tomaríamos e o momento exato em que estaríamos no Spinner's Falls.

— O que? — Horn entreabrira os olhos, e de repente Jasper viu que aquele homem já não era uma criança. Fazia já algum tempo que não o era.

Jasper se inclinou para diante.

— Traíram-nos. Alguém revelou nossa posição aos franceses e a seus aliados índios. O regimento caiu na armadilha e foi massacrado no Spinner's Falls.

A porta do despacho se abriu e entrou o mordomo, um indivíduo alto e magro.

— Senhor?

Horn piscou.

— Né... Sim. Diga-lhe à cozinheira que nos mande um pouco de chá — o mordomo fez uma reverência e se retirou.

Horn esperou até que se fechasse a porta para dizer:

— Mas quem pôde fazer algo assim? Os únicos que conheciam a rota eram os guias e os oficiais — tamborilou com os dedos sobre a mesa. — Está seguro? Viu essa carta que tinha Hartley? Pode ser que ele a interpretasse mal.

Mas Jasper já estava sacudindo a cabeça. — Vi a carta. Não há engano possível. Traíram-nos. Hartley e eu pensávamos que fosse o Dick Thornton.

— Disse-me que falaria com ele antes que o enforcassem.

— Sim.

— E?

Jasper respirou fundo.

— Thornton jurava que ele não era o traidor. Insinuou-me que era um dos homens

capturados pelos índios.

Horn ficou olhando-o um momento, com os olhos como pratos. Logo, bruscamente, sacudiu a cabeça e rompeu a rir.

— E por que foste acreditar em um assassino como Thornton? — Jasper olhou as mãos, que juntara entre os joelhos separados. Fez essa mesma pergunta muitas vezes.

— Thornton sabia que ia morrer. Não tinha motivos para me mentir.

— Exceto os próprios de um louco.

Jasper assentiu com a cabeça.

— Mesmo assim... Thornton estava preso quando empreendemos a marcha. Usava grilhões. Ia ao final da fila. Acredito que pôde ver coisas, ouvir coisas que nós perdemos porque estávamos ocupados conduzindo ao regimento.

— E, se aceitar que as acusações do Thornton são certas, aonde te leva isso?

Jasper olhou-o sem mover-se.

Horn estendeu as mãos.

— O que? Pensa que eu sou o traidor, Vale? Acredita que pedi que me torturassem até ficar rouco de tanto gritar? Você sabe que sofria pesadelos. Sabe que...

— Cala-te — disse Jasper. — Não diga mais nada. Naturalmente, não acredito que você...

— Então, quem? — Horn o olhava com olhos ardentes, em lágrimas. — Qual dos nossos traiu a todo o regimento? Nate Growe? Cortaram-lhe a metade dos dedos. Munroe? Só lhe tiraram um olho; isso é bastante pouco, tendo em conta que deveriam lhe pagar muito bem.

Matthew...

— Saint Aubyn, então? Ah, mas está morto. Pode ser que calculasse mal e se deixasse queimar na fogueira depois de ter tantos incômodos. O...

— Te cale, maldito seja. — Jasper falava em voz baixa, mas o bastante áspera para atalhar a horrenda recitação do Horn. — Sei. Sei tudo isso, maldito seja.

Horn fechou os olhos e disse em voz baixa:

— Então sabe que nenhum de nós pôde fazê-lo.

— Alguém o fez. Alguém nos estendeu uma armadilha e levou a quatrocentos homens ao matadouro.

Horn fez uma careta.

— Merda.

Nesse momento entrou uma donzela carregada com uma bandeja de chá. Ficaram em silêncio enquanto ela deixava a bandeja em um canto da mesa. A porta se fechou suavemente atrás dela assim que partiu.

Jasper olhou a seu velho amigo, a seu companheiro de armas de tanto tempo atrás.

Horn empurrou um montão de papéis a um lado da mesa.

— O que quer que faça?

— Quero que me ajude a encontrar a quem nos traiu — disse Jasper. — E depois que me ajude a mata-lo.

Era bem passada a hora do jantar quando lorde Vale retornou por fim a casa. Melisande soube por que a grande sala de estar da parte dianteira da casa tinha um horrendo relógio no suporte da lareira.

Bojudas ninfas de cor rosa pulavam em torno da esfera do relógio de um modo que sem dúvida se pretendia erótico. Soltou um bufido. Que pouco sabia do verdadeiro erotismo o desenhista daquele relógio.

Camundongo, que estava jogado a seus pés, sentou-se ao ouvir chegar a lorde Vale e se aproximou trotando à porta para farejar a brecha de baixo dela.

Melisande passou com esmero um fio de seda pelo bastidor de bordar, deixando um perfeito nó francês no tecido. Alegrou-a comprovar que seus dedos se mantinham firmes. Possivelmente, com a proximidade constante, acabaria por superar a espantosa suscetibilidade que sentia a respeito dele. Bem sabia Deus que o aborrecimento que foi crescendo durante as horas que o estava esperando a ajudou nesse sentido.

Seguia sentindo sua presença, sim, e ainda ansiava sua companhia, mas a exasperação acabou por mascarar esses sentimentos. Não via Vale desde o café da manhã, nem recebeu aviso de que fosse se apresentar para jantar. O seu podia ser um matrimônio de conveniência, mas isso não significava que teria que jogar pela janela a cortesia mais elementar.

Ouviu falar seu marido no corredor com o mordomo e uns lacaios e se perguntou, não pela primeira vez essa tarde, se Vale não teria esquecido por completo que tinha uma esposa. Oaks parecia um homem bastante capaz.

Talvez lhe recordasse sua existência.

O feio relógio do suporte deu os quinze minutos com um tinido monocórdio. Melisande franziu o cenho e deu outro ponto. A saleta de estar branca e amarela do fundo da casa era muito mais bonita.

Se escolheu aquela saleta foi unicamente porque estava mais perto do vestíbulo. E Vale teria que passar por ali para ir a seus aposentos.

A porta da sala se abriu, sobressaltando a Camundongo, que deu um salto para trás e logo, como se se desse conta de que o surpreenderam em retirada, equilibrou-se para diante ladrando aos tornozelos de lorde Vale.

Este baixou o olhar para o cão. Melisande teve a clara sensação de que não lhe teria importado de lhe dar um pontapé.

— Sir Camundongo — disse para impedir uma tragédia.

Camundongo deu um último latido, aproximou-se dela ao trote e subiu de um salto ao sofá, a seu lado.

Lorde Vale fechou a porta e entrou na saleta, lhe fazendo uma reverência.

— Boa noite, senhora esposa. Peço-te desculpas por ter faltado ao jantar.

Humm. Melisande inclinou a cabeça e lhe indicou a poltrona que havia em frente a ela.

— Estou segura de que o assunto que o reteve era de suma importância, milord.

Lorde Vale se recostou na poltrona e apoiou o tornozelo no joelho da outra perna.

— Era urgente, sim, mas não sei se era importante ou não. Em seu momento, pareceu-me isso — passou um dedo pelas abas de sua casaca.

Melisande deu outro ponto. Seu marido parecia um pouco desanimado essa noite, como se tivesse perdido sua vitalidade de costume. Sua irritação se desinflou ao perguntar-se o que o teria aborrecido.

Lorde Vale os olhou com o cenho franzido a Camundongo e a ela.

— Esse sofá é forrado em cetim.

Camundongo apoiou a cabeça sobre seu regaço. Melisande lhe acariciou o focinho.

— Sim, sei.

Lorde Vale abriu a boca e voltou a fechá-la. Passeou o olhar pela saleta e ela quase sentiu palpavelmente sua necessidade de levantar-se e começar a caminhar de um lado a outro.

Mas ele começou a tamborilar com os longos dedos sobre o braço da poltrona. Parecia cansado e, sem humor no olhar, também mais velho.

Melisande odiava vê-lo decaído. A fazia sofrer.

— Gostaria de um conhaque? Ou algo da cozinha? Estou segura de que a cozinheira terá guardado o bolo de rim que sobrou do jantar.

Ele sacudiu a cabeça.

Melisande observou-o um momento, perplexa. Fazia anos que amava a aquele homem, mas em muitos sentidos não o conhecia. Não sabia como ajudar quando estava cansado e triste. Baixou o olhar, franzindo as sobrancelhas, e cortou o fio.

Escolheu de sua mesa de costura uma seda do tom exato das framboesas amadurecidas.

Lorde Vale deixou de tamborilar.

— Esse bordado parece um leão.

— Certamente porque é um leão — murmurou ela enquanto dava o primeiro ponto da língua do leão.

— E não é estranho?

Lançou-lhe um olhar por debaixo das sobrancelhas baixadas. Uma leve expressão de bom humor apareceu na cara de lorde Vale.

— Não é que não seja um bordado estupendo, claro. É muito, né, bonito.

— Obrigada.

Ele seguiu tamborilando.

Melisande bordou a silhueta da língua do leão e começou a preenchê-la com lisos pontos de cetim. Era agradável estar ali sentados, juntos, embora nenhum dos dois soubesse o que fazer.

Então ela suspirou em silêncio. Possivelmente com o tempo saberiam.

Lorde Vale deixou de tamborilar.

— Quase me esquecia. Comprei-te algo enquanto estava fora.

Procurou no bolso de sua casaca.

Melisande deixou a um lado o bastidor e agarrou uma caixa.

— Um presente para que me perdoe por te gritar esta manhã — disse lorde Vale. — Fui

como um bárbaro e um caipira, e como o pior dos maridos.

Ela levantou uma comissura da boca.

— Não foi para tanto.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não se deve gritar como um energúmeno a sua própria esposa, e te asseguro que não vou toma-lo por costume. Ao menos, antes de tomar o chá do café da manhã, em todo caso.

Melisande abriu a caixa e viu uns pequenos pendentes adornados com granadas.

— São preciosos.

— Você gosta?

— Sim, obrigada.

Em frente a ela, lorde Vale assentiu com a cabeça e se levantou de um salto.

— Estupendo. Então, desejo-te boa noite.

Melisande notou o roce de seus lábios no cabelo. Um momento depois, lorde Vale estava na porta. Tocou o trinco e logo se voltou pela metade para ela.

— Esta noite não é necessário que me espere acordada.

Ela arqueou uma sobrancelha.

Lorde Vale fez uma careta.

— Quer dizer, que não irei a seu dormitório. É muito cedo depois da noite de bodas, não? Só queria que soubesse que não tem do que preocupar-se. Durma bem, docinho.

Ela inclinou a cabeça e mordeu o lábio para conter as lágrimas, mas ele já saíra pela porta.

Melisande piscou rapidamente e voltou a olhar a caixa com os pendentes de granada. Eram muito bonitos, mas ela nunca usava pendentes. Não tinha as orelhas furadas.

Tocou uma das granadas com a ponta do dedo e se perguntou se ele a observou de verdade alguma vez.

Fechou a caixa com suavidade e a guardou na mesa de costura. Logo recolheu suas coisas e saiu da saleta, com Camundongo atrás.

Capítulo 05

O segundo mendigo ficou em pé e seus farrapos desapareceram de repente, deixando a descoberto uma horrenda figura, metade besta, metade homem, completamente coberta de escamas negras e putrefatas.

— Que vá ao diabo, disse? — perguntou com voz áspera o demônio, pois isso o era, claramente. — É você quem vai ao diabo!

Jack começou a minguar: seus braços e suas pernas encolheram até que ficou reduzido à altura de um menino. Ao mesmo tempo, seu nariz cresceu e se curvou até que quase lhe tocou o queixo, que por sua vez se alongou e curvou para cima.

O demônio soltou uma gargalhada e se desvaneceu em meio de uma nuvem de fumaça sulfurosa. Jack ficou sozinho no caminho. As mangas de sua casaca arrastavam pelo chão...
Do Jack o Risonho

— Ah, que maravilha — disse Jasper durante o jantar três dias depois. — Vitela em molho com pudim de Yorkshire: o jantar inglês por antonomásia. — Poderia ser mais cretino ainda, se se empenhasse?

Bebeu um gole de vinho e olhou por cima da borda da taça para ver se sua esposa estava de acordo em que era, em efeito, um cretino, mas como de costume, aquela condenada mulher levava posta uma máscara de cortesia.

— A cozinheira faz um pudim muito bom — murmurou ela.

Jasper mal a viu nos últimos dias, e aquela era a primeira vez que jantavam juntos. Ela, entretanto, não franzia o cenho, nem se queixava, nem mostrava, em realidade, emoção alguma.

Jasper deixou a taça e tentou determinar a origem de seu descontentamento. Aquilo era o que queria, não? Ter uma esposa complacente, uma esposa que não fizesse cenas, nem o envenenasse.

Previra (as poucas vezes que pensou nisso) vê-la de vez em quando, acompanhá-la a um ou outro baile e, quando estivesse grávida, buscar discretamente uma amante. Ia a caminho de conseguir seu objetivo.

E, entretanto, a realidade lhe era estranhamente insatisfatória.

— Vi os convites ao baile de máscaras anual de lady Graham — disse enquanto cortava a carne. — Um acontecimento bastante tedioso, claro, por ter que colocar uma máscara.

A minha sempre me faz suar e me dá umas vontades terríveis de espirrar. Mas pensei que possivelmente queira ir.

Ela fez uma leve careta ao levantar sua taça de vinho.

— Obrigada por perguntar, mas acredito que não.

— Ah — concentrou-se em sua carne, notando uma pontada de desilusão. — Se o problema for a máscara, posso comprar uma em um abrir e fechar de olhos. Possivelmente uma dourada, com plumas e contas ao redor dos olhos.

Ela sorriu.

— Pareceria um corvo em meio de um bando de perus reais. Obrigada, mas não.

— Como queira.

— Confio em que você sim assista, entretanto — acrescentou ela. — Não queria lhe estragar a diversão.

Jasper pensou nas horas intermináveis da ditosa noite e em como tentava enchê-las com a companhia de bêbados desconhecidos.

— É muito amável. Temo que não possa resistir à tentação de um baile de máscaras. Pode ser que seja pelo prazer de ver tantos cavalheiros e tantas damas de linhagem pavonearem-se vestidos com máscaras e máscaras.

É pueril, sei, mas assim é.

Ela não disse nada; limitou-se a olhá-lo enquanto bebia de sua taça de vinho. Uma só linha apareceu entre suas sobrancelhas. Talvez Jasper tivesse revelado muito.

— Esta noite está encantadora — disse para mudar de tema. — A luz das velas te favorece.

— Que desilusão — sacudiu a cabeça tristemente. — Eis-me aqui, sentada com um dos mais tornados famosos Don Juan de Londres, e me diz que a luz das velas me favorece.

A boca do Jasper se esticou.

— Dou-me por repreendido, senhora. Deveria, pois, elogiar seus olhos?

Ela os abriu de par em par.

— São acaso líquidos lagos nos quais minha alma se reflete?

Jasper soltou uma gargalhada de surpresa.

— É uma crítica muito dura, senhora. Posso, pois, falar de seu prodigioso sorriso?

— Pode, mas pode ser que eu boceje.

— Poderia me desfazer em elogios sobre sua figura.

Ela arqueou uma sobrancelha, zombadora.

— E depois falar de seu doce espírito.

— Mas você não conhece meu espírito, seja doce ou de qualquer outro modo — repôs ela. — Não me conhece.

— Isso é o que você disse em outra ocasião — recostou-se em sua cadeira e a examinou. Ela afastou o olhar, como se se arrependesse de havê-lo desafiado. O qual só picou ainda mais o interesse do Jasper.

— Mas tampouco me ofereceste índice algum de seu verdadeiro ser.

Ela encolheu os ombros. Levou uma mão ao ventre; com a outra, dava distraidamente voltas ao pé da taça de vinho.

— Possivelmente deva explorar a mente de minha senhora esposa. Começarei pelo mais simples — disse ele com amabilidade. — O que você gosta de comer?

Ela assinalou com a cabeça a carne e o pudim que se esfriavam em seu prato.

— Isto está bem.

— Não facilita — inclinou a cabeça. A maioria das mulheres às que conhecia adoravam falar de si mesmas: era seu tema predileto de conversa, de fato. Por que não o era, no caso de sua esposa?

— Refiro-me ao que gosta mais de comer.

— O frango assado está bem. Podemos comê-lo amanhã de noite, se lhe parecer.

Jasper apoiou os braços sobre a mesa e se inclinou para ela.

— Melisande, qual é a comida que mais gosta no mundo?

Ela levantou por fim o olhar.

— Acredito que não tenho uma comida preferida.

Aquilo esteve a ponto de tirá-lo do sério.

— Como é possível que não a tenha? Todo mundo tem uma.

Ela encolheu os ombros.

— Nunca o pensei.

Jasper se tornou para trás, exasperado.

— Os filetes de presunto? As bolachas de manteiga? As uvas amadurecidas? A bolacha? O mingau?

— O mingau?

— Algo que você goste. Não. Algo que adore. Algo que deseje ansiosamente na escuridão da noite. Algo com o que sonhe durante os chás da tarde, quando deveria estar escutando falar a senhora idosa sentada a seu lado de seus gatos.

— Se sua teoria for certa, também terá um prato predileto.

Ele sorriu. Um ataque muito débil.

— O bolo de pombos, o filete de presunto, o bolo de amoras, as peras bem amadurecidas, um bom filé de vitela, as bolachas recém-saídas do forno, o ganso assado e todos os queijos, da classe que sejam.

Ela levou a taça aos lábios, mas não bebeu.

— Enumerou uma longa lista de comidas, não uma favorita.

— Eu pelo menos tenho uma lista.

— Possivelmente sua mente não possa decidir-se por uma em particular — inclinou os lábios nas comissuras e Jasper notou pela primeira vez que, embora não eram grandes nem carnudos, possuíam, em troca, uma curvatura elegante e bastante bonita. — Ou pode ser que, não havendo nenhuma que se destaque sobre as demais, sejam-lhe todas indiferentes.

Jasper se ergueu na cadeira e inclinou a cabeça.

— Está me chamando frívolo, senhora?

O sorriso da Melisande se fez mais amplo.

— Onde há fumaça...

Uma risada ofendida escapou da boca do Jasper.

— Insultado em minha própria mesa, e por minha esposa! Vamos, dou-te generosamente a oportunidade de retirar essa afirmação.

— E, entretanto não posso fazê-lo, em consciência — respondeu ela imediatamente. Aquele sorriso seguia brincando ao redor de sua boca, e Jasper desejou alargar o braço sobre a mesa e tocá-la com o polegar.

Sentir fisicamente sua alegria. — Como chamaria a um homem que tem tantas comidas preferidas que não pode escolher entre elas? E que, em menos de um ano, compromete-se duas vezes e duas vezes perde a sua prometida?

— Isso é um golpe baixo! — protestou ele, rindo.

— Um homem ao qual nunca vi usar duas vezes o mesmo casaco.

— Né...

— E que é amigo de todos os homens que conhece e que não tem um amigo íntimo.

O sorriso da Melisande se desvaneceu, e ele deixara de rir. Teve um amigo íntimo uma vez.

Reynaud Saint Aubyn. Mas Reynaud morrera na carnificina posterior ao Spinner's Falls.

Agora, ele passava suas noites entre desconhecidos. Melisande, sua condenada esposa, estava certa: tinha muitos conhecidos e nenhum amigo da alma.

Tragou saliva e disse em voz baixa:

— Diga-me, senhora, por que ter múltiplas predileções é melhor que ter medo de escolher uma só coisa?

Ela deixou sua taça de vinho sobre a mesa.

— Esta conversa já não é de meu gosto.

O silêncio ficou suspenso entre eles vários segundos. Jasper suspirou e se separou da mesa.

— Se me desculpar...

Melisande assentiu com a cabeça e ele saiu da sala de jantar. Sentia-se como se tivesse reconhecido uma derrota. Mas aquilo não era uma derrota: era uma breve retirada para reagrupar suas forças.

E nisso não havia nada de humilhante. Muitos grandes generais acreditavam preferível a retirada a uma derrota esmagadora.

Essa noite esteve a ponto de revelar muito sobre si mesma. Muito sobre o que sentia por Vale.

Melisande levou uma mão ao baixo ventre enquanto Suchlike lhe escovava o cabelo. Era sedutor que alguém, e especialmente Vale, interessasse-se tanto por descobrir seu ser íntimo. Essa noite, ele fixara nela sua atenção. Essa total concentração podia voltar-se perigosa, se não tomasse cuidado. Já uma vez, com o Timothy, seu prometido, deixara que suas emoções se apoderassem dela, e aquilo esteve a ponto de destruí-la. Seu amor foi profundo e obsessivo. Amar assim não era um presente do céu. Era uma maldição. Ser capaz de sentir (e de suportar) uma emoção de força tão antinatural equivalia a uma espécie de deformidade mental. Demorou anos em se recuperar da perda do Timothy.

Procurava ter presente a lembrança dessa dor, como um aviso do que podia acontecer se deixasse que suas emoções se apoderassem dela. Sua prudência dependia dessa rígida contenção.

Estremeceu ao pensar, e sentiu outra pontada de dor. Era uma dor surda no ventre, como um nó que se esticasse ali dentro. Melisande tragou saliva e agarrou com força a borda da penteadeira.

Levava quinze anos suportando cada mês aquela dor, e não fazia sentido lhe dar importância.

— Tem o cabelo tão bonito quando o deixa solto, senhora — disse Suchlike atrás dela. — Tão longo e tão fino...

— E castanho — disse Melisande.

— Bom, sim — reconheceu Suchlike. — Mas é um castanho muito bonito. Como a cor da madeira de carvalho quando envelhece. Um castanho um pouco loiro e suave.

Melisande olhou com cepticismo a sua donzela pelo espelho.

— Não é necessário que me adule.

Suchlike a olhou nos olhos pelo espelho. Parecia sinceramente surpreendida.

— Não é uma adulação, senhora, se for a verdade. E o é. A verdade, digo. Eu gosto de como lhe ondula um pouco o cabelo ao redor do rosto, se não lhe importar que o diga. É uma pena que não possa usá-lo sempre solto.

— Isso seria digno de ver-se — repôs Melisande. — Eu, convertida em uma dríada melancólica.

— Eu não sei dessas coisas, senhora, mas...

Melisande fechou os olhos ao notar outra pontada no ventre.

— Dói-lhe algo, senhora?

— Não — mentiu Melisande. — Não se preocupe.

A donzela parecia indecisa. Naturalmente, devia saber o que era que lhe acontecia, posto que se encarregava de sua roupa intima. Mas Melisande odiava que outras pessoas estivessem a par de algo tão íntimo, mesmo que fosse alguém tão inofensivo como Suchlike.

— Quer que lhe traga um tijolo quente, senhora? — perguntou Suchlike com cautela.

Melisande esteve a ponto de lhe responder com aspereza, mas nesse momento sentiu outra dor e assentiu com a cabeça, sem dizer nada. Podia ir bem um tijolo quente envolto em um pano.

Suchlike saiu rapidamente do quarto, e Melisande se aproximou da cama. Meteu-se sob as mantas, notando que os tentáculos da dor se estendiam por seus quadris e suas coxas. Camundongo subiu à cama de um salto e se aproximou dela para apoiar a cabeça sobre seu ombro.

— Ai, sir Camundongo — murmurou Melisande, acariciou-lhe o nariz e ele tirou a língua para lhe lamber os dedos. — Você é meu mais leal cavalheiro.

Suchlike retornou com um tijolo quente envolto em flanela.

— Aqui tem, senhora — disse ao colocar o tijolo sob as mantas. — A ver se a alivia.

— Obrigada. — Melisande apoiou o tijolo sobre seu ventre. Sentiu outra onda de dor e mordeu o lábio.

— Quer que lhe traga algo mais? — Suchlike seguia junto à cama com expressão preocupada e as mãos unidas. — Um pouco de chá quente com mel? Outra manta?

— Não. — Melisande adoçou sua voz. Aquela moça era um sol. — Obrigada. Isso é tudo.

Suchlike fez uma reverência e fechou a porta devagar.

Melisande fechou os olhos, tentando ignorar a dor. Por trás dela, sentiu que Camundongo se metia sob as mantas e acomodava seu corpo quente contra seus quadris. O cão suspirou e o quarto ficou em silêncio.

Então deixou vagar um pouco sua mente; depois trocou ligeiramente de postura e gemeu em voz baixa ao notar que lhe contraía o ventre.

Ouviu-se um toque na porta de comunicação entre os dois quartos. Logo, a porta se abriu e entrou lorde Vale.

Melisande fechou os olhos um instante. Por que escolheu precisamente essa noite para retomar seus deveres conjugais? Manteve as distâncias desde a noite de bodas, certamente para

deixar que se repusesse , e agora ali estava, quando ela era incapaz de satisfazê-lo. Como dizer-lhe sem morrer de vergonha?

— Ah, já está deitada? — começou a dizer lorde Vale.

Mas se interrompeu ao ver que Camundongo saía de um salto de debaixo das mantas e, apoiando-se no quadril da Melisande, começava a ladrar como um louco.

Lorde Vale se sobressaltou, Camundongo perdeu o equilíbrio e escorregou pelo quadril da Melisande, e esta grunhiu ao ser pisada pelo terrier.

— Te fez mal? — Lorde Vale se aproximou dela com o cenho franzido, e Camundongo começou a ladrar tão forte que suas quatro patas se elevaram ao mesmo tempo sobre a colcha.

— Calado, Camundongo — gemeu Melisande.

Lorde Vale olhou ao cão com frios olhos azuis. Logo, com um movimento tão rápido e repentino que ela não teve tempo de protestar, agarrou-o pelo cangote, levantou-o da cama e o jogou no vestidor.

Fechou a porta com firmeza e retornou à cama, olhando-a carrancudo.

— O que ocorre?

Ela tragou saliva, um pouco incomodada por ter encerrado a Camundongo.

— Nada.

Ao ouvi-la, ele franziu o cenho ainda mais.

— Não me minta. Esse cão te fez mal. Diga-me o que...

— Não foi Camundongo — fechou os olhos porque não podia olhar-lhe à cara enquanto dizia aquilo. — Tenho a... a regra.

O quarto ficou tão silencioso que se perguntou se seu marido estava contendo o fôlego. Abriu os olhos.

Lorde Vale a olhava como se se convertesse em um arenque muito luxurioso.

— A... Ah... Bem.

Passeou o olhar pelo quarto como se procurasse inspiração. Melisande desejou desaparecer. Esfumar-se no ar, simplesmente.

— Quer...? Né... — Lorde Vale pigarreou. — Quer que te traga algo?

— Não, nada, obrigada — agasalhou-se até o nariz.

— Bem. Bom, então...

— A verdade é...

Falaram os dois ao mesmo tempo. Lorde Vale se deteve e a olhou; depois fez um elegante gesto convidando-a a falar. Melisande clareou a garganta.

— A verdade é que poderia deixar sair a Camundongo.

— Sim, claro — aproximou-se da porta do vestidor e abriu.

O cão saiu como uma flecha, subiu à cama e seguiu ladrando a sir Vale como se o momento que passou no vestidor não tivesse acontecido. Seu marido fez uma careta e se aproximou da cama sem afastar os olhos do animal.

Este tinha bem apoiadas suas curtas patas e rosnava sem cessar.

Lorde Vale olhou a Melisande arqueando uma sobrancelha.

— Me desculpe, mas convém que solucionemos isto agora.

De novo se moveu com surpreendente rapidez: alargando o braço, fechou a mão ao redor do focinho do cão. Camundongo também pareceu surpreso, porque proferiu um ganido.

Melisande abriu a boca instintivamente para protestar, mas Vale lhe lançou um olhar e ela voltou a fechá-la. Afinal, aquela era sua casa, e ele era seu marido.

Sem soltar o focinho de Camundongo, lorde Vale se inclinou e o olhou aos olhos.

— Não.

Olharam-se um momento mais, e Vale deu ao cão um forte meneio. Logo o soltou. Camundongo tornou a se apoiar em Melisande e lambeu o focinho.

Lorde Vale voltou a olhá-la.

— Boa noite.

— Boa noite — murmurou ela. E saiu do quarto.

Camundongo se aproximou para apoiar o nariz em sua face. Melisande lhe acariciou a cabeça.

— Bom, a verdade é que merecia isso, sabe?

O cão exalou com força e arranhou com as garras o bordo da colcha. Ela a levantou para que pudesse meter-se sob as mantas, a ocupar de novo seu lugar junto a suas costas.

Depois fechou os olhos. Homens. Como era possível que Vale tivesse tido uma enxurrada de amantes nos últimos anos e que não soubesse o que fazer com sua própria esposa?

Apesar do isolamento em que esteve, ouviu cada vez que ele tomava uma nova amante ou cercava uma relação. Cada vez era como se um pedaço de cristal lhe cravasse no brando coração e fora perfurando-o em silêncio, até que deixava de notar o quanto sangrava. E agora que lorde Vale era dela (era seu enfim), agora que o tinha só para ela, resultava que tinha a sensibilidade de um boi.

Voltou-se e golpeou o travesseiro, e Camundongo teve que reacomodar-se, rosnando. Que imensa ironia! Ter ao homem de seus sonhos e descobrir que era feito de chumbo. Mas não podia ser um péssimo amante e ter a reputação que tinha entre as damas da alta sociedade. Algumas estiveram meses com ele, e em sua maioria eram mulheres sofisticadas, dessas que podiam escolher amantes a seu desejo.

Dessas que se deitavam com dúzias de homens.

Melisande ficou em suspense ao pensá-lo. Seu marido estava acostumado a amantes com experiência. Possivelmente não sabia o que fazer com uma esposa. Ou possivelmente (horror!) pensava guardar sua paixão para suas amantes e utilizar a sua esposa unicamente para ter filhos. Nesse caso, pode ser que pensasse que não havia necessidade de gastar energias extras ocupando-se de que ela desfrutasse no leito conjugal.

Melisande franziu o cenho na escuridão de seu quarto solitário. Se seguiam assim, teria um matrimônio sem amor e sem sexo. Sem amor podia passar: precisava passar sem ele, se quisesse conservar a prudência.

Sentia tão poucas vontades de que Vale descobrisse seus verdadeiros sentimentos para ele como de saltar do telhado da casa. Mas isso não significava que tivesse que passar também sem paixão.

Se tomasse cuidado, possivelmente pudesse seduzir a seu marido e fazê-lo desfrutar no leito conjugal, sem que ele chegasse a descobrir o patético amor que sentia por ele.

Cada vez que olhava ao Matthew Horn se sentia culpado, disse-se Jasper a tarde seguinte. Foram passeando a cavalo pelo Hyde Park. Jasper pensou em sua estreita cama de armar e se perguntou se

Matthew tinha também algo vergonhoso que ocultar. Todos os sobreviventes pareciam ter, de uma maneira ou de outra. Acariciou o pescoço da Belle e afugentou aquela ideia. Esses demônios eram para a noite.

— A outra manhã esqueci te dar o parabéns por suas bodas — disse Horn. — Acreditava que nunca chegaria o dia.

— Você e muitos outros — respondeu Jasper.

Melisande não se levantara ainda quando saíra de casa, e supunha que talvez pensava passar o dia na cama. Não estava muito versado nessas questões femininas; conhecia muitas mulheres, mas nunca falou desse tema com suas amantes. O assunto do matrimônio requeria mais esforço de que parecia em princípio.

— Teve que enfaixar os olhos à pobre mulher para levá-la ao altar? — perguntou Horn.

— Foi por própria vontade, para que saiba. — Jasper olhou-o. — Ela queria que as bodas fosse discretas. Se não, o teríamos convidado.

Horn sorriu.

— Não passa nada. Não te ofenda, mas as bodas são muito aborrecidas para todo mundo, exceto para os protagonistas.

Jasper inclinou a cabeça.

— Não me ofendo.

Rodearam uma carruagem parada. Um homenzinho esquálido estava sentado dentro. Coçava a cabeça sob a peruca enquanto sua acompanhante, uma mulher, inclinava-se para cochichar com duas damas que iam a pé.

Horn e Jasper tiraram o chapéu ao passar. O cavalheiro os saudou distraidamente com uma inclinação de cabeça. As damas fizeram uma reverência e voltaram a inclinar-se para seguir mexericando com ímpeto.

— Você não tem aspirações nesse sentido? — perguntou Jasper. Horn se voltou para o interrogar com o olhar.

Jasper assinalou com a cabeça para os distintos amontoados de brilhantes cores que marcavam a presença do sexo feminino no parque.

— Refere-te ao matrimônio? — Horn sorriu. — Já começamos.

— A que?

— Todos os recém-casados parecem sentir a necessidade de atrair a seus amigos à mesma

armadilha.

Jasper arqueou uma sobrancelha com ar de censura. Mas não serviu de nada.

Horn sacudiu a cabeça.

— A próxima coisa que fará será me apresentar a uma moça vesga e de cara leitosa e me informar do muito que melhoraria minha sorte se me unisse a ela para sempre.

— A verdade — murmurou Jasper, — é que tenho uma prima solteira. Ronda os quarenta anos, mas tem muitas terras e excelentes relações, claro.

Horn o olhou com horror.

Jasper sorriu.

— Zombe de mim se quiser, mas o mês passado me fizeram uma oferta muito parecida. — Horn estremeceu.

— É essa estranha aversão para o belo sexo o motivo pelo qual passas tanto tempo no continente?

— Não, absolutamente. — Horn saudou inclinando a cabeça a umas idosas damas sentadas em uma carruagem. — Percorri a Grécia e Itália para ver as ruínas e colecionar estatuetas.

Jasper levantou as sobrancelhas.

— Não sabia que era um perito em arte.

Horn encolheu os ombros.

Jasper olhou para diante. Quase chegaram ao extremo do parque.

— Encontrou ao Nate Growe?

— Não. — Horn sacudiu a cabeça. — Fui à cafeteria onde me pareceu vê-lo, mas não sabiam nada dele. Pode ser que nem sequer fosse Growe. Disso faz meses. Sinto muito, Vale.

— Não se preocupe. Tentaste-o.

— Quem resta, então?

— Não muitos. Fomos oito os capturados: você, eu, Alistair Munroe, Maddock, o sargento Coleman, John Cooper e Growe. — Jasper franziu o cenho. — Falta-me alguém?

— O capitão Saint Aubyn.

Jasper tragou saliva ao recordar os olhos negros e penetrantes do Reynaud e seu súbito e amplo sorriso.

— Claro. O capitão Saint Aubyn. Cooper morreu pelo caminho. Coleman morreu pelo que lhe fizeram os índios quando chegaram ao acampamento, igual a Saint Aubyn, e Maddock morreu também ali porque se infectaram as feridas da batalha. Quem fica vivo, pois?

— Você, eu, Munroe e Growe — respondeu Horn. — Nada mais. Topamo-nos com um beco sem saída. Munroe não quererá falar contigo, e Growe desapareceu.

— Demônios. — Jasper ficou olhando o caminho de terra, tentando pensar. Devia ter passado algo por alto.

Horn suspirou.

— Você mesmo disse que certamente Thornton estava mentindo. Acredito que deveria esquecê-lo, Vale.

— Não posso.

Precisava averiguar a verdade: quem os traiu e como. No Spinner's Falls se perderam muitos homens, homens deles, para esquecê-lo sem mais. Ele jamais poderia esquecer, bem sabia Deus. Olhou a seu redor.

As pessoas passeavam, montavam a cavalo e mexericavam. O que sabiam aquelas pessoas, com suas sedas e seus veludos, seus passos relaxados e suas elegantes reverencias, de uma floresta situada ao outro lado do mundo?

Um lugar no qual as árvores encobriam a luz do sol e o silêncio tragava a respiração agitada dos homens aterrorizados? Às vezes, de madrugada, perguntava-se se tudo aquilo não teria sido um horrendo e febril pesadelo, uma visão que teve há anos e da qual era incapaz de escapar. Seriamente viu massacrado a seu regimento, mortos a seus homens como resultado, a seu superior arrancado do cavalo e quase decapitado?

Seriamente despiram e crucificaram ao Reynaud Saint Aubyn? Lhe espetaram uma estaca e o queimaram vivo?

Às vezes, de noite, os sonhos e a realidade pareciam confundir-se de tal modo que já não distinguia o que era verdadeiro e o que era falso.

— Vale...

— Disse que eram os oficiais que sabia a rota — disse Jasper.

Horn olhou-o com paciência.

— E?

— Que deveríamos nos centrar neles.

— Estão todos mortos, salvo você e eu.

— Possivelmente se falarmos com seus parentes ou seus amigos... Pode ser que mencionassem algo em alguma carta.

Horn olhava-o com algo parecido à piedade.

— O sargento Coleman era quase analfabeto. Duvido que escrevesse a sua casa.

— O que me diz do Maddock, então?

Horn exalou um suspiro.

— Não sei. Era irmão de lorde Hasselthorpe, assim...

Jasper girou a cabeça bruscamente.

— O que?

— Lorde Hasselthorpe — disse Horn lentamente. — Não sabia?

— Não. — Jasper sacudiu a cabeça. Esteve convidado na casa dos Hasselthorpe o outono anterior, sem inteirar-se de que seu anfitrião era família do Maddock. — Preciso falar com ele.

— Não acredito que saiba algo — disse Horn. — Hasselthorpe também estava nas colônias, ou isso tenho entendido, mas pertencia a outro regimento.

— Mesmo assim. Preciso tentar falar com ele.

— Muito bem. — Tinham chegado ao final do caminho e à entrada do Hyde Park, e Horn deteve seu cavalo. Olhou preocupado ao Jasper. — Boa sorte, Vale. Avise-me se puder te ajudar

em algo.

Jasper assentiu com a cabeça e lhe estreitou a mão antes que se separassem. A égua se revolveu sob ele e mordeu seu freio enquanto via afastar-se o Horn. Jasper se encaminhou para sua casa, tentando dissipar as horrendas imagens impressas ainda em sua mente. Possivelmente Melisande estivesse acima, e pudesse sentar um momento a conversar com ela. Conversar com sua esposa se estava convertendo em um entretenimento surpreendentemente agradável.

Mas quando entrou na casa e perguntou ao Oaks, o mordomo lhe informou que sua esposa saíra. Jasper inclinou a cabeça e lhe deu seu tricórnio antes de subir as escadas até o piso de cima.

Que estranho. Melisande levava menos de uma semana vivendo ali e deixou sua estampagem na casa. Não redecorou as salas, nem trocou aos criados, mas mesmo assim fez sua a casa.

Notava-se em pequenas coisas: o aroma esquivo de seu perfume de néroli na saleta de estar; o fogo sempre aceso na lareira, o fio de seda amarelo que Jasper encontrou no tapete um daqueles dias.

Era quase como viver com um fantasma.

Ao chegar ao piso de cima, dirigiu-se a suas habitações, mas duvidou ao passar em frente à porta da Melisande. Tocou o trinco e, antes que lhe desse tempo de reconsiderar seu impulso, entrou em seu quarto.

O quarto estava tão ordenado que podia ter estado desabitado. As cortinas, naturalmente, lavaram-se poucos dias antes, à espera da nova viscondessa. O armário roupeiro, alto e de madeira escura, era o mesmo que usou sua mãe. Havia, além disso, uma penteadeira e uma cadeira, e várias poltronas em frente à lareira. Jasper pensou de repente que Melisande não levou nenhum móvel consigo ao mudar-se ali.

Aproximou-se do armário e, ao abri-lo, viu filas e filas de vestidos de cores apagadas. A cama estava perfeitamente feita. Não havia nela nem uma só almofada de renda, nem um saco de aroma que lhe desse um toque próprio.

Em cima da mesinha só havia uma vela; nem forquilhas, nem um livro para ler de noite. Jasper se aproximou da penteadeira. Sobre ele havia uma escova de ouro e madrepérola.

Passou os dedos por suas pontas, mas não encontrou nenhum cabelo. Melisande tinha um pires de porcelana para deixar as forquilhas e, junto a ele, uma bonita caixa de marfim. Dentro estavam suas joias: uns quantos alfinetes, uma fileira de pérolas e os pendentes de granada que ele lhe dera. Jasper fechou a caixa. Na penteadeira havia uma só gaveta. Ao abri-la, só encontrou cintas e renda, e algumas forquilhas.

Fechou-a suavemente e percorreu o quarto com o olhar. Melisande devia ter algo dele, alguma posse de especial valor para ela.

Se assim fosse, mantinha-a bem escondida. Aproximou-se da cômoda e abriu a gaveta de cima. Encontrou nele lençóis pulcramente dobrados. Ao tocá-los, sentiu um aroma de laranjas. A seguinte gaveta continha o mesmo, e a terceira também, mas sob os lençóis da gaveta de baixo encontrou algo por fim. Agachou-se para examiná-lo: uma velha caixa de rapé de lata, não maior

que seu polegar. Deu-lhe a volta sobre a palma da mão. De onde tirou aquilo? Certamente seu pai e seus irmãos, se tomassem rapé, teriam caixas muito mais elegantes.

Levantou a pequena tampa. Dentro havia um botão de prata, um minúsculo cão de porcelana e uma violeta imprensada. Ficou olhando o botão. Logo, agarrou-o. Devia ser dele, o monograma do V o proclamava, mas não recordava tê-lo perdido. Voltou a guardá-lo na caixa de lata. Ignorava o que significavam aquele botão e as demais coisas para a Melisande, por que as guardava, se eram importantes para ela ou se só as tinha ali por capricho. Melisande tinha razão: não a conhecia, não conhecia sua esposa.

Fechou a caixa de rapé e voltou a colocá-la sob os lençóis, na gaveta de baixo. Logo se ergueu e passeou o olhar pelo quarto. Ali não a encontraria. O único modo de conhecer a Melisande era estudá-la a ela.

Tomando uma decisão, inclinou a cabeça para si mesmo e saiu do dormitório.

Capítulo 06

Bem, aquilo era espantoso, mas o que podia fazer Jack, além de prosseguir seu caminho?
Depois de caminhar um dia mais, chegou a uma esplendorosa cidade.
Quando cruzou suas portas, as pessoas o olhavam e riam, e um grupo de meninos o seguiu, zombando de seu longo nariz e sua curva do queixo.
Jack jogou no chão sua mochila, pôs os braços em jarras e gritou:
— Acaso pensam que sou um fantoche?
E então ouviu atrás dele uma risada distinta, uma risada doce e suave. Ao dar a volta, viu a mulher mais formosa que jamais viu. Tinha o cabelo dourado e as faces rosadas.
A mulher se agachou e lhe disse:
— Acredito que é o homenzinho mais engraçado que vi. Quer ser meu bufão?
E assim foi como Jack se converteu em bufão da filha do rei...
Do Jack o Risonho

À manhã seguinte, como de costume, Melisande estava desfrutando de seus ovos passados por água e seus pães-doces na hora de sempre (as oito e meia) quando ocorreu algo inesperado. Seu marido entrou na saleta do café da manhã.

Melisande se deteve com a taça a meio caminho dos lábios e lançou uma rápida olhada ao relógio de porcelana do aparador. Não se equivocara de hora. O relógio marcava 8:32.

Bebeu um gole de seu chocolate e deixou a taça com cuidado no pires, alegrando-se de que não lhe tremessem as mãos em presença de seu marido.

— Bom dia, milord.

Lorde Vale sorriu, e as rugas de sua boca se afundaram de um modo que a Melisande

sempre pareceu extremamente encantador.

— Bom dia, minha queridíssima esposa.

Camundongo saiu de debaixo de suas saias e lorde Vale e eles se olharam um momento nos olhos. Logo, o cão pareceu dar-se por vencido e retornou a sua guarida.

Lorde Vale se aproximou do aparador e enrugou o cenho.

— Não há bacon.

— Sei. Eu não costumo comê-lo. — Melisande chamou com um gesto ao lacaio apostado junto à porta. — Que a cozinheira prepare bacon, ovos, um par de rins com manteiga, pão torrado e chá recém-feito para lorde Vale.

Ah, e se assegure de que ponha também um pouco dessa geleia tão rica.

O lacaio fez uma reverência e partiu.

Vale foi sentar se frente a ela.

— Estou encantado. Sabe o que eu gosto de comer pela manhã.

— É óbvio — afinal, levava anos observando-o. — Esse é um dos deveres de toda esposa.

— Deveres — murmurou ele, deixando-se cair em sua cadeira. Seus lábios se torceram um pouco, como se aquela palavra lhe desagradasse. — E os maridos também têm o dever de saber o que gostam de comer suas esposas?

Ela franziu o cenho, mas como acabava de meter um pouco de ovo na boca, não pôde responder.

Lorde Vale assentiu com a cabeça.

— Acredito que deve sê-lo, assim tomo nota. Ovos passados por água, pães-doces com manteiga e chocolate quente. Vejo que não toma nem geleia nem mel com os pães-doces.

Ela tragou.

— Não. A diferença de você, eu não gosto muito da geleia.

Ele se recostou mais ainda na cadeira. Seus olhos de cor turquesa tinham uma expressão preguiçosa.

— Admito que seja guloso. Geleia, mel e até xarope de melaço. Sou capaz de lamber qualquer coisa lubrificada com uma dessas três coisas.

— Seriamente? — Melisande sentiu um ardor no ventre ao ouvir suas perversas palavras.

— Sim, seriamente. Quer que te faça uma lista das possíveis coisas que poderia lubrificar com melaço? — perguntou ele com candura.

— Neste momento não, obrigada.

— Que lástima.

Melisande olhou-o. Estava emocionada porque se reuniu com ela, apesar de que parecia estar de um humor estranho. Observava-a de sua cadeira, com um sorriso brincando em torno dos lábios largos e sensuais.

— Tem alguma entrevista esta manhã?

— Não.

— Que eu saiba, nunca se levanta antes das onze.

— Certo, mas estamos casados menos de uma semana. Pode ser que habitualmente me levante antes das nove, ou inclusive às cinco, como um galo.

Melisande sentiu que começavam a lhe arder as faces.

— E é assim?

— Não.

— Então, por que se levantou tão cedo?

— Pode ser que tivesse vontades de comer geleia.

Melisande olhou por debaixo das sobrancelhas.

Lorde Vale a observava com expressão desconcertante.

— Ou pode ser que gostasse da companhia de minha encantadora esposa para tomar o café da manhã.

Os olhos dela aumentaram. Não sabia se devia sentir-se intrigada ou alarmada por aquele repentino interesse.

— Por que...?

Entraram duas donzelas levando o café da manhã de lorde Vale, e Melisande se interrompeu. Permaneceram os dois em silêncio enquanto as criadas colocavam os pratos e a olhavam procurando aprovação.

Melisande assentiu com a cabeça e as criadas partiram.

— Por que...?

Mas ele falou ao mesmo tempo. Calaram-se ambos, e lorde Vale lhe indicou que falasse ela. Melisande disse:

— Não, desculpe-me. Continue, por favor.

— Só desejo te perguntar que planos tem para hoje. — Melisande estirou o braço sobre a mesa e lhe serviu um pouco de chá.

— Confiava em poder fazer uma visita à senhorita Rockwell, minha tia avó.

Lorde Vale, que estava lubrificando com manteiga uma torrada, levantou os olhos.

— Por parte de mãe?

— Não. É a irmã da mãe de meu pai. É já muito idosa, e soube que caiu a semana passada.

— Que lástima. Irei contigo.

Ela piscou.

— O que?

Lorde Vale mordeu uma boa parte de torrada e o mastigou, levantando um dedo para lhe dizer que esperasse. Melisande olhava-o fixamente enquanto mastigava e bebia de um gole a metade do chá.

— Ai. Queima — resmungou ele. — Acredito que queimei a língua.

— Não diz a sério que quer me acompanhar a visitar minha tia — explodiu Melisande.

— Pois sim.

— A minha idosa tia, que...?

— Sempre tive muitíssima simpatia às senhoras idosas. É uma debilidade que tenho, para

que saiba.

— Mas morrerá de aborrecimento.

— Não, nada disso, enquanto esteja em sua companhia, minha doce esposa — respondeu lorde Vale com suavidade. — A não ser, claro, que não queira que te acompanhe.

Melisande olhou-o. Estava recostado na cadeira como um enorme gato, com expressão relaxada, comendo seu bacon. Seus olhos azuis esverdeados tinham, entretanto, uma faísca. Por que tinha ela a sensação de ter caído em uma armadilha? Que motivos podia ter lorde Vale para querer visitar sua tia avó, nada menos? E por que a ideia de jogar ao gato e ao camundongo com ele a fazia sentir-se tão bem?

Era uma idiota.

— Será um prazer que me acompanhe — murmurou: era a única resposta que podia dar a sua pergunta.

Lorde Vale sorriu.

— Estupendo. Iremos em meu faetonte — e começou a comer uma fatia de pão fresco.

Melisande entreabriu os olhos. Já não lhe cabia dúvida: seu marido estava tramando algo.

Poderia ter sido pior, pensou Jasper alegremente enquanto conduzia as rédeas de seu faetonte. Sua esposa poderia ter ido ver a... Mmm. A verdade era que lhe ocorriam poucas coisas piores que uma tia avó solteira.

Mas não importava. Essa manhã mandara ao Pynch averiguar se lorde Hasselthorpe estava na cidade e, se estivesse, onde poderia encontra-lo. Enquanto isso, não restava nada mais que fazer.

Fazia um bom dia, conduzia seu novo faetonte e sua encantadora esposa ia sentada a seu lado, sem possibilidade de escapar. Cedo ou tarde teria que lhe falar.

Jasper a olhou de soslaio. Ia sentada muito rígida no faetonte; tanto, que suas costas nem sequer tocava o respaldo bordéus do assento. Tinha uma expressão serena, mas se agarrava com força a um lado da carruagem.

Ao menos não levava mais essa expressão de dor que lhe viu duas noites antes. Afastou o olhar. Raramente se sentira tão inútil como essa noite, ao vê-la sofrer sem poder fazer nada a respeito.

Como confrontavam outros homens essa parte do matrimônio? Tinham algum remédio secreto para os achaques femininos de suas esposas, ou fingiam simplesmente que não acontecia nada?

Freou o faetonte quando um grupo de senhoras cruzou a rua diante deles.

— Esta manhã parece estar melhor.

Ela se enrijeceu ainda mais. Jasper compreendeu em seguida que metera a pata.

— Não sei a que se refere.

— Já sabe — lançou-lhe um olhar.

— Estou perfeitamente.

Uma parte perversa de seu ser não podia deixá-lo correr.

— Faz duas noites não o estava, e ontem só te vi de passagem.

Ela apertou os lábios. Jasper franziu o cenho.

— Sempre é assim? Sei que acontece todos os meses, mas sempre é tão doloroso? Quanto dura? — de repente lhe ocorreu uma ideia. — Acredita que será por que...?

— Santo céu — resmungou ela, logo, rapidamente e em voz tão baixa que Jasper teve que inclinar-se para ouvi-la, acrescentou: — Estou perfeitamente. Sim, acontece todos os meses, mas só dura uns dias e a... Dor está acostumada a passar depois de um ou dois dias.

— Seriamente?

— Sim.

— Quantos dias, exatamente?

Melisande lhe lançou um olhar de pura exasperação.

— Por que quer sabê-lo?

— Porque, minha doce esposa — repôs ele, — se souber quando cessa seu fluxo, saberei quando posso voltar a visitar suas habitações.

Ela ficou calada uns minutos e depois disse suavemente.

— Cinco, normalmente.

Jasper enrugou as sobrancelhas. Aquele era o terceiro dia. Se tudo ia "normalmente", talvez pudesse voltar a deitar-se com ela dentro de três noites. O certo era que o estava desejando.

A primeira vez nunca era agradável para uma dama... Ou isso entendera. Queria lhe demonstrar quão delicioso podia ser. De repente ansiava rachar essa máscara que sua esposa levava sempre posta, fazê-la jogar a cabeça para trás de puro prazer, que abrisse os olhos de par em par, que sua boca se voltasse suave e vulnerável.

Revolveu-se, incômodo, ao pensá-lo. Ainda teria que esperar uns dias.

— Obrigado por me dizer isso, embora seja má sorte. Acontece com todas as mulheres?

Ela voltou a cabeça para olhá-lo.

— O que?

Jasper encolheu os ombros.

— Já sabe. Todas têm tantos incômodos ao...?

— Não posso acreditá-lo — resmungou ela, para si mesma ou para os cavalos: não havia ninguém mais que pudesse ouvir. — Por que me faz essas perguntas?

— Agora é minha esposa. Estou seguro de que qualquer homem deseja conhecer essas coisas sobre sua esposa.

— Duvido-o muito — resmungou ela.

— Pois eu, ao menos, quero as saber — sentiu que seus lábios se curvavam. A sua podia ser uma conversa pouco ortodoxa, mas mesmo assim estava desfrutando.

— Por quê?

— Porque é minha esposa — respondeu, e de repente compreendeu que, no fundo de sua alma, estava dizendo a verdade. — Minha esposa para te abraçar, para te proteger e te defender. Se algo te faz sofrer, quero... Não, preciso sabê-lo.

— Mas a respeito disso não há nada que possa fazer.

Jasper encolheu os ombros.

— Mesmo assim, preciso sabê-lo. Nunca me oculte esse sofrimento, nem nenhum outro.

— Acredito que nunca entenderei aos homens — disse ela em voz baixa.

— Somos um pouco estranhos, é certo — respondeu ele alegremente. — São muito generosas por nos suportar.

Ela fez girar os olhos e se inclinou para diante, pondo sem perceber uma mão sobre seu braço.

— Vire aqui, na esquina. A casa de minha tia está nesta rua.

— Como deseja, minha senhora esposa — conduziu aos cavalos por onde lhe indicava, consciente de que ela seguia lhe tocando o braço.

Um momento depois, Melisande afastou a mão e Jasper desejou que voltasse a tocá-lo.

— É aqui — disse ela, e Jasper deteve os cavalos diante de uma casa modesta.

Atou as rédeas e saltou do faetonte. Apesar de se apressar, quando rodeou a carruagem Melisande já havia se levantado e se dispunha a descer sozinha do assento.

Jasper a agarrou pela cintura e a olhou aos olhos.

— Me permita.

Não o disse em tom de pergunta, mas ela inclinou a cabeça de todos os modos. Era uma mulher alta, mas esbelta. Ele quase podia rodear por completo sua cintura com as mãos.

Levantou-a sem esforço algum e sentiu que uma espécie de estremecimento percorria seu corpo. Erguida acima de sua cabeça, Melisande estava indefesa, a sua mercê.

Olhou-o e arqueou uma sobrancelha com recriminação, apesar de que Jasper a sentia tremer sob suas mãos.

— Importar-lhe-ia me deixar no chão?

Jasper sorriu.

— É óbvio.

A desceu lentamente, desfrutando naquela sensação de controle. Sabia que, tratando-se dela, não a experimentaria todos os dias. Assim que seus pés tocaram o chão, Melisande se separou dele e sacudiu as saias.

Olhou-o com censura por sob as sobrancelhas.

— Minha tia é bastante dura de ouvido, e não gosta muito dos homens.

— Ah, que bem. — Jasper lhe ofereceu o braço. — Isto vai ser interessante.

— Hmm — pôs os dedos sobre sua manga e Jasper sentiu de novo aquele estremecimento. Talvez tivesse tomado muito chá no café da manhã.

Subiram os degraus, e ele deixou cair o batente de bronze deslustrado contra a porta. Depois, esperaram um bom momento. Então olhou a sua esposa.

— Há dito que era surda, mas o são também seus criados? — ela franziu os lábios, o qual sortiu o efeito contrário ao que pretendia: Jasper desejou beijá-la.

— Não são surdos, mas são bastante velhos e...

A porta se abriu de uma fresta e um olho remelento os olhou através dela.

— Sim?

— Lorde e lady Vale para visitar à senhorita... — Jasper se voltou para a Melisande e sussurrou: — Como há dito que se chama?

— Senhorita Rockwell — sacudiu a cabeça e se dirigiu ao ancião mordomo. — Viemos ver a minha tia.

— Ah, senhorita Fleming — disse o velho com voz sibilante. — Passe, passe.

— É lady Vale — disse Jasper elevando a voz.

— Né? — o mordomo colocou uma mão por trás da orelha.

— Lady Vale — bramou Jasper. — Minha esposa.

— Sim, senhor, claro, senhor — voltou-se e pôs-se a andar pelo corredor.

— Acredito que não me entendeu — disse Jasper.

— Ai, Senhor. — Melisande puxou-o pela manga, e entraram na casa.

Sua tia devia sentir aversão pelas velas, ou possivelmente via na escuridão, porque o corredor estava quase completamente às escuras. Jasper esgotou os olhos.

— Por onde foi?

— Por aqui. — Melisande pôs-se a andar com energia, como se soubesse exatamente aonde ia.

E assim era, em efeito, porque depois de uma série de curvas e subir um lance de escadas, encontraram-se com uma porta e uma habitação com luz.

— Quem é? — perguntou uma voz lamentosa por trás da porta.

— A senhorita Fleming e um cavalheiro, senhora — respondeu o velho mordomo.

— Lady Vale — gritou Jasper ao entrar na habitação.

— O que? — uma idosa muito miúda estava sentada, muito reta, em um divã, rodeada de renda branca, laços e cintas. Levou uma longa corneta de latão à orelha e se virou para eles. — O que?

Jasper se inclinou e disse dirigindo-se para a corneta:

— Agora é lady Vale.

— Quem? — a senhorita Rockwell baixou a corneta, exasperada. — Melisande, querida, me alegro muito de verte, mas quem é este senhor? Diz que é lady Vale. Mas isso não pode ser.

Jasper sentiu que um tremor atravessava a esbelta figura da Melisande. Logo, sua esposa voltou a ficar imóvel. Ele sentiu o violento impulso de beijá-la, mas o refreou fazendo um esforço.

— É meu marido, lorde Vale — disse Melisande.

— Seriamente? — a senhora não pareceu especialmente agradada pela notícia. — Bom, e por que o trouxeste aqui?

— Queria conhecê-la — respondeu Jasper, cansado de que se falasse dele como se não estivesse presente.

— O que?

— Ouvi dizer que serve uns bolos estupendos — vociferou Jasper.

— Que descaramento! — a senhora jogou a cabeça para trás, e as cintas de sua touca tremeram. — Quem lhe há dito isso?

— OH, dize-o todo mundo — respondeu Jasper. Sentou-se em um sofá e puxou sua esposa para que se sentasse a seu lado. — Não é certo?

A idosa franziu os lábios de uma maneira que recordou muito a Melisande.

— Minha cozinheira faz uns bolos excelentes, sim.

Fez um gesto com a cabeça ao mordomo, que pareceu um pouco surpreso de que o fizesse sair da habitação.

— Estupendo! — Jasper apoiou um tornozelo sobre o joelho contrário. — Bom, confio em que possa me contar as travessuras que fazia minha esposa quando era menina.

— Lorde Vale! — exclamou Melisande.

Jasper a olhou. Tinha as faces rosadas e os olhos totalmente abertos, cheios de irritação. Estava encantadora, de fato. Jasper inclinou a cabeça para ela.

— Jasper.

Ela franziu os lábios.

Ele olhou sua boca e levantou os olhos para cravá-los nos seus.

— Jasper.

Melisande abriu a boca, vulnerável e um pouco trêmula, e deu graças a Deus por que as abas de sua casaca lhe cobrissem a virilha.

— Jasper — murmurou ela.

E, nesse momento, ele compreendeu que estava perdido. Perdido e cego, e sumindo-se em um abismo pela terceira vez sem esperança alguma de salvação, e não lhe importava um nada. Daria qualquer coisa por desentranhar o mistério daquela mulher. Queria desvendar seus segredos mais íntimos e despir sua alma. E quando conhecesse seus segredos, quando soubesse o que escondia em seu coração, defendê-lo-ia com sua vida.

Melisande era dele, para protegê-la e apoiá-la.

Eram bem passadas as doze quando Melisande ouviu chegar a Vale essa noite. Estava adormecida em seu quarto, mas as vozes amortecidas do corredor despertaram-na totalmente. A final de contas, estava esperando sua volta. Ergueu-se, nervosa, e Camundongo apareceu o negro focinho por debaixo das mantas. Bocejou e curvou a língua rosada.

Melisande lhe tocou o nariz.

— Fique aí.

Levantou-se e agarrou o robe que deixou em uma cadeira, junto à cama. Era de cor violeta escura, quase com a forma de um robe de homem, sem babados nem cintas. Melisande a pôs em cima da fina camisola de linho e estremeceu ao sentir seu tato sensual. Era de pesado cetim, recamado com fio carmesim. Ao mover-se, o tecido trocava sutilmente de cor, passando do violeta ao púrpuro, e ao reverso.

Aproximou-se da penteadeira e colocou perfume no pescoço, e tremeu ao sentir o frio líquido se deslizar entre seus seios. Um aroma de laranjas amargas se elevou no ar.

Assim provida, aproximou-se da porta que comunicava as duas habitações e a abriu. Mais à frente estavam os aposentos de Vale, em cujos domínios não se aventurou nunca antes. Olhou a seu redor com curiosidade.

A primeira coisa que viu foi uma enorme cama de madeira negra, coberta com lençóis de um vermelho tão escuro que quase parecia negro.

A segunda coisa que viu foi que o senhor Pynch, o ajudante de câmara de seu marido, estendera o robe sobre a cama e esperava, enorme e imóvel, no meio do quarto.

Melisande nunca falara com o Pynch. Levantou o queixo e olhou aos olhos.

— Isso é tudo.

O ajudante de câmara não se moveu.

— O senhor necessitará que o dispa.

— Não — repôs ela suavemente. — Não será necessário.

Os olhos do criado brilharam com algo que podia ser bom humor. Inclinou a cabeça e saiu da habitação sem fazer ruído.

Melisande sentiu que o nó que tinha entre as omoplatas se afrouxava. Superou o primeiro obstáculo. Possivelmente Vale a surpreendeu essa manhã, mas essa noite ela planejava inverter a situação.

Percorreu o quarto com o olhar, notando-se no fogo que brilhava na lareira e na abundância de velas acesas. A estadia estava tão iluminada que quase parecia de dia. Levantou as sobrancelhas um pouco, pensando no gasto, e avançou pelo quarto apagando algumas velas, até que o quarto ficou iluminado por um suave resplendor. O aroma de cera e a fumaça impregnou o ar. Mas sob ele havia outro aroma mais excitante.

Melisande fechou os olhos e respirou fundo. Vale. Não sabia se era ou não imaginação dela, mas o aroma de seu marido estava naquele quarto: um aroma a sândalo e limão, a fumaça e a conhaque.

Estava tentando acalmar seus nervos quando a porta se abriu. Entrou Vale, tirando o casaco.

— Mandaste que subam água quente? — perguntou ao arrojar o casaco sobre uma cadeira.

— Sim.

Vale se virou ao ouvir sua voz, com cara estranhamente inexpressiva e os olhos entreabertos. Se não fosse uma mulher muito, muito valente, Melisande teria se afastado dele.

Era tão grande e estava tão quieto e tão sério, olhando-a fixamente...

Logo, entretanto, sorriu.

— Minha senhora esposa. Me perdoe, mas não esperava verte aqui.

Ela assentiu sem dizer nada: não confiava em sua voz. Um estranho estremecimento se apoderou dela, e compreendeu que devia dominar-se, se não quisesse trair suas emoções. Vale se aproximou do vestidor e olhou dentro.

— Está Pynch aqui?

— Não.

Ele assentiu com a cabeça e fechou a porta do vestidor.

Sprat entrou pela porta aberta, levando um grande jarro de água quente. Seguia-o uma criada carregada com uma bandeja de prata, com pão, queijo e fruta.

Os criados deixaram sua carga e Sprat olhou a Melisande.

— Senhora?

Ela inclinou a cabeça.

— Isso é tudo.

Saíram rapidamente da habitação, e se fez o silêncio. Vale olhou a bandeja com comida e logo olhou a ela.

— Como sabia?

Foi muito fácil averiguar pelos criados que seu marido costumava fazer um ligeiro lanche quando voltava de noite. Encolheu os ombros e se aproximou dele.

— Não é minha intenção alterar seus planos.

Ele piscou.

— Isso... Né...

Pareceu esquecer o que ia dizer, possivelmente porque ela começara a lhe desabotoar o colete. Melisande se concentrou nos botões de metal e nas casas, consciente de que, com sua proximidade, lhe acelerou a respiração.

Estando tão perto sentia seu calor através das camadas de roupa. Mas uma ideia espantosa se interpôs em seu caminho: quantas mulheres mais tiveram o privilégio de despi-lo?

Levantou o olhar e se encontrou com seus olhos de cor turquesa.

— Sim?

Ele clareou a garganta.

— É... Muito amável de sua parte.

— Sim? — levantou as sobrancelhas e voltou a fixar o olhar nos botões.

Esteve com outra mulher essa noite? era um homem fogoso, isso todo mundo sabia, e ela era incapaz de satisfazer suas necessidades, no momento. Bastaria isso para lhe fazer buscar satisfação em outra parte?

Melisande desabotoou o último botão e levantou os olhos.

— Por favor.

Vale levantou os braços para que lhe tirasse o objeto dos ombros. Melisande sentiu a intensidade de seu olhar enquanto lhe desatava o lenço. O fôlego de Vale agitava seu cabelo, e ela sentiu um cheiro de vinho.

Ignorava aonde ia seu marido pelas tardes. Certamente saía a fazer coisas próprias de cavalheiros: jogar às cartas, beber, e talvez deitar-se com alguma mulher.

Enredaram-lhe os dedos ao pensar, e por fim identificou a emoção que alagava seu cérebro: era ciúmes. Aquilo a pegou completamente despreparada. Sabia já antes de casar-se como era Vale. Sabia o que era.

Convenceu-se de que se conformaria com o pouco dele que compartilhasse com ela. Às outras mulheres, quando as houvesse, ignorá-las-ia, assim simples.

Agora, entretanto, descobria que era impossível as ignorar. Queria a Vale só para ela.

Afastou o lenço e começou a lhe desabotoar a camisa. O calor de sua pele transpassava o fino tecido e envolvia seus dedos. Seu aroma era ardente e masculino. Melisande o aspirou, farejando discretamente.

Cheirava a sabão de sândalo e limão.

Por cima dela, trovejou a voz de Vale.

— Não tem por que...

— Sei.

Uma vez que desabotoou o último botão, Vale se inclinou e lhe passou a camisa pelos ombros e a cabeça. Ele se ergueu e Melisande se esqueceu de respirar por um instante. Era muito alto (apesar de que ela também o era, só lhe chegava ao queixo), e seu peito e seus ombros estavam em proporção com sua estatura. Eram largos e quase ossudos. Com a camisa posta podia parecer quase esquelético.

Sem ela, era impossível cometer esse engano. Seus braços e seus ombros estavam percorridos por compridos e fortes músculos.

Melisande sabia que montava a cavalo quase diariamente, e se alegrava disso, se esse era o resultado. Tinha na parte superior do peito um ligeiro pelo de cor clara que se interrompia no abdômen e começava de novo no baixo ventre.

Aquela fina linha de pelo que conduzia a seu umbigo era a coisa mais sensual que ela jamais viu. Sentiu uma necessidade ansiosa de tocá-la, de passar os dedos por aquela zona até que desaparecessem sob suas calças.

Afastou os olhos e olhou para cima. Vale a estava observando, com as faces afundadas e sulcadas por algumas rugas.

Seu rosto parecia frequentemente quase cômica, mas naquele momento não havia nela nem um indício de bom humor. Seus lábios tinham uma expressão cruel.

Melisande respirou fundo e assinalou a cadeira que havia atrás dele.

— Sente-se, por favor.

Ele levantou as sobrancelhas, e olhou a jarra de água quente e a ela enquanto se sentava.

— Também vais se fazer de barbeiro? — ela molhou um pano na água quente.

— Confia em mim?

Vale a olhou fixamente e Melisande teve que fazer um esforço por dominar a tensão de seus lábios ao colocar o pano sobre sua mandíbula. Averiguou por Sprat que a seu marido gostava de banhar-se e barbear-se pelas noites. Era possivelmente muito cedo para lhe ajudar a banhar-se, mas podia barbeá-lo. Quando seu pai estava acamado, ao final de sua vida, ela era a única pessoa a que deixava aproximar-se com a navalha. Coisa estranha, tendo em conta que nunca foi especialmente carinhoso com ela.

Aproximou-se da cômoda sobre a qual Pynch deixara os objetos de barbear e agarrou a lâmina. Provou o fio com o polegar.

— Esta tarde parecia muito entretido com as anedotas que minha tia te contou sobre mim.

Olhou-o enquanto se voltava para ele, sustentando tranquilamente a lâmina entre os dedos. Os olhos de Vale brilhavam, divertidos, por cima do pano branco.

Tirou o pano da cara e o jogou na mesa.

— Eu gostei especialmente da história de como te cortou o cabelo aos quatro anos.

— Sim? — deixou a lâmina em cima da mesa e agarrou um pano. Afundou-o em uma terrina de sabão suave e começou a esfregar com ele o rosto para fazer espuma. O aroma de sândalo e limão encheu o quarto.

— Mmm. — Vale fechou os olhos e jogou a cabeça para trás, como um grande gato ao qual estivessem acariciando. — E essa outra da tinta.

Melisande se pintara com tinta os braços, e durante um mês parecia que usava tatuagens.

— Alegra-me muito te ter servido de diversão — disse com doçura.

Um olho azul brilhante se abriu e a olhou com receio. Ela sorriu e apoiou a lâmina sobre seu pescoço. Levantou os olhos para olhar os seus.

— Frequentemente me pergunto onde vai pelas tardes.

Ele abriu os lábios.

— Eu...

Melisande tocou seus lábios com um dedo e notou seu fôlego na pele.

— Ah, ah. Não quererá que te corte, não?

Vale fechou a boca e entreabriu os olhos.

Melisande fez uma primeira passada com a lâmina, cuidadosamente. Seu som áspero se ouviu em toda a habitação. Tirou a espuma da folha com um movimento ágil e voltou a passar a lâmina.

— Pergunto-me se vê outras mulheres quando sai.

Ele fez ameaça de responder, mas lhe jogou suavemente a cabeça para trás e passou a lâmina por sua mandíbula. Melisande o viu tragar saliva: seu nó subiu e desceu por seu forte pescoço, mas seu olhar não desvendava nenhum medo. Ao contrário.

— Não vou a nenhum sitio em especial — respondeu tranquilamente enquanto ela limpava a folha. — Bailes, veladas, acontecimentos diversos. A verdade é que poderia me acompanhar, sabe?

Se não recorda mal, ofereci-me a te acompanhar ao baile de máscaras de lady Graham, amanhã de noite.

— Hmm.

Sua resposta aliviou ligeiramente os ciúmes ardentes que notava no peito. Concentrou-se em seu queixo. Tinha tantas curvas... Melisande detestava os acontecimentos sociais nos quais a conversa sem importância era obrigado: sorrir, flertar e ter sempre uma resposta engenhosa na ponta da língua. Essas frivolidades nunca foram seu forte, e se resignou a não ir jamais.

Quando Vale lhe mencionou o baile, nem sequer o pensou duas vezes antes de pôr uma desculpa para não assistir.

— Poderia vir comigo pelas noites — murmurou ele. — Assistir a alguns acontecimentos

sociais.

Ela olhou as mãos.

— Ou poderia ficar aqui, em casa, comigo.

— Não — a comissura de sua boca se curvou em um sorriso triste e zombador. — Temo que sou muito caprichoso para que me divirtam durante muito tempo as veladas passadas ao calor da lareira. Eu necessito gente, conversas e gargalhadas.

Tudo o que ela odiava, de fato. Melisande afundou a lâmina na água quente.

Vale pigarreou.

— Mas não vejo outras mulheres quando saio pelas noites, minha doce esposa.

— Não? — olhou-o nos olhos ao passar delicadamente a lâmina por sua face.

— Não. — Vale lhe sustentou o olhar. O seu era forte e firme.

Melisande tragou saliva e levantou a lâmina de barbear. Vale tinha agora as faces perfeitamente lisas. Só restava uma fina linha de sabão junto à comissura de sua boca. Melisande a tirou delicadamente com o polegar.

— Me alegro — disse com voz rouca. Inclinou-se, e seus lábios ficaram suspensos sobre a larga boca de Vale. — Boa noite.

Beijou seus lábios como em um sussurro, sentiu-o levantar os braços para agarrá-la, mas já havia se afastado.

Capítulo 07

A princesa daquela cidade maravilhosa se chamava Surcease, e embora fosse inconcebivelmente bela, com os olhos radiantes como estrelas e a pele lisa como a seda, era também uma mulher altiva e não encontrara ainda nenhum homem com o qual consentisse em se casar. Uns eram muito velhos; outros, muito jovens. Alguns falavam aos gritos, e uns poucos mastigavam com a boca aberta.

Ao se aproximar a data de seu vigésimo primeiro aniversário, o rei, seu pai, perdeu a paciência e proclamou que se celebrariam vários torneios em honra do natalício da princesa e que o vencedor ganharia a mão de sua filha em matrimônio...

Do Jack o Risonho

Depois da cena da noite anterior, Melisande sofreu uma desilusão quando, no dia seguinte, encontrou-se sozinha à hora do café da manhã.

Vale já havia partido pretextando um vago assunto de negócios, e ela se resignou a ocupar-se de suas tarefas e a não voltar a vê-lo até o anoitecer.

E isso fez. Conferenciou com a governanta e a cozinheira, tomou um almoço ligeiro, saiu um momento para compras e chegou logo à festa que sua sogra dava no jardim de sua residência.

Onde a condessa viúva deu suporte a suas ilusões.

— Acredito que meu filho jamais assistiu a uma das festas que dou pelas tardes — lhe disse sua sogra. — Não tenho mais remédio que pensar que é sua influencia a que o arrastou até aqui. Sabia que assistiria esta tarde?

Melisande negou com a cabeça. Ainda tentava assimilar o fato de que seu marido tivesse ido a uma aborrecida festa em um jardim. Aquela não podia ser uma de suas paradas habituais, e essa ideia a deixou sem respiração, embora procurasse aparentar calma.

Sua sogra e ela estavam sentadas no amplo jardim da viúva, que a aquelas alturas do verão estava em todo seu esplendor. A idosa lady Vale fez distribuir veladores e mesinhas pelo chão de ladrilhos do terraço para que seus convidados pudessem desfrutar do dia estival. Os convidados (a maioria deles sessentões, no mínimo) estavam sentados ou passeavam em pequenos grupos.

Vale estava de pé do outro lado do terraço, com outros três cavalheiros. Melisande lhe viu jogar a cabeça para trás e rir de algo dito por um de seus acompanhantes. Sua garganta era forte e tensa, e ao vê-lo algo pareceu contrair-se no coração da Melisande. Jamais, nem que vivesse mil anos, cansar-se-ia de vê-lo rir com tanta desinibição.

Apressou-se a desviar o olhar para que não a surpreendesse olhando-o com olhos de cordeiro.

— Seu jardim é precioso, milady.

— Obrigada — respondeu sua sogra. — Só pode sê-lo, tendo em conta que dou emprego a um autêntico batalhão de jardineiros.

Melisande dissimulou seu sorriso por trás da taça de chá. Já antes de suas bodas descobriu que lhe agradava enormemente a mãe de Vale. A condessa viúva era uma dama miúda.

Seu filho parecia um gigante quando ficava a seu lado. Mas, apesar disso, lady Vale não parecia ter problemas para pôr em seu lugar a Vale ou a qualquer outro cavalheiro com um simples olhar.

Usava o cabelo suavemente cinza recolhido em um coque singelo no alto da cabeça. Tinha um rosto arredondado e feminino que em nada se assemelhava a de seu filho até que alguém encontrava com seus olhos, de um faiscante azul turquesa.

Foi uma beldade em sua juventude e possuía ainda o aprumo de uma mulher muito bela.

Lady Vale olhou os bolos rosas e brancos colocados em um impecável prato, sobre a mesa entre elas. Inclinou-se um pouco para diante e Melisande pensou que ia agarrar um doce, mas no último instante a idosa desviou o olhar.

— Me alegro muitíssimo que Jasper decidisse casar-se contigo e não com a senhorita Templeton — lhe disse lady Vale. — Essa moça era muito bonita, mas extremamente caprichosa.

Não tinha caráter para colocar a meu filho no lugar. Jasper se teria cansado dela em menos de um mês. — A condessa viúva baixou a voz em atitude confidencial. — Acredito que estava apaixonado por seus seios.

Melisande reprimiu o impulso de olhar seus seios pequenos.

Lady Vale lhe deu uns tapinhas na mão e disse misteriosamente:

— Não se preocupe. O peito nunca dura. A conversa inteligente, sim, embora a maioria dos cavalheiros não parecem perceber.

Melisande piscou, tentando dar com uma resposta. Embora talvez não fosse necessário nenhuma.

Lady Vale fez ameaça de agarrar um pastel e logo pareceu mudar de ideia outra vez e pegou sua taça de chá.

— Sabia que o pai da senhorita Templeton lhe deu permissão para se casar com esse vigário?

Melisande negou com a cabeça.

— Não ouvira nada.

A condessa viúva deixou sua taça sem beber dela.

— Pobre homem. Essa mulher será sua ruína.

— Seguro que não. — Melisande se distraiu ao ver que Vale se separava do grupo de cavalheiros e se dirigia para elas.

— Te lembre do que te digo: será sua ruína — a condessa alargou de repente uma mão e agarrou um pastel rosa do prato. Depositou-o sobre seu prato e ficou olhando-o um momento antes de cravar os olhos nela.

— Meu filho necessita carinho, mas não brandura. Não foi o mesmo desde que retornou das colônias.

Melisande só dispôs de um momento para assimilar aquela informação antes que chegasse Vale.

— Boa tarde, minha senhora mãe e minha senhora esposa — inclinou-se com uma reverência e perguntou a sua mãe: — Posso te roubar a minha esposa para dar um passeio por seu formoso jardim? Queria lhe mostrar os lírios.

— Não vejo por que: os lírios já deixaram de dar flor — respondeu sua mãe com mordacidade, depois inclinou a cabeça. — Mas vão. Acredito que vou perguntar a lorde Kensington o que sabe do escândalo que a rainha fez no palácio.

— É a amabilidade personificada, mãe. — Vale ofereceu o braço a Melisande.

Ela se levantou enquanto sua sogra resmungava atrás deles:

— Ah, vão de passeio!

Melisande curvou os lábios quando Vale a conduziu para uma trilha de cascalho.

— Sua mãe pensa que te salvei de um terrível destino ao lado da senhorita Templeton.

— Inclino-me ante o prodigioso bom senso de minha mãe — disse Vale alegremente. — Não me explico o que vi na senhorita Templeton.

— Sua mãe diz que talvez fossem seus seios.

— Ah — apesar de que mantinha os olhos fixos na trilha, Melisande notou que a olhava. — Temo que os homens são patéticas criaturas feitas de barro, fáceis de distrair e de se separar do correto caminho.

Pode, em efeito, ser que uns seios exuberantes nublassem minha inteligência inata.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Humm — Melisande se lembrou da enxurrada de mulheres às que teve por amantes. Todas elas tinham peitos exuberantes?

Vale se inclinou para ela. Seu fôlego lhe roçou o ouvido, fazendo-a tremer.

— Não seria o primeiro em confundir quantidade por qualidade e escolher um bolo grande e enjoativo, quando em realidade um pastel delicioso é mais de meu gosto.

Melisande inclinou a cabeça para olhá-lo. Os olhos de Vale brilhavam e um sorriso dançava em seus lábios brincalhões. Custou-lhe manter uma expressão severa.

— Acaba de me comparar com um pastel?

— Com um pastel delicado e delicioso — lhe recordou ele. — Deveria toma-lo como um elogio.

Ela voltou o rosto para dissimular seu sorriso.

— Pensarei nisso.

Passaram uma esquina e de repente Vale a fez deter-se diante de um maciço de flores.

— Olha. Os lírios de minha mãe, que já não estão em flor.

Ela olhou as folhas alongadas da planta.

— Isso é uma peônia... — assinalou uns andares com folhas em forma de espada, — esses são os lírios.

— Seriamente? Está segura? Como sabe, se não estão em flor?

— Pela forma das folhas.

— É assombroso. Quase parece adivinha — olhou primeiro a peônia e logo os lírios. — Sem as flores não parecem grande coisa, verdade?

— Sua mãe há dito que não estavam em flor.

— Certo — murmurou ele, e seguiu caminhando por outra trilha. — E que outros talentos me oculta? Canta como uma cotovia? Sempre quis me casar com uma moça que soubesse cantar.

— Então deveria ter me perguntado isso antes das bodas — respondeu ela sarcasticamente. — Só canto normalmente.

— Uma desilusão que terei que suportar com resignação.

Ela o olhou e se perguntou o que estava tramando. Vale a buscava quase como se estivesse cortejando-a. A ideia era desconcertante. Para que cortejar à própria esposa? Talvez ela estivesse vendo mais do que existia, e essa possibilidade a assustava. Se se fizesse ilusões, se se permitisse acreditar que Vale a desejava, seria muito mais doloroso quando ele voltasse a afastar-se.

— Possivelmente saiba dançar — estava dizendo ele. — Sabe dançar?

— Naturalmente.

— Isso me tranquiliza. O que me diz do pianoforte? Sabe tocar?

— Não muito bem, temo.

— Meu sonho de desfrutar de veladas musicais junto à lareira, foi por terra. Vi-te bordar e isso o faz bastante bem. Sabe desenhar?

— Um pouco.

— E pintar?

— Sim.

Tinham chegado a um banco em uma curva do caminho, e Vale tirou cuidadosamente o pó do assento com um lenço que tirou do bolso antes de lhe indicar que se sentasse.

Melisande se sentou devagar ao mesmo tempo que ficava em guarda. Uma pérgola com uma roseira resguardava o banco, e lhe viu cortar uma flor.

— Ai. — Vale se cravou com um espinho e meteu o polegar na boca.

Melisande afastou o olhar para não ver seus lábios em torno de seu dedo e tragou saliva.

— Está bem empregado, por maltratar as rosas de sua mãe.

— Vale a pena fazê-lo — respondeu ele, muito perto. Tinha apoiado uma mão no assento e se inclinava para ela, que notou seu aroma de sândalo. — A espetada dos espinhos só faz que conseguir a rosa seja muito mais gratificante.

Quando Melisande se voltou, a cara de Vale estava só a uns centímetros da sua e seus olhos tinham uma estranha cor tropical que na Inglaterra nunca se dava em estado natural. Pareceu-lhe ver neles um fundo de tristeza.

— Por que faz isto?

— O que? — perguntou distraidamente. Roçou com a rosa sua face e a suavidade das pétalas a fez estremecer.

Melisande agarrou sua mão, dura e cálida sob seus dedos.

— Isto. Comportar-te como se me estivesse cortejando.

— Faço isso? — estava muito quieto. Seus lábios, a uns centímetros dos dela.

— Já sou sua esposa. Não é necessário que me corteje — sussurrou Melisande, sem poder evitar que sua voz soasse a súplica.

Vale moveu a mão facilmente, apesar de que os dedos da Melisande seguiam rodeando os seus. A rosa roçou seus lábios entreabertos.

— Bom, eu acredito que é muitíssimo necessário — disse.

Sua boca era exatamente do mesmo tom que a rosa.

Jasper viu como as pétalas roçavam seus lábios. Tão suaves, tão doces... Queria sentir essa boca de novo sob a sua. Queria abri-la e invadi-la, queria fazê-la sua. Cinco dias, disse ela. Assim, ainda restava um.

Teria que exercitar a paciência.

Suas faces se ruborizaram delicadamente e seus olhos se abriam de par em par sobre a rosa, mas enquanto Jasper a observava pareceram desfocar-se, e suas pálpebras começaram a baixar.

Era tão sensível, tão suscetível ao menor estímulo... Que se perguntou se poderia fazê-la gozar só beijando-a. Aquela ideia acelerou sua respiração. O acontecido da noite anterior foi uma revelação.

Que uma sedutora criatura invadisse seu quarto e tomasse o comando era o sonho erótico de qualquer homem. Onde aprendeu Melisande manhas tão sensuais? Era como o mercúrio: exótica e misteriosa, e escapava dele quando tentava alcançá-la.

E, entretanto, não se fixara nela até aquele dia na vicária. Era um néscio cego e louco, e dava

graças a Deus por isso. Porque, se ele era um néscio, também o eram outros homens que passavam junto a ela em inumeráveis bailes e festas, sem se deter em olhá-la. Nenhum reparou nela, e agora era dele.

Somente sua, e em sua cama.

Teve que fazer um esforço para que seu sorriso não se tornasse lupino. Quem teria pensado que perseguir à própria esposa fosse tão excitante?

— Tenho todo o direito a te seduzir e te cortejar. Afinal, não tivemos tempo antes de nos casar. Por que não fazê-lo agora?

— E para que incomodar-se? — perguntou. Sua voz soava aturdida.

— E por que não? — voltou a acariciar sua boca com a rosa e viu como a flor baixava seu lábio inferior, deixando a descoberto sua úmida carne. Excitou-se ao ver aquela imagem.

— Acaso não deve um marido conhecer sua esposa, adorá-la e possuí-la?

Melisande piscou ao ouvir a última.

— Possui-me?

— Legalmente, sim — respondeu ele com suavidade. — Mas não sei se sou dono de seu espírito. Você o que acredita?

— Acredito que não. — Jasper retirou a flor para lhe deixar falar, e a língua da Melisande tocou seu lábio inferior, ali onde esteve a rosa. — Não sei se alguma vez o será.

Seu olhar franco era um desafio. Jasper assentiu em silêncio.

— Pode ser que não, mas isso não vai impedir que o tente.

Ela enrugou o cenho.

— Eu não...

Jasper lhe pôs o polegar sobre a boca.

— E que outros talentos te cala, minha bela esposa? Que segredos me oculta?

— Eu não tenho segredos — seus lábios roçaram seu polegar como um beijo enquanto falava. — Se isso é o que buscas, não encontrará nenhum.

— Mentes — disse ele. — E me pergunto por que. — Melisande baixou as pálpebras, velando seu olhar. Jasper sentiu o úmido calor de sua boca no dedo. Conteve o fôlego.

— Encontraram-na, completamente formada, em algum lugar muito antigo? A imagino como uma fada, estranha e selvagem, e absolutamente irresistível para um homem mortal.

— Meu pai era um inglês comum. Teria zombado dessa ideia das fadas.

— E sua mãe?

— Era prussiana e ainda mais pragmática que ele — suspirou suavemente, e seu fôlego roçou a pele do Jasper. — Não sou uma donzela romântica. Só sou uma inglesa entre muitas.

Jasper o duvidava muito.

Afastou a mão e, de passagem, acariciou sua face.

— Cresceu em Londres ou no campo?

— No campo principalmente, embora vínhamos de visita a Londres ao menos uma vez ao ano.

— E tinha companheiras de jogos? Doces meninas com as que cochichar e rir baixinho?

— Emeline — seus olhos se cravaram nos dele, e havia neles debilidade.

Emeline vivia agora nas colônias americanas.

— Sente falta dela?

— Sim.

Jasper levantou a rosa para acariciar distraidamente seu pescoço nu enquanto tentava lembrar-se dos detalhes da infância de Emeline.

— Mas não a conheceu até quase deixar o colégio, não? As terras de minha família confinam com as dela, e conheço ela e a seu irmão Reynaud quase desde o berço. Lembrar-me-ia de ti, se tivesse estado com ela naquela época.

— Sim? — seus olhos brilharam, zangados, mas antes que ele pudesse explicar-se acrescentou: — Conheci a Emeline quando fui visitar uma amiga minha que vivia nessa zona. Tinha quatorze ou quinze anos.

— E antes disso? Com quem brincava? Com seus irmãos? — viu que a rosa roçava sua clavícula e seguia deslizando mais abaixo.

Melisande encolheu os ombros. A rosa devia lhe fazer cócegas, mas ela não a afastava.

— Meus irmãos são mais velhos do que eu. Estavam já no internato quando eu ainda ocupava o quarto das crianças.

— Então estava sozinha — sustentou-lhe o olhar enquanto a rosa se afundava entre a curva superior de seus seios. Melisande mordeu o lábio.

— Tinha uma babá.

— Isso não é o mesmo que ter uma companheira de brincadeiras — murmurou Jasper.

— Pode ser que tenha razão — reconheceu ela.

Quando inalou, seus seios apertaram um pouco a rosa. OH, flor afortunada!

— Foi uma menina muito calada — disse, porque sabia que devia ser certo.

Apesar das anedotas que lhe contou sua tia a véspera, Jasper sabia que devia ter sido uma menina muito calada. Uma menina quase muda. Era muito reservada.

Mantinha seus membros sob rígido controle, apesar desse corpo esbelto e delicado, pois não era baixa. Sua voz soava sempre bem modulada, e nas reuniões procurava manter-se em um lugar afastado.

Como foi sua infância, para que estivesse tão empenhada em passar despercebida?

Jasper se inclinou para ela e embora o doce aroma das rosas os rodeasse, sentiu um aroma de laranjas. Seu aroma.

— Foi uma menina que mantinha em segredo seus pensamentos.

— O que sabe você. Não me conhece.

— Não — respondeu ele. — Mas quero te conhecer. Quero saber de ti até que o funcionamento de sua mente me seja tão familiar como o meu próprio.

Melisande conteve o fôlego e se afastou, quase assustada.

— Não vou converter-me em...

Mas ele pôs um dedo sobre seus lábios e voltou a afastar-se. Ouvia vozes no caminho pelo qual chegaram. Um instante depois, outro casal dobrou a curva.

— Perdão — disse o cavalheiro, e Jasper viu que era Matthew Horn. — Vale, não esperava verte aqui.

Jasper se inclinou com ironia.

— Sempre me pareceu muito instrutivo passear pelos jardins de minha mãe. Esta tarde, sem ir mais longe, pude mostrar a minha esposa a diferença entre uma planta de peônia e uma de lírios.

Por trás dele se ouviu um ruído que podia ser um bufido sufocado. Matthew aumentou os olhos.

— Então, esta é sua esposa?

— Em efeito. — Jasper se voltou e olhou os misteriosos olhos castanhos de Melisande. — Docinho, me permita te apresentar ao senhor Matthew Horn, ex-oficial do 28° Regimento, como eu mesmo. Horn, minha esposa, lady Vale.

Melisande alargou a mão e Matthew a pegou e se inclinou sobre ela. Tudo muito cortês, certamente, apesar do qual Jasper sentiu o impulso de apoiar a mão sobre o ombro de Melisande, para sublinhar que era dele.

Matthew deu um passo atrás.

— Me permitam lhes apresentar à senhorita Beatrice Corning. Senhorita Corning, lorde e lady Vale.

Jasper se inclinou sobre a mão da linda moça, sufocando um sorriso. De repente entendia o que fazia Matthew naquela festa. Seus motivos eram muito similares aos dele: ia em busca de uma dama.

— Vive em Londres, senhorita Corning? — perguntou.

— Não, milord — respondeu a moça. — Normalmente vivo no campo, com meu tio. Suponho que o conhece, porque somos vizinhos, acredito. É o conde de Blanchard.

A moça disse algo mais, mas Jasper não a escutou. Blanchard foi o título de Reynaud, que deveria ter herdado à morte de seu pai. Mas Reynaud morreu. Capturaram-no e mataram-no os índios depois do massacre do Spinner's Falls.

Jasper se fixou no rosto da moça, vendo-a pela primeira vez. Estava conversando com a Melisande, e seu semblante tinha uma expressão franca e espontânea.

Mostrava um aspecto fresco e saudável, o cabelo da cor do trigo amadurecido e os olhos de um formoso tom de cinza.

Minúsculas sardas salpicavam suas maçãs do rosto. Não tinha título, mas mesmo assim Matthew apontava muito alto, se pretendia cortejar à sobrinha de um conde. Os Horn eram uma família antiga, mas sem título.

A linhagem dos Blanchard, em troca, remontava-se a séculos atrás, e a sede do condado era uma imensa mansão feudal. A moça dissera que vivia nessa mansão. Em casa do Reynaud.

Jasper sentiu uma opressão no peito e afastou o olhar do expressivo rosto da senhorita

Corning. Era absurdo culpar a aquela garota. Devia estar ainda na escola há seis anos, quando Reynaud morreu crucificado e queimado. Não era culpa dela que seu tio tivesse herdado o título. Nem viver agora na casa que pertenceu ao Reynaud por direito. Mesmo assim, não suportava olhá-la no rosto.

Ofereceu o braço a Melisande e interrompeu sua conversa.

— Vamos. Esta tarde temos um compromisso, acredito.

Inclinou-se ante o Matthew e a senhorita Corning ao despedir-se. Não olhou a Melisande, mas notou que olhava-o com curiosidade, apesar de que aceitou seu braço. Ela sabia que não tinham nenhum compromisso essa tarde.

Jasper pensou de repente (finalmente) que, ao tentar descobrir seus segredos, corria o risco de revelar os seus próprios, muito mais sombrios que os de sua esposa. E isso não devia ocorrer; era assim simples.

Jasper cobriu a mão da Melisande com a sua. Era um gesto que parecia conjugal e que entretanto era instintivo. O impulso de segurá-la e impedi-la de fugir. Não podia lhe falar do Reynaud e do ocorrido nos sombrios bosques da colônia americana, não podia lhe dizer que sua alma se despedaçou ali, nem podia revelar seu maior fracasso e sua mais profunda dor. Mas podia protegê-la e lhe servir de sustento.

E isso faria.

— ... E ali ficou, como um idiota, com o traseiro ao ar diante de todo mundo — a senhora Moore, a governanta de lorde Vale, concluiu seu relato dando uma forte palmada sobre a mesa da cozinha.

As três criadas de cima puseram-se a rir a gargalhadas, os dois lacaios do final da mesa se deram cotoveladas, o senhor Oaks soltou uma sonora gargalhada e até a cozinheira, que estava acostumada a ter cara de poucos amigos, deixou aflorar um sorriso.

Sally Suchlike sorriu. O serviço de lorde Vale era muito diferente ao do senhor Fleming. Havia mais do dobro de criados, mas, sob a supervisão do senhor Oaks e a senhora Moore, eram muito mais amáveis, quase como uma família. Aos poucos dias de estar ali, Sally travara amizade com a senhora Moore e com a cozinheira (que, sob aquela aparência severa, era uma mulher muito tímida), e seu medo a não gostar nem ser aceita se dissipou.

Então se inclinou sobre seu chá, que começava a esfriar. Lorde e lady Vale já haviam jantado, e agora estavam jantando os criados.

— E o que aconteceu depois, senhora Moore, se não lhe importar que o pergunte?

— Bom — começou a dizer a governanta, agradada claramente por terem lhe pedido que continuasse seu relato.

Interrompeu-a, entretanto, a chegada do senhor Pynch. O senhor Oaks ficou sério imediatamente, os lacaios se ergueram nas cadeiras, uma das criadas de cima soltou uma risada nervosa (e sua vizinha a fez calar), e a senhora Moore se ruborizou. Sally deixou escapar um suspiro de exasperação. A chegada do senhor Pynch era como um balde de água lamacenta do Tâmisa que lhes jogassem em cima: fria e desagradável.

— Aceita algo, senhor Pynch? — perguntou o mordomo.

— Não, obrigado — respondeu o senhor Pynch. — Venho em busca da senhorita Suchlike. A senhora pergunta por ela.

Sua voz retumbante fez rir de novo à criada de cima. Chamava-se Gussy e era dessas moças que riam sempre por qualquer coisa. Sua risada foi cortada de repente, entretanto, quando o senhor Pynch fixou nela seus frios olhos verdes.

É um bruto, pensou Sally. Separou-se da longa mesa da cozinha e se levantou.

— Bom, muito obrigada, senhora Moore, por uma história bastante entretida.

A senhora Moore piscou e um rubor de satisfação coloriu suas faces.

Sally sorriu aos sentados em torno da mesa antes de seguir a toda pressa ao senhor Pynch. Ele, naturalmente, não esperou a que se despedisse.

Sally o alcançou em uma curva da escada de trás.

— Por que precisa ser tão desagradável?

Ele nem sequer se deteve.

— Não sei a que se refere, senhorita Suchlike.

Ela fez girar os olhos enquanto tentava recuperar o fôlego, as suas costas.

— Quase nunca come com os outros criados, e quando aparece nos amassa a conversa como se um cavalo se sentasse diretamente em cima de um gato. haviam chegado a um patamar e ele se deteve tão de repente que Sally se chocou com suas costas e esteve a ponto de cair pelas escadas.

O senhor Pynch se voltou e a agarrou pelo braço, inabalável.

— Você tem muita imaginação, senhorita Suchlike, mas acredito que é você quem se excede em suas confianças com os outros criados.

Soltou-lhe o braço e seguiu subindo.

Sally teve que refrear as vontades de mostrar a língua as suas largas costas. Por desgraça, o senhor Pynch estava certo. Como donzela da senhora, ela devia situar-se acima dos outros criados, exceto do senhor Oaks e a senhora Moore. Certamente, também deveria desdenhar suas alegres refeições e enrugar o nariz ao ouvir suas risadas. Mas então não teria a ninguém com quem conversar ali abaixo.

E talvez o senhor Pynch gostasse de viver como a um ermitão, mas ela não.

— Não lhe faria nenhum dano ser um pouco amável, pelo menos — resmungou quando chegaram ao corredor dos quartos dos senhores.

Ele suspirou.

— Senhorita Suchlike, uma jovenzinha como você dificilmente pode...

— Não sou tão jovem — respondeu ela.

Ele se interrompeu de novo, e ela viu que tinha uma expressão divertida. Tendo em conta o sério e desanimado que costumava a ser, muito bem podia estar rindo-se dela.

Sally cruzou os braços.

— Para que saiba, vou fazer vinte anos.

Ele esticou os lábios.

Ela franziu o cenho.

— Quantos tem você, avô?

Ele arqueou uma sobrancelha, o qual era muito irritante.

— Trinta e dois.

Ela cambaleou, fingindo-se impressionada.

— Meu Deus! É um milagre que ainda se mantenha em pé, a sua idade.

Ele se limitou a sacudir a cabeça.

— Vá ver o que quer a senhora, menina.

Sally se deu por vencida e lhe mostrou a língua antes de correr ao quarto de lady Vale.

Melisande ocultou as mãos trêmulas entre sua volumosa saia ao chegar ao baile de máscaras de lady Graham, essa noite. Teve que fazer provisão de coragem para ir. Em realidade, decidira-o no último minuto: se tivesse pensado mais, teria se dissuadido a si mesma. Detestava aquelas festas. Estavam abarrotadas de gente que olhavam e cochichavam, e que sempre pareciam excluí-la.

Mas ali Vale se sentia como peixe na água. E ela precisava enfrentar a ele naquele cenário, se quisesse lhe demonstrar que era capaz de substituir a sua enxurrada de amantes.

Esfregou a saia com os dedos, nervosa, e tentou acalmar sua respiração. Ajudava um pouco o fato de que fosse um baile de máscaras.

Usava uma máscara de veludo de um arroxeado tão escuro que parecia quase negro. A máscara não ocultava sua identidade (não era esse seu propósito, a final de contas), mas mesmo assim lhe inspirava certa tranquilidade.

Respirou fundo para armar-se de coragem e jogou uma olhada ao redor. Em torno dela, damas e cavalheiros mascarados riam e gritavam, reconfortados pela certeza de estar ali para verem e serem vistos.

Alguns usavam capas, mas muitas damas preferiram vestir coloridos vestidos de baile e uma simples máscara como disfarce.

Melisande ia envolta em uma capa de seda morada, cuja renda lhe cingia ao redor do corpo enquanto atravessava a multidão procurando Vale. Não o viu desde o passeio pelo jardim, essa tarde.

Separaram-se ao sair da festa: ele partira a cavalo e ela em sua carruagem. Depois de interrogar sutilmente ao senhor Pynch, Melisande deduziu que seu marido usava uma capa negra.

Mas também a usavam a metade dos homens do salão. Uma dama passou a seu lado, empurrou-a com o ombro e a olhou com desdém.

Melisande refreou por um instante o impulso de fugir, de abandonar o salão e seu propósito dessa noite e procurar refúgio na carruagem que a esperava. Mas se Vale era capaz de enfrentar-se a um bando de idosas senhoras para passear com ela por um jardim em plena tarde, ela também teria a coragem de enfrentar ao terror que lhe produziam os salões de baile para busca-lo de noite.

Então ouviu sua risada. Ao voltar-se, viu-o. Vale quase passava uma cabeça a seus acompanhantes. Estava rodeado de vários homens sorridentes e umas poucas damas que riam baixinho.

Eram todas muito belas, muito seguras de si mesmas e do lugar que ocupavam no mundo. Quem era ela para tentar introduzir-se naquele grupo? Não ririam de sua pessoa só olhando-a?

Estava a ponto de dar meia volta para ir refugiar se na carruagem quando a senhora situada à esquerda de Vale, uma mulher muito bonita, com o cabelo loiro, as faces coloridas e grandes seios, pôs uma mão sobre a manga de seu marido. Era a senhora Redd, a antiga amante do Jasper.

Aquele era seu marido, seu amor. Melisande fechou os punhos e se encaminhou para o grupo.

Quando ainda estava a vários metros de distância, Vale olhou para ela e ficou muito quieto. Melisande olhou-o nos olhos, que brilhavam, azuis, sob uma máscara de cetim negro, e lhe sustentou o olhar enquanto avançava para ele.

As pessoas que o rodeava pareceu retrocederem e se afastarem ao vê-la aproximar-se, até que esteve justo diante dele.

— Não é esta sua dança? — perguntou com voz aveludada, mas nervosa.

— Minha senhora esposa — ele fez uma reverência. — Desculpa meu imperdoável descuido.

Melisande tomou o braço que lhe oferecia, exultante por ter deixado à outra tão facilmente. Vale a conduziu em silencio entre a multidão. Ela sentia o movimento de seus músculos sob o tecido da casaca e a capa, e sua respiração se agitou. Logo chegaram à parte do salão onde acontecia os bailes e ocuparam seus postos respectivos. Vale fez uma reverência. Melisande lhe respondeu com outra.

Caminharam um para o outro e logo se separaram, e enquanto isso seu marido não afastou o olhar de seu rosto.

Quando a dança voltou a uni-los, murmurou:

— Não esperava verte aqui.

— Não? — levantou as sobrancelhas por debaixo da máscara.

— Parece preferir o dia.

— Sim?

O baile voltou a separá-los enquanto Melisande pensava naquela estranha afirmação. Quando se aproximaram de novo, apoiou a palma da mão sobre a dele ao mesmo tempo que caminhavam descrevendo um semicírculo.

— Pode ser que confunda costume e predileção.

Os olhos de Vale pareceram brilhar por trás da máscara.

— Te explique.

Ela encolheu os ombros.

— Costumo sair de dia a fazer minhas visitas. Você, em troca, sai de noite. Mas isso não significa que você ame a noite e eu o dia.

Uma ruga apareceu entre as sobrancelhas de Vale.

— Talvez — sussurrou ela enquanto se afastavam, — você sai de noite porque é ao que está acostumado. Mas possivelmente prefira o dia.

Ele inclinou a cabeça inquisitivamente enquanto voltavam a unir-se.

— E você, minha doce esposa?

— Pode ser que, em realidade, meu reino seja a noite.

Afastaram-se de novo. Melisande seguiu os passos de dança até que voltaram a unir-se, e o roce da mão de Vale sobre a sua a fez estremecer.

Ele sorriu como se soubesse que efeito provocava sobre ela seu contato.

— O que faria, pois, comigo, senhora da noite? — rodearam-se um ao outro, tocando-se só com a ponta dos dedos. — Me guiaria? Tentar-me-ia? Mostrar-me-ia a noite?

Separaram-se e fizeram uma profunda reverência. Melisande não deixava de observá-lo. Nos olhos de Vale brilhavam brilhos verdes e azuis. Avançaram e ele aproximou a cabeça a seu ouvido sem que seus corpos se tocassem.

— Me diga, minha senhora, ousaria seduzir a um pecador como eu?

Ela respirava agitadamente, o coração lhe batia no peito, cheio de emoção, mas seu rosto mantinha uma expressão de serenidade.

— É essa a pergunta, em realidade?

— E que pergunta prefere?

— Deixar-te-ia seduzir por mim?

Detiveram-se quando a dança chegou a seu fim e cessou a música. Com os olhos fixos em Vale, Melisande fez uma reverência. Logo se ergueu sem afastar os olhos dos de seu marido.

Vale pegou sua mão e se inclinou sobre seus nódulos. Ao beijá-la, murmurou:

— OH, sim.

Conduziu-a fora do lugar reservado ao baile e em seguida se viram rodeados de gente.

Um cavalheiro com capa escarlate se aproximou da Melisande, apertando-se contra seu flanco.

— Quem é esta deliciosa criatura, Vale?

— Minha esposa — respondeu ele com despreocupação enquanto que a colocava ao outro lado. — E te agradeceria que não o esquecesse, Fowler.

Fowler riu, bêbado, e outro convidado gritou uma ocorrência a que ele respondeu sem dificuldade. Melisande, entretanto, não ouvia nada daquilo. Era muito consciente da aglomeração de corpos quentes, do olhar lascivo de olhos pouco amáveis. A senhora Redd desaparecera: para sempre, esperava. Ela encontrou a Vale e dançou com ele, e agora só desejava ir-se a casa.

Mas ele seguia conduzindo-a entre a multidão, sujeitando-a com força pelo cotovelo.

— Aonde vamos, milord? — perguntou-lhe.

— Pensava... — olhou-a distraidamente. — Lorde Hasselthorpe acaba de chegar e preciso falar com ele de um assunto. Não te importa, verdade?

— Não, claro que não.

Tinham chegado junto a um grupo de cavalheiros situado à entrada do salão de baile. Era um

grupo muito mais lúgubre que aquele do qual Vale acabava de separar-se.

— Hasselthorpe! Que casualidade encontra-lo aqui — exclamou Vale. Lorde Hasselthorpe se voltou e até a Melisande percebeu sua perplexidade. Vale, entretanto, estendeu-lhe a mão, e o outro se viu obrigado a pegá-la, olhando-o com receio. Hasselthorpe era um homem anódino, de média estatura, pálpebras cansadas e profundas rugas que sulcavam suas faces ao redor da boca.

Estava acostumado a ter uma expressão grave e solene, como convinha a um membro destacado do Parlamento. A seu lado estava o duque de Lister, um homem alto e corpulento, com peruca cinza. A uns passos dali, esperava uma bela mulher loira: a senhora Fitzwilliam, amante de Lister há muito tempo. Não parecia estar desfrutando do baile. Achava-se completamente sozinha.

— Vale — disse Hasselthorpe devagar. — Esta é sua encantadora esposa?

— Em efeito — respondeu. — Tenho entendido que conheceu minha senhora esposa em uma festa em sua casa, o outono passado.

Hasselthorpe murmurou um assentimento enquanto se inclinava sobre a mão de Melisande. Não tirava o olho de Vale; em realidade, Melisande poderia não ter estado ali. Ela olhou a seu marido e viu que não sorria.

Havia ali algo soterrado que não conseguia entender, mas de uma coisa estava segura: era um assunto entre homens.

Sorriu e apoiou a mão sobre a manga de Vale.

— Temo que esteja cansada, milord. Importar-lhe-ia muito que me fosse à casa cedo?

Ele se voltou e Melisande viu uma expressão de dúvida em seu semblante. Mas logo, Vale lançou um olhar ao Hasselthorpe e seu semblante se suavizou. Inclinou-se sobre sua mão.

— Será uma terrível desilusão, meu coração, mas não lhe vou impedir isso.

— Boa noite, então, milord — inclinou-se ante os cavalheiros. — Excelência. Milord.

Eles inclinaram as cabeças e murmuraram um adeus. Melisande ficou nas pontas dos pés e sussurrou a Vale no ouvido:

— Recorde, milord: uma noite mais.

Logo se afastou. Mas enquanto atravessava a multidão, ouviu duas palavras procedentes do grupo de homens reunido a suas costas.

Spinner's Falls.

Capítulo 08

Podem imaginar o que ocorreu ao fazer seu anúncio o rei. Começaram a chegar pretendentes a aquele pequeno reino de todos os cantos do mundo. Alguns eram príncipes, grandes ou pequenos, com séquitos de guardas, pajens e cortesãos. Outros eram cavalheiros despossuídos em busca de fortuna, com a armadura amolgada por muitos torneios. E uns poucos viajavam inclusive a pé: eram mendigos e ladrões sem muita esperança. Mas todos eles tinham uma coisa em

comum: acreditavam ser capazes de superar as provas e casar-se com uma formosa princesa real...
Do Jack o Risonho

Para ser a senhora da noite, sua esposa se levantava muito cedo. De pé junto à porta da saleta em que agora se servia o café da manhã, Jasper tentava sacudir o sono. Ela se fora cedo do baile a noite anterior, mas mesmo assim era já a uma da madrugada quando partiu. Como era possível, pois, que estivesse levantada e tomando o café da manhã, a julgar pelo ruído que fazia? Ele, em troca, ficou uma hora mais, tentando inutilmente que lorde Hasselthorpe o escutasse. Ao Hasselthorpe, a ideia de que o regimento de seu irmão tivesse sido traído por um espião dos franceses lhe parecia ridícula, e o disse sem rodeios. Jasper decidiu esperar uns dias antes de tentar falar de novo com ele.

Agora abriu os olhos de par em par, em uma tentativa desesperada de parecer acordado quando entrou na saleta do café da manhã. Ali estava Melisande, com as costas rígidas como um pau, o cabelo pulcramente recolhido em um coque singelo sobre o alto da cabeça e seus olhos castanhos claros, frescos e repletos de comedimento.

Vale fez uma reverência.

— Bom dia, minha esposa.

Vendo-a essa manhã, ninguém a teria relacionado com a misteriosa mulher da véspera, embelezada com uma capa. Talvez aquela visão sedutora fosse produto de seus sonhos e nada mais.

Como explicar, se não, a dicotomia entre as duas mulheres que habitavam seu corpo?

Melisande o olhou, e Jasper acreditou ver um brilho fugaz de sua amante de meia-noite, escondida atrás daquele olhar sereno. Ela inclinou a cabeça.

— Bom dia.

Seu cão saiu de debaixo de suas saias e o olhou com desconfiança. Jasper lhe devolveu o olhar, e o animal voltou a retirar-se sob a cadeira. Detestava-o, obviamente, mas ao menos ficou claro qual dos dois mandava naquela casa.

— Dormiste bem? — perguntou Jasper ao aproximar-se do aparador.

— Sim — respondeu Melisande as suas costas. — E você?

Ele ficou olhando distraidamente os pescados que o olhavam com olhos cegos do prato, e pensou em seu tosco colchão, estendido no chão do vestidor.

— Como um morto.

O qual era certo, desde que os mortos dormissem com uma faca debaixo do travesseiro e passassem a noite dando voltas na cama. Cravou um pescado e o pôs no prato que levava na mão.

Sorriu a Melisande ao aproximar-se da mesa.

— Tem planos para hoje?

Olhou-o entreabrindo os olhos.

— Sim, mas não são de sua incumbência.

Sua afirmação teve o efeito natural de picar sua curiosidade. Jasper se sentou em frente a

ela.

— Seriamente?

Ela assentiu com a cabeça enquanto lhe servia uma taça de chá.

— Vou às compras com minha donzela.

— Excelente!

Melisande olhou-o com cepticismo. Talvez estivesse exagerando seu entusiasmo.

— Não pensa em me acompanhar — afirmou, apertando os lábios.

O que diria ela se soubesse que sua expressão de censura só conseguia excitá-lo? Ficaria atônita, sem dúvida. Mas logo Jasper se lembrou da sedutora mulher da noite anterior, aquela mulher que lhe sussurrou um desafio sem que seu olhar vacilasse um instante, e teve dúvidas. Qual era sua verdadeira esposa? A recatada senhora de dia ou a aventureira noturna?

Melisande esperava sua resposta. Jasper sorriu.

— Não me ocorre nada mais agradável que passar a manhã nas compras.

— Não sei de nenhum homem capaz de dizer o mesmo.

— Então tem sorte de te haver casado comigo, não crê? — ela não respondeu. Limitou-se a servir-se outra taça de chocolate. Jasper partiu um pão-doce e untou um pedaço com manteiga.

— Foi uma delícia verte ontem à noite no baile.

Melisande se enrijeceu quase imperceptivelmente. Acaso não se esperava dele que guardasse silêncio a respeito de seu comportamento da véspera?

— Não conhecia seu amigo Matthew Horn até ontem — disse. — São íntimos?

Ah, então era assim que queria jogar. Tentava ignorar seus próprios mecanismos noturnos. Que interessante.

— Conheci o Horn quando estava no exército — respondeu. — Fomos bons amigos naquela época. Logo nos distanciamos.

— Nunca fala do tempo que passou no exército.

Jasper encolheu os ombros.

— Foi há seis anos.

Melisande entreabriu os olhos.

— Quanto tempo passou nele?

— Sete anos.

— E tinha a patente de capitão?

— Em efeito.

— Esteve no fronte.

Não era uma pergunta, e Jasper não sabia se devia se incomodar em respondê-la. O fronte. Que palavra tão insignificante para descrever o sangue, o suor e os gritos. O retumbar dos canhões, a fumaça e as cinzas, e os cadáveres dispersos pelo campo de batalha, depois. O fronte. OH, sim, esteve no fronte.

Bebeu um gole de chá para diluir o gosto ácido que notava na boca.

— Estava em Quebec quando tomamos a cidade. Espero poder contar algum dia aos nossos

netos.

Melisande afastou o olhar.

— Mas não foi ali onde morreu lorde Saint Aubyn.

— Não — sorriu com amargura. — Esta conversa te parece agradável para a mesa do café da manhã?

Melisande não recuou.

— Uma mulher não deve conhecer seu marido?

— O tempo que passei no exército não me define por completo.

— Não, mas acredito que forma uma parte importante de seu ser.

O que podia dizer ele? Melisande estava certa. Sabia de algum modo, embora ele não acreditava ter dado nenhum indício disso. Sabia que o ocorrido nos bosques do norte da América o mudou para sempre, deixando-o marcado e diminuído. Levava aquilo, acaso, como uma insígnia diabólica? Notava-o ela? Conhecia de algum modo sua mais profunda vergonha?

Não, não devia sabê-lo. Se alguma vez chegasse a inteirar-se, seu semblante se encheria de desdém. Jasper baixou o olhar enquanto partia o resto de seu pão-doce.

— Talvez já não queira me acompanhar esta manhã — inquiriu sua mulher suavemente.

Ele levantou a vista. Ardilosa criatura...

— Eu não me assusto facilmente.

Os olhos de Melisande se dilataram um pouco. Talvez ele tivesse sorrido em excesso. Talvez ela tivesse intuído o que se ocultava debaixo. Mas era valente, sua mulher.

— Então me fale do exército — disse ela.

— Não há muito que contar — mentiu Jasper. — Eu era capitão do 28° Regimento.

— Essa era também a patente de lorde Saint Aubyn — comentou Melisande. — Compraram ao mesmo tempo suas patentes de capitães?

— Sim — eram tão jovens, tão néscios... Interessava-lhes mais que nada o esplêndido uniforme.

— Não cheguei a conhecer o irmão de Emeline — disse Melisande. — A conhecê-lo bem, ao menos. Só o vi uma ou duas vezes. Como era?

Jasper engoliu o último bocado de seu pão-doce, tentando ganhar tempo. Pensou no sorriso de canto-de-boca do Reynaud, em seus olhos escuros e risonhos.

— Reynaud sempre soube que algum dia herdaria o condado e passava a vida ensaiando para esse dia.

— O que quer dizer?

Encolheu os ombros.

— Desde menino, era muito sério. A carga dessa responsabilidade marcaria a qualquer um, inclusive de um menino. Richard era igual.

— Seu irmão mais velho — murmurou ela.

— Sim. Reynaud e ele se pareciam muito — torceu a boca ao dar-se conta disso. — Reynaud deveria ter escolhido a ele como amigo e não a mim.

— Mas pode ser que visse em ti algo do que ele carecia.

Jasper inclinou a cabeça e sorriu. A ideia de que ele possuísse algo do que carecia Richard, seu irmão mais velho, sempre tão perfeito, parecia-lhe cômica.

— O que?

Melisande levantou as sobrancelhas.

— Sua alegria de viver?

Ficou olhando-a. Seriamente via alegria de viver na casca de ovo que restava dele?

— Pode ser.

— Eu acredito que sim. Você foi um amigo cheio de alegria, sempre disposto as travessuras —disse ela e logo acrescentou, quase para si mesma: — Como ia resistir a ti?

— O que sabe você. — Jasper rilhou os dentes. — Não me conhece.

— Não? — Melisande se levantou da mesa. — Acredito que te surpreenderia o muito que te conheço. Dez minutos, então?

— O que? — Se descobriu olhando perplexo a sua mulher, como um parvo.

Ela sorriu. Talvez tivesse debilidade pelos parvos.

— Dentro de dez minutos estarei pronta para ir às compras.

E saiu da saleta do café da manhã, deixando ao Jasper confuso e intrigado.

Melisande estava junto à carruagem, falando com a Suchlike, quando Vale saiu da casa um momento depois. Ele desceu correndo os degraus e se aproximou.

— Está preparado? — perguntou Melisande. Vale abriu os braços.

— Estou a sua disposição, minha senhora esposa — saudou a Suchlike inclinando a cabeça. — Pode ir.

A donzela se ruborizou e olhou preocupada a Melisande. Suchlike estava acostumada a acompanhá-la naquelas saídas para aconselhá-la sobre seu vestuário e levar os pacotes. Vale também a olhava, esperando a ver se protestava.

Melisande esboçou um tenso sorriso e inclinou a cabeça para a donzela.

— Talvez possa aproveitar para costurar um pouco.

Suchlike fez uma reverência e entrou na casa.

Quando Melisande se voltou para Vale, ele estava olhando a Camundongo, que estava colado a suas saias.

Melisande falou antes que lhe desse tempo de despedir também a seu cão:

— Sir Camundongo sempre me acompanha.

— Ah.

Ela inclinou a cabeça, contente de ter deixado aquilo claro, ao menos, e subiu os degraus da carruagem. Acomodou-se no macio assento que olhava à frente e Camundongo saltou a seu lado.

Vale se acomodou em frente a ela, estirando as longas pernas em diagonal. A carruagem parecia espaçosa (inclusive enorme) antes dele entrar. De repente, em troca, todo o espaço parecia ocupado por joelhos e cotovelos de homem.

Vale deu uns golpes no teto e, ao olhar a Melisande, surpreendeu-a observando suas pernas

com o cenho franzido.

— Ocorre algo?

— Não, nada.

Ela olhou pela janela. Era-lhe estranho estar encerrada com ele em um espaço tão pequeno. Muito íntimo, em certo modo. E aquela era uma ideia inquietante. Teve contato carnal com aquele homem, dançou com ele a noite anterior; inclusive teve a audácia de lhe tirar a camisa e de barbeá-lo. Mas todas essas coisas as fez de noite, à luz das velas.

De noite, pela razão que fosse, era-lhe mais fácil relaxar. Entre as sombras, tornava-se audaz. Possivelmente fosse a senhora da noite, como ele a chamou. E, se assim era, não seria ele o dono do dia?

Olhou-o, surpreendida por aquela ideia. Vale a buscava sobre tudo durante as horas do dia. Perseguia-a à luz do sol. Gostava de ir a bailes e tugúrios de jogo pelas noites, mas era durante o dia quando tentava descobrir seus segredos. Era porque intuía que se sentia mais exposta à luz do sol? Ou porque era mais forte de dia?

Ou possivelmente por ambas as coisas?

— Leva-o a todas as partes?

Melisande olhou-o, desconcertada.

— O que?

— A seu cão — assinalou com o queixo a Camundongo, enrolado no assento, a seu lado. — Esse animal vai a todas as partes contigo?

— Camundongo é um senhor, não um animal — respondeu ela com firmeza. — E sim, eu gosto de o levar a lugares onde possa desfrutar.

Vale levantou as sobrancelhas.

— O cão gosta de ir às compras?

— Gosta de ir na carruagem — acariciou o suave focinho de Camundongo. — Você alguma vez teve mascotes?

— Não. Bom, sim, um gato, de menino, mas nunca acudia quando o chamava e tinha por costume arranhar quando estava zangado. O qual acontecia muito frequentemente.

— Como se chamava?

— Gato.

Melisande olhou-o. Vale tinha uma expressão solene, mas havia um brilho diabólico em seus olhos azuis.

— E você? — perguntou. — A minha bela esposa tinha alguma mascote quando era menina?

— Não — olhou pela janela de novo, receava pensar em sua infância solitária.

Ele pareceu perceber sua aversão a falar dessa época de sua vida e por uma vez não insistiu. Ficou calado um momento; depois disse em voz baixa:

— Em realidade, o gato era do Richard.

Melisande olhou-o com curiosidade.

A larga boca de Vale se curvou em um sorriso inclinado, como se zombasse de si mesmo.

— A minha mãe não gosta muito dos gatos, mas Richard esteve doente quando pequeno e, quando se afeiçoou de um gatinho dos estábulos, suponho que minha mãe fez uma exceção. — Encolheu os ombros.

— Quantos anos têm de diferença seu irmão e você? — perguntou ela com suavidade.

— Dois anos.

— E quando morreu?

— Antes de cumprir os trinta — já não sorria. — Sempre foi fraco. Era muito magro e frequentemente lhe custava respirar. Pegou o paludismo estando eu nas colônias e não se recuperou.

Quando voltei para casa, minha mãe ficou um ano sem sorrir.

— Sinto muito.

Ele voltou a palma para cima.

— Foi há muito tempo.

— Seu pai já havia morrido, verdade?

— Sim.

Melisande olhou-o, esparramado tranquilamente na carruagem, falando da morte prematura de seu pai e de seu irmão.

— Deve ter sido muito duro para ti.

— Nunca pensei que fosse a ser o visconde, apesar de que Richard sempre esteve doente. Todo mundo na família pensava que viveria o tempo necessário para engendrar um herdeiro — olhou-a de repente, com a comissura da boca levantada. — Meu irmão era fraco no físico, mas tinha um caráter forte. Comportava-se como um visconde. Tinha autoridade.

— Igual a você — lhe recordou ela suavemente. Vale sacudiu a cabeça.

— Não na mesma medida que ele. Nem de Reynaud. Ambos eram melhores líderes que eu.

Melisande custava acreditar. Vale podia zombar de si mesmo, podia desfrutar fazendo brincadeiras e inclusive se fazendo de parvo, às vezes, mas os outros homens o escutavam. Quando entrava em um salão, o próprio ar tremia. Os homens e as mulheres se sentiam atraídos para ele como por um astro minúsculo. Melisande queria dizer-lhe, queria lhe dizer o muito que o admirava, mas o medo a desvendar seus sentimentos a refreava.

A carruagem diminuiu a marcha e ao olhar pela janela viu que estavam na Bond Street.

A porta se abriu e Vale desceu; depois se voltou para lhe oferecer a mão e ajudá-la a descer. Melisande se levantou e, ao pôr a mão sobre a sua, notou a força de seus dedos.

Desceu da carruagem, acompanhada de Camundongo. A rua estava cheia de lojas elegantes diante de cujas cristaleiras passeavam homens e mulheres.

— Por que lado quer ir, minha doce esposa? — perguntou Vale, lhe estendendo o braço. — Você guia. Eu te sigo.

— Por aqui, acredito — respondeu Melisande. — Quero entrar primeiro em uma tabacaria, para comprar um pouco de rapé.

Notou que Vale a olhava.

— É aficionada ao rapé, como nossa rainha?

— Não, nada disso — enrugou o nariz sem perceber e logo suavizou sua expressão. — É para o Harold. Sempre lhe dou de presente uma caixa de seu rapé favorito no dia de seu aniversário.

— Ah. Afortunado ele, então.

Melisande ergueu a vista.

— Você gosta do rapé?

— Não — sorriu-lhe; seus olhos de cor turquesa tinham uma cálida expressão. — Me referia a que é muito afortunado por ter uma irmã tão carinhosa. Se soubesse...

Mas um forte latido de Camundongo interrompeu suas palavras. Melisande olhou a seu redor a tempo de ver que o cão se separava de seu lado e cruzava correndo a rua lotada de gente.

— Camundongo! — fez gesto de pôr-se a correr, com os olhos fixos no cão.

— Espera. — Vale a reteve agarrando-a pelo braço. Ela tentou largar-se.

— Me solte! Vão atropelá-lo.

Vale a separou do meio-fio justo no momento em que passava a carroça de um cervejeiro.

— Melhor a ele que a ti.

Melisande ouviu gritos na rua, uma série de grunhidos e a seguir os latidos agitados de Camundongo.

Voltou-se e apoiou a mão no peito de Vale, tentando lhe transmitir sua angústia.

— Mas Camundongo...

Seu marido resmungou algo e logo disse: — Não se preocupe: vou trazer-te esse bicho.

Deixou passar uma carroça e se lançou logo para o meio-fio. Melisande viu camundongo do outro lado da rua e o medo se apoderou de seu coração. O terrier estava brigando com um enorme mastim quatro vezes maior que ele, no mínimo. Enquanto ela os olhava, o mastim lhe derrubou e tentou mordê-lo. Camundongo esquivou suas fortes mandíbulas pelos cabelos.

Logo, tão temerário como sempre, voltou a avançar para ele. Vários homens e meninos pararam a contemplar a briga, e alguns animavam entre gritos ao enorme mastim.

— Camundongo! — olhou se se aproximavam carruagens, carroças ou cavalos e correu pela rua atrás de Vale. — Camundongo!

Vale chegou junto aos cães no momento em que o mastim pegava Camundongo entre seus enormes dentes. O mastim o levantou e começou a sacudi-lo.

Melisande sentiu que um grito lhe subia à garganta, mas dela não saiu nenhum som. Aquele cão ia romper o pescoço a seu terrier se seguisse sacudindo-o.

Então Vale golpeou com ambos os punhos o focinho do mastim. O cão deu um passo para trás, mas não soltou sua presa.

— Vamos! — gritou Vale. — Solta-o, besta do demônio.

Golpeou de novo ao cão enquanto Camundongo se retorcia agitadamente entre seus dentes. Aquilo surtiu efeito, porque o mastim soltou por fim a sua presa. Por um instante pareceu que o enorme animal atacaria a Vale, mas este lhe deu um pontapé no flanco, e aquilo resolveu a questão. O cão pôs-se a correr, para desencanto da multidão.

Camundongo deu um salto, disposto a continuar a perseguição, mas Vale o agarrou pelo pescoço.

— Ah, não, tonto, nada disso.

Para espanto de Melisande, Camundongo se revolveu e lhe cravou os dentes na mão.

— Não, Camundongo! — alargou os braços para seu mascote. Mas Vale a reteve com o outro braço.

— Não. Está louco de raiva e pode ser que morda a ti também.

— Mas...

Ele se voltou, sujeitando com uma mão ao cão, que seguia lhe mordendo, e o olhou. Seus olhos eram agora de um azul profundo e neles só havia determinação. Melisande nunca viu uma expressão tão severa em seu rosto sombrio, sulcado por algumas rugas e sem indício de bom humor. Pensou então que essa devia ser sua cara quando entrava em batalha.

Sua voz soou tão fria como o mar do Norte.

— Me escute. É minha esposa e não penso permitir que sofra dano algum, embora isso me converta em seu inimigo. Nisso não penso transigir.

Ela engoliu saliva e assentiu com a cabeça.

Vale a olhou um momento mais, aparentemente alheio ao sangue que lhe jorrava pela mão. Logo inclinou a cabeça bruscamente.

— Bem. Afaste-te e não interfira no que faça.

Melisande juntou as mãos diante de si para não sentir a tentação de agarrar a Camundongo. Adorava ao cão, apesar de saber que era um animal com muito mau caráter que a ninguém mais agradava.

Camundongo era dela, e ele também a adorava. Mas Vale era seu marido, e ela não podia contradizer sua autoridade... Embora isso significasse sacrificar a seu mascote.

Vale sacudiu ao cão. Camundongo rosnou e aguentou. Vale apertou com calma a garganta do cão com o polegar. Camundongo se engasgou e o soltou por fim. Com a velocidade do raio, Vale lhe agarrou o focinho.

— Vamos — disse a Melisande, sujeitando ao cão com as duas mãos.

A multidão se dispersara ao desvanecer a perspectiva de ver sangue. Vale a conduziu de volta à carruagem. Um dos lacaios os viu chegar e se aproximou.

— Está ferido, milord?

— Não é nada — respondeu Vale. — Há uma caixa ou algum saco na carruagem?

Há uma cesta debaixo do assento do chofer.

— Tem tampa?

— Sim, senhor, e muito robusta.

— Vá busca-la, por favor.

O lacaio retornou correndo à carruagem.

— O que vais fazer? — perguntou Melisande. Vale a olhou.

— Nada terrível. Terei que encerrá-lo até que se acalme um pouco.

Camundongo deixara de rosnar. De vez em quando se sacudia, tentando liberar-se, mas Vale o sujeitava com força.

Quando chegaram à carruagem, o lacaio havia tirado a cesta e a deixava aberta.

— Fecha-a assim que o coloque dentro. — Vale olhou ao homem. — Preparado?

— Sim, senhor.

Fez-se tudo em um instante, o lacaio com os olhos como pratos, Camundongo lutando desesperado e Vale muito sério. Depois, o mascote da Melisande ficou confinado em uma cesta que se sacudia violentamente nas mãos do lacaio.

— Guarde outra vez a cesta debaixo do assento — lhe disse Vale. Tomou a Melisande pelo braço. — Voltemos para casa.

Possivelmente a tivesse zangado, possivelmente o odiasse, mas era inevitável. Jasper olhava a sua esposa, sentada diante dele na carruagem.

Ia enrijecida, com as costas e os braços erguidos e a cabeça ligeiramente inclinada para olhar o regaço. Tinha o semblante velado. Não era uma mulher formosa: Jasper era friamente consciente disso, em parte.

Vestia-se com roupas recatadas e fáceis de esquecer, não fazia nada por fazer-se notar. Ele teve relações (deitou-se) com mulheres muito mais belas. Era uma mulher comum e anódina.

E, a pesar de tudo, sua mente trabalhava infatigavelmente para planejar o seguinte assalto à fortaleza de sua alma. Possivelmente fosse uma espécie de loucura, porque Melisande o fascinava como se fosse uma fada mágica vinda para atraí-lo a outro mundo.

— No que está pensando? — perguntou ela, e sua voz caiu nos pensamentos do Jasper como um calhau em um lago.

— Estava me perguntando se era uma fada — respondeu.

Suas sobrancelhas se arquearam delicadamente para cima.

— Está zombando de mim.

— Nada disso, meu amor.

Olhou-o com seus olhos castanhos claros, com uma expressão insondável. Logo olhou sua mão. Jasper enfaixara a mordida com um lenço ao entrar na carruagem.

Melisande mordeu o lábio.

— Ainda te dói?

Ele negou com a cabeça, embora começasse a lhe incomodar a mão.

— Absolutamente, pode me acreditar.

Ela seguia olhando sua mão com o cenho franzido.

— Eu gostaria que o senhor Pynch lhe enfaixasse isso como é devido ao voltarmos. As mordidas de cão podem infectar-se. Lave isso com muito cuidado, por favor.

— Como você deseja.

Ela olhou pela janela e juntou as mãos com força sobre o regaço.

— Sinto muitíssimo que Camundongo te tenha mordido.

— Lhe fez isso alguma vez?

Melisande olhou-o com surpresa.

— Mordeu-te o cão alguma vez, minha esposa? — se assim fosse, sacrificá-lo-ia.

Os olhos de Melisande se aumentaram.

— Não. Não, não. Camundongo é extremamente carinhoso comigo. A verdade é que nunca mordeu a ninguém.

Jasper sorriu com ironia.

— Então suponho que deveria me sentir honrado por ser o primeiro.

— O que vais fazer com ele?

— Só deixar que sofra um pouco.

O rosto de Melisande voltou a ficar inexpressivo. Jasper sabia quanto significava aquele vira-lata para ela; ela mesma lhe confessou que era seu único amigo.

Jasper se revolveu no assento.

— De onde o tirou?

Ela ficou calada tanto tempo que Jasper pensou que não ia responder.

Logo suspirou.

— Pertencia a uma ninhada que encontraram nos estábulos de meu irmão. O chefe dos moços queria afogá-los. Disse que havia cães de sobra por ali para cuidar dos ratos.

Colocou os cachorrinhos em um saco enquanto um moço ia procurar um balde de água. Eu cheguei ao pátio dos estábulos justo quando os cachorrinhos escaparam do saco.

Correram por todos os lados e os homens gritavam e os perseguiam, tentando alcança-los, pobrezinhos. Camundongo correu para mim e em seguida agarrou a barra de meu vestido entre os dentes.

— Então o salvou — disse Jasper. Ela encolheu os ombros.

— Pareceu-me o correto. O Harold não gostou, temo.

Não, Jasper duvidava de que o seu chato irmão tivesse gostado de ter um vira-lata em casa. Mas Melisande teria ignorado suas queixas e teria feito o que lhe parecia mais conveniente, e o pobre Harold teria tido que aguentar-se. Jasper estava descobrindo que sua esposa era terrivelmente obstinada quando algo entrava na cabeça.

— Já estamos aqui — murmurou ela.

Jasper levantou a vista e viu que se detiveram em frente a sua casa.

— Direi ao lacaio que leve para dentro Camundongo — sustentou-lhe o olhar para lhe fazer entender que não pensava mudar de opinião. — Não o deixe sair, nem o toque até que lhe diga isso.

Ela assentiu com a cabeça, com expressão tão serena e majestosa como a de uma rainha. Logo se voltou e desceu da carruagem sem esperar sua ajuda. Aproximou-se dos degraus da casa e os subiu sem pressas.

Levava a cabeça alta, os ombros erguidos e as costas muito retas. Ao Jasper, aquelas costas lhe pareciam estranhamente provocadoras.

Enrugou o cenho, resmungou uma maldição e seguiu a sua esposa. Possivelmente tivesse

ganho aquele assalto, mas de certa forma se sentia como se tivesse sofrido uma derrota humilhante.

Capítulo 09

De pé no alto das muralhas do castelo, a princesa Surcease observava chegar a seus pretendentes. A seu lado se achava Jack o bufão. A princesa se afeiçoou dele, e o miúdo a acompanhava a todas as partes.
Como media só a metade dela, encarapitou-se a uma pedra derrubada para ver por cima das ameias.
— Ai de mim! — exclamou a princesa com um suspiro.
— O que vos inquieta, OH bela e caprichosa moça? — perguntou Jack.
— Ai, bufão! Oxalá meu pai me deixasse escolher um marido a meu gosto — respondeu a princesa. — Mas isso é impossível, verdade?
— Antes se casaria um bufão com uma formosa princesa real — respondeu Jack...
Do Jack o Risonho

Camundongo estava ladrando.

Melisande fez uma careta quando Suchlike lhe meteu uma forquilha no cabelo. O ruído lhe chegava amortecido, certamente, porque procedia de três andares mais abaixo. Vale fez encerrar o cão em um quarto de pedra, junto ao porão. Camundongo começou a ladrar pouco depois de que o encerrassem. Certamente ao perceber que não iriam deixa-lo sair em seguida. Desde esse instante (a última hora dessa manhã), não cessara de ladrar. Era já de noite. De vez em quando o cão parava, como se aguçasse o ouvido se por acaso alguém ia em seu resgate, mas, já que não chegava ninguém, começava outra vez.

E cada vez seus latidos pareciam mais fortes que o anterior.

— Quanto ruído faz o cão, não? — comentou Suchlike. Não parecia lhe incomodar especialmente aquele alvoroço.

Talvez os criados não estivessem tão incomodados como ela acreditava.

— É a primeira vez que está encerrado.

— Então lhe virá bem. — Suchlike lhe pôs outra forquilha e se afastou para olhar sua obra com olho crítico. — O senhor Pynch diz que, se isso seguir assim, vai ficar louco.

Sua donzela falava como se lhe fizesse graça a loucura do ajudante de câmara.

Melisande arqueou uma sobrancelha.

— Voltou lorde Vale?

— Sim, senhora. Faz coisa de meia hora. — Suchlike começou a recolher os objetos da penteadeira.

Melisande se levantou e cruzou devagar o quarto. Camundongo deixou de ladrar de repente, e ela conteve o fôlego.

Logo reiniciaram os latidos.

Vale lhe impediu que fosse em busca do cão, mas se aquilo se prolongasse, não sabia se poderia refrear-se. Era-lhe terrivelmente difícil suportar a angústia de Camundongo.

Bateram à sua porta.

Voltou-se e olhou para ali.

— Sim.

Vale abriu a porta. Possivelmente não estava muito tempo em casa, mas, a julgar pelo cabelo molhado, lhe deu tempo de assear-se e trocar de roupa.

— Boa noite, minha senhora esposa. Quer me acompanhar a visitar o prisioneiro?

Ela alisou as saias e assentiu com a cabeça.

— Sim, por favor.

Jasper se afastou e ela desceu diante dele as escadas. Os latidos foram fazendo-se mais nítidos à medida que se aproximavam.

— Preciso te pedir um favor, minha esposa — disse Vale.

— Qual?

— Quero que fique a um lado e que deixe que seja eu que trate com o cão.

Ela apertou os lábios. Camundongo só respondia as suas ordens. E se tentasse morder de novo a Vale?

Seu marido parecia um homem benévolo, mas Melisande tinha a impressão de que sua benevolência não era mais que uma capa muito superficial.

— Melisande?

Ela se voltou. Vale se deteve nas escadas em espera de uma resposta. Seus olhos de cor turquesa pareciam brilhar na penumbra.

Melisande assentiu, rígida.

— Como queira.

Ele desceu os últimos degraus e, pegando sua mão, levou-a para a cozinha.

O corredor foi ficando mais e mais escuro à medida que entravam nos domínios dos criados, até que chegaram à cozinha. Era uma habitação enorme, dominada por uma grande lareira de tijolo em forma de arco situada em um extremo. Ao fundo da sala, duas janelas deixavam entrar a luz. De dia, era uma estadia muito iluminada. Agora, a chama das velas se somava à luz mortiça que entrava de fora.

A cozinheira, três criadas, vários lacaios e o mordomo estavam preparando o jantar. Ao entrar eles, a cozinheira deixou cair a concha de sopa em uma panela de sopa fervendo, e todos ficaram quietos.

Os latidos de Camundongo ressoavam abaixo.

— Senhor... — começou a dizer Oaks.

— Por favor, não quero interromper seu trabalho — disse Vale. — Só vim para ver o cão de

minha esposa. Ah, Pynch...

O ajudante de câmara se levantou de uma cadeira junto à lareira.

— Encontrou um pedaço de carne? — perguntou Vale.

— Sim, milord — respondeu o senhor Pynch. — A cozinheira teve a amabilidade de me dar um pouco de vitela do jantar de ontem à noite — tirou um lenço dobrado com algo dentro.

Melisande clareou a garganta.

— A verdade é...

Vale baixou o olhar para ela.

— Sim, docinho?

— Se for para Camundongo, adora o queijo — disse ela, contrita.

— Rendo-me ante a superioridade de seu conhecimento. — Vale se voltou para a cozinheira, que revoava junto a sua sopa. — Tem um bocado de queijo?

A cozinheira fez uma reverência.

— Sim, milord. Annie, vá à despensa a buscar o queijo.

Uma criada entrou rapidamente em uma sala contigua à cozinha e voltou a aparecer com um queijo redondo tão grande como sua cabeça. Pô-lo sobre a mesa da cozinha e afastou com cuidado o pano que o envolvia.

A cozinheira agarrou uma faca afiada e cortou uma fatia.

— Bastará com isto, milord?

— Perfeito, senhora cozinheira. — Vale lhe sorriu, e as fracas faces da cozinheira se tingiram de um rosa suave. — O agradeço infinitamente. Agora, se me mostrar o porão, senhor Oaks...

O mordomo os conduziu através da despensa, até uma porta que dava a um curto lance de escadas que levava ao porão, uma parte do qual se achava por debaixo do nível do chão.

— Cuidado com a cabeça — advertiu Vale a Melisande. Ele quase teve que dobrar-se para descer pelas escadas. — Obrigado, Oaks. Já pode partir.

O mordomo pareceu imensamente aliviado. O porão estava recoberto de pedra fria e úmida, e as paredes repletas de prateleiras transbordantes de toda classe de mantimentos e vinhos. Em um canto havia uma portinhola de madeira detrás da qual estava encerrado Camundongo. Deixara de ladrar ao ouvir seus passos na escada, e Melisande imaginava-o detrás da porta, em guarda, com a cabeça para um lado.

Vale a olhou e levou um dedo aos lábios. Ela assentiu, com a boca tensa.

Seu marido sorriu e entreabriu a portinhola. Em seguida apareceu pela fresta um focinho negro. Vale se agachou e cortou com os dedos um pedaço de queijo.

— Bom, sir Camundongo — murmurou ao lhe estender o queijo com seus compridos e fortes dedos, — repensaste sobre seus pecados?

O focinho se moveu de um lado a outro e depois Camundongo colheu com muito cuidado o queijo da mão de Vale e desapareceu.

Melisande esperava que Vale entrasse no quarto do porão, mas ele se limitou a esperar, agachado ainda sobre o chão de pedra, como se tivesse todo o tempo do mundo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Uns segundos depois reapareceu o focinho negro e nervoso. Esta vez, Vale sustentou o queijo fora de seu alcance.

Melisande aguardou, contendo o fôlego. Camundongo podia ser extremamente teimoso. Mas, por outro lado, adorava o queijo. O cão empurrou a porta com o nariz. Vale e ele se olharam um momento, e logo

Camundongo saiu ao trote e lhe tirou da mão o segundo pedaço de queijo. Imediatamente retrocedeu uns passos, deu-lhe as costas e engoliu o queijo. Vale lhe mostrou outro pedaço de queijo sobre a palma aberta de sua mão, em cima do joelho. Camundongo se aproximou devagar e agarrou o queijo, indeciso.

Quando voltou em busca de outro bocado, Vale lhe passou suavemente a mão pela cabeça enquanto comia. A Camundongo não pareceu lhe importar; nem sequer deu amostras de notar a carícia. Vale tirou do bolso uma longa e fina correia de couro. Tinha um laço em um extremo. Quando Camundongo se aproximou para pedir outro pedaço de queijo, Vale lhe passou habilmente o laço pelo pescoço, onde ficou pendurado, solto.

Logo lhe deu mais queijo.

Quando acabou de comer a fatia inteira, Camundongo já deixava que passasse a mão por todo seu corpo. Vale se levantou e se deu umas palmadas na coxa.

— Vamos, veem.

Voltou-se e saiu do porão. Camundongo olhou a Melisande com desconcerto, mas como estava do outro lado da correia, não teve mais remédio que seguir a Vale.

Melisande sacudiu a cabeça, assombrada, e foi atrás deles. Vale cruzou a cozinha e saiu pela porta de trás, onde alargou a correia o suficiente para que Camundongo fizesse suas necessidades.

Logo voltou a recolhê-la e sorriu a Melisande.

— Jantamos?

Ela só pôde assentir com a cabeça. Sentia o peito cheio de gratidão. Vale domara a Camundongo, lhe impôs sua autoridade sem lhe fazer dano. Melisande conhecia muito poucos homens capazes de se incomodar em fazer o mesmo, e mais ainda sem golpear ao animal. O que fez Vale requeria sabedoria, paciência e não pouca compaixão. Compaixão por um cão que o mordeu essa mesma manhã.

Se não o amasse já, teria se apaixonado por ele nesse momento.

Camundongo estava jogado sob a mesa, aos pés do Jasper. Este tinha a correia enrolada ao redor do pulso, e notou um puxão quando o cão fez um par de tentativas malogradas de aproximar-se de sua proprietária. Agora jazia quieto, com a cabeça entre as patas, e de vez em quando soltava um dramático suspiro. Jasper sentiu que um sorriso curvava seus lábios. Entendia por que

Melisande tinha tanto carinho a aquele animal. Camundongo era todo um personagem.

— Pensa sair outra vez esta noite? — perguntou ela do outro lado da mesa.

Observava-o por cima da borda da taça de vinho, com olhos sombrios e misteriosos.

Jasper encolheu os ombros.

— Possivelmente.

Baixou o olhar ao cortar uma parte de assado de seu prato. Perguntava-se ela por que saía tanto, por que muitas noites estava fora até as tantas da madrugada? Ou pensava simplesmente que era um jogador e um bêbado sem remédio? Que ideia tão humilhante. Sobre tudo porque não sentia especial afeição pelos tugúrios de jogo e os bailes aos que assistia cada noite. Simplesmente, odiava as negras horas da noite.

— Poderia ficar — disse Melisande.

Jasper a olhou. Ela tinha uma expressão suave, movia-se sem pressas enquanto cortava uma rosquinha de pão e a untava com manteiga.

— Quer que fique? — perguntou.

Melisande levantou as sobrancelhas sem afastar o olhar do pão.

— Possivelmente.

Jasper sentiu esticar seu ventre ao ouvir aquela palavra sutilmente carregada de sedução.

— E o que faremos, minha doce esposa, se ficar aqui contigo?

Ela encolheu os ombros.

— Poderíamos fazer muitas coisas.

— Por exemplo?

— Poderíamos jogar às cartas.

— Com apenas dois jogadores? Que aborrecimento.

— Às damas ou ao xadrez?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Poderíamos conversar — acrescentou ela suavemente.

Ele tomou um gole de vinho. Buscava-a durante o dia, mas por alguma razão a ideia de passar a velada conversando com ela punha-o nervoso. Seus fantasmas eram muito mais ferozes quando ficava de noite.

— Do que conversaríamos?

Um lacaio levou uma bandeja com queijos e morangos frescos e a colocou entre os dois. Melisande não se moveu (tinha sempre as costas retas como um militar), mas ao Jasper pareceu que se inclinava um pouco para diante.

— Poderia me falar de sua infância.

— Um tema bastante aborrecido, temo — tocou distraidamente sua taça de vinho. — Tirando a vez em que Reynaud e eu estivemos a ponto de nos afogar no lago de Saint Aubyn.

— Eu gostaria que me contasse isso — ela não provara ainda os morangos.

— Estávamos em uma época muito perigosa da vida — começou a dizer Jasper. — Tínhamos onze anos, para ser exato. Foi o verão anterior a que nos mandassem ao internato.

— Sim? — escolheu um morango e o deixou em seu prato. Não era nem o maior, nem o menor, mas sim muito vermelho e amadurecido. Acariciou-o com o indicador como se se deleitasse na ideia de comê-lo.

Jasper bebeu outro gole de vinho. De repente ficou com a boca seca.

— Sinto dizer que essa tarde escapei de meu preceptor.

— Escapou? — ela deu a volta ao morango no prato. Enquanto via mover-se seus dedos sobre a fruta, Jasper imaginou fazendo outra coisa.

— Meu preceptor era um senhor bastante idoso e, se contava com a suficiente vantagem, podia escapar dele com bastante facilidade.

— Pobre homem — disse Melisande, e mordeu o morango.

Jasper ficou um momento sem fôlego. De repente não podia pensar. Logo clareou a garganta, mas mesmo assim sua voz soou rouca.

— Sim, bom, e Reynaud também fez a mesma coisa.

Ela engoliu.

— E?

— Por desgraça, decidimos nos encontrar junto ao lago.

— Por desgraça?

Ele fez uma careta ao recordá-lo.

— Não sei como, nos ocorreu construir uma balsa.

Melisande levantou as sobrancelhas, aquelas delicadas asas de cor marrom clara.

Ele trespassou um pedaço de queijo com a faca e o comeu.

— Acontece que construir uma balsa com ramos e pedaços de corda é muito mais difícil do que poderia parecer ao princípio. Sobre tudo, se se tem onze anos.

— Sinto uma iminente tragédia — tinha uma expressão séria, mas seus olhos o olhavam risonhos.

— Em efeito — pegou um morango e fez girar sua extremidade entre os dedos. — No meio da tarde estávamos sujos de lama, suados e ofegantes, mas nos ajeitamos para construir um trambolho de uns três pés quadrados, embora muito quadrado não era, diga-se de passagem.

Melisande mordeu o lábio como se tentasse conter a risada.

— E?

Jasper apoiou os cotovelos sobre a mesa, sujeitando ainda o morango, e adotou uma expressão solene.

— Olhando para trás, duvido muito que aquela balsa pudesse flutuar na água por si só. Mas, naturalmente, não nos ocorreu prová-lo antes de embarcarmos.

Ela sorria. Não tentava já conter a risada, e Jasper sentiu um estremecimento de gozo. Conseguir que aquela mulher perdesse a compostura, fazer que expressasse alegria, não era façanha pequena.

Mas o mais surpreendente de tudo era o prazer que lhe produzia fazê-la sorrir.

— O resultado foi inevitável, temo — alargou o braço através da mesa e aproximou o morango a sua boca sorridente. Ela abriu os lábios rosados e mordeu a fruta. Jasper se excitou e olhou sua boca enquanto mastigava.

— O estrondo foi imediato, mas foi a própria instabilidade da balsa o que nos salvou.

Ela engoliu.

— E isso por quê?

Jasper jogou a um lado a extremidade do morango e cruzou os braços sobre a mesa.

— Estávamos a uma jarda da borda quando afundamos. Fizemos pé entre as algas, e a água só nos chegava à cintura.

— Isso é tudo?

Ele sentiu que a comissura de sua boca se levantava. — Bom, teria sido tudo se Reynaud não tivesse arrumado para cair quase em cima de um ninho de gansos.

Ela fez uma careta. — Ai, Deus.

Jasper assentiu com um gesto.

— Em efeito: ai, Deus. O ganso tomou muito a mal que tivéssemos invadido sua casa à margem do lago e nos perseguiu quase até Vale Manor. Ali nos encontrou por fim meu preceptor, que me deu tal sova de açoites que estive uma semana quase sem poder me sentar. Depois disso, tenho mania ao ganso assado.

Sustentou por um momento o olhar risonho de seus olhos marrons. A sala estava em silêncio; os criados andavam pelo corredor. Jasper sentia cada inalação. Tinha a impressão de que o tempo se deteve enquanto olhava nos olhos de sua esposa. Estava a borda de algo: um momento crucial de sua vida, uma nova forma de sentir ou pensar. Ignorava o que era, mas estava ali, sob seus pés.

A única coisa que precisava fazer era dar o primeiro passo.

Mas foi Melisande quem se moveu. Afastou sua cadeira e se levantou.

— Agradeço-lhe, milord, por um relato do mais entretido — dirigiu-se para a porta da sala de jantar.

Jasper piscou.

— Tão logo me deixa?

Ela se deteve com as costas rígidas como uma vara.

— Confiava em que me acompanhasse acima — olhou-o por cima do ombro com olhos graves, misteriosos e um pouco incitantes. — Já não estou indisposta.

Fechou a porta muito suavemente atrás dela.

Melisande ouviu uma maldição abafada seguida por um agudo latido ao sair da sala. Sorriu. Sem dúvida Vale esqueceu que estava com a correia de Camundongo atada ao pulso.

Subiu rapidamente as escadas sem olhar para trás. Sentia o palpitar de seu pulso, era consciente de que ele ia segui-la, e essa certeza aliviou seus passos ao chegar ao corredor de cima.

Umas fortes pisadas se ouviram nas escadas. Aproximavam-se rapidamente. Vale devia estar subindo os degraus de dois em dois. Melisande chegou à porta de seu quarto ofegando de excitação.

Entrou na habitação vazia e correu à lareira, onde se voltou.

Vale irrompeu no quarto um instante depois.

— O que fez com Camundongo? — ela lutava para que não lhe tremesse a voz.

— O entreguei a um lacaio. — Vale fechou a porta.

— Entendo.

Ele se voltou para ela e se deteve com a cabeça inclinada. Parecia estar esperando a que ela fizesse algo. Melisande respirou fundo e se aproximou.

— Está acostumado a dormir comigo, sabe?

Agarrou as bordas de sua casaca e as afastou para lhe tirar as mangas.

— Neste quarto?

— Em minha cama — depositou cuidadosamente a casaca sobre uma cadeira.

— Ah. Seriamente? — tinha enrugado o cenho, como se tentasse fazer uma dedução.

— Seriamente — repetiu ela suavemente. Afrouxou seu lenço de pescoço e o deixou sobre a casaca. Tremiam-lhe as mãos como se tivesse febre.

— Na cama.

— Sim. — desabotoou-lhe o colete.

Ele o tirou e o deixou cair ao chão. Melisande olhou o objeto e decidiu deixá-lo ali. Começou a lhe desabotoar a camisa.

— Acredito que... — Vale se interrompeu. Parecia ter se distraído de repente.

Tirou-lhe a camisa pela cabeça e o olhou.

— Sim?

Vale pigarreou.

— Possivelmente deveríamos nos sentar.

— Por quê? — não pensava permitir que aquilo acontecesse como em sua noite de bodas. Posou as pontas dos dedos sobre seu peito e os deslizou por seu estômago, desfrutando da liberdade de tocar sua pele nua.

— Né...

Melisande chegou à altura de suas calças e procurou os botões.

— Devagar.

— Acreditas que devemos afrouxar o ritmo? — perguntou ela com voz suave, mas desabotoou os botões.

— Bom...

— Sim? — a lapela de suas calças se abriu e ficaram penduradas.

— Né...

— Ou não? — deslizou a mão dentro de seu calção e encontrou seu membro duro e grosso, esperando-a. Uma onda de calor a embargou. Essa noite seria dele: seria dele como ela queria.

Vale fechou os olhos como se sofresse e disse com clareza:

— Não.

— Ah, muito bem — murmurou ela. — Digo o mesmo.

E colocou a outra mão dentro de suas calças para tocar seu membro.

Vale cambaleou um pouco antes de fixar os pés.

Melisande estava absorta em seu descobrimento. Por fim, curiosamente, agora que tocava a parte mais íntima de sua anatomia, deixaram de lhe tremer as mãos. Sentia o roce de seu pelo

crespo no dorso dos dedos, e suas palmas se enchiam de carne quente. Rodeou com a mão esquerda sua verga enquanto com a direita seguia sua exploração. Pele lisa e, sob ela, músculo duro como o granito.

A leve saliência das veias e uma glande larga e de grossa borda. Passou as pontas dos dedos por ele, pele sensível com pele sensível, e notou sua pequena abertura. E a umidade que brotava dela.

Esfregou-a descrevendo pequenos círculos enquanto apertava com sua mão esquerda.

— Meu Deus — disse Vale em tom implorante. — Me deixa sem forças, minha esposa.

Ela esboçou um sorriso feminino e triunfal e ficou nas pontas dos pés, com sua verga ainda entre as mãos.

— Me beije, por favor.

Vale abriu os olhos e a olhou quase desesperado. Logo a agarrou pelos braços e inclinou a cabeça para beijá-la. Abriu a boca úmida e um pouco ávida: exatamente como ela queria. Melisande deixou escapar um ronrono de prazer e seguiu acariciando-o com firmeza. Ele grunhiu e introduziu a língua em sua boca enquanto sua verga seguia entre as mãos de Melisande. Ela apanhou sua língua e a chupou.

Vale baixou as mãos até suas nádegas e as apertou. Um estremecimento de puro prazer percorreu a Melisande no mais profundo de seu ser.

Ele se afastou de repente, ofegante.

— Meu doce coração, possivelmente deveríamos...

— Não. Melisande lhe baixou as calças de um puxão, afastando- as dos quadris. Examinou sua formosa verga nua e sentiu que seus músculos internos se contraíam ao vê-la.

— Melisande...

Seu pênis, orgulhoso e ereto, era acobreado, e seus testículos se esticavam, duros, sob ele. Melisande pôs o polegar sob a glande, no leve e sensível sulco de debaixo.

— O que?

— Não lhe...?

Ela levantou a vista. Seu marido parecia um pouco aturdido.

— Não — respondeu com firmeza, e se inclinou para lamber seu mamilo esquerdo.

Ele sofreu um sobressalto e a atraiu para si, espremendo suas mãos entre os corpos de ambos.

Ela soltou sua presa e, posando as mãos sobre seu peito, empurrou-o até uma cadeira. Vale deu um passo cambaleante antes de se inclinar com impaciência para tirar as calças e os calções, aos que seguiram as meias e os sapatos. Ficou sentado na cadeira, esplendidamente nu, e então percebeu que ela seguia vestida.

— Mas...

— Shh. — Melisande pôs um dedo sobre sua boca e sentiu o roce úmido de seu fôlego, o liso cetim de seus lábios.

Vale fechou a boca e ela deu um passo atrás. Levou as mãos aos laços do sutiã e ele a olhou

com intensidade enquanto tirava a roupa. O quarto estava em silêncio, exceto pelo chiado do fogo e o som da respiração de ambos. A luz das chamas aumentava o corpo grande e fornido de Vale. Seus largos ombros transbordavam do respaldo da cadeira. Seus longos dedos se aferravam com força aos braços da cadeira, como se tentasse se refrear. Os músculos de seus braços se inchavam pela tensão. E mais abaixo...

Melisande conteve o fôlego ao tirar as saias. As duras coxas de Vale sustentavam seu membro ereto, que apontava agressivamente para cima. Aquela imagem fez que lhe tremessem as pernas, que o centro de seu ser ardesse e se liquidificasse. Olhou-o nos olhos, e Vale já não parecia aturdido. Cravou nela um olhar intenso e concentrado, sem um indício de sorriso em sua boca larga e expressiva.

Melisande respirou fundo para acalmar-se e deixou que seu sutiã caísse ao chão. Por baixo usava unicamente uma camisa de seda, fina como as asas de uma libélula. Ao aproximar-se dele, Vale começou a levantar-se da cadeira.

Mas lhe pôs uma mão no ombro e colocou um joelho junto a seu quadril, sobre a cadeira.

— Importa-te?

A satisfez que ele tivesse que clarear a garganta.

— Absolutamente.

Ela assentiu com a cabeça e levantou até aos quadris a barra da camisa antes de subir à cadeira. Colocou-se com cuidado sobre ele, escarranchada, e deixou cair a camisa. Logo se sentou.

Durante um instante, só pôde saborear o calor das coxas de Vale contra suas nádegas. Sentia a comichão de seu pelo em suas partes mais íntimas.

Depois sorriu e lhe rodeou o pescoço com os braços.

— Vais beijar-me?

— Deus, sim — grunhiu ele.

Apertou-a com força contra seu peito e rodeou com força suas costas. Melisande esteve a ponto de rir. Era tão maravilhoso que por fim a abraçasse assim... Mas logo ele a beijou na boca e a risada se dissipou.

Beijou-a com ânsia, como se estivesse faminto e ela fosse o primeiro bocado de pão que provava há semanas. Sua boca grande se movia sobre a dela, lhe mordiscando os lábios e ofegando.

Suas mãos a apertavam com força, e Melisande se perguntou se no dia seguinte teria contusões.

Levantou-se um pouco para se aproximar de sua verga. Ele ficou paralisado, beijando-a ainda, como se quisesse ver o que faria a seguir. Ela se inclinou para diante sobre seu regaço até que teve seu pênis debaixo, preso firmemente entre os corpos de ambos. Logo, lentamente, começou a esfregar-se contra ele. Sua glande separou as dobras de seu sexo, e ela apertou sua carne mais íntima contra ele.

Seus olhos se fecharam piscando ao sentir um prazer delicioso.

Vale interrompeu o beijo e tentou colocar a mão entre os dois.

— Não — ela abriu os olhos e olhou-o com severidade. Logo voltou a apertar-se contra ele.

Ele estava com o rosto sufocado e os lábios úmidos. As longas rugas verticais que rodeavam sua boca aparecendo mais profundas, e seu rosto tinha de repente uma expressão melancólica.

Melisande se esfregou contra ele. Seu ardor era cada vez mais intenso. As dobras de seu sexo se tornaram escorregadios. Sustentando lhe o olhar, parecia desafiá-lo a detê-la.

Mas ele aproximou as mãos a seu corpo e cobriu seus seios.

— Faça-o já.

Ela se ergueu apoiando-se nos joelhos e se apertou contra sua verga. Ofegava. Olhando-a, Vale juntou os dedos e beliscou seus mamilos. Ela gemeu e arqueou as costas, mas sua verga deslizou para um lado.

Desesperada, introduziu a mão entre os dois para sujeitar sua escorregadia lisura. Apertou-se de novo contra ele. Sentia as dobras de seu sexo inchados sob seus dedos. Imaginou seu sexo, molhado e púrpura, florescendo unido a verga de Vale. Esfregou a ponta de seu pênis contra seu clitóris e mordeu os lábios enquanto lutava por alcançar sua meta.

Em seguida, ele se inclinou para diante e meteu uns de seus mamilos na boca úmida e quente, e ela se precipitou no abismo. Ofegando, ansiosa, fez-se em pedacinhos, dissolvendo-se no espaço. Sua camisa se empapou como papel de seda sob a língua de Vale enquanto chupava com força seu mamilo. Melisande olhava-o com os olhos entreabertos e a cabeça caída para trás pelo prazer.

Vale... Estremecia contra ele e tremia, ainda entre o céu e a terra, receava voltar.

Ao deslizar acima e abaixo sobre suas costas, as mãos de Vale eram agora suaves e delicadas, em lugar de duras. Melisande tremia entre seus braços; seus ofegos começavam a remeter, mas seu desejo de tê-lo dentro se fazia cada vez mais premente. Vale se moveu e enlaçou com as mãos sua cintura, levantando-a sem aparente esforço. De repente, seu membro estava mais abaixo, à entrada do sexo de Melisande.

Ela levantou a cabeça e seus olhos se encontraram com o olhar implacável de Vale. Sustentou o olhar e pressionou, alargando seu conduto e fazendo-a estremecer com renovado prazer.

Melisande levantou a pélvis e empurrou para baixo, sentando-se firmemente sobre seu pênis, que a penetrou por inteiro. Homem e mulher. Marido e mulher.

Seguiam olhando-se nos olhos, e ela se perguntou o que pensava ele. Se estava surpreso, se sentia satisfação ou desagrado. Ou se possivelmente não pensava em nada coerente.

Tinha a larga boca tensa, quase formando uma careta, e os olhos entrecerrados. Uma gota de suor lhe corria pela mandíbula. Talvez não pensasse nada. Talvez só sentisse.

Como ela. Inclinou-se para diante e lambeu aquela gota de suor. Notou seu sabor a sal e a homem: a seu homem, agora. Pegou o rosto de Vale entre as mãos e mordeu seu lábio inferior.

Ele deixou escapar um grunhido, esticou as mãos e a levantou, extraindo sua verga da bainha de seu sexo. Depois, deixou-a cair de novo.

Melisande sentia vontades de rir, de cantar. Voava livre (livre por fim), e estava fazendo

amor com o homem de que estava apaixonada. Quando ele voltou a deixá-la cair, moveu os quadris, e ele afastou o lábio de entre seus dentes e resmungou um juramento. Logo começou a mover-se debaixo dela: elevava-se como uma onda e afundava sua carne violentamente dentro dela, como se quisesse marcá-la.

Melisande se agarrou a seus largos ombros e se aferrou a ele. Tinha as pernas separadas, os seios arrepiados e sua boca, aberta junto à cara de Vale, beijava-o, lambia-o, mordia-o.

E, enquanto isso, sua verga seguia afundando-se nela. Equilibrava-se para ela com brutalidade e a penetrava.

Até que todos seus músculos se esticaram ao mesmo tempo. Sacudiu a cabeça, apertou os dentes, com o corpo rígido, e ela sentiu o jorro quente de sua semente dentro do corpo.

Vale se convulsionou uma vez. E outra. Depois exalou como se todo o ar deixasse seu corpo de repente.

Melisande beijou seu rosto e sua mandíbula enquanto via seu marido relaxar depois de fazer amor. Pouco a pouco, seus músculos se afrouxaram. Suas mãos abandonaram a cintura de Melisande.

Recostou a cabeça no respaldo da cadeira. E ela seguiu beijando-o. No pescoço, no ouvido, no ombro. Com beijos ligeiros e suaves. Vale, Vale, Vale... Não podia dizer em voz alta o que entoava seu coração, mas podia o idolatrar com seus beijos. Ele estava acalorado. Melisande notava a umidade de seu peito sob as palmas das mãos. Sentia o aroma almiscarado de seus corpos unidos, fundidos pelo sexo.

Nunca antes sentiu um bem-estar semelhante. Todas as peças de sua vida, de seu mundo, pareciam ter ocupado o lugar correto, alinharam-se harmonicamente. Estava em paz.

Podia ficar assim para sempre.

Mas ele trocou de postura e se separou dela. Melisande sufocou um gemido de chateio, porque ele a levantara nos braços e a levava para a cama. Tombou-a e se inclinou para lhe dar um beijo suave nos lábios.

Em seguida deu meia volta e saiu do quarto pela porta que comunicava seus dormitórios.

Não viu que Melisande lhe estendia os braços.

Capítulo 10

O dia que começava a competição, centenas, possivelmente milhares de homens carregados de esperanças aguardavam em frente aos muros do castelo. Um alto estrado se construiu para que o rei subisse nele e todos os pretendentes o ouvissem. Do alto daquele estrado, o rei lhes explicou o que ia ocorrer. Haveria três provas no total, a fim de que o homem que ganhasse a princesa fosse posto minuciosamente em teste.

A primeira consistia em encontrar e recuperar um anel de bronze. Dito anel jazia no fundo de

um lago profundo e gelado. E naquele lago morava uma serpente gigantesca...
Do Jack o Risonho

Melisande despertou sozinha na cama. Suchlike devia ter deixado entrar Camundongo no quarto durante a noite, porque o cão estava deitado aos pés da cama. Ficou deitada um momento, olhando o dossel de seda enquanto tentava compreender suas emoções. Seu encontro da noite anterior foi maravilhoso... Ou ao menos isso lhe pareceu. Acaso Jasper partiu depois porque lhe repugnava sua ousadia?

Ou porque para ele aquele era, simplesmente, um ato físico e, portanto, não sentia nenhuma necessidade de ficar deitado a seu lado? Não era isso o que desejou ela no princípio?

Compartilhar a parte física do matrimônio com Vale sem pôr em jogo a extraordinária intensidade de suas emoções? Soltou um suspiro de frustração. Ao que parece, já não sabia o que queria.

Aos pés da cama, Camundongo se desenroscou e se estirou, com o traseiro em pompa. Logo se aproximou dela tranquilamente e esfregou o focinho contra sua mão.

— E você, o que opina, sir Camundongo? — inquiriu Melisande enquanto acariciava suas suaves orelhas. — Já te domou?

Camundongo se sacudiu, saltou da cama e se aproximou a trote à porta. Deixou claro o que queria arranhando a madeira com a pata. Ela suspirou e retirou as mantas.

— Muito bem. De todos os modos, suponho que ficando na cama não vou resolver minhas dúvidas.

Fez soar a campainha para chamar a Suchlike e enquanto esperava à donzela se lavou com a água fria da jarra da penteadeira. Logo, com ajuda da Suchlike, vestiu-se rapidamente e um momento depois descia as escadas acompanhada de Camundongo. Deixou o cão aos cuidados de Sprat e se dirigiu a saleta do café da manhã, armando-se de coragem para ver Vale.

Mas a saleta do café da manhã estava vazia. Melisande vadiou um momento na soleira antes de entrar. A mesa estava limpa e recolhida, claro, mas umas quantas migalhas evidenciavam que seu marido já esteve ali e se fora.

Então mordeu o lábio. Por que não a esperou?

— Trago-lhe seu chocolate, milady? — perguntou Sprat a suas costas.

Havia tornado com Camundongo.

— Sim, por favor — murmurou ela automaticamente. Logo se voltou, sobressaltando ao lacaio. — Não. Faça que tragam a carruagem à porta, quer...

Sprat pareceu desconcertado.

— Sim, senhora.

— E diga a Suchlike que se reúna comigo no vestíbulo — o lacaio fez uma reverência e saiu da sala. Melisande se aproximou do aparador, onde estava exposta uma seleção de pães-doces e carnes.

Envolveu vários pães-doces em um pano e se dirigiu ao vestíbulo, com Camundongo lhe

pisando os calcanhares.

Suchlike já estava esperando-a no corredor. Levantou o olhar ao entrar ela.

— Vamos a algum lugar, senhora?

— Gostaria de dar um passeio pelo parque — respondeu Melisande com energia. Olhou a Camundongo, sentado tranquilamente a seus pés. O cão a olhava com candura. — Sprat, acredito que também necessitamos a correia de Camundongo.

O lacaio retornou pressuroso à cozinha em busca da correia e pouco depois o cão e as duas mulheres iam na carruagem, a caminho do Hyde Park.

— Faz um dia precioso, verdade, senhora? — comentou Suchlike. — O sol brilha e o céu está azul. Mas claro, o senhor Pynch diz que desfrutemos enquanto possamos, porque logo voltará a chover.

— A donzela baixou as sobrancelhas. — Sempre está augurando mau tempo, o senhor Pynch.

Melisande olhou a sua donzela, divertida.

— É um pouco azedo, não?

— Azedo?

— Muito sério e antipático.

— Ah — o cenho da donzela desanuviou. — Bom, sim que é sério, mas não é que seja antipático. É que sempre olha a todo mundo por cima do ombro, você já me entende.

— Ah. — Melisande assentiu com a cabeça. — Então é que se acredita superior.

— Sim, senhora, isso é exatamente! — exclamou Suchlike. — Se comporta como se os outros não fossem tão preparados como ele. Ou como se, por ser mais jovens que ele, soubessem menos.

Suchlike ficou refletindo um momento sobre o petulante ajudante de câmara. Melisande a observava com interesse. Suchlike costumava a ser uma moça muito alegre. Nunca a viu tão melancólica...

E isso por causa de um ajudante de câmara que, além de calvo, ultrapassava-lhe em doze anos.

— Já estamos em Hyde Park, senhora — disse Suchlike.

Melisande levantou os olhos e viu que haviam entrado no parque. Era cedo e o parque não estava repleto ainda das carruagens elegantes que desfilavam por ele a hora mais tardia.

Nesse momento só havia uns poucos cavaleiros, uma carruagem ou duas e vários passeantes ao longe.

A carruagem se deteve. A portinhola se abriu e um lacaio mostrou a cabeça.

— Parece-lhe bem aqui, senhora?

Estavam perto de um pequeno lago de patos. Melisande assentiu com a cabeça.

— Muito bem. Diga ao chofer que espere aqui enquanto damos um passeio.

— Sim, senhora — o lacaio ajudou primeiro a sair a Melisande e logo a Suchlike. Camundongo saltou ao chão e em seguida levantou a pata junto a um matagal.

Melisande clareou a garganta.

— Vamos ao lago?

— Onde você queira, senhora. — Suchlike pôs-se a andar vários passos atrás dela.

Melisande suspirou. Considerava-se o mais apropriado que uma donzela caminhasse atrás de sua senhora, em lugar do seu lado, mas isso as impedia de manter uma conversa íntima.

O dia, entretanto, era precioso, em efeito, e Melisande começou seu passeio com passo decidido. por que esperar em casa a um marido que tinha vida própria?

Não, desfrutaria daquela manhã e do passeio, sem pensar em Vale e em por que não a esperou para tomar o café da manhã.

Descobriu, não obstante, que era um pouco difícil conseguir certa serenidade enquanto passeava com Camundongo. O cão puxava pela correia e fincava as robustas patas no chão como se pugnasse por cada passo.

Lutava até tal ponto com a correia de couro que estava a ponto de estrangular-se.

— Mas o que está fazendo, tonto? — resmungou enquanto o animal tossia e se engasgava dramaticamente. — Se deixasse de puxar, não te aconteceria nada.

Camundongo nem sequer se voltou ao ouvir sua voz. Seguiu lutando com a correia trançada.

Melisande suspirou. A zona do parque pela qual passeavam estava quase deserta. Só se via uma mulher com duas crianças junto ao lago dos patos um pouco mais adiante. E a Camundongo sempre encantaram as crianças.

Então ela se agachou e lhe tirou a correia.

O cão colou imediatamente o nariz ao chão e começou a brincar de correr em círculos.

— Camundongo — o chamou Melisande.

Ele se deteve e a olhou aguçando as orelhas.

Ela sorriu.

— Muito bem.

O cão meneou o rabo e foi investigar o tronco de uma árvore.

— Parece que gosta de passear, né, senhora? — disse Suchlike atrás dela.

— Sim, e fazia tempo que não dava um bom passeio.

Melisande caminhava com mais folga agora que Camundongo já não puxava. Tirou os pães que envolveu em um pano e ofereceu um a Suchlike.

— Obrigada, senhora.

Melisande seguiu passeando enquanto comia. Camundongo retornou brincando de correr e pegou um bocado de sua mão; depois, partiu de novo a explorar. Ela ouvia as risadas das crianças ao longe e a voz mais baixa da mulher que os acompanhava. As crianças estavam agachadas junto a margem do lago e a mulher um pouco mais à frente, embora perto. Uma das crianças levava um pau comprido e estava cravando-o no barro enquanto a outra o olhava.

Camundongo viu dois patos caminhando pelo capim da margem e, emitindo um alegre latido, foi atrás deles. Os patos levantaram voo. O néscio cão se lançou ao ar dando uma mordida, como se pudesse apanhar a um pato no voo.

As crianças levantaram a vista e um deles gritou algo. Camundongo tomou aquilo como um

convite e se aproximou trotando para fazer amigos. Ao aproximar-se passeando, Melisande viu que os novos conhecidos de Camundongo eram um menino e uma menina. O menino tinha cinco ou seis anos e a menina uns oito. Ele levava um traje precioso, mas rodeou o pescoço de Camundongo com os braços, e Melisande fez uma careta ao imaginar a quantidade de barro que acabaria passando do cão ao menino. A menina era menos efusiva, o qual foi uma sorte, porque levava um impecável vestido branco.

— Senhora! Senhora! Como se chama? — gritou o menino ao vê-la. — É um cão fantástico.

— Não deveria gritar — lhe disse sua irmã em tom de censura.

— Melisande sorriu à menina.

— Chama-se Camundongo e tem razão: é um cão fantástico.

Camundongo pareceu sorrir antes de colar o focinho ao barro, a margem do lago. O menino e ele voltaram a investigar a água.

Melisande se deteve. Não teve muitas ocasiões de falar com crianças, mas certamente algumas coisas eram universais. Inclinou a cabeça para a menina.

— E você como te chama?

A mocinha se ruborizou e baixou os olhos.

— Abigail Fitzwilliam — sussurrou como se falasse com seus sapatos.

— Ah. — Melisande começou a atar cabos ao olhar à menina e a sua mãe, a que viu a noite do baile de máscaras.

Helen Fitzwilliam era a amante do duque de Lister. O duque era um homem poderoso, mas, por mais poderoso que fosse um homem, em tais situações à mulher seguia sendo considerada uma paria. Melisande sorriu à filha de Helen Fitzwilliam.

— Eu sou lady Vale. Como está?

A menina seguiu olhando os sapatos.

— Abigail — disse uma voz suave e feminina, — cumprimente como é devido à senhora, por favor.

A menina fez uma linda embora cambaleante reverência enquanto Melisande levantava o olhar. A mulher que falou era muito bela: tinha o cabelo dourado e brilhante, grandes olhos azuis e uma boca perfeita, com a forma do arco do Cupido. Devia ser um pouco mais velha que ela, mas podia eclipsar a mulheres com mais ou com menos idade que ela.

Naturalmente, não era de estranhar que o duque de Lister a tivesse escolhido como amante a uma mulher de deslumbrante beleza.

Melisande devia afastar-se sem prestar atenção à cortesã, sem olhá-la ou lhe dirigir a palavra. A julgar pela forma em que a senhora Fitzwilliam mantinha erguidos os ombros, isso era justamente o que esperava.

Mas olhou à garotinha, que seguia com os olhos cravados no chão. Quantas vezes teria visto sua mãe desprezada?

Então inclinou a cabeça.

— Como está? Sou Melisande Renshaw, viscondessa de Vale.

Viu um brilho de surpresa e logo depois de gratidão no semblante da senhora Fitzwilliam, antes que esta se inclinasse em uma reverência.

— Ah! É uma honra conhecê-la, milady. Sou Helen Fitzwilliam. — Melisande lhe devolveu a reverência e, ao levantar-se, descobriu à garotinha olhando-a. Sorriu.

— E como se chama seu irmão?

A menina olhou por cima do ombro, para onde seu irmão estava agachado junto à água, cravando algo com um pau. Camundongo farejava o que tinham encontrado, e Melisande confiou em que não lhe ocorresse derrubar-se em alguma imundície.

— É Jamie — disse Abigail. — Gosta das coisas pestilentas.

— Mmm — disse Melisande. — Igual à Camundongo.

— Vou ver, mãe? — perguntou a menina.

— Sim, mas não te suje de barro, como seu irmão — respondeu a senhora Fitzwilliam.

Abigail pareceu ofender-se.

— É obvio que não.

Aproximou-se com cuidado aonde o menino e o cão estavam brincando.

— É uma menina preciosa — comentou Melisande. Normalmente lhe desagradava tentar travar conversa com desconhecidos, mas sabia que, se ficasse calada, a outra mulher tomaria como um desprezo.

— Sim, verdade? — disse a senhora Fitzwilliam. — Sei que as mães não devem falar dessas coisas, mas sempre me pareceu preciosa. São o melhor que tenho nesta vida, sabe?

Melisande assentiu com a cabeça. Ignorava quanto tempo fazia que a senhora Fitzwilliam era a amante de Lister, mas era quase seguro que as crianças eram dele. Que estranha vida levava uma concubina!

Lister teve descendência legítima com sua esposa: meia dúzia de filhos e filhas, já crescidos. Reconhecia sequer ao Jamie e a Abigail como bastardos dele?

— Adoram o parque — continuou a senhora Fitzwilliam. — Venho aqui com eles sempre que posso, embora temo que não é muito frequentemente. Eu não gosto de vir quando há muita gente.

Disse-o com naturalidade, sem compadecer-se de si mesma.

— Por que será que os meninos pequenos e os cães gostam tanto do barro? — perguntou Melisande.

Abigail se mantinha a distância, mas Jamie se levantou e estava pisoteando algo no meio do barro. A lama salpicava em grandes gotas.

Camundongo ladrava.

— Será pelo cheiro? — disse a senhora Fitzwilliam.

— Ou pela sujeira?

Abigail gritou e saltou para trás quando seu irmão voltou a pisotear o barro.

— Ou porque repugna às meninas?

Melisande sorriu.

— Isso explica a fascinação do Jamie, certamente, mas não a de Camundongo.

De repente se descobriu desejando poder convidar a tomar o chá a aquela mulher. A senhora Fitzwilliam não era absolutamente como esperava. Não pedia piedade, nem parecia angustiada pela sorte que lhe tocou nesta vida, e tinha senso de humor. Podia ser uma muito boa amiga.

Mas, ai, não se devia convidar a uma mulher em sua situação a tomar o chá.

— Soube que está você recém-casada — disse a senhora Fitzwilliam. — Me permite lhe dar meus parabéns?

— Obrigada — murmurou Melisande, e enrugou o cenho ao recordar como a deixou Jasper a noite anterior.

— Sempre me pareceu que deve ser difícil conviver com um homem — comentou a senhora Fitzwilliam. Melisande lhe lançou um olhar. A senhora Fitzwilliam ficou vermelha.

— Espero não tê-la ofendido.

— Não, nada disso.

— É só que os homens podem ser tão distantes às vezes... — disse sua interlocutora com suavidade. — Como se a gente fosse um estorvo para eles. Mas pode ser que nem todos sejam assim.

— Não sei — respondeu Melisande. — É a primeira vez que me caso.

— Claro — a senhora Fitzwilliam baixou o olhar para o chão. — Me pergunto, entretanto, se é possível sequer que um homem e uma mulher estejam verdadeiramente unidos. Em um sentido espiritual, quero dizer.

Homens e mulheres são tão diferentes, não lhe parece?

Melisande juntou as mãos. A opinião da senhora Fitzwilliam com respeito ao matrimônio era bastante cética, e uma parte de seu ser (a mais sensata e pragmática) impulsionava-a a lhe dar a razão.

Mas outra parte se opunha com veemência.

— Não acredito que sempre deva ser assim. Vi casais muito apaixonados e tão unidos que parecem adivinhar-se mutuamente o pensamento.

— E você tem esse vínculo com seu marido? — perguntou a senhora Fitzwilliam. A pergunta podia ter sido grosseira, vindo de qualquer outra mulher, mas a senhora Fitzwilliam parecia sentir uma curiosidade sincera.

— Não — respondeu Melisande. — O nosso não é esse tipo de matrimônio.

E isso era o que ela queria, não? Amou já uma vez antes, e sofreu na alma. Não poderia suportar aquele sofrimento de novo, era assim simples.

Melisande sentiu que uma espécie de tristeza, de aflição, alagava seu ser ao reconhecê-lo. Jamais teria um desses matrimônios gloriosos apoiados no amor e a compreensão mútua.

— Ah — disse a senhora Fitzwilliam, e ficaram caladas um momento, olhando as crianças e a Camundongo.

Por fim a senhora Fitzwilliam se voltou para ela e sorriu, com um sorriso tão belo e

maravilhoso que Melisande ficou simplesmente sem fôlego.

— Obrigada por deixá-las brincar com seu cão.

Ao abrir a boca para responder, Melisande ouviu um grito atrás dela.

— Minha senhora esposa! Que alegria verte aqui!

Voltou-se e viu que Vale se aproximava a cavalo, acompanhado de outro homem.

Melisande estava tão absorta em sua conversa com a outra senhora que não viu o Jasper até que ele a saudou. Enquanto lorde Hasselthorpe e ele se aproximavam, a desconhecida se voltou e se afastou rapidamente.

Jasper a reconheceu. Era a senhora Fitzwilliam, a amante do duque de Lister há quase uma década.

Que fazia Melisande conversando com uma concubina?

— Sua mulher tem companhias pouco recomendáveis — comentou lorde Hasselthorpe. — Às vezes, às jovens casadas se lhes mete na cabeça que devem ser mais cosmopolitas roçando os limites da respeitabilidade.

Mais vale que a advirta, Vale.

Uma réplica mordaz foi aos lábios do Jasper, mas a refreou. Passou meia hora tentando congraçar-se com lorde Hasselthorpe.

Rilhou os dentes e disse:

— Tê-lo-ei em conta, senhor.

— Faça-o — replicou Hasselthorpe, detendo seu cavalo antes que chegassem junto a Melisande. — Sem dúvida quererá falar em privado com sua senhora esposa, então os deixo. Deu-me muito que pensar.

— Significa que nos ajudará a encontrar ao traidor? — insistiu Jasper.

Hasselthorpe titubeou.

— Suas teorias parecem razoáveis, Vale, mas eu não gosto de me precipitar. Sim, em efeito, meu irmão Thomas morreu por culpa de um covarde traidor, terá minha ajuda. Mas eu gostaria de sopesar um pouco mais este assunto.

— Muito bem — disse Jasper. — Posso ir vê-lo amanhã?

— Melhor depois de amanhã — respondeu Hasselthorpe.

Jasper assentiu com a cabeça, apesar de que lhe irritava aquela demora. Estreitou a mão do outro homem e se aproximou de Melisande a cavalo. Ela se voltara para observá-lo aproximar-se.

Estava com as mãos cruzadas sobre a cintura e as costas incrivelmente retas, como de costume. Não parecia absolutamente a mulher que o seduziu habilmente a noite anterior.

Jasper desejou por um momento agarrá-la pelos ombros e sacudi-la, fazê-la perder sua impenetrável compostura, obrigá-la a dobrar as costas.

Não o fez, certamente; não se sacudia à própria esposa em um parque público e em plena manhã, mesmo que estivesse falando com pessoas de má reputação.

Sorriu e voltou a saudá-la.

— De passeio, meu coração?

Ao vê-lo, Camundongo se separou de um menino coberto de barro e correu para seu cavalo, ladrando como um louco. Aquele cão tinha o cérebro de uma ervilha. Por sorte, Belle se limitou a bufar ao vê-lo saltar junto a seus cascos.

— Camundongo — disse Jasper com severidade, — sente-se.

Como por milagre, o cão plantou seu traseiro sobre a erva.

Jasper desceu da égua e o olhou. O animal meneou o rabo. Jasper seguiu olhando-o até que agachou a cabeça, meneando ainda o rabo com tanto brio que também se agitava a metade de seu corpo.

Então baixou a cabeça quase até o chão e se aproximou devagar de Jasper, apoiado nos cotovelos, com a boca retraída em uma careta de submissão.

— Pelo amor de Deus — resmungou Jasper. Qualquer um pensaria ao ver o cão que o espancou.

Camundongo interpretou aquilo como uma autorização para começar a saltar, aproximou-se a trote e se sentou a seus pés, espectador. Jasper o olhou desconcertado.

Ouviu uma risada abafada. Olhou a Melisande erguendo uma sobrancelha e viu que tampou a boca com a mão.

— Acredito que gosta de você.

— Sim, mas eu gosto dele?

— Isso não importa. — Melisande se aproximou tranquilamente. — Gosta e já está.

— Hmm. — Jasper voltou a olhar ao cão. Camundongo inclinara a cabeça como se esperasse instruções. — Adiante, pois.

O cão soltou um latido e começou a correr descrevendo um amplo círculo em torno de Jasper, Melisande e o cavalo.

— O lógico seria que sentisse raiva, depois de encerrá-lo no porão — resmungou Jasper.

Melisande encolheu os ombros elegantemente.

— Os cães têm essas coisas — inclinou-se e agarrou um pau entre o indicador e o polegar. — Pegue.

Jasper olhou o graveto. Estava sujo de barro.

— Aflige-me sua delicadeza, milady.

Ela ergueu os olhos ao céu.

— Não é para ti, tolo. Lança-o para Camundongo.

— Por quê?

— Porque gosta de ir recolher paus — respondeu com paciência, como se falasse com um menino muito lento.

— Ah — agarrou o graveto e Camundongo deixou de correr imediatamente e olhou-o. Jasper lançou o pau o mais longe que pôde, consciente de que, por absurdo que parecesse, tentava mostrar-se.

Camundongo pôs-se a correr atrás do pau, recolheu-o e o sacudiu com força. Logo ficou a brincar ao redor do lago. Jasper enrugou o cenho.

— Acreditava que devia me trazer o graveto.

— Eu não disse que este jogo saísse bem.

Jasper olhou a sua esposa. O ar da manhã havia rosado suas faces, normalmente pálidas; seus olhos brilhavam por ter zombado um pouco dele, e estava... Encantadora. Realmente encantadora.

Jasper precisou engolir saliva antes de poder falar.

— Está me dizendo que acabo de perder um pau estupendo?

Ouviu-se um suave estalo do outro lado do lago. Camundongo estava mastigando o pau.

Melisande fez uma careta.

— Não acredito que queira que o devolva, de todos os modos.

— Não o irá comer, verdade?

— Seria a primeira vez.

— Ah. — e logo não soube o que dizer, o qual lhe acontecia muito poucas vezes. Queria lhe perguntar sobre o que conversou com a senhora Fitzwilliam, mas ignorava como formular a pergunta.

"Estiveste recebendo lições de sedução de uma cortesã?" não parecia o mais apropriado. Fixou-se em que a senhora Fitzwilliam e seus filhos pareciam ter partido. Já não os via.

— Por que não me esperou para tomar o café da manhã? — perguntou ela, rompendo o silêncio.

Tinham começado a passear ao redor do lago. Jasper levava pelas rédeas a seu cavalo.

— Não sei exatamente. Pensei que depois do de ontem à noite...

O que? Que quereria passar um tempo sozinha? Não, isso não era totalmente certo. Possivelmente fosse ele quem necessitava de um pouco de solidão. Mas em que lugar a deixava aquilo?

— Desagradou-te minha conduta? — perguntou ela.

Jasper se deteve, surpreso, e a olhou. Por que pensava que podia tê-lo desagradado? Perguntá-lo sequer revelava uma falha em seu caráter.

— Não. Não, meu coração. Não poderia me desagradar nem que o tentasse por mil anos.

Ela franziu ligeiramente as sobrancelhas enquanto observava seu rosto. Parecia tentar descobrir se lhe mentia. Jasper se inclinou para ela e murmurou:

— Intriga-me, tenta-me, inflama-me, mas me desagradar? Isso jamais, minha doce esposa.

Melisande conteve o fôlego e, quando falou, sua voz soou baixa.

— Mas não era o que esperava.

Ele a recordou segura de si mesma e cheia de aprumo ao pegar sua verga entre as mãos, a noite anterior.

O contato fresco de seus dedos, a imagem de seu rosto carregado de intensidade, estiveram a ponto de fazê-lo descarregar ali mesmo.

— Não — respondeu com a voz um pouco rouca. — Não foi o que esperava. Melisande...

Um disparo soou do outro lado do parque. Jasper pegou instintivamente a sua mulher em

seus braços. Camundongo começou a ladrar, histérico. Ouviram gritos e relinchos, mas as árvores os impediam de ver o que ocorria.

— O que acontece? — perguntou Melisande.

— Não sei — resmungou ele.

Um cavalheiro sem chapéu, montado em um grande cavalo negro, apareceu a galope. Parecia proceder do lugar do alvoroço. Jasper pôs a Melisande atrás dele.

— Hei! Você! O que aconteceu?

O homem puxou as rédeas para refrear o seu cavalo.

— Vou em busca de um médico. Não tenho tempo.

— Dispararam em alguém?

— Uma tentativa de assassinato — gritou o homem enquanto esporeava o seu cavalo. — Alguém tentou matar lorde Hasselthorpe!

— Mas por que quereria alguém matar lorde Hasselthorpe? — perguntou Melisande essa noite.

Vale a metera na carruagem e lhe ordenara que voltasse para casa. Depois, dirigiu-se à cena da tentativa de assassinato. Esteve fora até depois do jantar, e Melisande não pôde interroga-lo até agora.

— Não sei — respondeu ele. Foi vê-la em seu quarto, mas passeava como se estivesse enjaulado. — Pode ser que fosse um acidente. Possivelmente algum idiota estava atirando ao alvo sem um bom alvo de palha que detivesse a bala.

— No Hyde Park?

— Não sei! — respondeu Vale elevando a voz, e a olhou contrito. — Perdoe-me, minha esposa. Mas, se se tratava de um assassino, era um péssimo atirador. Só feriu o Hasselthorpe no braço. Não acredito que tenha problemas para recuperar-se. Vi muitas feridas parecidas na guerra, e nem tinham importância, a não ser que se infectassem.

— Me alegro de que não esteja ferido gravemente — disse Melisande. Estava sentada em uma das cadeiras baixas que ficava em frente ao fogo (na que fizeram amor a véspera) e o observava. — Quase nunca falas da guerra.

— Seriamente? — respondeu vagamente. Estava de pé junto à penteadeira, colocando o dedo em uma pequena terrina cheia de forquilhas. Levava um robe vermelho e negro sobre as calças e a camisa.

— Não há muito que contar, em realidade.

— Não? Mas esteve seis anos no exército, não é assim?

— Sete — resmungou. Aproximou-se do roupeiro, abriu-o de repente e ficou olhando seu interior como se entre seus vestidos se encontrasse a resposta aos mistérios do universo.

— Por que te engajaste?

Vale se voltou e a olhou distraidamente um momento. Logo piscou e pôs-se a rir.

— Me engajei no exército para que me ensinassem a ser um homem. Ou, ao menos, isso pretendia meu pai. Eu lhe parecia muito vago, muito frívolo. E como em casa não tinha nada que

fazer... — encolheu os ombros despreocupadamente.

— Por que não comprar a fila de capitão?

— E Reynaud Saint Aubyn, seu melhor amigo, comprou-o ao mesmo tempo que você?

— Sim. Entusiasmava-nos a ideia de nos unir ao 28° Regimento de Infantaria. Descanse em paz — fechou as portas do armário e se aproximou da janela, pensativo.

Possivelmente Melisande devesse deixá-lo assim. Deixar de indagar, permitir que seus segredos seguissem enterrados. Mas uma parte de seu ser não o permitia. Todos os aspectos da vida de Vale a fascinavam, e aquela precisamente, que ele mantinha oculta, fascinava-a mais ainda. Suspirando, levantou-se. Usava um pesado robe por cima da camisa. o tirou e o depositou com cuidado sobre a cadeira.

— Você gostava da vida no exército? — perguntou suavemente. Melisande via seu reflexo observando-a do cristal enegrecido da janela.

— Em parte. Os soldados costumam queixar-se da má comida, das marchas e de ter que viver em tendas. Mas às vezes é divertido. Se sentar junto a uma fogueira e tentar comer um guisado de ervilhas cozidas com toucinho.

Melisande tirou a camisa enquanto o escutava e ele se interrompeu bruscamente. Nua, aproximou-se dele e pôs as mãos sobre suas costas. Seus músculos eram duros como rochas, como se tivesse se tornado de granito.

— E as batalhas?

— Eram como estar no inferno — sussurrou ele.

Ao deslizar as mãos por suas largas costas, Melisande sentiu o vale de sua coluna e os músculos a cada lado. Como estar no inferno... Melisande ansiava conhecer essa parte de seu ser que esteve no inferno.

— Esteve em muitas batalhas?

— Em algumas — suspirou e baixou a cabeça enquanto ela cravava os polegares nos músculos em cima de seus quadris.

Então lhe tocou o ombro.

— Tire isto.

Ele tirou o robe e a camisa, mas quando fez ameaça de voltar-se, deteve-o com firmeza. Começou a massagear com força, descrevendo pequenos círculos, em ambos os lados de suas costas.

Ele deixou escapar um gemido e jogou de novo a cabeça para diante enquanto apoiava as mãos sobre o suporte da janela.

— Esteve em Quebec — disse ela em voz baixa.

— Essa foi a única verdadeira batalha. O resto foram escaramuças. Algumas só duraram uns minutos.

— E Spinner's Falls?

Jasper encolheu os ombros como se o tivesse golpeado, mas não disse nada. Melisande sabia que Spinner's Falls foi um massacre. Consolou a Emeline quando por fim se soube que

Reynaud não sobreviveu a sua captura. Desejava insistir: saltava à vista que aquele era seu ponto fraco. Mas não podia ser tão desconsiderada. Odiava a ideia de fazê-lo sofrer.

Pegou sua mão e o levou a cama. Ele ficou em silêncio, passivamente, enquanto o despia. Sua verga, em troca, não mostrava passividade alguma. Melisande empurrou-o para a cama e deitou a seu lado.

Apoiada no cotovelo, começou a passar a mão por seu peito. Sentia-se afortunada por ter a aquele homem só para ela, ao menos de momento. Ali e agora, podia fazer com ele o que quisesse.

Era um presente do céu. Um presente maravilhoso.

Inclinou-se e começou a depositar beijos úmidos e suaves ao longo de seu flanco. Lambeu as ondulações de suas costelas e mordiscou seu quadril. Por cima dela, Jasper resmungou algo. Uma advertência, possivelmente, ou possivelmente uma palavra de fôlego. Melisande não estava segura, nem lhe importava. Tinha diante de si sua meta: seu pênis grosso, duro e desafiante.

Tocou-o deslizando por ele, ao longo, a ponta de um dedo. Logo se inclinou e beijou com suavidade sua úmida abertura.

Ele arqueou os quadris e, agarrando-a pelo cabelo, levantou seu rosto.

— Não. Não tem por que fazê-lo. Não mereço isso.

Havia gotas de suor em seu lábio superior e seus olhos tinham uma expressão selvagem e afligida.

Era estranho que tivesse empregado o verbo "merecer". Melisande procurou recordá-lo, para poder pensar nisso mais tarde.

Umedeceu provocativamente os lábios, provou sua semente e disse:

— Quero fazê-lo — queria lhe dar paz, se pudesse.

Ele afrouxou as mãos, surpreso, possivelmente, mas ela aproveitou o momento para baixar a cabeça e meter sua verga na boca. Jasper voltou a crispar as mãos, mas a Melisande não pareceu que fosse para detê-la.

Chupou a ponta de seu membro como se fosse uma salgada ameixa dentro de sua boca e passou a mão lentamente por seu caule. Não tinha muita experiência, e ignorava se havia uma melhor forma de fazê-lo, mas a ele não parecia lhe importar. Jasper resmungou algo ininteligível e levantou os quadris. Ela sorriu para si e deixou sair seu pênis da boca com um suave pop. Provou com os dentes sua carnuda glande e começou a acariciar mais às pressas. Seu pênis não afrouxava. Seguia duro, ereto e..

Jasper se ergueu de um salto e a colocou debaixo dele. Abateu-se sobre ela, grande e ameaçador, e grunhiu com turvo semblante:

— Acreditas que sou um brinquedo, minha senhora?

Ela abriu as pernas, apoiou os pés sobre a cama e levantou os quadris. Esfregou seu sexo contra o membro do Jasper. E viu que ele fechava as pálpebras.

— Pode ser que sim — sussurrou. — Pode ser que seu pênis seja meu brinquedo favorito. Pode ser que o queira dentro de mim...

Mas ele a penetrou com força, rapidamente, e as palavras da Melisande se perderam em meio de um gemido de prazer.

— Libertina — disse. — Minha libertina...

Ela só pôde rir, presa de um puro frenesi erótico. Levantou os quadris, obrigando-o a atacá-la com mais força para seguir em cima dela. Ria enquanto esfregava os quadris e se apertava contra ele, e o suor do Jasper caía sobre seus seios nus. Ele a agarrou pelos quadris e a sustentou com firmeza enquanto a cavalgava com um ritmo impossível. Por trás dos olhos abertos de Melisande se acenderam estrelas, e, jogando a cabeça para trás, ofegou, extasiada. Agarrada a seus ombros escorregadios, sentiu como uma onda de calor se estendia do centro de seu ser, e foi vagamente consciente de que seguia rindo quando alcançou o clímax.

Só quando Jasper estremeceu entre seus braços, jurando em voz baixa, limparam-se por fim seus olhos e viu que, em cima dela, o rosto de seu marido era uma máscara trágica.

Capítulo 11

Todos os pretendentes partiram em busca do anel de bronze, e a princesa Surcease suspirou e entrou no castelo. Jack, em troca, procurou um canto tranquilo e abriu sua caixa de rapé. Dentro encontrou justo o que necessitava: uma armadura feita de vento e noite, e a espada mais afiada do mundo. Jack colocou a armadura sobre o corpo disforme e empunhou a espada. E, depois, zas! Estava em frente a um lago.

Estava se perguntando se seria aquele o lago correto quando uma enorme serpente surgiu da água. E a batalha se iniciou então! A serpente era muito grande e Jack muito pequeno, mas tinha a espada mais afiada do mundo e sua armadura ajudava-o. Ao final, a serpente acabou morta e o anel nas mãos do Jack...

Do Jack o Risonho

Ao que parece, casou-se com uma libertina, disse-se Jasper à manhã seguinte. Com uma libertina impudica e sensual, e ele mal podia acreditar que tivesse tanta sorte. Enquanto estava sentado na vicária da igreja, ouvindo a proposição de Melisande com o zumbido da ressaca na cabeça, não lhe passou pela imaginação que no leito conjugal pudesse ser tão maravilhosamente contente com ela.

Mas seu assombro não explicava, certamente, por que saiu a cavalo de sua casa essa manhã depois de tomar o café da manhã de novo sem sua esposa. Aquilo soava perigosamente a covardia.

Mas, embora seu corpo tivesse caído sob o feitiço da sensualidade de Melisande, seu intelecto se perguntava friamente de onde extraiu ela aqueles conhecimentos. Devia ter tido ao menos um amante (mais, possivelmente), e Jasper não estava seguro de querer examinar essa

questão com atenção. A ideia de que outro homem a tivesse ensinado, tivesse-lhe mostrado como meter um pênis naquela boca doce e quente...

Deixou escapar um grunhido. Um varredor que passava por ali o olhou, sobressaltado, e se afastou.

Jasper tentou afugentar aquela ideia. Encurvou-se e subiu a gola da casaca para proteger-se da nebulosa garoa. O bom tempo tinha passado por fim, e essa manhã Londres era um lugar lúgubre e cinza.

Voltou a pensar na noite anterior. Recordava o reflexo de sua esposa na janela obscurecida ao afastar a camisa de sua alta e esbelta figura. Parecia pálida e sobrenatural, e seu cabelo castanho claro ondeava ao redor de seus quadris.

Certamente o considerava um covarde ou, pior ainda, um imbecil. A deixou depois de fazer amor sem lhe dar sequer a boa noite e passou a noite em seu colchão. Era um caipira.

Mas aqueles olhos que o observavam enquanto beijava seu peito, que o estudavam ao lhe perguntar sobre Spinner's Falls... Deus. Melisande não fazia nem ideia de com quem se casou.

Possivelmente fosse melhor que ele partiu tão bruscamente. Convinha não lhe dar esperanças de que podia haver algo mais, quando não se sentia com forças para lhe oferecer outra coisa que aquilo.

Agora, entretanto, não conseguia entender suas próprias reações.

Ao levantar os olhos, viu a casa do Matthew Horn e se alegrou de poder escapar daquelas reflexões carregadas de sentimentalismo.

Desmontou de Belle, deu as rédeas a um moço e subiu os degraus de um salto. Um minuto depois passeava pela biblioteca do Horn, à espera que seu amigo descesse de onde estava.

Acabava de inclinar-se para olhar um volume grande e poeirento quando a voz do Horn lhe chegou da porta.

— Buscas alguma leitura ligeira?

— Estava me perguntando para que alguém quer uma história da mineração do cobre. — Jasper se ergueu com um sorriso. Horn fez uma careta.

— Era de meu pai. Embora de pouco lhe sirva. A mina que escolheu para investir resultou um fiasco. — Entrou tranquilamente na biblioteca e se deixou cair em uma grande poltrona, passando uma perna por cima do braço do móvel. — Os Horn não são precisamente célebres por seu instinto para os negócios.

Jasper fez uma careta cuidadosa.

— Má sorte.

Horn encolheu os ombros.

— Quer um chá? Parece cedo para tomar um uísque.

— Não, obrigado. — Jasper se aproximou de um mapa-múndi emoldurado e tentou distinguir onde estava a Itália.

— Vem outra vez pelo do Spinner's Falls, verdade? — perguntou Horn.

— Mmm — hmm — respondeu Jasper sem voltar-se. Seria possível que a Itália não estivesse

no mapa? — Soube sobre o que ocorreu ao Hasselthorpe?

— Deram-lhe um tiro no Hyde Park. Dizem que foi uma tentativa de assassinato.

— Sim. E justamente depois de aceitar pensar se me ajudava ou não.

Fez-se um breve silêncio, quebrado pela risada incrédula do Horn.

— Não acredita que isso tem algo a ver?

Jasper encolheu os ombros. Não estava seguro, claro, mas era uma coincidência muito estranha.

— Sigo pensando que deveria te esquecer do Spinner's Falls — acrescentou Horn calmamente.

Jasper não respondeu. Se pudesse se esquecer daquilo, fá-lo-ia.

Horn suspirou.

— Bem, estive pensando nisso. — Jasper se voltou para olhá-lo.

— Sim?

Seu amigo agitou uma mão vagamente.

— De vez em quando. O que não entendo é por que quereria alguém trair ao regimento. Que sentido teria? Sobre tudo, se estava entre os que fomos capturados. Parece um bom modo de deixar-se matar.

Jasper soltou um sopro.

— Não acredito que estivesse previsto que o capturassem. Ao traidor, quero dizer. Certamente pensava deitar no chão e evitar a batalha.

— Todos os que foram capturados lutaram com denodo.

— Sim, tem razão. — Jasper se voltou para o mapa.

— Então, que razões podiam ter para trair ao regimento e fazer que nos matassem? Acredito que está enganado, meu amigo. Não havia nenhum traidor. O ocorrido em Spinner's Falls foi má sorte, simplesmente.

— Pode ser. — Jasper se inclinou tanto para o mapa que quase tocou o pergaminho com o nariz. — Mas me ocorre um bom motivo para que alguém nos traísse.

— Qual?

— O dinheiro. — Jasper se esqueceu por completo do mapa. — Os franceses fizeram saber que estavam dispostos a pagar bem qualquer informação.

— Um espião? — Matthew levantou as sobrancelhas escuras. Não parecia muito convencido.

— Por que não?

— Porque eu ou qualquer dos que estávamos ali teríamos esquartejado membro a membro a esse canalha, por isso — respondeu Matthew. Levantou-se de um salto da poltrona, como se não pudesse estar quieto.

— Razão a mais para assegurar-se de que ninguém o averiguava — disse Jasper com calma.

Matthew, que estava olhando pela janela, encolheu os ombros.

— Olha, eu não gosto da ideia tão pouco como a ti — disse Jasper. — Mas se nos traíram, se

todos esses homens morreram pela avareza de um só, se partirmos através desse bosque e suportamos... — deteve-se, incapaz de dizer em voz alta o resto.

Fechou os olhos, mas seguiu vendo no negrume o ferro afundando-se na carne, sentiu o fedor da pele humana ao queimar-se. Abriu os olhos. Matthew o observava inexpressivamente.

— Necessitamos... Preciso encontra-lo e o levar ante a justiça. Fazê-lo pagar por seus pecados — disse Jasper.

— E Hasselthorpe? Viu-o desde que o feriram?

— Nega-se a me receber. Mandei-lhe uma mensagem esta manhã lhe pedindo uma entrevista, e respondeu que pensa retirar-se a sua casa de campo até que se recupere.

— Maldito seja.

— Sim. — Jasper voltou a concentrar-se no mapa.

— Deve falar com o Alistair Munroe — disse Horn atrás dele.

Jasper se voltou.

— Acreditas que é o traidor?

— Não. — Matthew sacudiu a cabeça. — Mas estava ali. Pode ser que recorde algo que nós esquecemos.

— Já lhe escrevi. — Jasper fez uma careta de frustração. — Mas não responde.

Matthew olhou-o com firmeza.

— Então terá que ir a Escócia, não?

Esse dia, Melisande viu pela primeira vez a seu marido na hora do jantar. Começou a se perguntar se ele a estava evitando, se acontecia algo, mas Vale parecia absolutamente normal enquanto cravava ervilhas com o garfo e brincava com os lacaios.

— Que tal te foi o dia? — perguntou despreocupadamente. Às vezes, podia ser muito exasperante.

— Almocei com sua mãe.

— Ah, sim? — pediu mais vinho a um dos lacaios.

— Mmm — hmm. Serviu alcachofras recheadas e fatias de presunto.

Ele estremeceu.

— Alcachofras. Nunca soube como se comem.

— Raspam-se as folhas com os dentes. É muito fácil.

— Folhas. A quem ocorre comer folhas? — perguntou, ao que parece retoricamente. — A mim não. Certamente quem descobriu as alcachofras foi uma mulher.

— Os romanos as comiam.

— Uma romana, então. Certamente servia um prato de folhas a seu marido e disse: "Aqui tem, docinho, um festim".

Melisande se descobriu sorrindo ao ouvir a descrição daquela fictícia mulher romana e seu desafortunado marido.

— Em qualquer caso, as alcachofras de sua mãe estavam muito boas.

— Mmm — grunhiu Vale, cético. — Suponho que te terá contado toda classe de coisas sobre

minha amalucada juventude.

Melisande comeu uma ervilha.

— Supõe bem.

Ele fez uma careta.

— Algo particularmente escandaloso?

— Pelo visto, quando pequeno vomitava muito.

— Isso, ao menos, superei-o — resmungou ele.

— E aos dezesseis anos teve um idílio com uma leiteira.

— Tinha-o esquecido — exclamou Vale. — Uma moça encantadora. Agnes. Ou era Alice? Ou possivelmente Arabella...?

— Duvido que se chamasse Arabella — murmurou Melisande.

Ele não prestou atenção.

— Tinha uma preciosa pele de cor pêssego e uns enormes... — de repente começou a tossir.

— Pés? — perguntou Melisande com doçura.

— Realmente assombrosos. Seus pés, quero dizer — seus olhos a olharam com um brilho perverso.

— Umf — disse Melisande, mas teve que refrear um sorriso. — Que tal foi teu dia?

— Né, bem. — Jasper meteu na boca um bom pedaço de vitela e mastigou energicamente antes de engolir. — Estive em casa do Matthew Horn. Lembra-te dele? O da festa no jardim de minha mãe?

— Sim.

— Não vais acreditar nisso, mas tem um mapa do mundo no qual não aparece a Itália.

— Pode ser que não tenha observado no lugar correto — respondeu ela com amabilidade.

— Não, não — sacudiu a cabeça e bebeu mais vinho. — Está a este da Rússia e ainda por cima da África. Estou seguro de que a teria visto.

— Pode ser que o mapa foi feito por alguém com antipatia por Roma.

— Você acredita? — pareceu surpreso pela ideia. — E decidiu desaparecer com a Itália completamente?

Ela encolheu os ombros.

— Que ideia! Não teria que ter estudado latim tantos anos, se a Itália tivesse desaparecido.

— Mas o estudou, e estou segura de que é melhor pessoa graças a isso.

— Mmm. — Jasper não parecia muito convencido.

Melisande comeu umas cenouras cozidas. Estavam bastante boas. A cozinheira as cobriu com algo doce; com mel, possivelmente. Teria que lembrar-se de felicitar a aquela mulher.

— E falou de algo mais com o senhor Horn, além de seu mapa defeituoso?

— Sim, falamos de um conhecido que temos na Escócia.

— Ah, sim? — Vale estava bebendo mais vinho e custava interpretar sua expressão. O interesse da Melisande ficou mais afiado. — Como se chama?

— Sir Alistair Munroe. Estava agregado a meu regimento, mas não era militar. Enviou-o a

Coroa para que catalogasse a flora e a fauna da América.

— Seriamente? Parece um homem fascinante.

Vale enrugou o cenho.

— É-o, se você gosta de falar de samambaias horas e horas.

Melisande bebeu um gole de seu vinho.

— Eu gosto bastante das samambaias.

Vale enrugou ainda mais o cenho.

— Em qualquer caso, estou pensando em fazer uma viagem à velha e formosa Escócia, para ir vê-lo.

Ficaram em silêncio enquanto Melisande contemplava suas ervilhas e suas cenouras, que começavam a esfriar. Vale estaria tentando fugir dela? Desfrutava tanto vivendo naquela casa e sabendo que ele estava perto.

Mesmo que passasse fora grande parte do dia ou saísse até as tantas da madrugada, sabia que ao final voltaria para casa. Só de estar na mesma casa que ele a reconfortava. E, agora, nem sequer teria isso.

Vale clareou a garganta.

— O caso é que vive ao norte de Edimburgo. Está bastante longe, uma viagem de uma semana ou mais, em carruagem e com os caminhos em mal estado.

As hospedarias serão horrendas, a comida má e a possibilidade de que haja salteadores de caminhos. Certamente será uma viagem terrível.

Olhou o prato com o cenho franzido e cravou a vitela com a ponta do garfo.

Melisande ficou calada. Já não comia, porque sua garganta parecia ter se fechado. Vale ia ver um homem ao qual, pelo que disse, conhecia pouco e pelo qual sentia escassa simpatia. Por quê?

— Mas, apesar de tudo isso, estava me perguntando se você gostaria de me acompanhar, minha esposa.

Ela estava tão absorta em seus pensamentos que no princípio não o entendeu. Olhou-o e descobriu que a estava observando atentamente, com um brilho nos olhos azuis esverdeados. Um alívio delicioso começou a estender-se por seu peito.

— Quando vai? — perguntou.

— Amanhã.

Ela abriu os olhos.

— Tão logo?

— Tenho coisas importantes que falar com o Munroe. Trata-se de um assunto que não pode esperar — inclinou-se para diante. — Pode levar a Camundongo. Deveremos ter à mão sua correia, claro, e nos assegurar de que não assusta aos cavalos nas estalagens. Não será muito cômodo, e pode ser que acabe terrivelmente aborrecida, mas...

— Sim.

Ele piscou.

— O que?

— Sim. — Melisande sorriu e seguiu comendo. — Quero ir contigo.

— Partem para a Escócia — disse Bernie, o lacaio, ao levar a terrina das ervilhas à cozinha.

A Sally Suchlike esteve a ponto de cair a colher na terrina da sopa. A Escócia? A aquele país de pagãos? Diziam que os homens deixavam crescer tanto a barba que mal lhes viam os olhos.

E todo mundo sabia que os escoceses não se banhavam.

A cozinheira, ao que parece, estava pensando o mesmo.

— E acabam de casar — se lamentou enquanto punha terrinas de creme de limão em uma bandeja. — Que lástima — fez um gesto a Bernie para que levasse a bandeja e logo o deteve pondo uma mão sobre o braço.

— Disseram quanto tempo vão ficar fora?

— Ele acaba de dizer à senhora, mas suponho que serão semanas, não? — o lacaio encolheu os ombros e esteve a ponto de derrubar a bandeja. — Meses, inclusive. E partem em seguida. Amanhã mesmo.

Uma das criadas rompeu a chorar quando Bernie saiu da cozinha.

Sally tentou engolir, mas não parecia restar saliva na boca. Teria que viajar com lady Vale à Escócia. Era o que faziam as donzelas. De repente, seu novo emprego, muito mais bem pago (tanto que até podia economizar), não lhe pareceu tão apetecível. Estremeceu. Escócia era o fim do mundo.

— Vamos, não precisa ficar assim — a voz profunda do senhor Pynch chegou de um lado da lareira, onde, como todas as noites, estava fumando seu cachimbo.

Sally pensou a princípio que se referia a ela, mas logo percebeu que se dirigia a Bitsy, a criada da cozinha.

— Escócia não está tão mal — acrescentou.

— Esteve lá, senhor Pynch? — perguntou Sally. Possivelmente viajou até ali e sobreviveu, não era para tanto.

— Não — respondeu o senhor Pynch, esmagando suas ilusões. — Mas conhecia alguns escoceses no exército e são iguais a nós, salvo pelo fato de que falam diferente.

— Ah.

Sally olhou seu caldo de vitela, feito com os ossos que tinham grandes partes do assado que a cozinheira preparou para os senhores. A sopa estava muito rica. Até há um par de minutos, a comeu com deleite.

Agora, ao pensar na banha que flutuava na superfície, lhe revolveu um pouco o estômago. Conhecer um escocês e viajar a Escócia eram coisas completamente diferentes, e quase se zangou com o senhor Pynch por não reparar na diferença. Os escoceses que ele conhecia certamente estavam domesticados pelo tempo que passaram no exército. Não havia modo de saber como era um escocês em seu território, por dizê-lo de algum jeito. Possivelmente tivessem debilidade pelas garotas londrinas, baixas e loiras. Possivelmente a sequestrassem em sua cama e se aproveitassem dela da maneira mais horrível... Ou algo pior.

— Vamos ver, minha menina — a voz do senhor Pynch soou muito perto.

Ao levantar os olhos, Sally viu que o ajudante de câmara se sentou à mesa, em frente a ela. Os criados da cozinha haviam voltado para seu trabalho enquanto ela refletia. Bitsy soluçava sobre o montão de pratos que estava esfregando. Ninguém prestava atenção ao ajudante de câmara e a donzela, sentados a um extremo da longa mesa.

Os brilhantes olhos do senhor se cravaram nela. Sally nunca se fixou em que eram de um formoso tom verde.

O ajudante de câmara apoiou os cotovelos sobre a mesa, com a pipa de barro branco em uma mão.

— Não há nada que temer na Escócia. É um lugar como qualquer outro.

Sally revolveu a sopa morna com a colher.

— Não passei de Greenwich em toda minha vida.

— Não? Onde nasceu, então?

— Em Seven Dials — respondeu ela, e logo olhou-o para ver se sorria com desdém ao saber que se criou naquele buraco.

Mas ele se limitou a assentir com a cabeça, deu uma chupada à pipa e exalou a fumaça fragrante para um lado para que não lhe metesse nos olhos.

— E ainda tem família ali?

— Só meu pai — enrugou o nariz e confessou: — Ou antes vivia ali, pelo menos. Faz anos que não o vejo, assim talvez já não esteja ali.

— Era mau pai?

— Não, não muito — riscou com um dedo a borda da terrina de sopa. — Não me batia muito, e me dava de comer quando podia. Mas tive que partir dali. Era como se não pudesse respirar.

Olhou-o para ver se a entendia.

Ele assentiu e voltou a chupar de sua pipa.

— E sua mãe?

— Morreu quando eu nasci — a sopa voltava a cheirar bem, e tomou uma colherada. — Tampouco tenho irmãos, nem irmãs. Pelo menos que eu saiba.

O senhor Pynch inclinou a cabeça e pareceu contentar-se vendo-a comer a sopa enquanto fumava. A seu redor, os criados iam daqui para lá, fazendo seus trabalhos. Para a Sally e o senhor Pynch, em troca, era hora de descansar.

Ela comeu a metade da sopa e logo o olhou.

— Você de onde é, senhor Pynch?

— OH, de muito longe. Nasci na Cornualles.

— Sério? — olhou-o com curiosidade. Cornualles lhe parecia quase tão distante como Escócia. — Mas não tem acento.

Ele encolheu os ombros.

— Venho de uma família de pescadores. Tive vontades de viajar e, quando os homens do

exército chegaram ao povoado com seus tambores, suas cintas e seus uniformes reluzentes, engajei-me em um abrir e fechar de olhos.

— Uma comissura de sua boca se curvou em uma espécie de meio sorriso. — Não demorei a descobrir que no exército de Sua Majestade há muito mais que bonitos uniformes.

— Que idade tinha?

— Quinze anos.

Sally olhou sua sopa, tentando imaginar o grande e calvo senhor Pynch como um desajeitado moço de quinze anos. Não pôde. Era tão grandalhão que custava imaginá-lo quando criança.

— Segue tendo família em Cornualles?

Ele assentiu com um gesto.

— Minha mãe e meia dúzia de irmãos e irmãs. Meu pai morreu quando eu estava nas colônias. Não me inteirei até que voltei para a Inglaterra, dois anos depois.

Minha mãe me disse que pagou para que me escrevessem uma carta e a mandassem para mim, mas nunca a recebi.

— Deve ter sido muito triste, voltar para casa e descobrir que seu pai estava a dois anos morto.

O senhor Pynch encolheu os ombros.

— Assim é a vida, moça. Não se pode fazer nada, salvo seguir adiante.

— Suponho que sim — franziu um pouco o cenho, pensando nos bárbaros montanheses da Escócia, com as caras cobertas de barba.

— Moça — o senhor Pynch estirou o braço e lhe deu uns golpezinhos na mão com um dedo comprido. — Não há nada que temer em Escócia. Mas, se existir, eu te defenderei.

E Sally ficou olhando embevecida os olhos verdes e firmes do senhor Pynch. A ideia de que aquele homem a defendesse a fazia sentir um agradável calor no ventre.

A meia-noite, já que Vale não ia a seu quarto, Melisande saiu em sua busca. Possivelmente tivesse ido à cama sem dignar-se a visitá-la essa noite, mas não acreditava.

Não ouviu vozes no quarto ao lado. Era estranho que seu marido dormisse o suficiente, deitando-se de madrugada e saindo de casa antes que ela se levantasse. Possivelmente não precisasse dormir absolutamente.

Em todo caso, estava cansada de esperar a que fosse procurá-la. Assim deixou seu quarto (que seguia todo revolto, porque Suchlike teve que fazer a toda pressa a bagagem) e saiu ao corredor em busca do Jasper.

Não estava na biblioteca, nem em nenhuma das salas de estar, e por fim se viu obrigada a perguntar ao Oaks se sabia onde estava seu marido.

Depois, ao saber que partiu sem lhe dizer uma palavra, confiou em não ficar vermelha de vergonha.

Sentia vontades de espernear, mas como as damas não faziam tal coisa, limitou-se a agradecer ao Oaks e voltou a subir as escadas. Por que fazia aquilo Jasper? Pedia-lhe que o acompanhasse a Escócia e logo a evitava.

Pensava ir com ela na carruagem durante os dias que durasse a viagem, ou se sentaria acima, entre a bagagem? Era tudo tão estranho...

Primeiro a perseguia durante dias e logo, de repente, desaparecia justo quando ela começava a pensar que estavam cada vez mais unidos.

Melisande exalou um profundo suspiro ao chegar à porta de seu dormitório, mas logo titubeou. A porta de Vale estava justo ao lado. A tentação era muito grande. Aproximou-se da porta de seu marido e a abriu.

O dormitório estava vazio, mas a mão do senhor Pynch se via por toda parte: estendidas sobre a cama, preparadas para a bagagem, havia várias filas de camisas, coletes e lenços de pescoço.

Melisande fechou a porta sem fazer ruído.

Aproximou-se da cama e tocou com a ponta de um dedo a colcha de veludo vermelho escuro. Seu marido dormia ali de noite, com os longos membros estirados. Dormia de bruços ou de barriga para cima, com a cabeça meio escondida sob o travesseiro e o cabelo revolto? Sem saber por que, imaginava-o dormindo nu, embora, que ela soubesse, tinha uma gaveta cheia de camisas de dormir.

Era uma coisa tão íntima, dormir com outra pessoa... Durante o sono se baixava a guarda e a pessoa ficava vulnerável, quase como uma criança. Desejou ansiosamente que Jasper compartilhasse sua cama.

Que ficasse a passar a noite e lhe mostrasse seu lado mais vulnerável.

Suspirou e se separou da cama. Sobre a penteadeira, Jasper tinha um retrato em miniatura de sua mãe. Presos nas pontas da escova havia uns poucos cabelos castanhos.

Melisande tirou o lenço da manga e colocou cuidadosamente os cabelos dobrados nele antes de voltar a guardá-lo.

Aproximou-se da mesinha de noite e olhou o livro que havia nela (uma história dos reis da Inglaterra). Depois foi ver à janela. Dali se via quase o mesmo que de sua janela: a parte de trás do jardim.

Passeou o olhar pelo quarto, exasperada. Havia muitas mais coisas a seu redor (roupa, livros, curiosos rolos de corda, um dente, lápis quebrados, um apontador e um tinteiro), mas nada que lhe dissesse grande coisa sobre seu marido. Que idiotice, penetrar ali pensando que possivelmente descobriria algo sobre o Jasper!

Sacudiu a cabeça, surpreendida de sua necessidade, e seu olhar foi posar na porta do vestidor. Era difícil que em um vestidor houvesse coisas mais íntimas das que já viu, mas já que chegou até ali...

Girou a maçaneta da porta. Dentro havia outra cômoda, várias prateleiras com roupa, uma cama estreita e, no canto, contra a parede, um colchão muito fino e uma manta. Melisande inclinou a cabeça.

Que estranho. Por que havia um colchão e uma cama? O senhor Pynch só necessitava uma das duas coisas. E por que um colchão? Vale lhe parecia um amo bastante generoso. Por que uma

cama tão mesquinha para seu leal ajudante de câmara?

Entrou na estreita habitação, rodeou a cama e se inclinou para olhar o colchão. Perto, em uma palmatória recoberta de cera queimada e velha, havia uma só vela, e ao lado um livro, meio escondido sob a manta mal estendida. Olhou o colchão e olhou a cama. O certo era que ninguém parecia dormir na cama: o colchão estava nu. Melisande afastou a manta do colchão para ler o título do livro.

Era uma coleção de poemas do John Donne. Ficou olhando-o um momento, pensando em que aquela era uma estranha leitura para um ajudante de câmara, e então reparou em que havia cabelos no travesseiro.

Cabelos castanhos escuros, quase vermelhos.

Por trás dela, alguém clareou a garganta.

Melisande se virou e viu o senhor Pynch com as sobrancelhas erguidas.

— Posso ajudá-la a procurar algo, senhora?

— Não. — Melisande escondeu suas mãos trementes entre as saias, contente de que não fosse Vale quem a tivesse surpreendido. Embora, para falar a verdade, que o ajudante de câmara a tivesse descoberto pinçando entre as coisas de seu marido era bastante embaraçoso. Levantou o queixo e se dirigiu garbosamente à porta do dormitório.

Mas logo vacilou e olhou ao ajudante de câmara.

— Está a muitos anos servindo a meu marido, verdade, senhor Pynch?

— Sim, senhora.

— Sempre dormiu tão pouco?

O homem, calvo e grandalhão, agarrou um dos lençóis da cama e voltou a dobrá-lo cuidadosamente.

— Sim, desde que eu o conheço, senhora.

— Sabe por quê?

— Algumas pessoas não precisam dormir muito — respondeu o ajudante de câmara.

Ela se limitou a olhá-lo.

O senhor Pynch voltou a deixar o lençol em seu lugar e a olhou por fim. Suspirou como se ela tivesse insistido.

— Alguns soldados não dormem tão bem como deveriam. Lorde Vale... Bom, gosta de ter companhia. Sobre tudo quando está escuro.

— Dá-lhe medo a escuridão?

O senhor Pynch se ergueu e franziu o cenho ferozmente.

— Na guerra, recebi um disparo na perna.

Melisande pestanejou, desconcertada pela mudança de tema.

— Lamento-o.

O ajudante de câmara desdenhou sua compaixão com um gesto.

— Não é nada. Só me incomoda às vezes, quando chove. Mas aquele disparo me derrubou naquele momento. Estávamos em plena batalha e eu estava ali deitado, com um francês a ponto

de me trespassar com sua baioneta, quando lorde Vale apareceu em plena carga. Havia um grupo de franceses armados com mosquetes entre ele e eu, mas isso não o deteve. Dispararam-lhe, e não me explicou por que não lhe acertaram, mas não deixou de sorrir a todo o tempo. Matou-os a todos, milady. Quando acabou, não restava nenhum.

Melisande deixou escapar um suspiro tremente.

— Entendo.

— Ali mesmo, senhora — acrescentou o senhor Pynch, — decidi que seguiria a lorde Vale até ao inferno, se me pedisse isso.

— Obrigada por me contar isso, senhor Pynch — respondeu Melisande. Abriu a porta. — Por favor, diga a lorde Vale que estarei pronta para partir as oito da manhã.

O senhor Pynch fez uma reverência.

— Sim, senhora.

Melisande inclinou a cabeça e saiu, mas não pôde evitar que uma última ideia cruzasse sua cabeça. Todo o tempo, enquanto lhe contava sua história, o senhor Pynch permaneceu de pé junto à porta, como se guardasse a entrada do pequeno vestidor.

Capítulo 12

Quando chegou ao castelo, Jack fez uma coisa muito estranha: vestiu outra vez seus farrapos de bufão e desceu às cozinhas. Ali estava sendo preparado o jantar real e havia muita agitação. O cozinheiro chefe gritava, os lacaios corriam daqui para lá, as criadas esfregavam pratos e os ajudantes de cozinha, revolviam e assavam por toda parte.

Ninguém notou que Jack se aproximava de um menino pequeno que estava revolvendo um caldeirão de sopa em cima do fogo.

— Escuta — disse ao pequeno, — dou-te uma moeda de prata se me deixar revolver a sopa da princesa.

O menino aceitou o trato encantado. E assim que deu a volta, Jack jogou o anel de bronze à sopa...

Do Jack o Risonho

A carruagem passou por cima de um grande sulco do caminho e cambaleou. Melisande, que aprendeu durante a primeira jornada de viagem que era muito mais fácil deixar-se levar pelo vaivém da carruagem que tentar resistir a ele, cambaleou com ele. Levavam três dias de caminho e já estava acostumada as sacudidas. Seu ombro chocou suavemente com o da Suchlike, que dormitava aconchegada a seu lado.

Camundongo estava sentado do outro lado, também adormecido. De vez em quando soltava um ronco.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Melisande olhou pela janela. Pareciam estar no meio de um nada. As colinas verdes azuladas se estendiam ao longe, demarcadas por sebes e muros de pedra seca. A luz começava a dissipar-se.

— Não deveríamos ter parado já? — perguntou a seu marido. Vale estava recostado no assento em frente, com as pernas atravessadas na carruagem de modo que seus pés quase tocavam os dela.

Tinha os olhos fechados, mas respondeu em seguida, confirmando sua suspeita de que não estava adormecido.

— Tem razão. Deveríamos ter parado no Birkham, mas o chofer disse que a estalagem estava fechada. Afastou-se da estrada principal para procurar a seguinte estalagem, mas suspeito que se perdeu.

Vale abriu um olho e olhou pela janela. Não parecia preocupá-lo que estivessem perdidos e começasse a ficar de noite.

— Sim, está claro que nos afastamos do caminho — disse. — A não ser que a estalagem esteja no meio de um prado de vacas.

Melisande exalou um suspiro e fez ameaça de afastar o conto de fadas que esteve traduzindo. Já tinha quase acabado. Aquela estranha história ia desdobrando-se pouco a pouco sob sua pluma.

Tratava-se de um soldado transformado em um cômico homenzinho. Um homenzinho muito valente, apesar de tudo. Não parecia o herói normal de um conto de fadas, claro que nenhum dos heróis do livro de Emeline era completamente normal.

Em todo caso, a tradução teria que esperar até o dia seguinte. Mal se via, naquela penumbra.

— Não podemos voltar? — perguntou a Vale ao fechar seu estojo de escritura. — Uma estalagem ruinosa é melhor refúgio que estas colinas abandonadas.

— Tem muita razão, minha querida esposa, mas temo que de todos os modos fará noite antes que conseguíssemos voltar para o Birkham. Mais vale seguir adiante.

Fechou de novo os olhos, o qual era muito frustrante.

Melisande esteve um momento olhando pela janela, preocupada. Olhou a sua donzela, ainda adormecida, e baixou a voz.

— Prometi a Suchlike que não viajaríamos de noite. Nunca saiu de Londres, sabe?

— Então vai aprender muito nesta viagem — disse seu marido sem abrir os olhos. — Não tema. O chofer e os lacaios vão armados.

— Hmmm. — Melisande cruzou os braços. — Conhece bem a esse tal senhor Munroe?

Passou os dois dias anteriores tentando averiguar por que seu marido precisava falar com aquele homem. Mas Vale se limitava a trocar de tema quando o interrogava. Agora, experimentou outra tática.

— Sir Alistair Munroe — murmurou ele.

Devia ter sentido seu olhar exasperado, porque não abriu os olhos e sorriu.

— Elevado à nobreza por seus serviços à Coroa. Escreveu um livro descrevendo as plantas e animais do Novo Mundo. E não só as plantas e os animais. Também falava de peixes, de pássaros e insetos.

É um enorme volume, mas as gravuras são preciosas. Coloridos à mão e apoiados em seus próprios esboços. Ao rei Jorge lhe impressionou tanto que convidou o Munroe a tomar o chá... Isso tenho entendido.

Melisande pensou naquele naturalista que tomou o chá com o rei.

— Deve ter passado muitos anos nas colônias, se tinha material suficiente para escrever um livro. Esteve todo o tempo com seu regimento?

— Não. Ia de regimento em regimento, segundo aonde se dirigissem. Com o nosso só esteve uns três meses — respondeu Vale. — Se uniu a nós justo antes que empreendêssemos a marcha para o Quebec.

Parecia sonolento, o que fez Melisande suspeitar. Em outras duas ocasiões ficou oportunamente adormecido enquanto o interrogava.

— Conversava com ele quando estava em seu regimento? Como é?

Vale moveu as pernas cruzadas sem abrir os olhos.

— OH, muito escocês. Taciturno e pouco dado a soltar longos discursos. Mas tinha muito senso de humor. Disso sim me lembro. Muito irônico.

Ficou calado um momento, e Melisande viu voltar-se púrpuras as colinas à luz mortiça do anoitecer. Vale disse por fim, com ar sonolento:

— Lembro que tinha um grande baú forrado de pele, com rebites de latão. Feito a medida. Dentro havia dúzias de compartimentos, todos forrados de feltro. Muito engenhosos. Tinha caixas e frascos de cristal para distintos espécimes, e imprensas de distintos tamanhos para conservar flores e folhas. Uma vez o abriu e teria que ter visto aqueles aguerridos soldados, alguns dos quais levavam décadas no exército e não se assombravam de nada, olhando boquiabertos o baú como meninos em uma feira.

— Deve ter sido agradável — disse Melisande suavemente.

— Foi. Foi — sua voz soava distante em meio da escuridão crescente.

— Possivelmente me mostre isso quando chegarmos a sua casa.

— Não pode — disse ele da penumbra do outro lado da carruagem. — Ficou destruído quando nos atacaram os índios. Feito pedaços. Todas suas amostras pulverizadas pelo chão e destroçadas.

— Que horror! Pobre homem. Deve ter sido horrível para ele ver o que aconteceu a sua coleção.

Fez-se um silêncio do outro lado da carruagem.

— Jasper? — Melisande desejou ver seu rosto.

— Não o viu — a voz de Vale surgiu bruscamente da escuridão. — Suas feridas... Nunca voltou para o lugar do massacre. Eu tampouco. Só soube o que aconteceu a seu baú meses depois.

— Lamento-o. — Melisande olhou distraidamente pela janela. Não sabia muito bem o que

lamentava: a perda do baú, o destroço das amostras, o massacre em si mesmo ou o fato de que nenhum dos sobreviventes tivesse saído ileso.

— Que aspecto tem sir Alistair? É jovem? Velho?

— Um pouco mais velho que eu, possivelmente. — Vale titubeou. — Convém que saiba...

Mas Melisande lhe interrompeu inclinando-se para diante.

— Olha.

Parecia ter visto movimento além da janela.

Ouviu-se um grito retumbante em meio da escuridão. Melisande se sobressaltou. Suchlike despertou com um gritinho e Camundongo ficou em pé e começou a ladrar.

Uma voz rouca e retumbante lhes chegou do exterior.

— Alto aí!

A carruagem se deteve.

— Merda — disse Vale.

Aquilo era o que preocupava ao Jasper desde que começou a anoitecer. Estavam em território propício para um roubo e, embora não temia muito a perda de sua bolsa, não estava disposto a permitir que alguém tocasse a Melisande.

— O que...? — começou a dizer ela, mas ele estirou o braço e lhe tampou suavemente a boca.

Melisande era preparada. Calou-se imediatamente. Pôs a Camundongo sobre seu regaço e segurou seu focinho.

A donzela meteu o punho na boca, com os olhos como pratos. Não emitia nenhum som, mas mesmo assim Jasper levou um dedo aos lábios. Embora, de todos os modos, ignorava se as mulheres podiam vê-lo na carruagem às escuras.

Por que não tentou fugir o chofer? A resposta lhe ocorreu enquanto repassava suas opções. O chofer já admitiu que não conhecia bem o terreno. Certamente temia tombar a carruagem no meio da escuridão e matá-los a todos.

— Saiam daí! — gritou outro homem.

Então, havia ao menos dois, certamente mais. Jasper contava com dois lacaios e dois choferes, além de dois homens a cavalo, um deles Pynch. Seis no total. Mas quantos ladrões havia?

— Ouviram-me? Saiam daí! — gritou de novo a mesma voz.

Um estaria apontando ao chofer com uma pistola para que não movesse a carruagem. Outro estaria cobrindo aos cavaleiros. Um terceiro se encarregaria de os despojar de seus bens. Isso, se só fossem três.

Se havia mais...

— Maldita seja! Saiam ou entro eu a tiros!

A donzela da Melisande deixou escapar um gemido de temor e Camundongo não deixava de lutar, mas sua querida esposa o sujeitava com firmeza e guardava silêncio. Um ladrão preparado começaria matando aos criados de fora um a um para fazê-los sair. Mas aquele salteador de

caminhos podia ser o bastante estúpido para...

A porta da carruagem se abriu de repente e um homem armado com uma pistola se inclinou para seu interior. Jasper o agarrou pelo braço que sujeitava a pistola e puxou com força.

A pistola disparou, fazendo em pedacinhos a janela do outro lado da carruagem. A donzela gritou. O ladrão caiu pela metade dentro da carruagem. Jasper lhe tirou a arma.

— Não olhe — disse a Melisande, e golpeou ao homem na têmpora com a culatra da pistola, lhe rompendo o osso. Voltou a fazer o mesmo três vezes, brutalmente, só para assegurar-se de que estava morto e logo soltou a pistola. Repugnava-lhe empunhar uma arma.

Fora se ouviu um grito e a seguir um disparo.

— Maldita seja. Abaixem-se — ordenou a Melisande e à moça.

Uma bala podia atravessar facilmente a madeira da carruagem. Ela não protestou e se deitou sobre o assento, com a donzela e o cão.

Aproximaram-se uns passos apressados e Jasper ficou diante das mulheres, em guarda.

— Senhor! — a larga cara do Pynch apareceu pela porta da carruagem. — Estão a salvo, senhor? As mulheres...?

— Sim, acredito que sim. — Jasper se voltou para a Melisande e passou as mãos por seu rosto e seu cabelo na escuridão. — Está bem, meu docinho?

— S-sim — ergueu-se imediatamente, com as costas tão rígidas como sempre, e Jasper sentiu uma pontada no coração. Se alguma vez fosse ferida, se alguma vez não conseguisse protegê-la...

A donzela tremia violentamente. Melisande soltou ao cão e abraçou à moça, lhe dando tapinhas nas costas para reconfortá-la.

— Não passa nada. Lorde Vale e o senhor Pynch nos salvaram. — Camundongo saltou ao chão da carruagem e começou a rosnar ao ladrão morto.

Pynch pigarreou.

— Capturamos a um dos salteadores, milord. O outro fugiu a galope.

Jasper observou-o. Tinha a metade do rosto manchado de pólvora. Sorriu. Seu ajudante de câmara sempre foi um excelente atirador.

— Me ajude a tirar este da carruagem — lhe disse. — Melisande, por favor, fique aqui até que estejamos seguros de que passou o perigo.

Ela assentiu corajosamente, levantando o queixo.

— Claro.

E embora Pynch e a donzela os estivessem olhando, Jasper não pôde evitar inclinar-se para beijá-la com força. Tudo aconteceu tão depressa... Se as coisas saíssem mal, possivelmente a teria perdido.

Saiu da carruagem, ansioso por encarar o homem que pôs a sua doce esposa em perigo. Mas primeiro ajudou ao Pynch a tirar o morto da carruagem. Confiava em que Melisande não tivesse olhado.

O ladrão tinha a maçã do rosto esmagada e a têmpora arroxeada.

Camundongo desceu de um salto da carruagem.

Jasper se ergueu.

— Onde está?

— Ali, milord. — Pynch assinalou para uma árvore, junto à estrada, onde vários lacaios rodeavam a uma figura recostada. Camundongo foi atrás deles farejando o chão.

Jasper inclinou a cabeça e, enquanto se aproximavam do grupo, perguntou:

— Há algum ferido?

— Bob, o lacaio, tem um arranhão de bala no braço — respondeu Pynch. — Os outros estão bem.

— Asseguraste-te? — as vezes, na escuridão e com os nervos, um homem podia receber um disparo e não perceber.

Mas Pynch também esteve no exército.

— Sim, senhor.

Jasper assentiu com a cabeça.

— Bem feito. Que um lacaio acenda mais lanternas. A luz afugenta a toda classe de animais.

— Sim, senhor. — Pynch retornou à carruagem.

— O que temos aqui? — perguntou Jasper ao chegar junto ao grupo de lacaios.

— É um dos ladrões, milord — respondeu Bob.

Cobria a parte superior do braço com um pano, mas sustentava com firmeza uma pistola, apontando ao prisioneiro. Pynch chegou com uma lanterna e todos olharam ao ladrão. Não era mais que um moço de menos de vinte anos. Sangrava profusamente pelo peito. Camundongo o farejou e logo perdeu o interesse e foi urinar junto à árvore.

— Ainda está vivo? — perguntou Jasper.

— Mal — disse Pynch, impassível. Devia ter sido ele que derrubou o moço com um disparo, mas não mostrava nenhuma piedade.

Claro que aquele moço lhes apontou com uma arma. Podia ter disparado a Melisande. Jasper viu de repente uma imagem horrenda: a sua mulher estendida ali, no lugar que ocupava o moço, com o peito aberto por um disparo e lutando por insuflar um pouco de ar a seus pulmões desfeitos.

Então deu meia volta.

— Deixem-no.

— Não.

Levantou o olhar e viu a Melisande diante da carruagem, apesar de que lhe deu ordens explícitas de não sair.

— Senhora?

Ela não recuou, apesar de que Jasper respondeu em tom gélido.

— Ordena que o tragam conosco, Jasper.

Ele ficou olhando-a, iluminada pela luz da lanterna, etérea e frágil. Muito frágil. Disse suavemente:

— Poderia te ter matado, meu coração.

— Mas não o fez.

Podia parecer frágil, mas o cerne de seu ser era de ferro. Jasper assentiu com a cabeça, sem afastar o olhar dela.

— Envolve-o em uma manta, Pynch, e sobe-o a seu cavalo.

Melisande franziu o cenho.

— A carruagem...

— Não vou permitir que vá a seu lado.

Olhou-o e pareceu dar-se conta de que naquela questão não ia triunfar. Assentiu. Jasper olhou ao Pynch.

— Pode lhe enfaixar a ferida quando chegarmos à estalagem. Não quero que nos detenhamos aqui mais do que o necessário.

— Sim, senhor — respondeu Pynch.

Jasper se aproximou de sua esposa e a puxou pelo braço, quente e vibrante sob seus dedos. Agachou a cabeça e lhe sussurrou ao ouvido:

— Faço isto por ti, meu amor. Só por ti.

Olhou-o, seu rosto pálido como a lua na escuridão.

— Faze-o também por ti. Não está bem deixá-lo morrer aqui, sozinho, independente do que tenha feito.

Jasper não se incomodou em contradizê-la. Que Melisande acreditasse que se preocupava com essas coisas, se queria. Conduziu-a à carruagem, fê-la entrar e fechou a porta.

Mesmo que vivesse umas horas mais, o salteador de caminhos já não podia fazer mal a sua esposa, afinal, era a única coisa que importava.

Melisande suspirou quando a porta de seu quarto na estalagem se fechou essa noite. Vale sempre alugava dois quartos nas estalagens nas quais se hospedavam, e essa noite não foi uma exceção.

Apesar do susto da tentativa de assalto, apesar do ladrão moribundo (ao que levaram a um quarto do fundo), apesar de que a estalagem estava quase cheia , ela se encontrava em um quarto a sós.

Aproximou-se da pequena lareira, em que, graças à generosa gorjeta que deram à esposa do hospedeiro, havia um bom montão de carvão. As chamas dançavam, mas seus dedos seguiam estando frios.

Comentavam os criados o fato de que seus senhores dormissem em quartos separados, fazendo tão pouco tempo que se casaram?

Melisande se sentia vagamente envergonhada, como se tivesse fracassado de algum modo como esposa. Camundongo saltou aos pés da cama e deu três voltas antes de deitar-se. Logo suspirou.

Suchlike, ao menos, nunca fazia comentários sobre como dormiam. A donzela a vestia e a despia com imperturbável alegria, embora, para falar a verdade, essa noite, depois do ataque,

havia sido difícil lhe arrancar um sorriso.

Ainda tremia pelo susto e sua alegre conversa cessara por completo. Melisande teve piedade dela e a mandou cedo abaixo para que jantasse.

Então, estava completamente sozinha. Não gostou do jantar que lhe serviu a bojuda hospedeira. O frango guisado tinha um aspecto delicioso, mas custava comer sabendo que na parte de trás da estalagem estava morrendo um moço. Agora lamentava não ter ficado na sala privada que Vale reservou para eles. Sacudiu a cabeça. Não fazia sentido permanecer acordada. Não podia voltar a descer agora que se despiu, e não havia mais que falar. Retirou as mantas da robusta cama da estalagem, viu com alívio que estavam limpas e se deitou. Tapou-se até o nariz e apagou a luz.

Logo ficou olhando as sombras que o fogo projetava no teto até que começaram a lhe pesar as pálpebras.

Seus pensamentos flutuavam à deriva. Os olhos brilhantes de Vale e seu olhar enquanto golpeava ao ladrão que tinha entrado na carruagem. O frango guisado e os croquetes que fazia a cozinheira quando ela era menina. Quantos dias mais passariam viajando por estradas cobertas de sulcos, entre as sacudidas da carruagem? Quando cruzariam a fronteira da Escócia? Seus pensamentos se dispersaram e começou a sumir no sono.

De repente sentiu um calor contra as costas. Uns braços fortes e o roce de uns lábios que tinham sabor de uísque.

— Jasper? — murmurou, ainda meio adormecida.

— Cala-te — sussurrou ele.

Abriu a boca sobre a dela e a beijou profundamente, penetrando-a com a língua. Melisande pensou que tinha sabor de sal. Gemeu, apanhada entre o sono e a vigília, com a guarda baixa. Sentiu que lhe levantava a camisa e a tirava. Suas mãos lhe tocaram os seios, acariciando-os com ternura, e logo lhe beliscou os mamilos quase até lhe machucar.

— Jasper... — gemeu.

Deslizou as palmas das mãos por suas costas. Estava nu, sua pele tão quente que quase queimava. Seus músculos se moveram sob suas mãos ao estender-se sobre ela e acomodar seu peso entre suas coxas abertas.

— Cala-te — sussurrou de novo.

Ela sentiu sua pressão ao encontrar seu centro e penetrá-la.

Seu corpo, rendido pelo sono e pelas mãos de Vale, era suave, mas não estava preparada. Ele se retirou e começou a balançar-se suavemente, com delicadeza. Cada pequena investida a alargava e introduzia seu pênis mais e mais dentro. Agarrou-a por debaixo dos joelhos e os levantou para colocar-se entre suas coxas.

E então a beijou enquanto roçava com as palmas, suavemente, seus mamilos nus, incitando-a e atormentando-a ao mesmo tempo.

Ela tentou arquear-se para que ele a tocasse com mais firmeza, mas não tinha apoio, nem forças. Vale estava ao comando, e lhe faria amor como quisesse. A única coisa que podia fazer era

submeter-se.

Assim colocou as mãos entre seus cabelos e o beijou, movendo a boca com ânsia, submissamente, sob a dele.

Ele gemeu. Seus quadris se moviam agora mais rapidamente, sua respiração mais agitada e ofegava com força. Ela não abriu os olhos. Não queria perturbar seu estado de sonolência. Logo sentiu que os dedos de Vale deslizavam por seu flanco, metendo-se entre seus corpos unidos. Ele procurou seu sexo e o encontrou. Seus dedos fortes sabiam o que faziam. Pressionou com o polegar sobre seu clitóris.

— Goze comigo — sussurrou com a voz áspera pelo desejo. — Goze comigo.

Ela abriu os olhos. Ele deve ter levado uma vela ao quarto, porque uma luz difusa dançava sobre seu flanco. Seus ombros eram largos e musculosos, algumas mechas de cabelo penduravam sobre seu rosto e seus olhos ferozes, de cor turquesa, olhavam-na fixamente, autoritários.

— Goze comigo — repetiu em um sussurro.

Seguiu movendo o polegar em círculos, pressionando com deliciosa precisão enquanto sua verga a enchia. Melisande, prisioneira, estava aberta de pernas ante ele e ele seguia sussurrando:

— Goze comigo.

Como poderia lhe negar algo? O prazer ia crescendo dentro dela, e sentia o desejo de esconder o rosto. Nunca permitiu que Vale a dominasse daquele modo. Ele a olhava. Descobriria os segredos que lhe ocultava.

— Goze comigo — inclinou a cabeça para lamber seu mamilo. Ela jogou a cabeça para trás e gemeu. Ele apanhou aquele gemido com a boca e o engoliu: um objeto daquela batalha. Pressionou sobre ela e a abraçou enquanto Melisande alcançava o clímax, e estremeceu com cada descarga de prazer. Sujeitava-a com a boca e os quadris, e com aquele polegar que a acariciava com ligeireza, docemente, enlouquecendo-a.

Ela nunca teve um orgasmo como aquele, quase doloroso por sua intensidade. Abriu os olhos, ofegante, e viu que ele não havia acabado. Ela se achava reduzida aos estertores do prazer e ele não fez mais que começar. Apoiou-se sobre os braços estirados e a olhou enquanto se afundava nela com força e sem piedade. Tinha a boca torcida, os olhos enlouquecidos de desejo e de outra coisa.

— Deus — grunhiu. — Deus. Deus. Deus!

Jogou a cabeça para trás, arqueando-se convulsivamente, e Melisande o viu mostrar os dentes enquanto seu corpo se sacudia. Seu sêmen a alagou, quente e vivo. Ela sentiu um prazer que jamais sentiu antes.

Dera e recebera dele.

Aquilo era quase sagrado.

Ele seguia com a cabeça jogada para trás e os braços estirados. Melisande não via seu rosto por causa do cabelo. Uma gota caiu sobre seu seio esquerdo.

— Jasper — sussurrou, e pegou seu rosto suarento entre as mãos. — Jasper...

Ele se retirou e desceu da cama. A súbita ausência de sua carne era quase dolorosa. Inclinou-

se, recolheu seu robe e o pôs.

— O moço morreu.

Saiu do quarto.

Capítulo 13

Essa noite, a corte era um enxame de rumores. A serpente morrera e o anel de bronze desaparecera, mas ninguém parecia tê-lo. Quem era o valente que venceu a serpente? Jack, como sempre, estava junto à cadeira da princesa durante o jantar, e lhe lançou um olhar muito estranho quando se sentou.

— Vá, Jack — disse, — onde te meteste? Tem o cabelo molhado.

— Fui a ver um peixe prateado — respondeu ele, e deu uma cômica cambalhota.

A princesa sorriu e tomou a sopa, mas que surpresa lhe aguardava no fundo da terrina! Ali estava o anel de bronze.

Aquilo causou um grande alvoroço, e em seguida se mandou chamar o cozinheiro. Mas, apesar do pobre homem ter sido interrogado diante de toda a corte, ignorava como chegou o anel à sopa da princesa Surcease.

Por fim, o rei se viu obrigado a ordenar que se retirasse sem ter esclarecido algo...

Do Jack o Risonho

Melisande devia considerá-lo uma besta imunda depois da noite anterior. Aquela não era uma ideia agradável com a qual acompanhar o café da manhã, e Jasper olhou com o cenho franzido os ovos e o pão que lhe serviu a hospedeira. Estavam bastante saborosos, mas o chá era fraco e não da melhor qualidade; além disso, essa manhã qualquer pretexto lhe serviria para zangar-se.

Olhou a sua esposa por cima da taça de chá. Não parecia que a noite anterior a tivessem forçado. Ao contrário: parecia fresca e descansada e tinha todos os cabelos em seu lugar, o qual, por algum motivo, irritou-o ainda mais.

— Dormiste bem? — perguntou: possivelmente a forma mais pedante de iniciar uma conversa.

— Sim, obrigada. — deu um pedaço de pão-doce a Camundongo, que estava sentado sob a mesa. Jasper percebeu, embora ela não se movesse, nem trocou de expressão. Seguiu olhando-a fixamente.

Foi precisamente a fixidez de seu olhar o que fez compreender ao Jasper o que estava fazendo.

— Hoje entraremos na Escócia — disse. — Amanhã chegaremos a Edimburgo.

— Ah, sim?

Ele assentiu com a cabeça e untou com manteiga outro pão-doce, o terceiro.

— Tenho uma tia em Edimburgo.

— Sim? Não me havia isso dito — bebeu um gole de chá.

— Pois sim, tenho-a.

— É escocesa?

— Não. Seu primeiro marido sim o era. Acredito que vai pelo terceiro — deixou a faca da manteiga sobre o prato. — Se chama Esther Whippering e passaremos a noite em sua casa.

— Muito bem.

— Já é idosa, mas segue tendo muito gênio. Quando pequeno costumava a me retorcer a orelha e me fazia muito dano — ela se deteve antes de beber de sua taça de chá.

— Por quê? O que fazia?

— Nada. Minha tia dizia que era bom para mim.

— Sem dúvida o era.

Ele abriu a boca, disposto a defender sua honra juvenil, mas de repente sentiu algo frio e úmido na mão que estava sobre o regaço.

Com a outra mão havia tornado a agarrar a faca da manteiga e esteve a ponto de deixá-la cair.

— Meu deus, o que é isso?

— Suponho que seja só Camundongo — respondeu Melisande com calma.

Ele olhou sob a mesa e viu dois olhos brilhantes. Pareciam um pouco diabólicos na escuridão.

— O que quer?

— Seu pãozinho.

Jasper olhou a sua esposa, indignado.

— Não penso dar-lhe.

Ela encolheu os ombros.

— Se lhe der um pouco, deixará de te incomodar.

— Essa não é razão para recompensar um mau comportamento.

— Mmm. Digo a hospedeira que nos prepare algo para almoçar? Parece que é boa cozinheira.

Ele sentiu que o cão voltava a empurrar sua perna. Um peso quente se posou sobre seu pé.

— Excelente ideia. Pode ser que não estejamos perto de uma estalagem à hora do almoço.

Ela assentiu e se aproximou da porta da pequena sala privada para fazer os preparativos.

Enquanto estava de costas, Jasper colocou a mão sob a mesa com um pedaço de ovo. Uma língua úmida o tirou dos dedos.

Melisande voltou a entrar na sala e olhou-o duvidosa, mas não disse nada.

Meia hora depois, os cavalos estavam atrelados, a donzela sentada junto ao chofer para variar, Melisande e Camundongo esperavam na carruagem e Jasper mantinha uma última conversa com o hospedeiro.

Agradeceu ao homem, subiu os degraus da carruagem, tocou no teto e se sentou.

Melisande levantou o olhar de seu bastidor de bordado quando a carruagem entrou em marcha com uma sacudida.

— O que lhe há dito?

Ele olhou pela janela. A névoa descia pelas colinas.

— A quem?

— Ao hospedeiro.

— Agradeci-lhe por uma noite estupenda e sem pulgas.

Ela se limitou a olhá-lo.

Jasper suspirou.

— Dei-lhe suficiente dinheiro para enterrar ao moço. E um pouco mais pelos incômodos. Pensei que você gostaria.

— Obrigada.

Ele se recostou em seu assento e inclinou as pernas.

— Tem o coração muito brando, minha esposa.

Ela sacudiu a cabeça energicamente.

— Não, só tenho um coração equânime.

— Um coração equânime que está disposta ao auxílio a um moço que te teria disparado sem pensar duas vezes.

— Isso não sabe.

Ele ficou olhando as colinas.

— Sei que ontem à noite saiu com homens mais velhos que ele e com uma pistola carregada. Se não pensava usá-la, não deveria tê-la carregado.

Jasper sentiu seu olhar.

— Por que não disparou ontem à noite?

Jasper encolheu os ombros.

— A pistola do ladrão disparou e ficou descarregada.

— O senhor Pynch me informou esta manhã que há pistolas debaixo do assento.

Maldito seja Pynch e essa língua tão comprida. Jasper olhou a Melisande. Observava-o com curiosidade, mais que com recriminação.

Ele suspirou.

— Suponho que deveria te ensinar como se utiliza se por acaso for necessário. Mas, pelo amor de Deus, não as aponte a não ser que pense usa-las, e aponta sempre ao chão.

Ela levantou as sobrancelhas, mas não disse nada.

Jasper se mudou a seu assento e levantou a fina almofada do dele. Debaixo havia um compartimento com tampa e dobradiças. Ao levantar a tampa, deixou a descoberto um par de pistolas.

— Aí as tem.

Melisande ficou olhando-as e Camundongo saltou do assento no qual estava dormitando

para lhes jogar uma olhada.

— Muito bonitas — disse Melisande. Olhou-o com franqueza. — Por que não as tirou ontem à noite?

Jasper afastou suavemente o cão antes de fechar a tampa, voltou a colocar a almofada e mudou de assento.

— Não as tirei porque, para sua informação, sinto um desagrado visceral pelas armas de fogo.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Deve ter sido um inconveniente durante a guerra.

— Bom, quando estava no exército disparei bastante frequentemente com pistolas e mosquetes. Tampouco sou mau atirador. Ou, ao menos, não o era. Não tornei a segurar uma pistola desde que voltei para a Inglaterra.

— Então, por que odeia as armas agora?

Ele esfregou com força a palma de sua mão direita com o polegar da esquerda.

— Eu não gosto de ter uma pistola na mão. Pelo peso, possivelmente — olhou-a. — Mas teria atirado se não tivesse tido escolha. Não teria posto em perigo sua vida, meu docinho.

Ela assentiu com a cabeça.

— Sei.

E aquela simples frase encheu ao Jasper de um sentimento que fazia muito tempo que não sentia: um sentimento de felicidade. Ficou olhando a Melisande, tão segura de sua eficácia, de sua valentia, e pensou: por favor, Meu deus, que nunca descubra a verdade.

Oxalá pudesse dizer a Vale que não queria que dormissem separados, assim de simples, pensou Melisande essa noite. Estava no pátio de outra estalagem, esta bastante grande, e via os moços desatrelar aos cavalos e a Vale falar com o hospedeiro. Estava procurando um quarto para passar a noite. Um quarto para ela.

Ao que parece, a estalagem estava quase cheia e só havia mais um quarto, mas em lugar de compartilhá-lo com ela, Vale pensava dormir no salão comum. Só Deus sabia o que pensaria o hospedeiro daquilo.

Melisande suspirou e olhou ao lacaio que levava a Camundongo pela correia. Ou melhor, Camundongo levava o lacaio, puxando pela correia. Arrastou ao pobre homem até um poste, levantou a pata e seguiu puxando para o seguinte poste.

— Está preparada, docinho?

Ao levantar a vista, Melisande descobriu que, enquanto esteve refletindo sobre seu matrimônio, ele concluiu sua transação com o hospedeiro.

Assentiu com a cabeça e pegou o seu braço.

— Sim.

— Camundongo vai desconjuntar o braço a esse pobre lacaio — comentou Vale quando entraram. — Sabe que jogam no jogo de dados quem o leva a passear pelas noites?

— Quem ganha o leva? — perguntou ela enquanto entravam no edifício principal da

estalagem.

— Não, o que perde — respondeu ele, e enrugou o cenho.

Ouviu-se uma estridente gargalhada procedente da sala comum. A estalagem era antiga, com grandes vigas enegrecidas que sustentavam o teto baixo. À esquerda estava a grande sala comum, com suas mesas redondas desvencilhadas e o fogo aceso, apesar de que estavam em pleno verão. Todas as mesas estavam cheias de viajantes (quase todos eles homens) que bebiam cerveja e comiam seu jantar.

— Por aqui — disse Vale, e a conduziu para a direita, a um quarto que havia ao fundo. Era sua sala de jantar privada. Os toscos pratos de barro já estavam postos, e havia também uma fogaça de pão negro que parecia recém-feito.

— Obrigada — murmurou Melisande quando Vale lhe ofereceu uma cadeira. Sentou-se no instante em que o lacaio chegava com Camundongo. O cão se aproximou trotando e ficou a seu lado, à espera de uma carícia.

— Como está, sir Camundongo? Fez um passeio agradável?

— Quase caçou um rato, senhora — disse o lacaio. — Nos estábulos. É muito rápido, o cão.

Melisande sorriu a Camundongo e lhe acariciou as orelhas.

— Muito bem feito.

O hospedeiro entrou apressadamente com uma garrafa de vinho. Uma moça o seguiu com um guisado de cordeiro, e durante um momento reinou o caos na pequena sala. Passaram cinco minutos antes que Vale e ela voltassem a ficar sozinhos.

— Amanhã... — começou a dizer ele, mas o interrompeu um grito especialmente forte procedente da sala comum.

Vale olhou a porta, carrancudo. Naquele reservado estavam a resguardo, mas mesmo assim se ouvia um ruído constante.

Ele a olhou por cima da mesa com as sobrancelhas franzidas com os olhos azuis esverdeados.

— Esta noite deve fechar a porta com chave e ficar em seu quarto. Eu não gosto desta multidão.

Melisande assentiu com a cabeça. Sempre fechava com chave se pudesse e, se não, punha uma cadeira contra a porta. Em todo caso, Vale costumava estar no quarto do lado.

— Ontem à noite sua porta não estava fechada.

Ela se perguntou se estava recordando de seu apaixonado encontro amoroso.

— A porta não tinha fechadura.

— Direi a um dos lacaios que durma junto a sua porta esta noite.

Depois daquilo, acabaram de comer em meio de um grato silêncio. Eram passadas as dez quando Melisande entrou em seu quarto com Camundongo. Encontrou a Suchlike bocejando enquanto tirava uma camisa limpa.

O quarto era pequeno, mas limpo. Havia uma cama, uma mesa e umas cadeiras junto à lareira. Alguém tinha pendurado dois quadros de cavalos na parede, junto à porta.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Que tal jantaste? — perguntou à donzela. Aproximou-se da janela e viu que o quarto dava ao pátio dos estábulos.

— Muito bem, senhora — respondeu Suchlike. — Embora nunca gostei muito de cordeiro.

— Não? — Melisande começou a tirar os laços de seu vestido.

— Deixe-me fazê-lo, senhora — disse Suchlike, aproximando-se. — Não, a mim que me deem um bom filete de vitela e sou feliz. O senhor Pynch, em troca, diz que a comida que mais gosta é o pescado. Imagina ?

— Suponho que há muita gente que gosta do pescado — disse Melisande diplomaticamente. Tirou o sutiã.

Suchlike não parecia muito convencida.

— Sim, senhora. O senhor Pynch diz que é porque nasceu junto ao mar. Que gosta do pescado, digo.

— O senhor Pynch nasceu junto ao mar?

— Sim, senhora. Em Cornualles. E nem sequer fala estranho.

Melisande observou a sua donzela enquanto tirava o resto da roupa. Pensava que o ajudante de câmara era muito sério e velho para a Suchlike, mas à moça parecia gostar de conversar sobre ele.

Esperava que o senhor Pynch não estivesse brincando com os afetos de sua donzela. Tomou nota de que devia comentar a Vale pela manhã.

— Já está, milady — disse Suchlike ao lhe passar a camisola pela cabeça. — Está muito bonita. A renda a favorece. Bom, pus um aquecedor na cama e subi um jarro de água. Também há um pouco de vinho e taças na mesa, se por acaso queira beber algo antes de ir à cama. Quer que amarre o cabelo esta noite?

— Não, está bem assim — respondeu ela. — Escovarei eu mesma. Obrigada.

A donzela fez uma reverência e se aproximou da porta.

Melisande se lembrou de algo.

— Suchlike...

— Senhora?

— Te assegure de dormir onde nossos homens possam te ouvir. Lorde Vale não gostou das pessoas que há no salão.

— Ao senhor Pynch tampouco gostou do que viu — respondeu a donzela. — Há dito que esta noite não me perderia de vista.

Melisande se enterneceu ao pensar no estoico ajudante de câmara. Ao menos protegia a Suchlike.

— Alegra-me sabê-lo. Boa noite.

— Boa noite, senhora. Que durma bem. — Suchlike saiu do quarto.

Então se serviu um pouco de vinho da garrafa que havia sobre a mesa e bebeu um gole. Não era tão bom como o da adega de Vale, mas tinha um gosto agradável. Tirou as forquilhas do cabelo e as pôs pulcramente sobre a mesa.

Soltou o cabelo e o escovou. De repente se ouviu um estrondo abaixo. Aproximou-se da porta a escutar, com a escova ainda na mão, mas depois de um minuto de gritos pareceu voltar a calma.

Assim acabou de escovar o cabelo, bebeu a taça de vinho e se deitou na cama.

Esteve pensando um momento em se Vale iria essa noite a seu quarto. Teria que pedir a chave ao hospedeiro, pois ela fechara por dentro depois que Suchlike partiu.

Então deve ter adormecido, porque sonhou com o Jasper na guerra, rodeado de canhões, rindo e negando-se a empunhar sua pistola. No sonho, chamava-o e implorava-o que se defendesse. As lágrimas lhe corriam pelo rosto.

Despertou ouvindo gritos e golpes na porta. Ergueu-se no momento em que a porta se abria violentamente e quatro bêbados entravam no quarto.

Melisande os olhou horrorizada. Camundongo saltou da cama e começou a ladrar.

— É bonita, né? — disse um, e depois um torvelinho se equilibrou sobre ele por trás.

Vale se jogou sobre o homem e começou a golpeá-lo grosseiramente, em silêncio. Ia descalço e só levava postas as calças. Agarrou-o pelo cabelo e bateu-lhe a cara contra o chão. Saltou o sangue.

Dois dos bêbados olhavam pasmados aquela repentina explosão de violência, mas o terceiro se equilibrou sobre ele, embora antes que pudesse alcança-lo, o senhor Pynch o agarrou por trás e o puxou para o corredor.

Um golpe sacudiu a parede, e um dos quadros caiu. Vale se separou do homem, que jazia imóvel no chão e se aproximou dos outros dois. Melisande sufocou um grito. Podiam estar bêbados, mas eram dois contra um.

O senhor Pynch seguia brigando com o outro no corredor.

Um dos homens tentou sorrir.

— Só queríamos nos divertir um pouco.

Vale o golpeou na cara. O homem se virou pela força do golpe e caiu como uma árvore derrubada. Voltando-se para o que restava, que tentava retroceder, agarrou-o pela casaca, deu-lhe a volta e o lançou de cabeça ao corredor.

O outro quadro também caiu. Camundongo se lançou contra seu marco.

O senhor Pynch apareceu na porta.

Vale levantou a vista. Estava de pé junto ao homem inconsciente e ofegava.

— Tudo solucionado aí fora?

O senhor Pynch assentiu com a cabeça. Seu olho esquerdo estava avermelhado e começava a inchar.

— Despertei aos lacaios. Vão passar o resto da noite no corredor para impedir novas brigas.

— E Bob? — perguntou Vale. — Se supunha que devia estar diante da porta de minha esposa.

— Irei ver o que aconteceu — disse o senhor Pynch.

— Façá-o, sim — respondeu Vale. — E diga aos outros que devem tirar daqui este lixo.

— Milord. — Pynch voltou a sair ao corredor.

Vale olhou por fim a Melisande. Tinha uma expressão selvagem e um corte ensanguentado na face.

— Está bem, minha esposa?

Ela disse que sim com a cabeça.

Mas ele se voltou e deu um murro na parede.

— Prometi-te que não aconteceria isto.

— Jasper...

— Maldita seja! — deu um pontapé em um dos bêbados caídos no chão.

— Jasper...

O senhor Pynch voltou nesse momento com outros criados. Tiraram os bêbados do quarto sem atrever-se a olhá-la. Melisande seguia sentada na cama, com o lençol até o queixo.

Apareceu Bob, pálido e mudado, tentando explicar que ficara doente. Vale lhe voltou as costas e apertou os punhos.

Melisande viu que o senhor Pynch fazia um gesto ao lacaio adiantando a mandíbula, lhe dizendo em silêncio que saísse do quarto. O pobre Bob partiu.

E então o quarto se esvaziou. Os criados partiram e só ficou Vale, passeando pelo quarto como um leão enjaulado. Camundongo ladrou uma última vez à porta e saltou à cama para receber sua recompensa.

Melisande acariciou suas suaves orelhas enquanto via seu marido empurrar uma cadeira contra a porta. O marco estava estilhaçado perto da fechadura e a porta não fechava bem.

Então ela ficou olhando-o um momento; logo suspirou e desceu da cama. Aproximou-se descalça à mesa, serviu uma taça de vinho e a ofereceu.

Ele se aproximou, pegou a taça sem dizer nada e bebeu a metade do conteúdo.

Melisande queria lhe dizer que aquilo não era culpa dele. Que teve a precaução de colocar um guarda diante da porta e que, ao falhar isso, chegou bem a tempo.

Mas sabia que nada do que dissesse impediria que Jasper se sentisse culpado. Talvez pela manhã pudessem falar disso, mas agora não.

Passado um momento, Jasper bebeu o resto do vinho e deixou a taça com cuidado, como se pudesse fazer em pedacinhos.

— Volta para a cama, querida. Eu fico aqui, contigo, o resto da noite.

Acomodou-se em uma das cadeiras, junto ao fogo, enquanto ela se metia na cama. Era uma cadeira de respaldo reto, bastante incômoda, mas Jasper estirou suas longas pernas e cruzou os braços sobre o peito.

Melisande esteve observando-o com tristeza um momento. Desejava que dormisse com ela. Logo fechou os olhos. Sabia que não voltaria a dormir essa noite, mas se ficasse com os olhos abertos ele se preocuparia, assim fingiu adormecer. Um momento depois, ouviu um suave murmúrio junto à porta e o roce de uma cadeira. Vale se movia quase sem fazer ruído. Depois, tudo ficou de novo em silêncio.

Melisande entreabriu os olhos. Seu marido jazia em um canto, em uma espécie de colchão. Muito parecido, de fato, ao que havia em seu vestidor. Estava deitado de lado, de costas à parede. Olhou-o um momento, até que sua respiração se tornou lenta e regular. Logo esperou um pouco mais.

Quando não pôde esperar mais, desceu da cama em silêncio e se aproximou nas pontas dos pés ao colchão. Ficou ali um momento, vendo-o dormir sobre sua tosca cama. Depois passou por cima dele.

Queria deitar entre a parede e ele, mas assim que passou o pé por cima Vale a agarrou bruscamente pelo tornozelo.

Olhou-a. Seus olhos azuis esverdeados pareciam quase negros na penumbra.

— Volta para a cama.

Ela se ajoelhou a seu lado com muito cuidado.

— Não.

Vale soltou seu tornozelo.

— Melisande...

Ela ignorou seu tom suplicante e, levantando a manta com a que se havia coberto, deitou-se a suas costas.

— Maldita seja — resmungou ele.

— Shh. — estendeu-se de frente as suas costas largas e fortes. Passou lentamente a mão por seu rígido flanco e a deslizou devagar para diante, até o abraçar. Aspirou seu aroma, que se elevava com o calor de seu corpo. Seu corpo era quente e reconfortante, e Melisande exalou um leve suspiro e esfregou o nariz contra seus grandes ombros. Ele esteve rígido ao princípio, mas logo relaxou, como se lhe concedesse aquele instante.

Então ela sorriu. Toda sua vida dormiu sozinha. Agora já não.

Por fim estava em casa.

Jasper despertou ao sentir umas mãos femininas deslizar por suas costas e a primeira coisa que sentiu foi vergonha. Vergonha por ela saber que dormia no chão como um mendigo. Vergonha por não poder dormir em uma cama, como todos.

Vergonha por ela conhecer seu segredo. Logo as mãos de Melisande deslizaram mais abaixo e o desejo começou a desdobrar-se em suas vísceras.

Abriu os olhos e viu que ainda estava escuro. O fogo quase se consumiu. Normalmente acendia uma vela, mas nesse momento a escuridão não o incomodava. A mão da Melisande se moveu sobre seu flanco para empunhar sua verga, e ele deixou escapar um grunhido. Sentir uns dedos como aqueles, frescos e finos, apalpando seu membro acalorado era o que sonhava todo homem de madrugada, quando estava longe de casa.

Ela acariciou a ponta de seu pênis e rodeou logo seu grosso caule, movendo lentamente a mão acima e abaixo. Seus testículos se ergueram, tensos. Sentia a pressão de seus pequenos e lindos seios nas costas, e pensou que, a aquela hora da manhã, não poderia aguentar muito mais.

Voltou-se.

— Monte em cima de mim.

O cabelo solto de Melisande ondulava em torno de seu rosto, e ao tênue resplendor da lareira parecia uma criatura fantástica, vinda para afastá-lo de sua existência mortal. Sentou-se e passou uma de suas longas e esbeltas pernas por cima dos quadris do Jasper. Logo se sentou, alta e estirada, em cima de seu pênis palpitante.

— Coloque isso dentro, minha esposa — sussurrou. — Coloca-o em sua doce vagina.

Pareceu-lhe ver que ela franzia o cenho na escuridão, como se censurasse um tema de conversa pouco apropriado para a hora do chá. Podia parecer meticulosa e lambida pela tarde, enquanto tomava o chá, mas de noite e com ele, era uma criatura lasciva.

— Me cavalgue, coração meu — a apressou ele. — Cavalgue-Me até molhar meu pênis. Cavalgue-me até que te encha com minha semente.

Ela sufocou um gemido e se levantou. Jasper sentiu suas mãos quando baixou, e teve que fazer um esforço para não gemer. Um calor úmido, tenso, feminino rodeou seu membro e se rendeu a ele.

Jasper se arqueou para cima e ao mesmo tempo agarrou as nádegas da Melisande para apertá-la firmemente contra ele.

Ela pôs as mãos sobre seu peito e começou a esfregar-se contra ele, com as costas muito erguidas e o comprido cabelo lhe roçando o rosto. Montou-o mordendo o lábio, esfregando a pélvis contra a dele.

Jasper esperou, refreando-se, e observou sua expressão. Ela tinha os olhos fechados e o belo rosto levantado.

Ele moveu a mão para tocar seu seio e ela arqueou as costas. Ele beliscou seu lindo mamilo, atormentando-o até que ela gemeu. Logo o lambeu suavemente.

— Jasper — ofegou ela. — Jasper...

— Sim, meu amor?

— Me toque.

— Estou te tocando — respondeu à ligeira, com aparente inocência, embora seu rosto brilhava de suor.

Ela se movia sobre ele a sacudidas, girando os quadris para castiga-lo, e por um momento ele deixou de pensar.

Logo ela disse:

— Assim não. Já sabe.

Ele sacudiu a cabeça suavemente e voltou a lamber seu mamilo.

— Terá que dizê-lo, meu amor.

Ela soluçou.

Jasper deveria ter tido piedade dela, mas, ai, era um homem perverso e carnal, e queria ouvir aqueles lábios doces e pudicos pronunciar essas palavras.

— Diga-o.

— OH, Deus! Toque-me a vagina.

E ele sentiu a primeira descarga apenas ouvindo essas palavras. Ofegou e tocou com os dedos sua vagina enfebrecida, sentiu que seu membro duro entrava e saía dela com frenesi, e aquilo foi muito.

Arqueou-se levantando do chão e se apoderou de sua boca para sufocar um grito. E gozou, explodiu dentro dela e a alagou com toda sua alma.

Capítulo 14

No dia seguinte, o rei anunciou a segunda prova: recuperar um anel de prata escondido no alto de uma montanha cujo guardião era um troll. De novo Jack esperou que todos se fossem e abriu logo sua caixa de rapé.

Dela saiu o traje de noite e vento e a espada mais afiada do mundo. Jack vestiu o traje, empunhou a espada e zas! Ali estava, em um abrir e fechar de olhos, diante do horrível troll e sua espada.

Esta batalha se prolongou um pouco mais que a primeira, mas ao final o resultado foi o mesmo. Jack tinha em seu poder o anel de prata...

Do Jack o Risonho

Quando Melisande despertou à manhã seguinte, Vale já saíra do quarto. Ela passou a mão sobre seu travesseiro. Ainda estava quente, e sentia o vão que deixou sua cabeça. Estava sozinha, como todas as manhãs de seu curto matrimônio, mas desta vez era diferente: passou toda a noite em seus braços. Escutou sua respiração, ouviu o lento batimento de seu coração, deixou-se esquentar por sua pele ardente e nua.

Ficou um momento deitada, sorrindo, antes de levantar-se e chamar a Suchlike. Meia hora depois estava em baixo, pronta para o café da manhã. Mas seu marido não aparecia por nenhum lado.

— Lorde Vale saiu a cavalo, senhora — lhe disse timidamente um dos lacaios. — Disse que voltaria quando fosse hora de partir.

— Obrigada — respondeu ela, e entrou na pequena sala reservada para tomar o café da manhã. Não fazia sentido sair em busca de Vale. Além disso, acabaria por voltar.

Mas esse dia seu marido decidiu não ir na carruagem, e sim a cavalo, e ela teve que balançar dentro da carruagem com a Suchlike como única companhia.

Chegaram a Edimburgo pela tarde e se detiveram frente à elegante casa da tia de Vale pouco depois das cinco. Vale abriu a portinhola da carruagem e Melisande só teve tempo de lhe dar a mão antes que sua tia saísse a saudá-los. A senhora Whippering, uma mulher baixa e robusta, vestia um vestido amarelo claro. Tinha as faces vermelhas, um perpétuo sorriso e uma voz bastante forte que usava constantemente.

— Esta é Melisande, minha esposa — lhe disse Vale quando sua tia fez uma pausa em suas efusivas bem-vinda para tomar fôlego.

— Alegra-me muitíssimo te conhecer, querida — exclamou a senhora Whippering. — Chame-Me tia Esther.

Assim fez Melisande.

A tia Esther conduziu-a a sua casa, que ao que parece havia redecorado ao casar-se com seu terceiro marido.

— Marido novo, casa nova — disse alegremente a Melisande.

Jasper se limitou a sorrir.

A casa era preciosa. Situada no alto de uma das muitas colinas de Edimburgo, estava construída em um limpo estilo neoclássico. Dentro, a tia Esther optou pelo mármore branco e um chão branco e negro quadriculado.

— Por aqui — disse, avançando rapidamente pelo corredor. — O senhor Whippering está desejando conhecê-los.

Conduziu-os a uma sala de estar decorada em vermelho, com quadros de enormes cestos de frutas em torno de uma lareira esmaltada em negro e ouro. Sentado em um sofá havia um senhor tão alto e magro que parecia uma bengala cheia de nós. Estava a ponto de meter uma madalena na boca quando entraram.

A tia Esther voou para ele no meio da agitação de suas saias amarelas.

— Nada de madalenas, senhor Whippering! Já sabe que não são boas para sua digestão.

O pobre homem deixou a madalena e se levantou para apresentar-se. Era ainda mais alto que Vale e a casaca pendurava de seu corpo formando dobras, mas tinha um sorriso muito amável ao olhá-los por cima de seus óculos de meia lua.

— Este é Horatio Whippering, meu marido — anunciou a tia Esther com orgulho.

O senhor Whippering se inclinou ante Vale e tomou a mão da Melisande, olhando-a com uma pícara cintilação nos olhos.

Feitas as apresentações, a tia Esther se deixou cair no sofá.

— Sentem-se, sentem-se, e me contem sua viagem do princípio ao fim.

— Atacaram-nos uns salteadores de estradas — disse Vale obedientemente.

Melisande o olhou arqueando uma sobrancelha e lhe piscou um olho.

— Não! — a tia Esther pôs uns olhos como pratos e se voltou para seu marido. — Ouviu isso, senhor Whippering? Uns salteadores de estradas atacaram a meu sobrinho e a sua esposa! Nunca ouvi nada semelhante.

— Sacudiu a cabeça e começou a servir o chá. — Bom, espero que tenha conseguido afugentá-los.

— Eu só. — Vale sorriu modestamente.

— É muito afortunada por ter um marido tão forte e valoroso — disse a tia Esther a Melisande.

Ela sorriu e esquivou o olhar do Jasper por medo a começar a rir.

— A meu modo de ver deveriam pendurá-los, é claro que sim — prosseguiu a mulher. Passou uma taça de chá a Vale, outra a Melisande e outra a seu marido, ao qual advertiu:

— Olho-o pondo creme. Lembre-te de sua digestão, querido. — Logo se recostou com um prato cheio de madalenas sobre o regaço e anunciou: — Estou zangada contigo, querido sobrinho.

— E isso por que, querida tia? — perguntou Vale. Escolheu a madalena mais gorda e a mordeu, enchendo de migalhas a camisa.

— Pois por estas bodas tão precipitadas. Não eram necessárias tantas pressas a não ser que... — olhou-os fixamente. — Há algum motivo?

Melisande piscou e sacudiu a cabeça.

— Não? Pois então, a que vinham tantas pressas? Acabava de me chegar a notícia de que mudou de prometida quando, no seguinte correio... Porque foi no seguinte correio, verdade, senhor Whippering?

— perguntou a seu marido. Ele assentiu com a cabeça, evidentemente acostumado a cumprir aquele papel nos monólogos de sua mulher. — Isso pensava — continuou a tia Esther.

— Como ia dizendo, no seguinte correio, chegou-me uma carta de sua mãe me anunciando que já havia casado. Nem sequer tive tempo de pensar em um presente de bodas adequado, e muito menos de planejar uma viagem a Londres.

Então, o que quero saber é por que te casastes tão depressa. O senhor Whippering esteve três anos me cortejando, verdade, senhor Whippering?

Um dócil gesto de assentimento com a cabeça.

— E ainda por cima o fiz esperar nove meses para que tivéssemos um noivado como Deus manda antes de nos casar. Não entendo por que você casou com tanta precipitação — deteve-se para respirar fundo e beber um pouco de chá, e olhou a seu sobrinho com o cenho ferozmente franzido.

— Mas, tia Esther, precisava me casar com a Melisande o mais cedo possível — respondeu Vale, fingindo-se ofendido. — Temia que me deixasse plantado.

Estava rodeada de pretendentes e tive que ir afastando-os com um pau. Assim que me disse que sim, corri com ela ao altar.

Rematou aquela fileira de mentiras sorrindo com candura a sua tia. A senhora ficou a dar palmas, entusiasmada.

— Certamente que sim! Muito bem feito! Alegro-me de que tenha conseguido a uma senhorita tão estupenda para que seja sua esposa. Parece ter a cabeça bem posta sobre os ombros. Pode ser que isso equilibre sua má cabeça.

Vale se golpeou o peito e fingiu deprimir-se teatralmente.

— Ofende-me, querida senhora.

— Ora — disse sua tia. — É um bobo. Claro que a maioria dos homens o são no referente a mulheres. Até meu prezado senhor Whippering.

Olharam todos ao senhor Whippering, que se esforçava por parecer um malandro, o qual lhe estorvava um pouco a taça de chá que sustentava em equilíbrio sobre os nodosos joelhos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Bem, vos desejo que tenham um matrimônio muito longo e feliz — declarou a tia Esther, e deu uma dentada a uma madalena. — E frutífero.

Melisande engoliu saliva ao ouvir aquela alusão a sua possível descendência e olhou distraidamente sua taça de chá. A ideia de abraçar a um filho dela e do Jasper, de acariciar um cabelo castanho avermelhado e fino como o de um bebê, fez que a atravessasse uma súbita pontada de desejo. Ai, que maravilhoso seria ter um filho!

— Obrigado, tia — respondeu Vale, muito sério. — Esforçar-me-ei por engendrar ao menos uma dúzia de filhos.

— Sei que está de brincadeira, mas os filhos são extremamente importantes. Extremamente importantes. O senhor Whippering e eu o falamos em numerosas ocasiões e os dois estamos de acordo em que os filhos fazem sentar a cabeça aos jovens. E a ti, meu querido sobrinho, seria muito bem sentá-la um pouco. Porque me lembro daquela vez em que... — a tia Esther se interrompeu se sobressaltando e um gritinho ao olhar o relógio do suporte da lareira. — Senhor Whippering! Olhe a hora! Olhe a hora! Por que não me há dito que era tão tarde, diabo de homem?

O senhor Whippering pareceu sobressaltado.

A tia Esther se balançou violentamente, tentando se levantar do sofá. Mas lhe estorvavam as volumosas saias, a taça de chá e o prato de madalenas.

— Esta noite temos convidados para jantar e preciso me preparar! Ai! Ajudem-me!

O senhor Whippering se levantou e tirou sua mulher do sofá.

Ela deu um salto e correu a chamar à donzela.

— Vai vir sir Angus, e é terrivelmente meticuloso. Mas isso a vós não deve preocupa-los — disse a Melisande. — Conta umas histórias deliciosas assim que bebe duas taças de vinho. Vou dizer a Meg que lhes mostre vosso quarto para que subam a assearem-se, se quiserem. Mas às sete em ponto devem estar abaixo, porque não há dúvida de que sir Angus estará na porta à hora certa.

Logo teremos que entretê-lo de algum modo enquanto esperamos que cheguem os outros. Ai! Convidei a umas pessoas encantadoras.

Bateu palmas como uma menina emocionada e o senhor Whippering lhe sorriu com ternura, de orelha a orelha. Melisande deixou a um lado seu prato e se levantou, mas a tia Esther já se pôs a enumerar a seus convidados com os dedos.

— O senhor e a senhora Flowers... Sentei-te ao lado do senhor Flowers porque é sempre muito amável e sabe quando dar a razão a uma dama. À senhorita Charlotte Stewart, que sempre sabe os melhores mexericos.

Ao capitão Pickering e senhora. O capitão pertencia à Armada, sabem? E viu coisas do mais estranho, e... Ah! Aqui está Meg.

Uma donzela, presumivelmente Meg, entrou na sala e fez uma reverência.

A tia Esther voou para ela.

— Leva meu sobrinho e a sua esposa a seu quarto. O quarto azul, não o verde. Pode ser que

o verde seja maior, mas o azul é muitíssimo mais acolhedor. No verde há corrente — confessou a Melisande.

— Bom, não o esqueçam: às sete em ponto.

Vale, que permanecera sentado todo esse tempo, comendo madalenas com toda tranquilidade, levantou-se por fim.

— Não te preocupes, tia. Estaremos aqui às sete em ponto e vestidos com nossos melhores ornamentos.

— Estupendo! — exclamou sua tia.

Melisande sorriu porque parecia inútil tentar dizer algo, e começou a seguir à donzela fora da sala.

— Ai, me esquecia! — disse a tia Esther. — Também vai vir outro casal.

Melisande e Vale se voltaram educadamente para ouvir o nome daqueles novos convidados.

— O senhor Timothy Holden e sua esposa, lady Caroline — a tia Esther sorriu, radiante. — Viviam em Londres antes de transladar-se a Edimburgo, e pensei que vocês gostariam de conhecê-los.

O senhor Holden é um cavalheiro muito arrumado. Possivelmente o conheçam.

Melisande ficou sem palavras.

A Melisande acontecia algo, pensou Jasper essa noite. Estava sentada em um extremo da longa mesa do jantar, entre o simpático senhor Flowers e o meticuloso sir Angus, cuja língua começava a soltar-se depois da terceira taça de vinho. Melisande usava um vestido marrom escuro com flores verdes e folhas bordadas no sutiã e ao redor das mangas. Estava bastante bonita; seu rosto ovalado e pálido tinha uma expressão serena e usava o cabelo castanho claro suavemente recolhido para trás. Jasper duvidava que qualquer outra pessoa na sala notasse seu desassossego.

Bebeu um gole de vinho enquanto observava a sua esposa e sorriu vagamente ao inclinar-se a senhora Flowers para lhe dizer algo. Possivelmente Melisande se sentia intimidada em companhia de pessoas às que acabava de conhecer. Jasper sabia que era tímida, como estavam acostumados a sê-lo as fadas. Não gostava das multidões, nem as longas reuniões sociais. Ao Jasper acontecia o contrário, mas entendia os sentimentos de sua esposa, embora nunca os tivesse compartilhado. Estava acostumado a sua enrijecida reticência quando saíam.

Mas aquele desassossego se devia a outra coisa. Algo ia mal, e inquietava-o não saber o que era.

A reunião estava sendo bastante agradável. A cozinheira da tia Esther era muito boa, e o jantar era simples, mas delicioso. A estreita sala de jantar estava suavemente iluminada. Os lacaios eram generosos com as garrafas de vinho.

A senhorita Stewart estava sentada a sua direita. Era uma mulher amadurecida, com as faces empoeiradas e coloridas e uma enorme peruca cinza. Quando se inclinou para o Jasper, este notou um forte aroma de pachuli.

— Tenho entendido que acabam de chegar de Londres, é assim? — perguntou a dama.

— Em efeito, senhora — respondeu Jasper. — Cruzamos vales e colinas só para visitar a ensolarada Edimburgo.

— Bom, ao menos não vieram no inverno — replicou ela com certo mistério. — A viagem se torna horrorosa depois da primeira nevada, embora a cidade esteja bastante bonita. Como a neve cobre o barro e a fuligem... Viram já o castelo?

— Pois ainda não.

— Pois devem vê-lo — a senhorita Stewart assentiu vigorosamente com a cabeça, e os babados de debaixo de seu queixo começaram a tremer. — É magnífico. Há poucos ingleses que saibam apreciar a beleza da Escócia.

Cravou nele um olhar penetrante.

Jasper se apressou a engolir o pedaço do muito fino cordeiro que sua tia serviu.

— Certamente, certamente. Até agora, a minha esposa e eu nos encantamos com sua campina.

— E não é de estranhar, em minha opinião — a senhorita Stewart começou a cortar seu cordeiro. — Os Holden se mudaram de Londres fará oito ou dez anos, e não se arrependeram nem um só dia.

Verdade, senhor Holden? — perguntou ao cavalheiro sentado em frente a ela.

Timothy Holden era surpreendentemente bonito, se as pessoas sentiam predileção pelos homens de faces lisas e lábios vermelhos, como ao que parece sentiam quase todas as mulheres, a julgar pelos olhares que lhe dirigiam.

Usava uma peruca branca como a neve e uma casaca de veludo vermelho, com as mangas lavradas em ouro e verde.

Ouvindo a pergunta da senhorita Stewart, Holden inclinou a cabeça e disse:

— A minha esposa e eu gostamos de Edimburgo.

Baixou o olhar para a mesa, mas curiosamente não foi a sua esposa a quem olhou, e sim a do Jasper.

Jasper bebeu outro gole de vinho, entreabrindo os olhos.

— Há um ambiente social delicioso — acrescentou lady Caroline. Parecia bastante mais velha que seu arrumado marido e tinha títulos para dar e tomar. Ali devia ter gato encerrado.

Lady Caroline tinha o cabelo loiro, tão claro que era quase branco, e uma tez pálida e rosada que a fazia parecer quase tão monocromática como um papel. Só seus olhos azuis claros lhe davam um toque de cor, mas pareciam perfilados por um cerco vermelho em contraste com sua pele incolor, razão pela qual parecia um coelho branco.

— O jardim está precioso nesta época do ano — comentou. — Possivelmente lady Vale e você queiram nos honrar vir tomar o chá durante sua estadia.

Jasper viu pela extremidade do olho que Melisande ficava paralisada. Estava tão imóvel que se perguntou se ainda respirava. Sorriu amavelmente.

— Lamento muito declinar seu amável convite. Temo que só vamos passar uma noite em Edimburgo. Tenho assuntos que tratar com um amigo que vive ao norte daqui.

— Ah, sim? E quem é seu amigo? — inquiriu a senhora Stewart. Melisande relaxou de novo e Jasper fixou sua atenção em sua vizinha de mesa.

— Sir Alistair Munroe. Conhece-o?

A senhorita Stewart sacudiu a cabeça energicamente.

— Ouvi falar dele, naturalmente, mas por desgraça não o conheço.

— Escreveu um livro maravilhoso — disse sir Angus com voz tonante do outro extremo da mesa. — Simplesmente maravilhoso. Cheio de toda classe de pássaros, mamíferos, peixes e insetos. Extremamente instrutivo.

— Mas viu-o alguma vez? — perguntou a tia Esther da cabeceira da mesa.

— Não, não posso dizer que o conheça.

— Aí o está! — exclamou triunfalmente a senhora Whippering. — Não conheço uma só pessoa que tenha visto esse homem. Exceto você, meu querido sobrinho, e suponho que faz anos que não o vê, não é certo?

Jasper sacudiu a cabeça, muito sério. Agora foi ele quem ficou olhando a mesa enquanto dava voltas a sua taça de vinho.

— E como sabemos que segue vivo? — perguntou a tia Esther.

— Ouvi dizer que envia cartas à universidade — se aventurou a dizer a senhora Flowers, à esquerda do Jasper. — Tenho um tio que ensina ali e diz que sir Alistair é muito respeitado.

— Munroe é um dos grandes intelectuais da Escócia — afirmou sir Angus.

— Pode ser — disse a tia Esther. — Mas não entendo por que não aparece pela capital. Sei que o convidam a bailes e jantares e que sempre declina assistir. O que esconde esse homem, pergunto-me?

— Cicatrizes — resmungou sir Angus.

— OH, mas seguro que isso não é mais que um rumor — comentou lady Caroline.

A senhora Flowers se inclinou para diante, aproximando perigosamente seu amplo peito ao molho de seu prato.

— Ouvi dizer que tem a cara tão horrivelmente desfigurada de quando esteve na guerra da América que precisa levar uma máscara para que as pessoas não se deprimam de espanto ao vê-lo.

— Tolices! — bufou a senhorita Stewart.

— É certo — se defendeu a senhora Flowers. — A filha da vizinha de minha irmã o viu saindo do teatro faz dois anos e se deprimiu. Depois esteve na cama delirando de febre e demorou meses em recuperar-se.

— Parece uma moça muito doentia — repôs a senhorita Stewart, — e não sei se acredito numa só palavra.

A senhora Flowers se ergueu, visivelmente ofendida. A tia Esther interveio:

— Bom, meu sobrinho saberá se sir Alistair está ou não horrivelmente desfigurado. A final de contas, estiveram juntos na guerra. Jasper?

Jasper sentiu que começavam a lhe tremer os dedos: um terrível sintoma físico da doença

que o consumia por dentro. Soltou a taça de vinho para não derrubá-la e se apressou a esconder a mão debaixo da toalha.

— Jasper? — insistiu sua tia.

Maldição, agora todos o olhavam. Tinha a garganta seca, mas não podia levantar a taça de vinho.

— Sim — disse por fim. — Sim, é certo. Sir Alistair Munroe está desfigurado.

Quando por fim acompanhou a sua tia a se despedir dos convidados, Jasper estava exausto. Melisande se desculpara pouco depois do jantar. Ele se deteve diante da porta do dormitório que lhes atribuiu tia Esther.

Sua mulher estaria provavelmente deitada. Girou a maçaneta com cuidado para não despertá-la.

Mas quando entrou no quarto viu que não estava dormindo, e sim preparando um colchão no chão, junto à parede do fundo. Jasper parou em seco porque não sabia se ria ou chorava.

Ela levantou o olhar e o viu.

— Pode pegar a manta da cama?

Ele assentiu com a cabeça, porque não confiava em sua voz, e foi à cama tirar a manta. O que pensaria dele? Aproximou-se do fogo e lhe passou a manta.

— Obrigada. — Melisande se inclinou e começou a forrar a manta ao redor de um montão de lençóis para improvisar um colchão.

Preocupava-lhe ter-se casado com um louco?

Jasper afastou o olhar. O quarto não era grande, mas sim acolhedor. As paredes eram de cor cinza azulada e um tapete com desenhos marrons e rosas cobria o chão. Então ele se aproximou da janela e retirou a cortina para olhar fora, mas a noite era tão escura que não distinguiu nada. Deixou cair a cortina. Suchlike devia ter partido já. Melisande estava despida. Levava uma bonita camisola adornada com renda e seu robe.

Ele tirou a casaca e começou a desabotoar o colete.

— Um jantar encantador.

— Sim.

— Lady Charlotte é muito divertida.

— Mmm.

Jasper tirou o lenço e o sustentou nos dedos, olhando-o distraidamente.

— É pelo exército, acredito.

Ela ficou parada.

— O que?

— Isso — assinalou o colchão com o queixo, sem olhá-la nos olhos. — Todos os que voltamos da guerra temos alguma estranheza. Alguns se sobressaltam violentamente ao ouvir ruídos fortes.

Outros não suportam ver sangue. Alguns têm pesadelos que os despertam de madrugada. E outros... — respirou fundo e fechou os olhos. — Outros não suportam dormir em lugares abertos.

Temem que os ataquem em plena noite, quando dormem, e não... Não podem evitá-lo. Precisam dormir com as costas contra a parede e com uma vela acesa para ver vir o inimigo.

Abriu os olhos e disse:

— É uma compulsão, temo. Simplesmente, não podem remediá-lo.

— Compreendo — disse ela.

Seus olhos tinham uma expressão tenra, como se não acabasse de ouvir que seu marido era um lunático. Inclinou-se e seguiu preparando o colchão. Parecia entendê-lo de verdade. Mas como era possível?

Como podia aceitar que seu marido só fosse um homem pela metade? Nem ele mesmo o aceitava.

Jasper se serviu de vinho da jarra de cristal que havia sobre a mesa. Ficou um momento de pé, bebendo e olhando distraidamente o fogo, até que recordou o que lhe rondava pela cabeça ao entrar no quarto.

Deixou a taça vazia sobre a mesa e começou a desabotoar o colete.

— Talvez pense que tenho muita imaginação, mas por um instante, quando nos apresentaram aos Holden, deu-me a impressão de que Timothy Holden parecia te reconhecer.

Ela não respondeu.

Ele lançou o colete a uma cadeira e a olhou. Melisande estava socando energicamente a cama.

— Esposa?

Ela se ergueu e olhou-o com o queixo erguido e as costas retas, como se estivesse enfrentando um batalhão de fuzilamento.

— Estivemos prometidos.

Jasper se limitou a olhá-la. Sabia que havia algo (alguém), mas nunca lhe disse que já esteve prometida. Que parvo foi, em realidade. E agora que sabia...

Percebeu que sentia um arrebatamento de ciúmes. Antigamente, Melisande teve intenção de casar-se com outro, com o Timothy Holden. Amou o lindo Timothy Holden, com seus lábios vermelhos?

— Amava-o? — perguntou.

Melisande o olhou um momento; logo se inclinou para acabar de preparar o colchão.

— Foi há mais de dez anos. Eu só tinha dezoito.

Jasper inclinou a cabeça. Melisande não respondeu a sua pergunta.

— Onde se conheceram?

— Em um jantar como o desta noite — agarrou um travesseiro e alisou sua capa. — Estava sentado a meu lado e foi muito amável.

Não me deu as costas, como costumavam fazer quase todos os cavalheiros naquela época, quando não me punha a falar com eles imediatamente.

Jasper tirou a camisa pela cabeça. Sem dúvida ele foi um desses cavalheiros tão descorteses.

Melisande deixou o travesseiro sobre o colchão.

— Levava-me a dar passeios pelo parque, dançava comigo nos bailes, e fazia todas essas coisas que faz um cavalheiro quando corteja a uma dama. Cortejou-me durante vários meses e depois pediu minha mão em matrimônio a meu pai.

Naturalmente, meu pai disse que sim.

Jasper se sentou para tirar os sapatos e as meias.

— Então, por que não está casada com ele?

Ela encolheu os ombros.

— Declarou-se em outubro e pensávamos nos casar em junho.

Jasper fez uma careta. Eles se casaram em junho. Aproximou-se dela e a ajudou suavemente a despojar-se do robe. Pegou-a pela mão e se deitou no colchão com ela. Melisande se moveu para colocar a cabeça sobre seu ombro. Ele começou a acariciar ociosamente seu comprido cabelo. Era curioso quão cômodo podia ser um colchão estando com ela.

— Eu comprei meu enxoval — prosseguiu ela, e seu fôlego roçou o peito nu do Jasper. — Mandei os convites, fiz os preparativos para as bodas. Depois, um dia, Timothy veio ver-me e me disse que se apaixonou por outra.

Naturalmente, deixei-o partir.

— Naturalmente — resmungou Jasper.

Holden era um sujo canalha. Só um porco seduzia a uma jovenzinha e logo a deixava plantada quase em frente ao altar. Jasper acariciou o cabelo de sua doce esposa como se quisesse consolá-la pela dor que sofreu há quase uma década e pensou em seu matrimônio e em seu leito nupcial.

Por fim suspirou.

— Foram amantes.

Não se incomodou em formular aquela frase como uma pergunta, mas quase o surpreendeu que ela não o negasse.

— Sim, durante um tempo.

Jasper enrugou o cenho. Ela falava com voz muito monocórdia. Ele se revolveu, inquieto.

— Não te forçou, verdade?

— Não.

— Nem te ameaçou de modo algum?

— Não. Foi muito amável.

Jasper fechou os olhos. Deus, quanto odiava tudo aquilo. Sua mão deixou de mover-se sobre o cabelo de Melisande, e era consciente de que apertava com força uma mecha.

Exalou e abriu a mão com cuidado.

— O que ocorre, então? Há algo mais que não me diz, meu docinho.

Melisande ficou calada tanto tempo que Jasper começou a pensar que imaginou tudo aquilo em meio da neblina de seus ciúmes. Talvez não houvesse nada mais.

Mas, ao final, ela exalou um suspiro necessitado e solitário, e disse:

— Pouco depois de que Timothy rompesse o compromisso, descobri que estava

engordando.

Capítulo 15

Ao voltar com o anel de prata, Jack se deteve só para vestir seus farrapos e desceu às cozinhas do palácio. O mesmo menino estava revolvendo a sopa da princesa. Jack lhe pediu de novo que lhe deixasse a concha de sopa, em troca de uma moeda. E plaf! Lá foi parar o anel de prata. Jack desapareceu antes que o cozinheiro chefe o visse e subiu rapidamente as escadas para ocupar seu lugar ao lado da princesa.

— Mas onde estiveste todo o dia, Jack? — perguntou a princesa Surcease ao vê-lo.

— Aqui e lá, acima e abaixo, formosa dama.

— E o que aconteceu a seu pobre braço? — Jack baixou o olhar e viu que o troll lhe fez um corte com sua espada.

— Ai, princesa, hoje lutei com um percevejo monstruoso em sua honra.

E seguiu fazendo travessuras até que toda a corte riu a gargalhadas...

Do Jack o Risonho

Melisande sentiu que os dedos de Vale se detinham sobre seu cabelo. A repudiaria agora? Levantar-se-ia para afastar-se dela? Ou simplesmente fingiria que não ouviu aquelas palavras que a condenavam e não voltaria a falar disso? Conteve o fôlego, à espera.

Mas ele se limitou a passar os dedos por seu cabelo e disse:

— Conta-me.

Então ela fechou os olhos e contou, rememorando aquela época já longínqua e a dor que quase fez parar seu coração dentro do peito.

— Soube em seguida o que era quando comecei a enjoar pelas manhãs. Ouvi falar de mulheres que duvidavam e que esperavam meses para contá-lo porque não estavam seguras, mas eu sabia.

— Assustou-te? — sua voz grave soava firme, e custava adivinhar o que sentia.

— Não. Bom — particularizou ela, — possivelmente sim, no princípio, quando percebi o que me acontecia. Mas pouco depois compreendi que queria ter o bebê. Que, acontecesse o que acontecesse, seria minha alegria.

Não via o rosto de Vale, mas notou que seu peito subia e descia sob sua mão. Tinha o pelo encaracolado no vão do esterno. Ela o acariciou distraidamente e se permitiu recordar aquele prazer. Tão forte. Tão fugaz.

— O disse a sua família?

— Não, não o disse a ninguém, nem sequer a Emeline. Acredito que temia o que me fariam fazer. Que quisessem me tirar ao bebê — respirou fundo, decidida a contar-lhe tudo

imediatamente, acaso não voltasse a reunir coragem para falar disso.

— Claro, tinha um plano. Iria viver com o Ernest, meu irmão mais velho, até que começasse a notar-se e logo me retiraria a uma casinha de campo com minha velha aia.

Teria o bebê, e o criaríamos juntas, minha aia e eu. Era um plano absurdo e infantil, mas naquele momento me pareceu que funcionaria. Ou pode ser que fossem só cabalas provocadas pelo desespero.

Sentiu escorregar lágrimas ardentes e compreendeu que Jasper devia notar sua umidade no peito. Começava a abafar a voz.

Mas ele seguiu lhe acariciando o cabelo com delicadeza, e a ela sua mão a reconfortava.

Engoliu saliva e concluiu seu triste relato:

— Mas estava a pouco tempo com meu irmão Ernest quando uma noite despertei de madrugada com sangue nas coxas. Sangrei muito durante cinco dias e, depois, acabou-se. Meu bebê tinha morrido.

Melisande se deteve porque estava com a garganta oprimida pela emoção e não podia seguir falando. Fechou os olhos e deixou que suas lágrimas transbordassem e corressem por sua têmpora, até o peito do Jasper.

Soluçou só uma vez. Logo ficou ali estendida, tremendo de tristeza. Aquela era uma velha ferida, mas em certos momentos parecia fresca e nova, e sua aguda dor a pegava por surpresa.

Sentiu dentro de si a possibilidade de uma vida, e a arrebataram.

— Sinto-o — disse Vale a seu lado. — Sinto muito que tenha perdido seu bebê.

Ela não podia falar. Só pôde assentir com a cabeça.

Jasper levantou sua cabeça para ver seu rosto. Seus olhos de cor turquesa tinham um olhar intenso.

— Eu te darei um bebê, queridíssima esposa. Todos os bebês que queira. Juro-o sobre minha honra.

Melisande olhou-o, maravilhada. Não se envergonhava do ocorrido (dela mesma), mas esperava que seu marido fosse às nuvens, não que se compadecesse dela.

Jasper a beijou; seus lábios se moveram meigamente sobre os seus, e aquele beijo foi como um voto entre eles, honesto e sagrado. Vale os cobriu com a colcha, remetendo-a cuidadosamente pelo lado da Melisande, e a estreitou entre seus braços.

— Durma bem, minha esposa.

Sua voz áspera e suas tenras mãos a reconfortavam. Melisande fechou os olhos. Suas últimas lágrimas tinham cessado, e sentia o batimento do coração do Jasper sob seu ouvido. Era forte e firme, e, escutando seu compasso, foi adormecendo.

O dia seguinte amanheceu escuro, com o céu cinza e uma fina garoa. A tia Esther os despediu com um saboroso café da manhã e muita conversa. Depois, disse-lhes adeus com a mão. Quando por fim dobraram uma esquina e sua casa se perdeu de vista, Melisande se separou da janela e olhou a Vale.

— Quando chegaremos a casa de sir Alistair?

— Hoje, acredito, se não surgir nenhum contratempo — respondeu seu marido.

Estava com as pernas atravessadas na carruagem, como de costume, e o corpo recostado no assento, mas sua larga boca se inclinava para baixo em uma leve careta. O que pensava dela?

Não a tratou de forma diferente essa manhã, ao levantar-se, vestir-se e tomar o café da manhã, mas sua confissão da véspera deve tê-lo deixado perplexo.

Um homem não esperava que sua esposa tivesse tido um amante tempo atrás, e muito menos que tivesse estado grávida dele.

Melisande afastou os olhos de Vale e olhou distraidamente pela janela. Vale recebeu bastante bem a notícia, mas, quando tivesse tempo para pensar, incomodaria lhe? Começaria a revolver a ideia de que não era virgem em sua noite de bodas? Voltar-se-ia contra ela? Melisande o ignorava e, angustiada, olhava as colinas das Terras Altas.

Detiveram-se almoçar, já tarde, junto a um arroio largo e claro e comeram frios, o pão, o queijo e o vinho que lhes preparou a cozinheira da tia Esther. Camundongo brincava de correr por ali e esteve ladrando às vacas que havia perto (umas vacas peludas, com franja sobre os olhos) até que Vale lhe gritou que parasse. Logo se aproximou e pôs-se a roer um osso de presunto.

Viajaram toda a tarde e quando começou a cair a noite Melisande notou que Vale estava inquieto.

— Perdemo-nos? — perguntou.

— O chofer me assegurou que sabia onde estávamos a última vez que paramos — respondeu Vale.

— Alguma vez estiveste na casa de sir Alistair?

— Não.

Continuaram meia hora mais, Suchlike dormitando ao lado da Melisande. A estrada estava obviamente cheia de buracos e mau conservada, porque a carruagem se sacudia e saltava. Por fim, justo quando se desvanecia a última luz do dia, ouviram um dos homens gritar. Melisande olhou pela janela e acreditou ver a silhueta difusa de um enorme edifício.

— Seu amigo vive em um castelo? — Vale também olhou pela janela.

— Assim parece.

A carruagem tomou devagar um estreito caminho e avançaram sacudindo-se para a casa solaria. Suchlike despertou sufocando um gemido. Melisande não via luz no edifício.

— Sir Alistair sabe que viríamos, verdade?

— Escrevi-lhe — disse Vale. Melisande olhou a seu marido duvidosa.

— Respondeu-te?

Mas Vale fingiu não ouvi-la e um instante depois se detiveram diante do imenso edifício. Fora se ouviu um grito e certo barulho e, depois de uma pausa, a porta da carruagem se abriu.

O senhor Pynch sustentava no alto uma lanterna cuja luz lançava sombras ameaçadoras sobre seu lúgubre rosto.

— Ninguém responde à porta, senhor.

— Pois terá que chamar mais forte — respondeu Vale.

Saiu de um salto da carruagem e se voltou para ajudar a Melisande. Suchlike desceu com cuidado, e Camundongo saiu a toda pressa e correu a uns arbustos a aliviar-se.

A noite era muito escura e um vento frio soprava pelo caminho. Melisande estremeceu.

— Espera. — Vale alargou o braço para o interior da carruagem e tirou um manto de debaixo de seu assento. O jogou sobre os ombros e lhe ofereceu seu braço. — Vamos, minha esposa?

Ela pegou seu braço e se inclinou para sussurrar:

— Jasper, o que vamos fazer se sir Alistair não estiver em casa?

— OH, haverá alguém por aqui, não tema.

Conduziu-a pelos longos degraus de pedra, tão antigos que estavam desgastados no centro, ali onde incontáveis pés os pisaram. A porta era enorme, pelo menos três metros de altura, e tinha grandes dobradiças de ferro.

Vale a esmurrou.

— Hei! Abram! Há aqui uns viajantes que querem um fogo quente e uma cama macia! Né! Munroe! Sai a nos abrir a porta!

Seguiu esmurrando a porta cinco minutos ou mais e, logo, de repente, deteve-se com o punho no ar. Melisande lhe olhou.

— O que...?

— Shh.

E então o ouviu. Dentro do castelo se ouvia um suave arranhar, como se alguma criatura subterrânea tivesse despertado. Vale voltou a golpear a porta, sobressaltando a Melisande.

— Hei! Venham nos abrir!

Ouviu-se um golpe seco ao abrir um ferrolho e a porta se entreabriu lentamente. Um homem muito baixo apareceu na soleira. Era bastante robusto e seu cabelo avermelhado e um pouco grisalho sobressaía por todos os lados ao redor de sua cabeça, como o penacho de um dente de leão. Tinha o alto da cabeça completamente calva. Levava uma longa camisa de dormir e botas e os olhava carrancudo.

— O que?

Vale sorriu, encantador.

— Sou o visconde de Vale e esta é minha senhora. Viemos visitar seu amo.

— Não, disso nada — respondeu aquela criatura, e fez ameaça de fechar a porta.

Vale alargou uma mão e parou a porta.

— Sim, assim é.

O homenzinho empurrou a porta, tentando fechá-la, mas não se moveu.

— Ninguém me informou que viriam visitas. Não temos as habitações limpas, nem carnes na despensa. Terão que ir a outra parte.

Vale já havia perdido seu sorriso.

— Nos deixe entrar e logo falaremos de como nos acomodar.

O homenzinho abriu a boca, obviamente disposto a seguir apresentando batalha, mas nesse momento Camundongo se uniu a eles. O cão jogou uma olhada ao criado de sir Alistair e decidiu

que era o inimigo.

Começou a lhe ladrar com tanto ímpeto que suas quatro patas se levantavam do chão. O homenzinho ruivo soltou um agudo grito e retrocedeu de um salto.

Vale não necessitou de mais. Abriu a porta de repente e entrou com o senhor Pynch a seu lado.

— Fica junto à carruagem até que estejamos preparados — ordenou Melisande a Suchlike, e entrou no castelo com mais calma, atrás dos homens.

— Não podem fazer isso! Não podem! Não podem! — gritava o homenzinho.

— Onde está sir Alistair? — perguntou Vale.

— Fora! Saiu a cavalgar e pode ser que tarde horas em voltar.

— Sai a montar às escuras? — perguntou Melisande, surpreendida.

A campina que atravessaram era muito abrupta, pedregosa e escarpada. Não lhe parecia sensato sair a cavalgar de noite e a sós.

Mas o homenzinho se afastava apressadamente por um longo corredor, diante deles. Seguiram-no e se detiveram quando abriu uma porta.

— Podem esperar aqui, se quiserem. A mim não importa.

Voltou-se para partir, mas Vale o agarrou pela gola da camisa.

— Espera — olhou a Melisande. — Pode ficar aqui com Camundongo enquanto Pynch e eu vamos procurar habitações e algo de comer?

O salão estava às escuras e não era muito acolhedor, mas Melisande levantou o queixo.

— Claro.

— Bravo, minha doce esposa. — Jasper a beijou suavemente na face. — Pynch, acende umas velas para a viscondessa. Logo diremos a este amável senhor que nos mostre a casa.

— Sim, milord — usando sua lanterna, o senhor Pynch acendeu quatro velas (todas as que havia na habitação). Depois os homens partiram.

Melisande ouviu seus passos se afastarem e logo estremeceu e olhou a seu redor. Estava em uma espécie de sala de estar, mas não muito agradável. Aqui e lá havia grupos de cadeiras, muito antigas e muito feias.

O teto de madeira lavrada era extremamente alto, e a luz das velas não penetrava completamente a escuridão da parte superior da sala. Melisande acreditou ver pendurando farrapos de teias de aranhas velhas.

As paredes eram também de madeira escura e lavrada e estavam decoradas com cabeças de animais dissecadas: vários cervos roídos, um texugo e uma raposa. Seus olhos de cristal eram horripilantes na escuridão.

Sacudindo o medo, aproximou-se com decisão a grande lareira de pedra cinza que havia ao fundo do salão. Era, claramente, muito antiga (certamente mais antiga que todos os painéis de madeira lavrada) e estava completamente enegrecida por dentro. Encontrou uma caixa a seu lado com várias lascas e um lenho que colocou com esmero dentro da lareira, tentando não pensar nas aranhas.

Camundongo se aproximou para ver o que fazia, mas em seguida voltou a afastar-se para seguir investigando entre as sombras.

Melisande se levantou e sacudiu as mãos. Apalpou o suporte e por fim encontrou um vaso com fósforos poeirentos. Acendeu um com uma vela e o aproximou das lascas, mas estas não pegaram e o fósforo se apagou em seguida. Então agarrou outro e estava a ponto de acendê-lo quando Camundongo começou a ladrar.

Melisande se voltou, sobressaltada. Atrás dela havia um homem, alto, magro e sombrio. O cabelo, comprido até os ombros, pendurava emaranhado ao redor de seu rosto. Estava olhando a Camundongo, que se achava a seus pés, mas quando Melisande se moveu, virou a cabeça para ela. Tinha o lado esquerdo do rosto desfigurado por umas cicatrizes, que o resplendor das velas iluminava espantosamente, e a órbita do olho desse lado aparecia afundada e vazia. Melisande deixou cair o fósforo.

O criado de Munroe estava lhes dizendo que não havia lençóis limpos em toda a casa, e Jasper estava a ponto de o sacudir, zangado, quando ouviu ladrar a Camundongo. Olhou ao Pynch e, sem dizer uma palavra, deram meia volta e desceram correndo pela sinuosa escada, às escuras. Jasper ia amaldiçoando. Não deveria ter deixado sozinha a Melisande.

Ao chegar em frente ao salão, deteve-se para aproximar-se sem fazer ruído. Camundongo não tornou a ladrar e essa era primeira vez. Jasper apareceu no salão.

Melisande estava em um extremo, de costas à lareira. Camundongo se achava a seu lado, com as patas rígidas, mas em silêncio. E em frente a eles havia um homem muito alto, vestido com perneiras de couro e uma velha casaca de caça.

Jasper se esticou.

Munroe se voltou e Jasper não pôde evitar de se sobressaltar. A última vez que o viu, suas feridas estavam em carne viva e sangravam ainda. O tempo curou as que cobriam o lado esquerdo de seu rosto, as cicatrizando, mas não melhorou seu aspecto.

— Renshaw — disse Munroe com voz áspera. Sua voz sempre foi rouca, mas depois do Spinner's Falls parecia ter se rachado, como danificada pelos gritos. — Embora agora seja Vale, não? Lorde Vale.

— Sim. — Jasper entrou na sala, — esta é minha esposa, Melisande.

Munroe inclinou a cabeça, embora não se voltou para saudá-la.

— Acredito que te escrevi para te dizer que não viesse.

— Não recebi nenhuma mensagem — respondeu ele com sinceridade.

— Há quem tomaria isso por um sinal de que não é bem vindo — respondeu Munroe com ironia.

— Seriamente? — Jasper respirou fundo para controlar a ira que brotava dentro de seu peito. Devia muito ao Munroe (coisas que jamais poderia lhe pagar), mas aquilo também correspondia a ele.

— Claro que o assunto que me traz aqui é extremamente urgente. Precisamos falar de Spinner's Falls.

Munroe jogou a cabeça para trás como se tivesse recebido um golpe no rosto. Olhou fixamente ao Jasper com seu olho castanho claro, entreaberto e inescrutável.

Finalmente assentiu.

— Muito bem. Mas é tarde e sem dúvida sua esposa está cansada. Wiggins lhes mostrará umas habitações. Não prometo comodidades, mas podem esquentar-se. Falaremos pela manhã. Depois poderão partir.

— Tenho sua palavra? — perguntou Jasper. Não seria estranho que Munroe desaparecesse e não voltasse para casa até que partissem.

Munroe inclinou a boca.

— Tem minha palavra. Falaremos pela manhã.

Jasper assentiu com a cabeça.

— Lhe agradeço por isso.

Munroe encolheu os ombros e saiu da sala. O homenzinho ruivo (Wiggins, ao que parece), que ficou junto à porta, disse a contra gosto:

— Suponho que posso acender o fogo em suas habitações.

Voltou-se e saiu sem dizer nada mais.

Jasper exalou um suspiro e olhou ao Pynch.

— Pode te ocupar de acomodar aos outros criados? Vê se tem algo de comer na cozinha e procura os aposentos.

— Sim, milord — disse Pynch, e partiu.

Jasper ficou a sós com sua esposa. Voltou-se com reticência para olhá-la. Ela seguia em pé diante da lareira. Qualquer outra mulher já estaria histérica. Mas não Melisande.

Olhou-o fixamente e disse:

— O que ocorreu em Spinner's Falls?

Sally Suchlike estendeu com cuidado as brasas com o atiçador e pendurou uma panela do grande gancho de ferro da lareira. Era uma lareira enorme, a maior que jamais viu. Tão grande que um homem adulto podia meter-se dentro e ficar de pé. Ela ignorava para que queria alguém uma lareira tão grande. Era muito mais incômoda que uma de tamanho normal.

A água da panela começou a ferver em seguida e Sally jogou dentro o coelho picado que o senhor Pynch encontrou na despensa. Uma donzela era uma criada das mais elevadas, e entre seus deveres não estava o de cozinhar, mas ali não havia ninguém mais que pudesse preparar o jantar. Sem dúvida o senhor Pynch sabia fazer um guisado de coelho (e melhor que o seu), mas estava atarefado procurando quartos para seus amos.

Sally jogou umas cenouras na panela. Estavam um pouco murchas, mas teriam que servir. Acrescentou umas cebolas e revolveu tudo. De momento o guisado não tinha muito bom aspecto, mas talvez melhorasse quando tivesse cozido um pouco. Então suspirou e se sentou em uma cadeira próxima, ajustando o xale grande ao redor dos ombros. Quando trabalhava na cozinha, costumava a dedicar-se a esfregar pratos e a limpar.

O senhor Pynch lhe deu o coelho, as cenouras e as cebolas e lhe disse que cozesse tudo, e

isso fez. Wiggins, aquele desagradável homenzinho ruivo, não lhes foi de nenhuma ajuda.

A Sally recordava a um troll de conto de fadas. E desapareceu assim que o senhor Pynch deu meia volta, deixando que os criados de Renshaw se arrumassem como pudessem naquela casa desconhecida.

Levantou-se e foi ver à panela que fervia. Possivelmente devesse acrescentar algo mais. Sal! É isso. O senhor Pynch a tomaria por uma estúpida se não punha sal ao guisado. Aproximou-se de um grande aparador que havia em um canto e começou a rebuscar nele. Estava quase vazio, mas conseguiu encontrar o sal e um pouco de farinha.

Dez minutos depois estava tentando amassar em uma terrina farinha, sal, manteiga e água quando o senhor Pynch entrou na cozinha. Deixou sua lanterna e se aproximou do lugar onde ela lutava com todo o esforço com a massa. Depois ficou ali calado, a seu lado, olhando a terrina.

Olhou-o com irritação.

— É massa de croquetes para o guisado. Tentei fazer como vi a cozinheira fazer, mas não sei se é assim e pode ser que tenha sabor de grude. Eu não sou cozinheira, sabe? Sou donzela, e não se espera de mim que saiba cozinhar.

Terá que se contentar com o que sei fazer e, se resultar que tenha mal sabor, não quero lhe ouvir nem pigarrear.

— Eu não me queixei — respondeu o senhor Pynch com suavidade.

— Pois não o faça.

— E eu gosto dos croquetes.

Sally afastou uma mecha de cabelo dos olhos com um sopro. De repente se sentia tímida.

— Sim?

Ele assentiu com um gesto.

— Sim, e essa massa tem uma cara estupenda. Levo a terrina à lareira, para que se coza com o guisado?

Sally ergueu os ombros e assentiu. Esfregou as mãos para tirar os restos de massa e o senhor Pynch agarrou a grande terrina de louça. Juntos se aproximaram da lareira, onde ele sustentou a terrina enquanto ela jogava cuidadosamente colheradas de massa no guisado. Cobriu a panela com uma tampa de ferro para que os croquetes se cozessem e se voltou para o senhor Pynch. Era consciente de que lhe suava o rosto pelo calor do fogo e de que algumas mechas de cabelo solto lhe colaram à pele, mas olhou-o nos olhos e disse:

— Já está. Tudo bem?

O senhor Pynch se inclinou e disse:

— Perfeito.

E logo a beijou.

Melisande amontoou mantas no chão enquanto via seu marido passear pelo quarto. Vale estava muito nervoso essa noite, como se em qualquer momento fosse a perder o domínio de si mesmo e sair fugindo do quarto.

Que fazia sir Alistair cavalgando tão tarde, e às escuras? Acaso ele também tentava escapar

de seus demônios?

Ele, entretanto, seguia ali, e Melisande agradecia por isso. Seu marido não respondeu ainda a sua pergunta sobre o Spinner's Falls. Bebia um copo de uísque e passeava pelo quarto, mas seguia com ela.

E isso devia ser bom sinal.

— Olhe, foi depois de Quebec — disse ele de repente. Estava de frente à janela e podia parecer que não se dirigia a ela, se não fosse o caso de não existir mais ninguém no quarto. Era setembro e tínhamos ordem de ir ao Fort Edward para passar o inverno. Já havíamos perdido mais de uma centena de homens na batalha e deixamos para trás a uma outra trintena, muito maltratados para suportar a marcha. Haviam nos dizimado, mas acreditávamos que o pior já havia passado. Ganhamos a batalha, Quebec tinha caído, e só era questão de tempo que os franceses se rendessem por completo e que ganhássemos a guerra. Tudo virou.

Deteve-se para beber um gole de uísque e disse com voz firme:

— Tínhamos tantas esperanças... Se a guerra acabasse logo, poderíamos voltar para casa. Isso era a única coisa que queríamos: voltar para casa com nossas famílias. Descansar um pouco depois da batalha.

Melisande envolveu um lençol ao redor das mantas. Cheirava um pouco a mofo do baú no qual esteve guardado, mas teria que servir. Enquanto trabalhava, pensou no Jasper quando era mais jovem, partindo com seus homens através de um bosque outonal, ao outro lado do mundo. Estaria eufórico depois de ganhar uma batalha. E feliz ante a perspectiva de retornar a casa.

— Avançávamos por uma estreita trilha, com colinas escarpadas a um lado e, ao outro, um rio que contornava uma ravina. Partíamos em fila de dois. Reynaud acabava de aproximar-se de mim a cavalo para me dizer que tinha a impressão de que a coluna avançava muito alongada. Sua cauda ficava 1 km atrás. Decidimos informar ao coronel Darby e lhe pedir que ordenasse afrouxar o passo aos que partiam na cabeça para que os de trás nos alcançasse. Foi então quando nos atacaram.

Falava em tom desapaixonado, e Melisande se apoiou nos calcanhares para olhá-lo enquanto falava. Jasper seguia de frente para a janela, com as largas costas muito direitas. Melisande desejou poder aproximar-se dele, rodeá-lo com seus braços e estreitá-lo com força, mas isso interromperia o fluir de suas palavras. E sentia que, como se de lancetar uma ferida infectada se tratasse, seu marido precisava drenar toda aquela podridão.

— Quando se está em plena batalha, não se pensa — continuou ele em tom quase divertido. — O instinto e a emoção se apoderam de ti. Senti espanto ao ver o Johnny Smith atravessado por uma flecha.

E raiva quando os índios se equilibram sobre seus homens gritando e os matam. Sente medo quando matam a seu cavalo. E uma onda de pânico quando compreende que deve saltar ou ficará preso sob o animal e indefeso ante um machado de guerra.

Bebeu outro gole de sua bebida enquanto Melisande tentava assimilar suas palavras. Acelerou-lhe o coração, como se sentisse o mesmo arrebatamento de pânico que seu marido

experimentou há muito tempo.

— Lutamos bem, acredito — disse Vale. — Ao menos, isso me hão dito. Eu não posso avaliar a batalha. Nesse momento só vê os homens que existem a seu redor, a pequena parcela de terra que defende.

O tenente Clemmons caiu, e também o tenente Knight, mas só quando vi o Darby, nosso comandante, tirado a rastros de seu cavalo compreendi que estávamos perdendo. Que acabaríamos todos mortos.

Riu, mas sua risada soou seca e quebradiça, muito diferente a sua risada de sempre.

— Devia sentir medo então, mas curiosamente não senti. Estava no meio de muitos cadáveres e brandia minha espada. Matei a uns quantos selvagens. Sim, matei a uns quantos, mas não aos suficientes.

Não aos suficientes.

Melisande sentiu a ardência das lágrimas nos olhos ouvindo sua voz triste e cansada.

— Ao final caiu o último de meus homens e eles se equilibraram sobre mim. Caí com um golpe na cabeça. Caí em cima do corpo do Tommy Pasta — separou-se da janela e se aproximou da mesa em que estava a jarra de uísque.

Encheu o copo e bebeu. — Não sei por que não me mataram. Deveriam tê-lo feito. Mataram a quase todos os outros. Mas quando recuperei o sentido estava amarrado pelo pescoço ao Matthew Horn e Nate Growe.

Olhei a meu redor e vi que Reynaud também formava parte dos aprisionados. Não imagina a alegria que senti. Reynaud, ao menos, sobreviveu.

— O que ocorreu? — sussurrou Melisande.

Ele a olhou e ela se perguntou se esquecera que estava no quarto.

— Obrigaram-nos a partir através do bosque durante dias. Dias e dias com pouca água e nenhuma comida, e entre nós havia alguns feridos. Matthew Horn recebera um disparo na parte carnuda do antebraço durante a batalha.

Quando John Cooper não pôde seguir caminhando por causa de suas feridas, levaram-no ao bosque e o mataram. Depois daquilo, cada vez que Matthew tropeçava, eu apoiava o ombro em suas costas o apressando a seguir.

Não podia me permitir perder outro soldado. Não podia me permitir perder outro homem.

Ela sufocou um gemido de horror.

— Estava ferido?

— Não. — Jasper tinha um horrível meio sorriso na cara. — Tinha um bom galo na cabeça, mas pelo resto estava perfeitamente. Seguimos em marcha até que chegamos a uma aldeia índia em território francês.

Bebeu mais uísque, esteve a ponto de esvaziar o copo e fechou os olhos.

Melisande sabia, entretanto, que a história não acabava ali. Algo causou as horríveis cicatrize que sir Alistair levava no rosto. Respirou fundo, armando-se de coragem, e perguntou:

— O que ocorreu no acampamento?

— Praticam uma coisa chamada "corrida de baquetas", uma linda maneira de dar a bem-vinda ao acampamento aos prisioneiros de guerra. Os índios, homens e mulheres, formam duas filas. Fazem passar aos prisioneiros, um por um, entre as filas. À medida que passa o prisioneiro, os índios lhe dão pontapés e golpeiam com grossos paus. Se cair, às vezes golpeiam até a morte. Mas nenhum de nós caiu.

— Graças a Deus — murmurou ela.

— Isso pensamos nós em seu momento. Agora não estou tão seguro.

Encolheu os ombros e bebeu mais uísque. Deixou-se cair em uma cadeira. Começava a falar com certa dificuldade.

— Jasper... — possivelmente fosse preferível não seguir adiante. Melisande temia o que vinha a seguir. Jasper já sofrera o bastante, era tarde e estava cansado. — Jasper...

Mas ele parecia não ouvi-la. Olhava fixamente seu copo de uísque, como se lhe fizesse graça.

— E então começaram a se divertir muito bem. Levaram ao Reynaud e ataram ao Munroe e ao Horn a umas estacas. Pegaram em varas quentes e... e...

Respirava agitadamente. Fechou os olhos e engoliu, e pareceu incapaz de continuar.

— Não, OH, não — murmurou Melisande. — Não precisa me contar isso.

Ele a olhou, assombrado, triste e trágico.

— Torturaram-nos. Queimaram-nos. As varas de tão quentes que estavam eram vermelho vivo, e as enfiavam as mulheres... As mulheres! E logo o olho do Munroe... Deus! Isso foi o pior. Gritei-lhes que parassem e me cuspiram e começaram a cortar os dedos dos homens. Compreendi então que devia guardar silêncio, fizessem o que fizessem, porque se gritasse, se mostrasse alguma emoção, só pioraria as coisas.

E o tentei, Melisande, tentei-o, mas os gritos e o sangue...

— OH, Meu deus, Meu deus. — Melisande tinha se aproximado dele.

Inclinou-se e o abraçou, aproximando o rosto de Vale a seu peito. Já não podia refrear as lágrimas. Chorava por ele.

— No dia seguinte nos levaram ao outro lado do acampamento — sussurrou Vale contra seu peito. — Iam queimar o Reynaud. Crucificaram-no e lhe tocaram fogo. Acredito que já estava morto, porque não se moveu, e agradecia de novo a Deus. Dava graças a Deus porque meu melhor amigo estivesse morto e já não pudesse sentir dor.

— Shh — sussurrou Melisande. — Shh.

Mas ele não se deteve.

— Quando se extinguiu o fogo, levaram-nos de volta ao outro lado do acampamento e seguiram nos torturando. O rosto do Munroe e o peito do Horn. Uma e outra vez...

— Mas ao final os salvaram, não? — perguntou ela, desesperada. Precisava deixar para trás aquelas horrendas imagens e chegar à parte com mais esperança. Sobrevivera. Estava vivo.

— Depois de duas semanas. Dizem que o cabo Hartley guiou até ali a um destacamento que pagou nosso resgate, mas eu não o recordo. Estava aturdido.

— Estava desesperado e ferido. — Melisande tentou reconforta-lo. — É compreensível.

Ele se afastou violentamente de seus braços.

— Não! Não, estava perfeitamente, absolutamente intacto.

Ela ficou olhando-o.

— Mas a tortura...

Ele abriu a camisa para deixar a descoberto seu largo peito.

— Você me viu, minha querida esposa. Tenho alguma cicatriz no corpo?

Ela olhou desconcertada seu peito intacto.

— Não.

— Porque não me tocaram. Torturaram durante dias a outros e não me tocaram.

Santo céu! Melisande seguia olhando fixamente seu peito. Para um homem como Vale, ser o único que não tinha cicatrizes devia ser muito pior que suportar as feridas.

Ela respirou fundo e formulou a pergunta que ele parecia aguardar:

— Mas por quê?

— Porque eu era a testemunha, o oficial de maior patente depois de que mataram ao Reynaud, o único capitão. Fizeram-me olhar e, se me sobressaltasse ao ver o que faziam, afundavam mais a faca, cravavam com mais força o ferro de marcar.

Olhou-a e sorriu horrivelmente, com um brilho demoníaco no olhar.

— Será que não o vê? Torturaram os outros enquanto eu olhava.

Capítulo 16

A princesa Surcease tomou a sopa e o que havia ao fundo da terrina a não ser o anel de prata? O rei mandou chamar ao cozinheiro chefe, e o pobre homem foi levado de novo a rastros ante a corte.

Mas por mais que o interrogaram, ele jurava e perjurava que não sabia como foi parar o anel à sopa da princesa. Ao final, o rei teve que o mandar de volta às cozinhas. Todos os cortesãos começaram a cochichar, perguntando-se quem teria resgatado o anel de prata. Mas a princesa Surcease guardava silêncio. Limitava-se a olhar pensativa a seu bufão...

Do Jack o Risonho

Melisande despertou à manhã seguinte ao ouvir camundongo arranhar a porta. Voltou-se e olhou a Vale. Estava deitado com um braço jogado sobre a cabeça e o comprido corpo meio descoberto.

Durante as duas noites anteriores, descobriu que tinha o sono intranquilo. Frequentemente, enquanto dormia, rodeava-a com o braço ou a perna, e às vezes ela despertava com seu rosto colado ao pescoço.

Mais de uma vez Jasper se virou e arrastou consigo todas as mantas. Não lhe importava.

Para dormir com ele, valia a pena ficar sem mantas.

Mas, depois de sua angustiosa confissão da noite anterior, Jasper necessitava de mais descanso. Melisande se despiu com cuidado e se levantou.

Encontrou um sutiã simples e uma saia, envolveu-se no manto e saiu silenciosamente do quarto com Camundongo. Desceram as escadas e cruzaram os corredores em penumbra, até a cozinha.

Ali se deteve. A cozinha tinha o teto longo e abobadado, engessado e pintado com cal branca, já descascada. Parecia muito antigo. Viu que em um canto estenderam dois colchões.

Suchlike dormia profundamente em um, e o senhor Pynch levantou a cabeça no outro. Melisande o saudou em silencio com uma inclinação de cabeça e saiu pela porta da cozinha.

Fora, Camundongo brincou de correr alegremente em círculos antes de deter-se a fazer suas coisas. Havia ali um longo prado em pendente, agreste e descuidado, e mais à frente jardins em terraços que antigamente sem dúvida foram esplêndidos. Melisande pôs-se a andar naquela direção. Fazia um dia precioso e o sol radiante da manhã começava a dissipar a névoa baixa das verdes colinas.

Então se deteve e olhou para o castelo. À luz do dia não era tão aterrador. Construído em pedra de cor rosa pálido, tinha altos frontões escalonados, em estado quase ruinoso, e várias chaminés que se sobressaíam aqui e lá. As torres redondas e esculpidas que partiam dos quatro cantos davam ao conjunto um ar sólido e antigo. Melisande não pôde evitar pensar que o castelo devia ser muito frio no inverno.

— Tem quinhentos anos de antiguidade — disse uma voz grave e áspera atrás dela.

Melisande se voltou no instante em que Camundongo se aproximava correndo e começava a ladrar.

Sir Alistair ia acompanhado de um cão tão grande que sua cabeça lhe chegava por cima da cintura. O animal tinha o cabelo lanzudo e cinza. Camundongo se deteve diante dele, ladrando agitadamente.

O cão não se moveu. Limitou-se a olhar ao terrier do alto de seu comprido focinho, como se se perguntasse que classe de cão era aquela coisa que tanto ladrava.

Sir Alistair olhou carrancudo ao cão um momento. Essa manhã se penteou e recolheu o cabelo para trás, e tampou o olho ferido com um tampão negro.

— Vá, moço — disse com forte acento escocês, — quanto ladra.

Agachou-se e estendeu o punho a Camundongo, que se aproximou para farejá-lo. Melisande viu com um leve estremecimento de horror que lhe faltavam o dedo indicador e o mindinho da mão direita.

— É muito valente — disse sir Alistair. — Como se chama?

— Camundongo.

Ele assentiu com a cabeça, levantou-se e olhou prado abaixo. Seu cão suspirou e tombou a seus pés.

— Ontem à noite não era minha intenção assustá-la, senhora.

Olhou-a. Daquele lado, com as cicatrizes quase ocultas, poderia ter sido bonito. Seu nariz era reto e arrogante, seu queixo firme e não pouco tenaz.

— Não me assustou. Só me sobressaltei porque apareceu tão de repente.

Ele voltou por completo o rosto para ela, como desafiando-a a se sobressaltar.

— Sem dúvida assim foi.

Melisande levantou o queixo, negando-se a ceder terreno.

— Jasper acredita que o culpa por essas cicatrizes. É certo?

Conteve o fôlego, assombrada de sua própria ousadia. Se tivesse sido só por ela, jamais teria se atrevido a encará-lo. Mas precisava saber se aquele homem ia ferir ainda mais a seu marido.

Sustentou-lhe o olhar, surpreso possivelmente por sua sinceridade. Melisande teria jurado que muitas poucas pessoas se atreviam a mencionar suas cicatrizes diante dele.

Por fim desviou de novo os olhos para olhar os jardins desolados.

— Se o desejar, falarei com seu marido de minhas cicatrizes, milady.

Jasper despertou sozinho, com os braços vazios. Depois de apenas um par de noites, já lhe parecia estranho. Uma sensação pouco grata. Deveria ter a sua doce esposa a seu lado, suas suaves curvas junto a seu corpo, mais duro, envolto no aroma de seu cabelo e de sua pele. Dormir com ela era como um elixir revitalizador: já não passava a noite dando voltas na cama. Maldição! Aonde teria ido?

Levantou-se e se vestiu rapidamente, amaldiçoando os botões de sua camisa. Não colocou o lenço e vestiu uma casaca antes de sair do quarto.

— Melisande! — gritou como um louco no corredor. O castelo era tão grande que não o ouviria a menos que estivesse perto. Gritou de todos os modos: — Melisande!

Ao chegar em baixo se dirigiu à cozinha. Pynch estava ali, atiçando o fogo. Por trás dele, a donzela de sua mulher dormia em um colchão. Jasper levantou as sobrancelhas. Havia dois colchões, mas de todos os modos... Pynch se limitou a assinalar em silêncio a porta de trás.

Jasper saiu, e o resplendor do sol obrigou-o a entreabrir os olhos. Então viu a Melisande. Estava falando com o Munroe, e ao vê-los sentiu uma pontada de ciúmes.

Este podia ser um ermitão coberto de cicatrizes, mas sempre teve boa mão com as mulheres. E Melisande estava muito perto dele.

Jasper se aproximou deles. Ao vê-lo, Camundongo anunciou sua presença ladrando uma vez e correndo para ele.

Munroe se voltou.

— Por fim em pé, Renshaw?

— Agora me chamo Vale — resmungou Jasper, e rodeou a cintura da Melisande com o braço.

Munroe observou aquele gesto e arqueou a sobrancelha por cima do tampão do olho.

— É óbvio.

— Já tomaste o café da manhã, esposa? — Jasper se inclinou para a Melisande.

— Ainda não, milord. Quer que vá ver o que há na cozinha?

— Mandei o Wiggins a uma granja vizinha comprar um pouco de pão e uns ovos — resmungou Munroe. Tinha as faces um pouco avermelhadas, como se sua falta de hospitalidade começasse a envergonhá-lo.

Acrescentou com aspereza: — Depois do café da manhã posso lhes mostrar o alto da torre. Dali há uma vista maravilhosa.

Jasper sentiu sua esposa estremecer e recordou como se aferrava a um lado de seu alto faetonte.

— Possivelmente em outra ocasião.

Melisande clareou a garganta e se afastou suavemente do Jasper.

— Se me desculparem, cavalheiros, quero ir ver se há alguma sobra para Camundongo na cozinha.

Jasper não teve mais remédio que fazer uma reverência quando sua esposa se inclinou ante eles e pôs-se a andar para o castelo. Munroe ficou olhando-a, pensativo. — Sua esposa é uma mulher encantadora. E muito inteligente.

— Mmm — hmm — respondeu Jasper. — Não gosta das alturas.

— Ah. — Munroe se voltou e o calibrou com o olhar. — Não pensava que fosse seu tipo.

Jasper enrugou o cenho.

— Você não sabe qual é meu tipo.

— Certamente que sim. Há seis anos, eram as peitudas com pouco cérebro e menos escrúpulos.

— Isso foi há seis anos. Depois mudaram muitas coisas.

— Sim, mudaram muitas coisas — repôs Munroe. Pôs-se a andar para os exuberantes terraços do jardim e Jasper o seguiu. — Você é visconde, Saint Aubyn está morto e eu perdi a metade do rosto, do qual, por certo, não te culpo.

Jasper se deteve.

— O que?

Munroe parou e se voltou para o olhar. Assinalou o tampão de seu olho.

— Isto. Não te culpo por isso, nunca te culpei.

Jasper afastou o olhar.

— Como é possível que não me culpe? Tiraram-lhe o olho quando fraquejei. — Quando gemeu de horror pelo que os índios estavam fazendo a seus companheiros de cativeiro.

Munroe ficou calado um momento. Jasper não suportava olha-lo. O escocês foi um homem muito bonito. E, embora taciturno, nunca foi um recluso. Costumava a sentar-se junto ao fogo com os outros e rir de suas toscas piadas.

Tornou a sorrir Munroe depois?

Por fim disse:

— Estávamos no inferno, não é certo?

Jasper apertou a mandíbula e assentiu com a cabeça.

— Mas eram humanos, sabe? Não demônios.

— O que?

Munroe tinha a cabeça jogada para trás e seu único olho fechado. Parecia estar desfrutando da brisa.

— Os índios furões que nos torturaram. Eram humanos. Não animais, nem selvagens; simplesmente humanos. E foram eles quem decidiram me tirar um olho, não você.

— Se eu não tivesse gemido...

Munroe suspirou.

— Me teriam tirado o olho de todos os modos, mesmo que não tivesse proferido nem um só som.

Jasper o olhou com fixidez.

O outro assentiu.

— Sim. Estudei-os depois. É sua forma de tratar aos prisioneiros de guerra. Torturam-nos — a comissura de sua boca que não estava deformada pelas cicatrizes se torceu para cima, apesar de que não parecia divertido.

— Do mesmo modo que nós penduramos pelo pescoço a pirralhos por roubar a carteira a um adulto. São seus costumes, é assim simples.

— Não entendo como pode assumi-lo tão desapaixonadamente — disse Jasper. — Não sente ira?

Munroe encolheu os ombros.

— Estou acostumado a observar. Em todo caso, não te culpo. Sua mulher insistiu muito em que lhe dissesse isso.

— Obrigado.

— Acredito que devemos acrescentar a lealdade e a determinação à lista de virtudes de sua esposa. Não entendo como a encontrou.

Jasper resmungou algo.

— Um crápula como você não a merece, sabe?

— O fato de que não a mereço, não significa que não vá lutar por conservá-la a meu lado.

Munroe assentiu com a cabeça.

— Muito sensato de sua parte.

Empreenderam de novo a marcha ao mesmo tempo. Seguiu um breve silencio do qual Jasper desfrutou estranhamente. Munroe e ele nunca foram muito amigos: seus interesses diferiam muito e suas personalidades tendiam a se chocar.

Mas Munroe esteve ali. Conheceu aos mortos, partiu através daqueles bosques infernais, com a corda ao pescoço, e foi torturado as mãos do inimigo. Não havia nada que lhe explicar, nada que esconder. Esteve ali e sabia.

Chegaram ao segundo terraço, onde Munroe se deteve a contemplar a vista. Ao longe se via um rio; à direita, um arvoredo. Era uma campina muito formosa. O cão que os seguia suspirou e se deitou junto a seu amo.

— A que vieste? — perguntou Munroe com calma. — A procurar meu perdão?

— Não — respondeu Jasper, e logo titubeou, pensando na confissão que fez essa noite a Melisande. — Bom, possivelmente. Mas não é o único motivo.

Munroe o olhou.

— Não?

Jasper o contou. Falou-lhe do Samuel Hartley e daquela maldita carta. Do Dick Thornton, rindo-se na prisão de Newgate. Da afirmação do Thornton de que o traidor era um dos prisioneiros.

E, por último, da tentativa de assassinato de lorde Hasselthorpe, justo depois de que ele o convencesse a colaborar.

Munroe escutou seu relato em silêncio, atentamente, e ao final sacudiu a cabeça e disse:

— Tolices.

— Não acredita que houve um traidor e que nos vendeu?

— OH, isso não me custa acreditá-lo. Como se explicaria que um destacamento tão numeroso de índios furões estivesse esperando para nos estender uma emboscada nesse caminho?

Não, o que não acredito é que o traidor fosse um dos prisioneiros. Qual poderia ser? Acredita que fui eu?

— Não — respondeu Jasper, e era certo. Nunca pensou que Munroe fosse o traidor.

— Então só restam você, Horn e Growe, a menos que pense que foi algum dos que morreram. Imagina a alguns deles, vivos ou mortos, nos traindo?

— Não, mas maldita seja... — Jasper levantou o rosto para o sol. — Alguém nos traiu. Alguém disse aos franceses e a seus aliados índios que íamos passar por ali.

— Estou de acordo, mas só conta com a palavra de um assassino meio louco que estava entre os cativos. Deixa-o já, homem. Thornton estava brincando contigo.

— Não posso deixá-lo — respondeu Jasper. — Não posso deixá-lo, não posso esquecê-lo.

Munroe suspirou.

— Considera-o a partir de outra perspectiva. Por que faria tal coisa um de nós?

— Nos trair, quer dizer?

— Sim, isso. Teve que haver um motivo. Simpatia pela causa francesa?

Jasper negou com a cabeça.

— A mãe de Reynaud Saint Aubyn era francesa — acrescentou Munroe desapaixonadamente.

— Não seja néscio. Reynaud está morto. Mataram-no mal chegamos a essa maldita aldeia. Além disso, era um inglês leal e o melhor homem que conheci.

Munroe levantou uma mão.

— É você quem se empenha nisto, não eu.

— Sim, assim é, e me ocorre outra razão para nos trair: o dinheiro. — Jasper se voltou e olhou o castelo com intenção. Não acreditava que Munroe fosse um traidor, mas sua insinuação a respeito do Reynaud o exasperou.

Munroe seguiu seu olhar e riu. Sua risada soou ferrugenta pela falta de uso.

— Acreditas que, se tivesse vendido o regimento aos franceses, meu castelo estaria nesse estado?

— Pode ser que tenha o dinheiro guardado.

— O dinheiro que tenho o herdei ou o ganhei. É meu. Se alguém o fez por dinheiro, certamente estava endividado ou era rico. O que me diz de suas finanças? Costumava a gostar de jogar às cartas.

— Sim, o disse ao Hartley e digo isso a ti: faz muito tempo que saldei as dívidas de jogo que tinha então.

— Com o que?

— Com minha herança. E meus advogados têm papéis que o demonstram, para sua informação.

Munroe encolheu os ombros e pôs-se a andar de novo.

— Fez averiguações sobre a situação financeira do Horn?

Jasper seguiu passeando a seu lado.

— Vive com sua mãe em uma casa, em Londres.

— Corriam rumores de que seu pai perdeu dinheiro em uma transação.

— Seriamente? — Jasper olhou-o. — A casa está no Lincoln Inns Field.

— Uma zona muito cara de Londres para um homem sem herança.

— Tem dinheiro suficiente para viajar pela Itália e Grécia — comentou Jasper.

— E pela França.

— O que? — Jasper se deteve.

Munroe demorou um momento em perceber que se deteve. Voltou-se, vários passos mais adiante.

— Matthew Horn esteve em Paris o outono passado.

— Como sabe?

Munroe inclinou a cabeça, cravando seu olho nele.

— Pode ser que viva isolado, mas mantenho correspondência com diversos naturalistas da Inglaterra e o continente. Este inverno recebi uma carta de um botânico francês. Nela descrevia um jantar a que assistiu em Paris.

Um dos convidados era um jovem inglês chamado Horn, que esteve nas colônias. Acredito que deve ser nosso Matthew Horn, você não?

— É possível. — Jasper sacudiu a cabeça. — O que estaria fazendo em Paris?

— Ver monumentos?

Jasper arqueou uma sobrancelha.

— Sendo os franceses nossos inimigos?

Munroe encolheu os ombros.

— Alguns considerariam subversiva minha correspondência com meus colegas franceses.

Jasper sorriu, cansado.

— Tudo isto é uma confusão. Sei que ando perseguindo vagas conjeturas, no mínimo, mas não posso esquecer o massacre. Você sim?

Munroe sorriu com amargura.

— Com a lembrança gravada a fogo no rosto? Não, nunca poderei esquecê-lo.

Jasper levantou o rosto para a brisa.

— Por que não vem nos visitar a minha esposa e a mim em Londres?

— As crianças choram quando me veem, Vale — afirmou Munroe sem inflexão.

— Vai alguma vez a Edimburgo?

— Não. Não vou a nenhuma parte.

— Fez de seu castelo uma prisão.

— Faz que pareça um drama teatral. — Munroe torceu a boca. — Não o é. Aceitei meu destino. Tenho meus livros, meus escritórios e minha escritura. Estou... Conformado.

Jasper olhou-o com cepticismo. Conformado vivendo em um enorme e frio castelo, com a única companhia de um cão e um criado resmungão?

Munroe pareceu adivinhar que se dispunha a contrariá-lo. Voltou-se para a mansão.

— Vamos. Ainda não tomamos o café da manhã e sem dúvida sua mulher nos espera.

Pôs-se a andar.

Jasper resmungou uma maldição e o seguiu. Munroe não estava disposto a abandonar seu ninho e não fazia sentido discutir enquanto não estivesse preparado. Jasper só esperava que o estivesse alguma vez.

— Esse homem necessita urgentemente de uma governanta — disse Melisande enquanto a carruagem se afastava do castelo de sir Alistair. Suchlike já começara a dar cabeçadas em um canto. Vale lhe lançou um olhar divertido.

— Não gostou de seus lençóis, querida?

Ela apertou os lábios.

— Os lençóis estavam mofados, havia pó por toda parte, a despensa estava quase vazia e o criado era odioso. Não, não gostei.

Vale riu.

— Bom, esta noite dormiremos em lençóis limpos. A tia Esther disse que estava desejando nos ver em nossa viagem de volta. Acredito que quer saber algo mais sobre o Munroe.

— Não há dúvida.

Melisande tirou seu bordado e começou a pinçar entre seus fios de seda, procurando um tom de amarelo limão. Acreditava que restavam algumas partes soltas, e era o tom perfeito para realçar a juba do leão.

Olhou a Suchlike para assegurar-se de que dormia.

— Disse-te sir Alistair o que queria saber?

— De certo modo — ficou olhando pela janela e ela aguardou enquanto espetava com cuidado a agulha. — Alguém nos traiu no Spinner's Falls e estou tentando descobrir quem foi.

Ela enrugou um pouco o cenho ao dar o primeiro ponto, o qual não era façanha pequena,

em uma carruagem em marcha.

— Acreditas que foi sir Alistair?

— Não, mas pensava que talvez pudesse me ajudar a averiguar quem foi.

— E te ajudou?

— Não sei.

Sua resposta deveria ter demonstrado decepção, mas Jasper parecia bastante contente. Melisande sorriu enquanto trabalhava na juba do leão. Talvez sir Alistair lhe tivesse dado certa paz.

— Doce de leite — disse após uns minutos.

Jasper a olhou.

— O que?

— Uma vez me perguntou qual era minha comida favorita. Lembra-te?

Ele assentiu com a cabeça.

— Pois é o doce de leite. Quando era menina, comíamos todos os anos pelo Natal. A cozinheira o coloria de rosa e o decorava com amêndoas. Eu era a mais pequena, assim que me davam o menor prato, mas era incrivelmente suave e delicioso. Todos os anos o esperava com ansiedade.

— Podemos comer doce de leite rosa todas as noites para jantar — disse Vale.

Melisande sacudiu a cabeça, tentando não sorrir a seu impulsivo oferecimento.

— Não, se fizéssemos isso, deixaria de ser especial. Só pode ser no Natal.

Um estremecimento de felicidade a percorreu ao pensar em planejar os Natais com ele. Iriam passar muitos Natais juntos, disse-se. Não lhe ocorria nada mais maravilhoso.

— Só no Natal, então — disse Vale em frente a ela. Tinha uma expressão solene, como se estivesse ultimando um contrato comercial. — Mas insisto em que tenha uma terrina inteira só para ti.

Ela soltou um bufido e tirou o chapéu sorrindo.

— E o que vou fazer com uma terrina inteira de doce de leite?

— Poderia fazer uma farra — respondeu, muito sério. — Comer isso tudo de uma vez, se quiser. Ou poderia guardá-lo, te limitar a olhá-lo e pensar em quão bom está, no cremoso e doce que é...

— Frescuras.

— Ou pode comer uma só colherada cada noite. Uma colherada e eu sentado do outro lado da mesa, te olhando com inveja.

— Não haverá uma terrina para ti também?

— Não. Por isso o teu será tão especial — reclinou-se em seu assento e cruzou os braços. Parecia muito satisfeito de si mesmo. — Sim, assim é. Prometo-te uma terrina inteira de doce de leite rosa em cada Natal.

Para que não digam que não sou um marido generoso.

Melisande fez girar os olhos com aquela bobagem, mas sorriu. Estava desejando passar seus

primeiros Natais com o Jasper.

Esse dia viajaram sem contratempos e chegaram a casa da tia Esther muito antes da hora do jantar.

De fato, quando sua carruagem se deteve diante da casa de Edimburgo, a tia Esther estava se despedindo de outro casal que sem dúvida foi tomar o chá. Demoraram um momento em reconhecer ao Timothy e a sua esposa.

Melisande olhou a seu primeiro amor. Houve um tempo em que a só visão de seu belo rosto a deixava sem fôlego. Demorou anos em se recuperar do abandono do Timothy.

Agora, a dor de sua perda lhe parecia mortiça e em certo modo alheia a ela, como se aquele compromisso quebrado tivesse acontecido a outra moça, jovem e ingênua. Olhou-o e a única coisa que pôde pensar foi... ainda bem.

Ainda bem que não se casou com ele.

A seu lado, Vale resmungou algo em voz baixa e desceu bruscamente da carruagem.

— Tia Esther! — exclamou, sem reparar aparentemente no outro casal. Aproximou-se dela e deu um jeito para empurrar ao Timothy Holden. O outro, mais baixo, cambaleou, e Vale foi em sua ajuda.

Mas pareceu chocar de novo com ele, porque Holden caiu de traseiro à rua cheia de barro.

— Ai, Deus — resmungou Melisande sem dirigir-se a ninguém em particular, e desceu a toda pressa da carruagem antes que seu marido matasse a seu ex-amante à força de "amabilidades".

Camundongo também desceu de um salto e correu a ladrar ao homem caído.

Antes que ela chegasse, Vale ofereceu a mão ao Timothy para o ajudar a se levantar. Timothy, o muito idiota, aceitou-a, e Melisande esteve a ponto de tapar os olhos.

Vale puxou com muita força e Timothy saiu disparado como uma cortiça e cambaleou contra Vale. Ao mesmo tempo, este inclinou a cabeça próximo a dele e a cara do Timothy ficou de repente de um tom cinza.

Separou-se de Vale de um salto e, declinando sua mão, ajudou apressadamente a sua esposa a subir à carruagem.

Camundongo deu um último latido, muito satisfeito de si mesmo por tê-lo afugentado.

Vale se inclinou e lhe deu uns tapinhas enquanto murmurava algo que fez ao cão menear o rabo.

Melisande exalou um suspiro de alívio e se aproximou deles.

— O que disse ao Timothy?

Vale se ergueu e a olhou com inocência.

— O que?

— Jasper!

— Bom, está bem. Nada de especial. Pedi-lhe que não volte a visitar minha tia.

— O pediste?

Um sorriso satisfeito brincava em torno de sua boca.

— Não acredito que voltemos a ver o Timothy Holden nem a sua esposa por aqui.

Ela suspirou, embora no fundo lhe alegrava que ele se preocupasse com seus sentimentos.

— Era necessário?

Vale a pegou pelo braço e respondeu em voz baixa:

— OH, sim, meu docinho, claro que sim.

Depois a conduziu para a tia Esther e acrescentou elevando a voz:

— Voltamos, tia, e trazemos notícias de sir Alistair, o ermitão.

Capítulo 17

No dia seguinte, o rei anunciou uma última prova. Um anel de ouro jazia escondido em uma profunda caverna subterrânea, guardada por um dragão que jogava fogo pela boca. Jack vestiu seu traje de noite e vento e empunhou a espada mais afiada do mundo, e um momento depois estava à entrada da caverna. O dragão saiu rugindo e Jack lutou a braço partido com ele, assegurou-se disso, pois era um dragão muito grande. Estiveram lutando todo o dia. Era quase de noite quando, morto já o dragão, Jack pôde apoderar-se por fim do anel de ouro...*

Do Jack o Risonho

Na semana seguinte, Melisande caminhava pelo Hyde Park com Camundongo. Voltaram para Londres a noite anterior. A viagem desde a Escócia transcorreu sem contratempos, salvo por uma espantosa refeição a base de couve e vitela, no terceiro dia. Essa noite, preparou um colchão em um canto de seu quarto e Vale dormiu com ela ali toda a noite. Sabia que era estranho dormir assim, mas estava tão contente de tê-lo a seu lado, de que dormisse junto a ela, que não se incomodava. Se tivesse que dormir no chão o resto de sua vida, não lhe importaria.

Suchlike olhou o colchão com curiosidade, mas não disse nada. Talvez o senhor Pynch lhe tivesse contado os estranhos hábitos noturnos de lorde Vale.

O vento agitava suas saias enquanto passeava. Essa manhã, Vale foi falar com o senhor Horn, certamente sobre o Spinner's Falls. Melisande franziu um pouco o cenho ao pensá-lo.

Tinha a esperança de que, depois de falar com sir Alistair, seu marido abandonasse a busca e encontrasse, possivelmente, certa paz. Mas parecia tão obcecado como sempre. Passou a maior parte da viagem de volta teorizando sobre quem podia ser o traidor, lançando conjeturas e lhe contando uma e outra vez sua hipótese. Melisande escutava enquanto bordava, mas notava um peso no coração.

Que probabilidades existia que Vale descobrisse ao traidor depois de tantos anos? E se não conseguisse encontrá-lo? Passaria o resto de sua vida embarcado em uma busca inútil?

Um grito interrompeu seus lúgubres pensamentos. Levantou a vista e viu o Jamie, o filho pequeno da senhora Fitzwilliam, abraçando a Camundongo. O cão lhe lambia a cara com entusiasmo.

Evidentemente, lembrava-se dele. Sua irmã se inclinou com cautela para lhe acariciar a cabeça.

— Bom dia — disse a senhora Fitzwilliam. Estava um pouco separada de seus filhos e se aproximou com calma. — Um dia precioso, verdade?

Melisande sorriu.

— Sim, assim é.

Ficaram uma ao lado da outra um momento, olhando aos meninos e ao cão.

A senhora Fitzwilliam exalou um suspiro.

— Deveria conseguir um cão para o Jamie. Pede-me isso de todo coração. Mas Sua Excelência não suporta os animais. O fazem espirrar e diz que são muito sujos.

Melisande se surpreendeu um pouco ouvindo-a mencionar com tanta naturalidade a seu protetor, mas tentou dissimular seu assombro.

— Os cães são bastante sujos às vezes.

— Mmm. Suponho que sim, mas também o são as crianças — a senhora Fitzwilliam enrugou o nariz, o qual só fez que seu belo rosto se tornasse ainda mais adorável. — E, além disso, já não nos visita tão frequentemente.

Apenas uma vez ao mês, este último ano. Imagino que procurou outra mulher, como um sultão turco. Têm mulheres como ovelhas em um rebanho. Os turcos, quero dizer. Acredito que o chamam "harém".

Melisande notou que se ruborizava e olhou os sapatos.

— Hum, sinto-o — disse a senhora Fitzwilliam. — A envergonhei, verdade? Sempre estou colocando a pata*, sobre tudo quando estou nervosa. Sua Excelência costumava dizer que devia manter a boca bem fechada, porque quando a abria estragava a ilusão.

— Que ilusão?

— A de perfeição.

Melisande piscou. — Dizer isso é horrível.

A senhora Fitzwilliam inclinou a cabeça como se o pensasse.

— Sim, verdade? Em seu momento não percebi, acredito. Quando nos conhecemos, admirava-o tanto que ficava pasmada de assombro. Claro que então era muito jovem. Tinha só dezessete anos.

Melisande desejava poder lhe perguntar como se converteu na amante do duque do Lister, mas temia a resposta.

Por fim disse:

— Amava-o?

A senhora Fitzwilliam riu. Tinha uma risada ligeira e encantadora, mas cheia de tristeza.

— Ama-se ao sol? Está aí, e nos dá luz e calor, mas pode-se amar verdadeiramente?

Melisande ficou calada, porque qualquer resposta que desse só aumentaria a tristeza da outra mulher.

— Eu acredito que, para se amar, precisa existir equanimidade — disse a senhora Fitzwilliam

reflexivamente. — Uma equanimidade essencial. E não me refiro à riqueza, nem à posição social.

Conheço mulheres que amam sinceramente a seus protetores e a homens que amam a suas mantidas. Mas são iguais em um... Em um sentido espiritual, se entende o que lhe digo.

— Acredito que sim — respondeu devagar Melisande. — Se o homem ou a mulher têm todo o poder em um sentido emocional, não pode haver amor verdadeiro. Suponho que para se amar alguém precisa abrir-se por completo.

Deve mostrar-se vulnerável.

— Não me ocorreu, mas acredito que deve ter razão. O amor é essencialmente uma rendição — sacudiu a cabeça. — É necessário coragem para render-se assim.

Melisande assentiu com a cabeça, olhando o chão.

— Eu não sou uma mulher muito valente — comentou a senhora Fitzwilliam em voz fina. — De certo modo, todas as decisões que tomei em minha vida surgiram do medo.

Melisande a olhou com curiosidade.

— Há quem diria que a vida que escolheu requer muita coragem.

— Essas pessoas não me conhecem — a senhora Fitzwilliam sacudiu a cabeça. — Deixar-Me guiar pelo medo não era a vida que eu teria escolhido.

— Lamento-o.

A senhora Fitzwilliam assentiu.

— Oxalá pudesse mudar.

Oxalá, pensou Melisande. Por um momento se deu entre elas, a respeitável senhora e a mantida, uma estranha compenetração.

Então Jamie deu um grito e ambas olharam. Parecia ter caído no barro.

— Ai, Deus — murmurou a senhora Fitzwilliam. — Será melhor que o leve para casa. Não sei o que dirá minha donzela quando vir sua roupa.

Deu umas palmadas e chamou energicamente aos meninos. Pareceram desiludidos, mas começaram a aproximar-se lentamente.

— Obrigada — disse a senhora Fitzwilliam. Melisande levantou as sobrancelhas.

— Por quê?

— Por falar comigo. Desfrutei de nossa conversa.

Melisande se perguntou de repente com quanta frequência falava a senhora Fitzwilliam com outras damas. Era uma mantida e, portanto, não podia acotovelar-se com senhoras respeitáveis, mas também era a amante de um duque, o qual a situava muito por cima das demais. Achava-se em uma esfera rarefeita e solitária.

— Para mim também foi um prazer — respondeu Melisande impulsivamente. — Oxalá pudéssemos falar mais.

A senhora Fitzwilliam sorriu, trêmula.

— Possivelmente o façamos.

Logo recolheu a seus filhos e se despediu, e ela ficou sozinha com Camundongo. Retornou por onde tinha vindo. Uma carruagem a esperava, e um lacaio a seguia discretamente. Pensou no

que lhe dissera a senhora Fitzwilliam: que o verdadeiro amor exigia vulnerabilidade. E se perguntou se tinha a coragem de tornar-se assim vulnerável outra vez.

— Munroe deu-te alguma ideia sobre quem pode ser o traidor? — perguntou Matthew Horn ao Jasper essa tarde.

Jasper encolheu os ombros. Iam passeando de novo a cavalo pelo Hyde Park, e estava intranquilo. Queria esporear a Belle para que partisse a galope, cavalgar até que os dois, a égua e ele, começassem a suar.

Sentia-se quase a ponto de explodir. Como se não pudesse seguir adiante com sua vida até que encontrasse ao traidor e conseguisse virar a página. Deus, quanto o desejava.

Talvez por isso sua voz soou áspera quando disse:

— Munroe me disse que deveria me interessar pelo dinheiro.

— O que?

— O homem que nos traiu trabalhava provavelmente para os franceses. Ou o fez por motivos políticos ou o fez por dinheiro. Munroe me fez ver que devia indagar sobre as finanças dos homens que foram capturados.

Quem aceitaria dinheiro e passaria logo pelo inferno do cativeiro?

Jasper encolheu os ombros.

— Possivelmente não estava previsto que o capturassem. Pode ser que seu plano saísse mal.

— Não. — Horn sacudiu a cabeça. — Não. Isso é ridículo. Se havia um agente dos franceses, teria se assegurado de não estar perto do Spinner's Falls quando os índios nos atacaram.

Fingiria estar doente ou ficaria atrasado, ou simplesmente desertaria.

— E se não pôde? E se era um oficial? Porque só os oficiais sabiam por onde íamos passar...

Horn soltou um bufido.

— Corriam rumores entre os homens. Já sabe o bem que se guardam os segredos no exército.

— Certo — respondeu Jasper. — Mas, se era um oficial, deve ter encontrado dificuldades para partir. Já nos tinham dizimado em Quebec, recorda? Os oficiais escasseavam.

Horn deteve seu cavalo.

— Então, vais investigar a situação financeira de todos os que estiveram ali?

— Não, eu...

— Ou só a dos prisioneiros?

Jasper olhou-o.

— Munroe me disse também outra coisa.

Horn piscou.

— Qual?

— Disse que esteve em Paris.

— O que?

— Contou-me que tem um amigo francês que lhe escreveu que conheceu a um tal Horn em um jantar, em Paris.

— Isso é ridículo — exclamou Matthew, pôs-se avermelhado e sua boca era uma azeda linha horizontal. — Horn não é um sobrenome tão estranho. Não era eu.

— Então, não esteve em Paris o outono passado?

— Não — seus orifícios nasais se inflaram. — Não, não estive em Paris. Estive viajando pela Grécia e Itália, já lhe hei dito.

Jasper ficou calado.

Horn agarrou suas rédeas e se inclinou para diante na sela, o corpo rígido pela ira.

— Está pondo em interdição minha honra, minha lealdade a meu país? Como se atreve, senhor? Como se atreve? Se fosse outro, desafiá-lo-ia neste preciso instante.

— Matthew... — começou a dizer Jasper, mas Horn fez o cavalo se voltar e partiu a galope.

Jasper o olhou afastar-se. Ofendeu a um homem ao qual considerava um amigo. Empreendeu o caminho de volta a casa perguntando-se o que lhe movia a insultar a um homem que nunca lhe fez nenhum dano.

Horn estava certo: o amigo do Munroe podia muito bem estar equivocado em relação à identidade da pessoa a quem conheceu em Paris.

Chegou a casa tentando resolver ainda aquela questão e, ao descobrir que Melisande seguia fora, ficou ainda de pior humor. Compreendeu então que estava desejando vê-la e falar com ela de seu calamitoso encontro com o Matthew Horn. Refreou uma maldição e se foi a seu escritório.

Só teve tempo de servir um dedo de conhaque quando Pynch bateu na porta e entrou.

Jasper se voltou e olhou a seu ajudante de câmara com o cenho franzido.

— Encontraste-o?

— Sim, milord — respondeu Pynch ao penetrar na sala. — O mordomo do senhor Horn era, em efeito, irmão de um soldado com o qual servi.

— Há-te dito algo?

— Sim, milord. Hoje era seu dia livre e nos vimos em um botequim. Convidei-o a várias canecas enquanto recordávamos a seu irmão. O homem morreu em Quebec.

Jasper assentiu com a cabeça. Muitos morreram em Quebec.

— Depois de quatro canecas, o mordomo do senhor Horn se tornou loquaz, senhor, e pude desviar a conversa para seu amo.

Jasper bebeu o conhaque de um gole. Já não estava seguro de querer ouvir o que ia dizer-lhe Pynch. Mas era ele quem pôs em marcha tudo aquilo, quem mandou a seu ajudante de câmara em busca daquele homem logo que retornaram a Londres. Recuar agora lhe parecia uma covardia.

Olhou ao Pynch, seu leal servidor, que cuidou dele nos piores momentos, durante seus pesadelos e seus delírios alcoólicos. Pynch sempre lhe serviu bem. Era um bom homem.

— O que te disse?

Seu ajudante de câmara cravou nele seus olhos verdes, firmes e um pouco tristes.

— O mordomo me disse que as finanças da família ficaram muito maltratadas depois da morte do pai do senhor Horn. Sua mãe se viu obrigada a se desfazer de quase todos os criados. Correu o rumor de que teria que vender a casa de Londres. E então o senhor Horn retornou da

guerra nas colônias. Voltaram a contratar aos criados, compraram uma carruagem nova e a senhora Horn começou a ter vestidos novos.

Os primeiros após seis anos.

Jasper ficou olhando distraidamente sua taça vazia. Não era aquilo o que queria. Não era o alívio que procurava.

— Quando morreu o pai do senhor Horn?

— No verão de 1758 — respondeu Pynch.

O verão anterior à queda de Quebec. O verão prévio ao massacre do Spinner's Falls.

— Obrigado — disse Jasper. Pynch vacilou.

— Sempre tem a possibilidade de que tenha recebido uma herança ou conseguisse o dinheiro de algum outro modo perfeitamente legal.

Jasper arqueou uma sobrancelha com cepticismo.

— Uma herança da qual os criados não sabem nada? — era muito improvável. — Obrigado.

Pynch fez uma reverência e saiu da sala.

Jasper encheu sua taça de conhaque e foi olhar o fogo. Era isso o que queria? Se Horn era o traidor, poderia entregá-lo às autoridades? Fechou os olhos e bebeu um gole de conhaque.

Ele foi o iniciador de tudo aquilo, e já não estava seguro de ter algum controle sobre os acontecimentos.

Quando voltou a levantar a vista, Melisande estava na porta. Jasper esvaziou sua taça.

— Minha encantadora esposa, onde estiveste?

— Fui dar um passeio pelo Hyde Park.

— Sim? — aproximou-se da garrafa e se serviu de mais conhaque. — Tornaste a te encontrar com alguma mantida?

O semblante da Melisande se tornou frio.

— Possivelmente deva te deixar sozinho.

— Não, não — sorriu-lhe e levantou sua taça. — Sabe que odeio estar sozinho. Além disso, temos que celebrar algo. Estou a ponto de acusar de traição a um amigo.

— Não parece muito contente.

— Ao contrário. Estou exultante.

— Jasper... — olhou as mãos, unidas junto à cintura, enquanto tentava ordenar o que ia dizer. — Parece obcecado com este assunto. Com o que aconteceu no Spinner's Falls.

Preocupa-me que esta busca esteja te prejudicando. Não seria melhor... Deixá-lo de uma vez?

Ele bebeu o conhaque sem deixar de olhá-la.

— Por quê? Você sabe o que aconteceu no Spinner's Falls. Sabe o que significa para mim.

— Sei que parece preso pelo que ocorreu, incapaz de superá-lo.

— Vi morrer a meu melhor amigo.

Ela assentiu com a cabeça.

— Sei. E possivelmente tenha chegado o momento de que tente deixá-lo para trás.

— Se tivesse sido eu, se tivesse morrido ali, Reynaud não teria descansado até encontrar ao traidor.

Melisande o olhou em silêncio. Seus rasgados olhos de gato tinham uma expressão misteriosa, insondável.

Ele curvou os lábios enquanto bebia o resto do conhaque.

— Reynaud não se daria por vencido.

— Reynaud está morto.

Ele ficou paralisado e levantou lentamente os olhos.

Melisande havia erguido o queixo e sua boca mostrava uma expressão firme, quase severa. Parecia capaz de enfrentar a uma horda inteira de índios vociferantes.

— Reynaud está morto — repetiu. — E, além disso, você não é ele.

Essa noite, enquanto escovava o cabelo, Melisande pensou em seu marido. Vale saiu do escritório sem dizer uma palavra depois de sua discussão dessa tarde. Ela se levantou da penteadeira e começou a passear pelo quarto. O colchão estava preparado para lhes servir de cama e a jarra de vinho da mesinha de noite recém cheia. Tudo estava preparado para seu marido.

E, entretanto, Jasper não estava ali. Já passavam das dez e não estava ali.

Jantaram juntos. Certamente não teria tornado a sair sem lhe dizer nada, verdade? Esse foi seu costume durante seus primeiros dias de matrimônio, mas as coisas mudaram depois. Não?

Envolveu-se em seu robe e tomou uma decisão. Se Jasper não ia a ela, iria ela em sua busca. Aproximou-se com passo decidido da porta que conduzia a seu quarto e girou a maçaneta.

Não ocorreu nada.

Melisande ficou olhando a maçaneta um momento, desconcertada. Não podia acreditar no que sentiu. A porta estava fechada com chave. Piscou e logo se recompôs. Possivelmente a tivessem fechado por engano.

A final de contas, não costumava ir de seu quarto ao do Jasper. Normalmente era o contrário. Saiu ao corredor e se aproximou da porta de Vale. Provou a maçaneta e descobriu que também estava fechada com chave.

Bem, aquilo era uma estupidez. Bateu na porta e esperou. E esperou. Logo voltou a chamar. Demorou cinco minutos, possivelmente, em compreender o que ocorria: seu marido não pensava deixá-la entrar.

Capítulo 18

Era já tarde quando Jack retornou a toda pressa ao castelo. Mal teve tempo de tirar seu traje e sua armadura e correr à cozinha para subornar de novo ao moço. Correu logo ao salão de banquetes do rei, onde a corte já sentada comia seu jantar.

— Vá, Jack — disse a princesa ao vê-lo, — onde estiveste, e o que é essa queimadura que

tem na perna?

Jack baixou os olhos e viu que o dragão o feriu com seu fogo. Começou a pular daqui para lá e fez uma absurda cambalhota.

— Sou um fogo fátuo — exclamou, — e flutuei sobre o vento para ir ver o rei das salamandras...

Do Jack o Risonho

Jasper não estava quando Melisande despertou pela manhã. Franziu os lábios ao ver vazia a saleta do café da manhã. Estava evitando-a seu marido? No dia anterior lhe falou com franqueza; com franqueza excessiva, possivelmente. Sabia que Jasper queria muito ao Reynaud e que levava tempo recuperar-se de uma perda tão traumática. Mas fazia sete anos. Acaso não percebia que sua busca do traidor do Spinner's Falls acabou por monopolizar sua vida inteira? E acaso não tinha ela, sua esposa, direito de fazê-lo? Supunha-se, sem dúvida, que devia ajuda-lo a encontrar a felicidade (ou o bem-estar, ao menos).

Depois dos anos que levava amando-o, depois de ter chegado tão longe em seu matrimônio, parecia-lhe injusto que se afastasse dela. Não lhe devia, ao menos, a cortesia de escutá-la?

Depois de tomar no café da manhã somente pães-doces e chocolate quente, decidiu que não podia suportar a ideia de passar o dia no casarão londrino, indo sem rumo daqui para lá. Tocou-se no quadril para chamar camundongo e se foi com ele ao vestíbulo.

— Levo o Camundongo a dar um passeio — informou ao Oaks.

— Muito bem, senhora — o mordomo estalou os dedos para que um lacaio a acompanhasse.

Melisande juntou os lábios. Teria preferido ir sozinha, mas isso não era possível. Despediu-se de Oaks inclinando a cabeça enquanto lhe segurava a grande porta. Fora, o sol se escondeu por trás de um grupo de nuvens e a manhã estava tão escura que quase parecia de noite. Mas não foi isso o que a fez deter-se em seco. Ao pé dos degraus estava a senhora Fitzwilliam com seus dois filhos. Levava nas mãos duas bolsas de viagem.

— Bom dia — disse Melisande.

Camundongo desceu correndo os degraus para saudar as crianças.

— Ai, céus — disse a senhora Fitzwilliam. Parecia preocupada e seus olhos brilhavam como se mal pudesse conter as lágrimas. — Eu não... não deveria incomodá-la. Sinto-o muito. Por favor, me perdoe.

Voltou-se para partir, mas Melisande desceu correndo os degraus.

— Fique, por favor. Não quer entrar para tomar um chá?

— OH — uma lágrima escapou de seu olho e correu por sua face. A enxugou com o dorso da mão, como uma menina. — OH. Pensará que sou uma parva.

— Absolutamente. — Melisande lhe deu o braço. — Acredito que minha cozinheira ia fazer madalenas. Entre, por favor.

As crianças se animaram ao ouvir falar de madalenas e aquilo pareceu decidir à senhora

Fitzwilliam. Assentiu com a cabeça e deixou que Melisande a levasse para dentro.

Então escolheu uma saleta ao fundo da casa cujas portas francesas davam ao jardim.

— Obrigada — disse a senhora Fitzwilliam quando se sentaram. — Não sei o que pensará de mim.

— É um prazer ter companhia — repôs ela.

Uma donzela entrou com uma bandeja de chá e madalenas. Melisande agradeceu e lhe ordenou retirar-se. Logo olhou ao Jamie e Abigail.

— Gostariam de comer suas madalenas no jardim, com Camundongo?

Os meninos ficaram de pé em seguida. Refrearam-se até que estiveram fora; logo, Jamie deu um grito e pôs-se a correr pelo caminho.

Melisande sorriu.

— São uns meninos encantadores.

Serviu uma taça de chá e a passou à senhora Fitzwilliam.

— Obrigada — a senhora Fitzwilliam tomou um gole. Aquilo pareceu tranquilizá-la. Levantou a cabeça e olhou a Melisande nos olhos. — Deixei a Sua Excelência.

Melisande também se serviu de um pouco de chá. Agora afastou a taça de seus lábios.

— Seriamente?

— Desfez-se de mim — disse a senhora Fitzwilliam.

— Sinto-o muitíssimo. — Que espanto que alguém se "desfizesse" de ti como se fosse uma camisa velha.

A outra dama encolheu os ombros.

— Não é a primeira vez. Nem a segunda. Sua Excelência tem arrebatamentos de mau gênio. Fica a dar pancadas e a gritar e me diz que já não me quer e que parta de sua casa. Nunca me faz mal.

Não quero que você pense isso. Simplesmente... deixa-se levar.

Melisande bebeu um gole de seu chá, se perguntando se dizer a alguém que já não a queria não era pior, em certo modo, que lhe fazer dano fisicamente.

— E esta vez?

A senhora Fitzwilliam quadrou os ombros.

— Esta vez decidi tomar a palavra. Fui-me.

Melisande assentiu com a cabeça.

— Muito bem.

— Mas... — a senhora Fitzwilliam engoliu saliva. — Quererá que volte. Sei o que quererá.

— O outro dia me disse que acreditava que tivesse uma nova amante — disse Melisande com voz firme.

— Sim. Estou quase segura. Mas isso não importa. A Sua Excelência não gosta de desprender-se do que considera dele. Conserva as coisas, e às pessoas, queira-as ou não, simplesmente porque são dele.

— A senhora Fitzwilliam olhou pela janela ao dizer isto e Melisande seguiu seu olhar.

Fora, as crianças brincavam com Camundongo.

Então exalou um suspiro. Por fim entendia o verdadeiro temor da senhora Fitzwilliam.

— Entendo.

A senhora Fitzwilliam observava a seus filhos com um amor profundo e íntimo no olhar que fez que ela se sentisse como uma intrusa.

— Não os quer, em realidade. E não é bom para eles. Devo ir para longe daqui. Devo fazê-lo — voltou a fixar o olhar na Melisande. — Tenho dinheiro, mas ele me encontrará. Pode ser que me tenham seguido até aqui.

Preciso ir muito longe. A algum lugar onde não lhe ocorra me buscar. Pensei na Irlanda, ou na França, inclusive. Mas não falo francês e não conheço ninguém na Irlanda.

Melisande se levantou e começou a procurar algo em um canto da sala.

— Estaria disposta a trabalhar?

Os olhos da senhora Fitzwilliam se aumentaram.

— Naturalmente. Mas não sei o que poderia fazer. Tenho muito boa letra, mas nenhuma família quererá me contratar como preceptora tendo dois filhos. E, além disso, como lhe dizia, não falo francês.

Melisande encontrou um papel, uma pluma e um tinteiro. Sentou-se ante a escrivaninha com um sorriso decidido.

— Acredita que poderia trabalhar como governanta?

— Como governanta? — a senhora Fitzwilliam se levantou e se aproximou dela. — Não sei muito disso. Não estou segura...

— Não se preocupe. — Melisande acabou de escrever sua nota e chamou um lacaio. — A pessoa em que estou pensando terá sorte de contar com você, e não precisa conservar o emprego muito tempo. Só até que o duque perca seu rastro.

— Mas...

Um dos lacaios entrou na saleta e Melisande se aproximou dele com a nota dobrada e selada.

— Leve isto à viscondessa viúva. Diga-lhe que é urgente e que lhe agradeceria muito sua ajuda.

— Sim, milady — o lacaio fez uma reverência e partiu.

— Quer que seja a governanta da viscondessa viúva de Vale? — a senhora Fitzwilliam parecia atônita. — Não acredito que...

Melisande pegou-lhe nas mãos.

— Pedi-lhe que me empreste sua carruagem. Disse que possivelmente a tenham seguido. A carruagem dará a volta à casa e esperará na porta dos estábulos. Introduzi-los-emos nele aos meninos e a você disfarçados de criados.

Se a estão vigiando, não esperarão que tome a carruagem de lady Vale. Confie em mim, senhora Fitzwilliam.

— Por favor, me chame Helen — disse a senhora Fitzwilliam distraidamente. — Oxalá...

oxalá pudesse lhe demonstrar de algum modo quanto o agradeço.

Melisande ficou pensando um momento antes de dizer:

— Há dito que tinha muito boa letra, verdade?

— Sim.

— Então possivelmente possa me fazer um pequeno favor, se não lhe importar. — Melisande se levantou e se aproximou de novo da mesa, abriu uma gaveta e tirou uma caixa lisa. Levou-a onde estava sentada Helen.

— Acabo de traduzir um livro de crianças para uma amiga, mas minha letra é horrível. Poderia copiá-lo para que o leve a imprimir?

— Sim, certamente. — Helen pegou a caixa e passou os dedos por sua tampa. — Mas... Aonde me envia? Aonde vamos meus filhos e eu?

Melisande sorriu lentamente. Estava bastante satisfeita de si mesma.

— A Escócia.

Essa tarde, quando Jasper retornou, Melisande se fora. Aquilo, inexplicavelmente, irritou-o. Levava quase um dia inteiro evitando a sua esposa e, agora que queria vê-la, não estava. Quão volúveis eram as mulheres.

Ignorou a voz que, dentro de sua cabeça, lhe dizia que estava se comportando como um asno e subiu a escada a caminho de suas habitações. Deteve-se diante de sua porta e olhou pelo corredor, para a dela.

Levado por um impulso, entrou em seu quarto. Há quase um mês entrou ali em busca de respostas a respeito de quem era sua esposa e saiu com as mãos vazias.

Agora viajou com ela a Escócia, sabia que teve um amante e esteve grávida, lhe fez amor lenta e deliciosamente, e mesmo assim (mesmo assim) tinha a impressão de que Melisande lhe ocultava algo.

Deus! Nem sequer sabia, depois de todo esse tempo, por que se casou com ele.

Jasper passeou pelo quarto. Comportou-se com ridícula presunção quando lhe propôs matrimônio. Deu por certo (em caso de que tivesse pensado nisso) que Melisande não tinha outras opções.

Que era uma solteirona sem pretendentes. Que ele era sua última oportunidade de casar-se. Mas agora, depois de viver com ela, de conversar com ela, de lhe fazer amor, sabia que aquelas primeiras e vagas ideias eram terrivelmente desacertadas. Melisande era uma mulher inteligente e de rápido engenho. Uma mulher que na cama ardia, cheia de vida. A classe de mulher que um homem podia passar a vida procurando, sem encontrá-la. Mas se a encontrasse... Então se asseguraria de conservá-la a seu lado e fazê-la feliz.

Além disso, tinha outras opções. A questão era por que escolheu ele.

Jasper se descobriu ante sua cômoda. Olhou as gavetas um momento e logo se agachou e, ao puxar a de baixo, encontrou a caixa de rapé. Ergueu-se com ela na mão.

Dentro estavam o mesmo cão de porcelana e o mesmo botão de prata, mas faltava a violeta imprensada. Revolveu aqueles objetos com o dedo. Outras coisas vieram a substituir à violeta: um

ramo e uns poucos cabelos enrolados.

Jasper agarrou o ramo e o olhou. As folhas eram estreitas, quase como agulhas, e umas flores de cor malva subiam pelo caule. Era um ramo de urze. De Escócia. E o cabelo podia muito bem ser o seu.

Estava olhando carrancudo a caixa de rapé quando a porta se abriu atrás dele.

Não se incomodou em tentar ocultar o que encontrou. Em certo modo, alegrava-se daquela confrontação. Voltou-se para olhar a Melisande.

— Minha senhora esposa...

Ela fechou a porta suavemente as suas costas e passou de olhar o rosto do Jasper a sua caixa de tesouros.

— O que está fazendo?

— Tentava descobrir uma coisa — respondeu ele.

— O que?

— Por que te casou comigo.

Vale estava de pé ante ela, com seus mais íntimos segredos na mão, e acabava de lhe fazer a pergunta mais estúpida que Melisande já ouviu em toda sua vida.

Ela piscou e, como não podia acreditar que fosse tão obtuso, disse:

— O que?

Então ele avançou para ela com a caixa de rapé ainda entre os compridos e ossudos dedos. Usava o cabelo encaracolado, quase da cor do mogno, recolhido para trás em um rabo que começava a desfazer-se.

Estava com o rosto triste e sulcado de rugas, e as bolsas sob os olhos evidenciavam o pouco que dormia pelas noites. A casaca marrom e vermelha que cobria seus largos ombros tinha uma mancha no cotovelo, e seus sapatos estavam arranhados. Ela nunca se zangou tanto com outra pessoa e, ao mesmo tempo, ser consciente do belo que lhe parecia.

Do perfeito que era para ela Vale, com todas suas imperfeições.

— Quero saber por que te casou comigo, meu coração — disse ele com toda sua atenção fixa nela.

— É tolo?

Ele inclinou a cabeça ouvindo seu tom e suas palavras, como se sentisse mais curiosidade que aborrecimento. — Não.

— Pode ser que tenha levado um golpe na cabeça quando menino — disse ela docemente. — Ou possivelmente haja casos de loucura em sua família.

Jasper sacudiu a cabeça lentamente, sem deixar de avançar para ela.

— Não, que eu saiba.

— Então é parvo por direito próprio.

— Não acredito sê-lo mais que outros homens — estava agora justo diante dela, inclinado para seu rosto, muito perto, muito íntimo.

— OH, sim — repôs Melisande, lhe dando um violento empurrão. — Claro que sim.

Jasper (maldito fosse) não se moveu nem um ápice. Simplesmente, guardou sua caixa de rapé no bolso e colocou os dedos de uma mão entre seu cabelo. Jogou-lhe a cabeça para trás e posou a boca, aberta e quente, sobre sua garganta.

— Diga-me — grunhiu, e ela sentiu a vibração de sua voz na pele.

— É o homem mais estúpido, mais obtuso... — empurrou-o de novo e, ao ver que não se movia, fechou os punhos e lhe golpeou o peito e os braços, — ... o mais imbecil da história da humanidade.

— Sem dúvida — sussurrou ele contra sua garganta.

A ele não parecia lhe incomodar seus golpes; nem sequer parecia notá-los. Rasgou a tira de renda de seu decote e aproximou a boca aos túrgidos seios.

— Me diga por que, minha doce esposa.

— Observei-te — ofegou ela, — durante anos. Vi-te olhar às mulheres. A mulheres belas e insossas. Vi-te escolher às que queria. Vi-te as perseguir, as cortejar e as seduzir. E vi como vagava de novo seu olhar quando te cansava delas.

Jasper puxou a renda de seu sutiã, afrouxou o vestido e o espartilho e os afastou até que teve ao alcance o mamilo nu da Melisande. Acariciou um de seus seios e meteu o outro na boca, chupando-o com força.

Ela deixou escapar um gemido.

Jasper levantou a cabeça.

— Diga-me isso?

Olhou-o e sentiu que sua boca se torcia em uma careta de raiva. De dor.

— Via-te. Via-te leva-las à parte, via-te lhes sussurrar ao ouvido. Via-te quando foi com alguma e sabia que a ia levar à cama.

Estava com o rosto crispado e lágrimas ardentes corriam por suas faces, e ele seguia olhando-a. Ele tinha uma expressão intensa, mas acariciava suavemente seus mamilos com os dedos.

Melisande não queria sua ternura. O dique quebrado e as emoções que sufocou durante anos começavam a brotar aos montes. Agarrou-se a seus ombros, apoiou-se neles para elevar-se e lhe morder a orelha.

Ele jogou a cabeça para trás e, de repente, a tomou em seus braços. Ela gritou, mas Jasper a jogou sobre o ombro e a levou a cama. Deixou-a cair ali, e o impacto cortou seu grito.

Antes que Melisande pudesse mover-se, deitou-se sobre ela, cobriu suas pernas com as suas e a agarrou pelos pulsos com uma só mão.

Começaram a bater na porta.

— Fora! — gritou ele sem afastar o olhar de seu rosto.

— Senhor! Senhora!

— Que ninguém abra essa porta, ouviste-me?

— Milord...

— Nos deixem em paz, maldita seja!

Ambos ouviram os passos do lacaio se afastarem. Logo, Jasper se inclinou e lambeu seu pescoço.

— Diga-me isso?

Melisande se arqueou para cima, mas as pernas do Jasper a prendiam, e não pôde mover-se.

— Todos esses anos...

Jasper tirou o lenço do pescoço e lhe atou os pulsos a cabeceira da cama, por cima da cabeça.

— Todos esses anos o que? Diga-me isso, Melisande.

— Via-te — ofegou ela. Olhou por cima de sua cabeça e puxou o lenço. Não cedeu. — Te observava.

— Deixa de lutar — ordenou ele. — Vais fazer te dano, docinho.

— Dano! — ela riu com um indício de histerismo.

Jasper tirou um punhal do bolso e começou a lhe cortar a roupa: cada fatia, uma carícia sensual sobre sua pele arrepiada.

— Diga-me isso?

— Deitava-te com elas, uma atrás da outra — recordava os ciúmes, a dor profunda e lacerante. Jasper lhe tirou por completo o sutiã. — Tantas que não podia contar. Você sim?

— Não — respondeu ele suavemente.

Tirou-lhe as saias e as atirou ao chão. Depois, despojou-a dos sapatos e também os atirou.

— Nem sequer recordo seus nomes.

— Maldito seja — estava nua, salvo pelas meias e as ligas. Tinha as mãos atadas por cima da cabeça, mas suas pernas estavam livres. Começou a espernear e lhe chutou na coxa.

Jasper caiu pesadamente sobre ela, com os quadris cruzados sobre os seus. Voltou a lamber seu seio enquanto com a mão alisava os cachos de sua púbis.

— Diga-me isso?

— Observei-te durante anos — sussurrou ela. As lágrimas foram secando em suas faces e o ardor crescia dentro dela. Se ele a tocasse... Se a tocasse aí... — Observava-te e você nunca me viu.

— Agora te vejo — respondeu ele, e rodeou com a língua seu mamilo. Deslizou logo a língua por seu seio, até chegar ao outro, e lambeu também seu mamilo. Delicadamente. Com ternura.

Maldito fosse.

— Nem sequer sabia meu nome.

— Agora sei — provou sua carne com os dentes.

Um prazer intercalado de dor atravessou a Melisande, do mamilo até o lugar onde brincava sua mão. Arqueou-se, suplicando em silêncio, e ele afrouxou a dentada e começou a chupar com força o mamilo.

— Você... — Melisande engoliu saliva, tentando concentrar-se. — Nem sequer sabia que eu existia.

— Agora sei.

E deslizou por seu corpo, separou seus joelhos e a fez apoiar as panturrilhas sobre seus ombros.

Ela se retorceu, tentando afasta-lo, mas, como antes, não conseguiu que se movesse.

Jasper baixou a cabeça e lambeu seu sexo.

Melisande contraiu o ventre, sobressaltada, e fechou as mãos atadas. Depois fechou os olhos e se limitou a sentir. O úmido roce de sua língua, os dedos de uma mão crispando-se sobre seu quadril, e os da outra acariciando seu púbis. Jasper lambia e lambia, uma e outra vez, com passadas lentas e íntimas, cada uma das quais roçava seu clitóris. Ela crispou os dedos ao sentir crescer a tensão.

Então ele moveu as mãos e abriu as dobras de seu sexo, até deixá-la completamente exposta e vulnerável.

Melisande mordeu o lábio, esperando, esperando.

E nesse momento ele posou a boca diretamente sobre o botão de seu clitóris e começou a chupar. Mordiscou-o, puxou-o, estirou aquele bocado de carne até que Melisande não pôde suportá-lo mais e se desfez.

Arqueando-se, aproximou a pélvis ao seu rosto e sentiu que o ardor a atravessava como um raio. Ouvia o batimento de seu próprio coração. Jasper seguia lambendo e chupando, e suas mãos, fortes, prendiam-na.

Outra onda rompeu sobre ela e Melisande gemeu. Seu gemido ressonou na quietude da habitação. Em outro momento lhe teria importado, teria se envergonhado dos ruídos que fazia, mas nesse instante não...

Deus... Nesse momento, estava possuída pelo prazer.

Jasper a penetrou com dois dedos enquanto seguia lambendo suavemente, com devastadora precisão seu sexo, e ela tremeu. Seu corpo se esticou por inteiro, arqueando-se, e seus músculos se crisparam, à espera.

Não podia... Estava muito fraca, muito exausta.

Então ele moveu os dedos dentro dela e voltou a chupar sua carne. Os músculos de seu interior se contraíram e se afrouxaram. Melisande alcançou o clímax e se sacudiu, estremecendo e ofegando.

Um calor ardente se estendia a partir de seu centro, formando um lago de prazer cada vez mais longo. Ficou inerme, embalada por uma cálida sensação de alívio.

Sentiu que ele se movia. Ao abrir os olhos preguiçosamente, viu que lhe baixava as pernas. Deixou-as sobre a cama, as coxas separadas e abertas. Ele olhou seu sexo nu enquanto se levantava e tirava a roupa.

— Não posso mudar o passado — disse. — Não posso apagar a todas as mulheres com as quais me deitei antes de te conhecer. Antes de saber quem é.

Cravou o olhar nos olhos da Melisande, e o azul de seus olhos era tão intenso que quase iluminava a habitação.

— Mas te juro que jamais voltarei a me deitar com outra. Você é a única que desejo. A única

que vejo agora.

Tirou as calças e ela viu que estava excitado. Seu pênis se erguia até o umbigo com primitivo orgulho viril. Subiu à cama e se colocou sobre ela, erguido.

Apoiou as mãos no colchão e os músculos de seus ombros e seus braços se esticaram.

Melisande engoliu saliva.

— Me desate.

— Não — respondeu com calma, embora sua voz soasse rouca. Inclinou-se e roçou com os dentes sua garganta.

Ela estremeceu, ansiosa pelo desejo.

Jasper separou-lhe mais ainda as pernas e baixou os quadris, colocando firmemente seu pênis sobre as dobras ultrassensíveis de seu sexo. Melisande sufocou um gemido.

— Está molhada — grunhiu ele. — Molhada e me esperando, verdade?

Ela engoliu saliva.

— Verdade? — deslizou seu enorme pênis por seu sexo. — Diga-Me isso, Melisande.

— S-sim.

— Sim, o que? — apertou os quadris contra ela e sua verga voltou a deslizar por entre suas dobras, acendendo todas suas fibras nervosas.

— Sim, estou molhada por ti — murmurou ela.

Tentou mover-se, tentou arquear os quadris, mas ele pesava muito e sua postura era muito firme.

— Vou fazer-te amor — sussurrou Jasper asperamente contra sua face. — Vou colocar meu pênis em sua vagina e só estaremos você e eu, Melisande. Todas as demais, todas essas lembranças, já não importam.

Ela abriu os olhos de par em par ao ouvi-lo e o olhou com fixidez. Jasper estava sobre ela, com o peito coberto por uma camada de suor. Se refrear também o fez sofrer, e aquilo a fez sorrir.

Então a olhou nos olhos.

— Mas sigo necessitando algo de ti.

Moveu os quadris e sua glande deslizou para frente, até roçar a entrada de seu sexo.

Melisande engoliu saliva, quase louca de desejo.

— Qu-o que?

— Quero a verdade.

Empurrou e seu pênis começou a penetrá-la.

— Hei-te dito a verdade.

Jasper se retirou e ela esteve a ponto de soluçar.

Ele apertou de novo seu clitóris com o pênis e empurrou. Tinha os braços retos, a ambos os lados dela, e o torso separado de seu corpo tenso.

— Não toda. Não toda a verdade. Desejo-te. Desejo conhecer seus segredos.

— Não tenho mais segredos — murmurou ela. Tremiam-lhe os braços, atados ainda por cima de sua cabeça, e sabia que seus mamilos eram pontas endurecidas entre seus corpos.

Jasper se afastou e a penetrou por completo. Melisande gritou. Sentia-se tão , tão cheia... Aquilo era quase o paraíso. Mas ele se deteve e ficou quieto.

— Diga-me isso?

Melisande o rodeou com as pernas, sujeitando dentro de si seu membro duro.

— Não... não...

Jasper a olhou com o cenho franzido e jogou os quadris para trás com premeditação. Apesar de que o rodeava com suas pernas, retirou-se com facilidade.

— Quer isto? Quer meu pênis?

— Sim! — Melisande já não tinha orgulho, não podia mentir. Precisava sentir seu pênis dentro. Estava meio louca de desejo.

— Então me diga por que te casou comigo.

Melisande o olhou com raiva.

— Foda-me.

Uma comissura da boca do Jasper se esticou, apesar de que uma gota de suor corria por um lado de seu rosto. Não podia se refrear muito mais, e ela sabia.

— Não. Mas vou fazer-te amor, minha doce esposa.

E a penetrou por completo com seu grosso membro. Atacou-a com força, grosseiramente, fora de controle. A ela já nada importava. Jogou a cabeça para trás e fechou os olhos. Sentiu que o corpo duro do Jasper gozava dela.

Ele se inclinou e lambeu seus seios trêmulos, e ela viu explodir estrelas por trás de suas pálpebras e se sentiu percorrida por seu fulgor. Sufocou um grito e a língua do Jasper invadiu sua boca.

Ele se sacudiu enquanto a penetrava uma e outra vez.

De repente se deteve e ela abriu os olhos. Ele tinha a cabeça jogada para trás, os olhos cegos, o prazer crispava seu rosto.

— Melisande! — gemeu.

Sua cabeça golpeou o travesseiro junto à dela. Respirava ansiosamente. Seu corpo era pesado e duro, e ela seguia tendo os braços atados por cima da cabeça. Mas não lhe importou. De bom grau morreria asfixiada debaixo dele. Voltou a cara para o Jasper e lambeu o ouvido que antes tinha ferido, e disse por fim. Deu-lhe o que queria.

— Amo-te. Sempre te amei. Por isso me casei contigo.

Capítulo 19

Levaram sua sopa à princesa Surcease e, quando a comeu toda, o que encontrou no fundo da terrina, a não ser o anel de ouro? De novo, o cozinheiro chefe foi chamado a comparecer ante o rei, e embora este bramou ameaçador, o pobre homem sabia tanto como antes.

Por fim, a princesa, que esteve dando voltas ao anel entre os dedos, tomou a palavra.
— Quem corta as verduras para minha sopa, bom cozinheiro?
O cozinheiro elevou o peito.
— Eu, Alteza!
— E quem põe a sopa sobre o fogo para que coza?
— Eu, Alteza!
— E quem revolve a sopa enquanto coze?
O cozinheiro pôs uns olhos como pratos.
— O crave de cozinha.
Que agitação causou aquilo!
— Tragam o crave imediatamente! — vociferou o rei...
Do Jack o Risonho

À manhã seguinte, ao despertar, Jasper soube que estava sozinho antes mesmo de abrir os olhos. Sentia frio junto ao flanco, no lado do colchão que antes ocupava o quente corpo da Melisande.

Restava um leve aroma de laranjas, mas ela já não estava na habitação. Jasper suspirou, sentindo a dor dos músculos usados até a extenuação. Melisande o deixou exausto, mas, ao final, lhe disse o que queria saber.

Amava-o. Melisande o amava. Abriu os olhos ao pensá-lo. Certamente não merecia seu amor. Ela era uma mulher inteligente, sensível e bela, e ele era um homem que viu morrer na fogueira o seu melhor amigo.

Em certo sentido, suas cicatrizes eram mais profundas que as dos homens que sofreram torturas físicas. Ele levava as cicatrizes na alma, e continuavam sangrando de vez em quando. Dificilmente podia merecer o amor de uma mulher, e menos ainda o da Melisande. E o que era pior (o que de verdade o convertia em um descarado) era que não tinha intenção de perdê-la. Possivelmente não merecesse todo seu amor, mas tentaria conservá-lo até o dia de sua morte. Não a deixaria mudar de ideia. O amor da Melisande era um bálsamo reparador, uma cura para suas feridas, e o conservaria como um tesouro o resto de sua vida.

Desassossegado por aquela ideia, levantou-se. Não se incomodou em chamar o Pynch, mas sim se lavou e se vestiu sozinho.

Desceu correndo as escadas e soube pelo Oaks que Melisande foi visitar sua mãe e demoraria uma hora ou mais em voltar.

Sentiu uma vaga desilusão, mesclada com alívio. O descobrimento de seu amor estava ainda muito recente. Era quase um ponto muito sensível para suportar o contato. Entrou na saleta do café da manhã, agarrou um pão-doce e o mordeu distraidamente. Mas estava muito inquieto para sentar-se a comer. Tinha a sensação de que um enxame de abelhas se meteu no sangue e zumbia por suas veias.

Acabou de comer o pão-doce em duas dentadas e se aproximou da parte dianteira da casa.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Melisande podia demorar várias horas em voltar, e ele não podia ficar ali esperando. Além disso, precisava fazer uma coisa e convinha que a fizesse quanto antes. Devia concluir aquele assunto com o Matthew. E, se era outro beco sem saída, como suspeitava... Enfim, possivelmente sua esposa tivesse razão.

Possivelmente fosse hora de se esquecer do Spinner's Falls e deixar que Reynaud descansasse em paz.

— Diga ao Pynch que venha, por favor — disse ao Oaks. — E que traga dois cavalos.

Passeou pelo vestíbulo enquanto esperava. Pynch chegou da parte de trás da casa.

— Senhor?

— Vou falar com o Matthew Horn — disse Jasper. Indicou-lhe que o seguisse enquanto saía pela porta. — Quero que me acompanhe no caso de... — moveu vagamente a mão.

O ajudante de câmara o entendeu.

— É obvio, milord.

Montaram nos cavalos que os aguardavam e Jasper espetou o dele. O dia estava lúgubre e cinza. As nuvens passavam baixas, ameaçando chuva.

— Isto eu não gosto — resmungou. — Horn é um cavalheiro de boa família e o considero um amigo. Se nossas suspeitas forem certas... — interrompeu-se, sacudindo a cabeça. — Seria terrível. Terrível.

Pynch não respondeu, e fizeram o resto do caminho em silêncio. Ao Jasper repugnava aquela tarefa, mas teria que fazê-la. Se Horn era o traidor, teria que fazê-lo pagar por isso.

Meia hora depois, deteve seu cavalo ante a casa do Matthew Horn. Olhou seus velhos tijolos e pensou que a família viveu ali durante gerações. A mãe do Horn estava inválida e vivia confinada em sua casa.

Deus, que assunto tão feio... Então suspirou, desmontou do cavalo e subiu os degraus com áspera determinação. Bateu na porta e esperou, consciente de que Pynch estava atrás dele.

Esperaram um momento. A casa parecia estar em silêncio, nenhum ruído saía dela. Jasper deu um passo atrás e olhou as janelas de cima. Nada se movia. Enrugou o cenho e chamou de novo, com mais força esta vez.

Onde estavam os criados? Disse-lhes Horn que não lhe abrissem a porta?

Estava levantando a mão para chamar outra vez quando a porta se abriu a largura de uma fresta. Um jovem lacaio apareceu por ela, carrancudo.

— Está seu amo em casa? — perguntou Jasper.

— Acredito que sim, senhor.

Jasper inclinou a cabeça.

— E vais nos deixar passar para que o veja?

O lacaio se ruborizou.

— É óbvio, senhor. — Abriu a porta. — Se esperarem na biblioteca, senhor, irei procurar ao senhor Horn.

— Obrigado. — Jasper entrou na sala com o Pynch e olhou a seu redor.

Tudo estava igual à última vez que visitou o Matthew. Um relógio marcava a hora no suporte da lareira, e da rua chegava o ruído amortecido das carruagens. Então se aproximou do mapa ao qual faltava a Itália para examiná-lo enquanto esperavam. O mapa pendurava junto a duas grandes poltronas e uma mesa, em um canto. Ao aproximar-se, ouviu uma espécie de gemido.

Pynch se aproximou enquanto Jasper se inclinava sobre a cadeira para olhar o canto.

Por trás das poltronas, no chão, havia duas pessoas. Uma mulher embalava a um homem em seu regaço. Balançava-se ritmicamente para diante e para trás e um suave gemido saía de seus lábios.

A casaca do homem estava cheia de sangue. Uma adaga sobressaía de seu peito. Estava morto.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Jasper.

A mulher levantou os olhos. Era bonita. Seus olhos eram de uma formosa cor azul, mas tinha o rosto muito pálido e os lábios descoloridos.

— Disse que faríamos uma fortuna — respondeu. — Dinheiro suficiente para ir ao campo e abrir um botequim em nosso povoado. Disse que se casaria comigo e que seríamos ricos.

Baixou os olhos de novo, sem deixar de balançar-se.

— É o mordomo, milord — disse Pynch atrás dele. — O mordomo do senhor Horn. Com quem falei.

— Pynch, vá procurar ajuda — ordenou Jasper. — E comprova que Horn está bem.

— Bem? — a mulher riu enquanto Pynch saía correndo da sala. — Foi ele. Foi ele quem apunhalou a meu homem e o deixou aqui, como se fosse lixo.

Jasper a olhou desconcertado.

— O que?

— Meu homem encontrou uma carta — sussurrou a mulher. — Uma carta a um cavalheiro francês. Disse que o senhor Horn vendia segredos aos franceses durante a guerra nas colônias.

Que ficaria rico vendendo a carta ao senhor. E que logo abriríamos um botequim no campo.

Jasper se agachou a seu lado.

— Tentou chantagear ao Horn?

Ela assentiu com a cabeça.

— Disse que seríamos ricos. Eu estava escondida por trás da cortina quando pediu ao senhor Horn para falar com ele. Para lhe dizer da carta. Mas o senhor Horn... — suas palavras se desvaneceram em um gemido.

— Matthew fez isto? — Jasper o compreendeu por fim, horrorizado. A cabeça do mordomo se balançava, inerme, sobre seu peito ensanguentado.

— Senhor — disse Pynch atrás dele. Jasper levantou o olhar.

— O que?

— Os outros criados dizem que o senhor Horn não aparece.

— Foi procurar a carta — disse a mulher.

Jasper a olhou com o cenho franzido. — Pensei que a tinha seu homem, o mordomo?

— Não — a mulher sacudiu a cabeça. — Era muito preparado para tê-la com ele.

— Onde está, então?

— O amo não a encontrará — respondeu ela sonhadora. — A escondi muito bem. A mandei a minha irmã no campo.

— Santo céu — disse Jasper. — Onde vive sua irmã? Pode ser que esteja em perigo.

— Ele não irá ali para buscá-la — murmurou a mulher. — Meu homem não disse seu nome. Só lhe disse quem lhe informou que olhasse nos papéis da mesa do senhor Horn.

— Quem? — sussurrou Jasper, horrorizado.

A mulher levantou a vista e sorriu docemente.

— O senhor Pynch.

— Milord, o senhor Horn sabe que sou seu ajudante de câmara.

Pynch estava branco como um lençol. — Se sabe disso...

Jasper se levantou e correu desesperado para a porta, mas conseguiu ouvir o final da frase do Pynch.

— ... Pensará que você tem a carta.

A carta. A carta que não tinha. A carta que Matthew acreditaria ter em sua casa. Em sua casa, a que sem dúvida já teria voltado sua querida esposa. Estaria ali, sozinha, desprotegida e acreditando que Matthew era um amigo.

Santo céu. Melisande...

— Minha mãe está inválida — disse Matthew Horn a Melisande, e ela assentiu com a cabeça porque não sabia o que outra coisa fazer. — Não pode mover-se, e muito menos fugir a França.

Melisande engoliu saliva e disse com cautela:

— Sinto muito.

Mas foi um engano. O senhor Horn lhe cravou a pistola que sustentava contra seu flanco, e ela se sobressaltou. Não pôde evitá-lo. Nunca gostou das armas de fogo (odiava o ruído que faziam quando disparavam) e lhe arrepiou a pele ao pensar em que uma bala atravessaria seu corpo. Sem dúvida doeria. Muito. Sabia que era uma covarde, mas não podia evitá-lo.

Estava aterrorizada.

O senhor Horn se comportou de forma um tanto estranha ao chegar à porta. Parecia alterado. Quando o fizeram passar à sala de estar, Melisande se perguntou se esteve bebendo, apesar de que ainda não era meio-dia.

Logo exigiu ver Vale e quando lhe disse que seu marido não estava em casa, insistiu que lhe mostrasse seu escritório. Não gostou daquilo, mas então já começara a suspeitar que ocorria algo mau.

Quando ele se pôs a revistar o escritório do Jasper, Melisande se aproximou da porta com intenção de avisar ao Oaks e ordenar que jogassem ao Horn da casa.

Mas então ele tirou a pistola que levava no bolso. Só nesse momento, enquanto olhava essa grande arma que sustentava na mão, viu a mancha escura que existia na manga.

Enquanto ele continuava revolvendo os papéis, ela se fixou em que sua manga deixava uma

marca vermelha.

Era como se tivesse molhado a manga da casaca em sangue.

Melisande estremeceu e tentou acalmar seus pensamentos desenquadrados. Ignorava se aquela mancha era de sangue, assim não fazia sentido ficar histérica; possivelmente só fosse um mal-entendido de sua parte.

Vale voltaria logo para casa e se encarregaria de tudo. Mas Vale não sabia que o senhor Horn tinha uma pistola. Possivelmente o senhor Horn o pegasse completamente despreparado quando entrasse.

Parecia obcecado com o Jasper. E se tentasse lhe fazer dano?

Melisande respirou fundo.

— O que está procurando?

O senhor Horn empurrou todos os papéis da mesa. Caíram esparramados, e alguns dos menores revoaram como pássaros ao posar-se na terra.

— Uma carta. Minha carta. Vale me roubou isso. Onde está?

— Não... Não o...

Horn se aproximou dela, interpondo a pistola entre ambos. Pegou seu rosto com a mão esquerda e apertou até lhe machucar. Seus olhos brilhavam, chorosos.

— É um ladrão e um chantagista. Eu pensava que éramos amigos. Pensava que... — fechou os olhos com força e ao abri-los olhou-a fixamente e disse com veemência:

— Não vou permitir que me arruíne, ouviu-me? Diga-me onde está esse papel, onde pode tê-lo escondido, ou a matarei sem contemplações.

Melisande tremeu. Aquele homem ia mata-la. Não fazia ilusões; sabia que não sairia viva dali. Mas se Jasper chegasse nesse momento, possivelmente também matasse a ele. Aquela ideia avivou seu engenho.

Quanto mais longe estivesse o senhor Horn da porta, mais tempo teria Vale de perceber o perigo quando chegasse em casa.

Umedeceu os lábios.

— Seu dormitório... Acredito... Acredito que está em seu dormitório.

Sem dizer uma palavra, o senhor Horn a agarrou pela nuca e a puxou para o corredor, diante dele. Seguia apertando a pistola contra seu flanco. O corredor parecia deserto, e Melisande deu graças ao céu.

Não sabia como reagiria o senhor Horn se encontrassem algum criado. Talvez disparasse se visse alguém.

Subiram as escadas juntos. Beliscava-lhe a nuca, lhe machucando. Ao chegar no alto das escadas, Melisande se voltou e seu coração esteve a ponto de parar. Suchlike acabava de sair de seu quarto.

— Senhora? — perguntou-lhe ela, desconcertada. Olhou-a, e também ao senhor Horn.

Melisande se apressou a responder, antes que seu captor pudesse dizer algo.

— O que faz você aqui, moça? Disse que tivesse meu traje de montar engomado e pronto ao

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

meio-dia.

Suchlike abriu muito os olhos. Melisande nunca lhe falou com tanta aspereza. E então as coisas pioraram mais ainda. Por trás da donzela, Camundongo mostrou o nariz pela porta do quarto e saiu ao corredor.

Correu para ela e o senhor Horn, ladrando como um louco.

Melisande sentiu que o senhor Horn se movia como se se dispusesse a afastar a pistola de seu flanco. Camundongo estava a seus pés, e o afastou rapidamente de um chute. O cão ganiu, confuso e dolorido, e tombou de costas.

Melisande olhou a Suchlike.

— Leva a este vira-lata contigo à cozinha. Vamos. E prepara meu traje de montar ou a demito esta mesma tarde.

Suchlike nunca gostou de Camundongo, mas se inclinou para ele e o agarrou rapidamente nos braços. Passou correndo junto a Melisande e o senhor Horn, com os olhos cheios de lágrimas.

Melisande respirou fundo quando a donzela se perdeu de vista.

— Muito bem — disse o senhor Horn. — Agora, onde está o quarto de Vale?

Melisande assinalou o quarto e o senhor Horn a arrastou para ele. Sentiu outra pontada de temor quando ele abriu a porta. E se o senhor Pynch estivesse dentro? Ignorava onde se encontrava o ajudante de câmara.

Mas o quarto estava deserto.

O senhor Horn a arrastou para a cômoda e começou a jogar no chão os lenços de pescoço cuidadosamente dobrados de Vale.

— Ele estava ali quando me torturaram. Ataram-no a um poste e lhe sustentaram a cabeça para que olhasse. Quase senti mais pena por ele que por mim — de repente se deteve e respirou com força.

— Ainda vejo esses olhos azuis enchendo-se de tristeza quando me marcaram o peito. Ele sabe como foi. Sabe o que me fizeram. Sabe que o exército britânico demorou duas semanas infernais em nos resgatar.

— Culpa ao Jasper de suas feridas — murmurou Melisande.

— Não seja imbecil — lhe espetou ele. — Vale não pôde evitar o que lhe fizeram, como não pudemos evitá-lo os demais. Pelo que o culpo é de sua traição. Ele, mais que ninguém, deveria entender por que fiz o que fiz.

Havia acabado de esvaziar as gavetas da cômoda e a arrastou até o armário.

— Ele sabe como foi. Estava ali. Como se atreve a me julgar? Como se atreve?

Melisande viu que seus olhos, frios como o gelo, estavam cheios de determinação, e sua visão a deixou paralisada de horror. O senhor Horn estava encurralado, e só era questão de tempo que descobrisse que lhe mentiu.

Jasper chegou em casa tão assustado que o coração quase lhe saía do peito. Lançou as rédeas de seu cavalo a um moço e subiu de um salto os degraus sem esperar ao Pynch. Abriu as portas e entrou, mas parou de repente.

A donzela de Melisande estava chorando no vestíbulo, com Camundongo nos braços. A seu lado estavam Oaks e dois lacaios. Oaks se voltou ao vê-lo entrar, com o rosto mudado.

— Milord! Acredito que lady Vale corre perigo.

— Onde está? — perguntou Jasper.

— Lá em cima — gemeu a donzela. Camundongo se retorcia em seus braços, tentando descer. — Há um homem com ela e, ai, senhor! Acredito que tem uma pistola.

Em Jasper gelou o sangue nas veias, como se a geada cristalizasse nelas lhe causando dor. Não. Meu deus, não.

— Onde os viu, Sally? — perguntou Pynch por trás do Jasper.

— No alto da escada — respondeu Suchlike. — Diante de seu quarto, senhor.

Camundongo deu um puxão tão forte que a moça soltou um gritinho e o deixou cair. O cão correu para o Jasper e ladrou uma só vez antes de correr para as escadas. Subiu o primeiro degrau e voltou a ladrar.

— Fiquem aqui — lhes disse Jasper aos criados. — Se formos muitos... — interrompeu-se. Não queria expressar em voz alta aquela horrenda possibilidade.

Dirigiu-se para as escadas.

— Milord — lhe chamou Pynch. Jasper olhou para trás.

O ajudante de câmara estava tirando duas pistolas. Pynch olhou-o nos olhos. Sabia muito bem quanto lhe desagradavam as armas de fogo. Mesmo assim, as estendeu.

— Não suba desarmado.

Jasper agarrou as armas sem dizer uma palavra e se voltou para as escadas. Camundongo ladrou e subiu diante dele, ofegando de nervosismo.

Chegaram ao primeiro patamar e seguiram até o segundo andar, onde estavam os dormitórios principais. Jasper se deteve no último degrau a escutar. A seus pés Camundongo o observava pacientemente.

Jasper ouvia os suaves soluços da donzela no piso de baixo e o murmúrio de uma voz mais grave, certamente a do Pynch, reconfortando-a. Além disso, tudo era silêncio. Negou-se a pensar no que podia significar aquele silêncio.

Aproximou-se de sua porta nas pontas dos pés. Camundongo seguiu sem fazer ruído. A porta estava entreaberta, e Jasper se agachou ao abri-la para não ser um alvo tão fácil, em caso de que Horn lhe disparasse.

Não ocorreu nada.

Então respirou fundo e olhou ao cão. Camundongo o observava, completamente alheio ao que podia existir no quarto. Jasper resmungou um juramento e entrou. Saltava à vista que Matthew esteve ali.

Sua roupa estava no chão e os lençóis da cama que nunca usava, rasgados. Foi ao pequeno vestidor, mas, embora estivesse revolto, tampouco ali havia alguém.

Quando voltou para seu quarto, Camundongo estava farejando um dos travesseiros que havia no chão. Jasper olhou e esteve a ponto de cair de joelhos.

O travesseiro tinha uma pequena mancha de sangue.

Fechou os olhos. Não. Não, Melisande não estava ferida. Não estava morta. Não podia acreditar na morte e conservar a prudência. Abriu os olhos e levantou as pistolas. Logo percorreu o resto dos quartos do piso.

Quinze minutos depois, encontrou-se sem fôlego e desesperado. Camundongo o seguiu a todos os quartos, farejando sob as camas e nos cantos, mas não parecia ter mostrado interesse por nenhum deles.

Jasper subiu as escadas do seguinte piso, onde, sob os beirais do telhado, estavam os quartos dos criados. Não havia razão para que Matthew tivesse levado a Melisande lá em cima.

Possivelmente tivesse descido pela parte de trás e conseguido escapar, apesar de que tinha criados na cozinha. Mas, se fosse assim, alguém teria que tê-los ouvido. Teria se armado um alvoroço.

Maldição! Onde estava Horn? Onde levou a Melisande?

Acabavam de chegar ao piso de cima quando Camundongo se esticou de repente e ladrou. Correu até o final do estreito e nu corredor e começou a arranhar uma porta. Jasper seguiu ao cão e a abriu com cautela.

Um lance de escadas de madeira levava ao telhado. Lá em cima havia um estreito parapeito que servia sobre tudo de adorno. Jasper nunca subira até ali.

Camundongo passou a seu lado e correu pela alta escada. Seu corpo musculoso saltava de degrau em degrau. Ao chegar ao alto, colou o nariz à ranhura de uma portinhola e começou a gemer.

Jasper agarrou com força suas pistolas e subiu pela escada sem fazer ruído. Quando chegou acima, afastou ao cão com o pé e o olhou severamente.

— Fique aqui.

Camundongo jogou as orelhas para trás em sinal de submissão, mas não se sentou.

— Fique aqui — ordenou Jasper. — Ou o tranco em um quarto.

O cão não podia entender suas palavras, mas entendia o tom. Baixou os quartos traseiros e se sentou. Jasper se voltou para a porta. Abriu-a e saiu.

O céu cumpriu completamente sua promessa: estava chovendo. A chuva caía, fria e cinza, sobre seu telhado. A portinhola estava preparada para franquear o acesso ao telhado se por acaso tivesse que limpá-lo ou repará-lo.

Diante dela havia um pequeno quadrado de ladrilhos, apenas o bastante grande para que uma pessoa se mantivesse em pé. Em torno dele, o telhado se inclinava em todas as direções. Jasper se ergueu devagar, sentindo que o vento jogava gotas de chuva contra seu pescoço. Olhou para o jardim traseiro. A sua esquerda, o telhado estava vazio; a sua direita, também. Então olhou por cima do pináculo do telhado.

Santo céu. Matthew sustentava a Melisande inclinada sobre o curto parapeito de pedra da fachada da casa. O parapeito, que mal lhe chegava à altura do joelho, não a impediria de cair.

Só o braço do Matthew não deixava que rebentasse contra os paralelepípedos da rua. Então

recordou seu medo às alturas e compreendeu que sua querida esposa devia estar completamente aterrorizada.

— Não te aproxime! — gritou Matthew. Não usava chapéu, nem peruca, e a chuva escurecera e esmagara seu cabelo curto e avermelhado, colando-o ao crânio. Seus olhos azuis brilhavam, desesperados.

— Não te aproxime ou a deixo cair.

Jasper olhou os belos olhos castanhos de Melisande. Tinha o cabelo solto em partes, e longas mechas molhadas penduravam sobre suas faces. Agarrava-se com as mãos ao braço do Matthew, por não ter outra opção.

Olhou-o e então ocorreu uma coisa horrenda.

Sorriu.

Minha doce e valorosa moça. Jasper desviou o olhar e o cravou no Matthew. Levantou a pistola de sua mão direita e a segurou com firmeza.

— Deixa-a cair e lhe faço voar a cabeça.

Matthew riu suavemente, e Melisande cambaleou.

— Retrocede, Vale. Vamos.

— E em seguida o que?

Matthew o olhava implacável.

— Destruíste-me. Não resta vida, nem futuro, nem esperança. Não posso fugir para a França sem minha mãe e, se ficar, penduraram-me por vender segredos aos franceses. Minha mãe se verá na ruína.

A Coroa confiscará todos meus bens e a jogará à rua.

— Isto é um suicídio, então?

— E se o for?

— Solta a Melisande — disse Jasper com firmeza. — Ela não tem nada a ver com o que ocorreu. Baixarei a pistola, se a soltas.

— Não! — gritou Melisande, mas nenhum dos dois lhe prestou atenção.

— Perdi tudo — disse Matthew. — Por que não destruir sua vida, como você destruiu a minha?

Moveu-se um pouco e Jasper se lançou para a cumeeira do telhado.

— Não! Dar-te-ei a carta.

Matthew vacilou.

— Olhei. Não a tem.

— Não está em minha casa. Tenho-a escondida em outra parte — era mentira, certamente, mas Jasper tentou insuflar sinceridade a sua voz. Se pudesse ganhar um pouco de tempo e afastar a Melisande do parapeito...

— Sim? — Matthew parecia esperançado, mas seguia olhando-o com desconfiança.

— Sim. — Jasper montara lentamente sobre a cumeeira do telhado e agora estava agachado sobre ele. Melisande e Matthew estavam a uns três metros de distância. — Afaste-te da borda e

lhe trarei isso.

— Não. Ficaremos aqui até que traga a carta — falava em tom razoável, mas já matara a uma pessoa esse dia. Jasper não podia deixa-lo a sós com a Melisande.

— Trarei a carta — disse. Voltou a deslocar-se pouco a pouco para diante. — Dar-lhe-ei e esquecer-me-ei de tudo isto. Mas primeiro me devolva a minha esposa.

Ela significa muito mais para mim que qualquer vingança pelo que aconteceu no Spinner's Falls.

Matthew começou a tremer e Jasper se ergueu, assustado. Estava Matthew sofrendo uma espécie de ataque?

Mas uma risada seca escapou de sua garganta.

— Spinner's Falls? Ah, Deus, acredita que sou o traidor de Spinner's Falls? Tudo isto e ainda não sabe, né? Eu não traí a ninguém no Spinner's Falls. Foi depois, depois de que o exército britânico deixasse que nos torturassem durante duas malditas semanas, quando comecei a vender segredos aos franceses. Por que não? Tinham-me arrancado de coalho* a lealdade para meu país.

— Mas você disparou ao Hasselthorpe. Teve que ser você.

— Não, Vale. Foi outro quem lhe disparou.

— Quem?

— O que sei eu? Está claro que Hasselthorpe sabe algo sobre o Spinner's Falls e que há alguém que não quer que o conte.

Jasper piscou para tirar gotas de chuva dos olhos.

— Então, não teve nada que ver com...?

— Meu Deus, Vale — murmurou Matthew com desespero. — Destruíste minha vida. Acreditava que você fosse o único que me entenderia. Por que me destruíste? Por quê?

Jasper viu com horror que levantava a pistola e apontava à cabeça da Melisande. Estava muito longe. Não poderia chegar a tempo. Meu Deus. Não havia escolha. Disparou e acertou na mão do Matthew.

Viu que Melisande se sobressaltou quando o sangue salpicou seu cabelo. E viu que Matthew soltava a pistola com um grito de dor.

Viu-o empurrar a Melisande pela borda do parapeito.

Abriu fogo com a segunda pistola e a cabeça do Matthew se sacudiu violentamente para trás. Jasper avançou em equilíbrio pelas telhas escorregadias. Um grito enchia sua cabeça.

Empurrou a um lado o cadáver do Matthew e olhou por cima do parapeito, esperando ver o corpo da Melisande estrelado contra o chão. Mas viu seu rosto a um metro de distância, olhando-o.

Sufocou uma exclamação de surpresa e aquele grito cessou. Só então percebeu que o som era real e de que era ele quem o emitia. Estirou a mão. Ela se agarrara à cornija.

— Me dê a mão — disse Jasper com voz rouca.

Ela piscou. Parecia aturdida. Jasper recordou aquele dia, fazia já muito tempo, diante da casa de lady Eddings, justo antes de casar-se. Ela recusou sua ajuda para descer da carruagem.

Jasper se inclinou um pouco mais para ela.

— Melisande, confia em mim. Dê-me a mão.

Ela ofegou, entreabriu seus formosos lábios e se soltou da cornija com uma mão. Jasper se inclinou para diante e a agarrou pelo pulso. Em seguida se jogou para trás e se serviu de seu peso para levantá-la.

Melisande passou por cima do parapeito e caiu frouxamente em seus braços. Então a abraçou com força. Simplesmente a abraçou, respirando o aroma de laranja de seu cabelo, sentindo seu fôlego sobre a face.

Demorou um momento em perceber que estava tremendo.

Por fim, ela se moveu.

— Acreditava que odiava as armas.

Jasper se afastou e olhou seu rosto. Melisande tinha um machucado na face e o cabelo salpicado de sangue, mas era a coisa mais formosa que jamais viu.

Teve que clarear a garganta antes de falar:

— As odeio. Detesto-as com toda minha alma.

Ela enrugou as sobrancelhas.

— Então, como...?

— Amo-te — disse Jasper. — Não sabia? Por ti, atravessaria de joelhos as chamas do inferno. Disparar uma pistola não é nada comparado contigo, minha queridíssima esposa.

Acariciou seu rosto, viu que seus olhos aumentavam e, ao inclinar-se para beijá-la, repetiu:

— Amo-te, Melisande.

Capítulo 20

Assim, o pequeno crave de cozinha foi levado, tremente, ante o rei. Demorou muito em confessar.

"Em três ocasiões, Jack, o bufão da princesa, lhe pagou para revolver a panela de sopa. A última, essa mesma noite."

Os cortesãos sufocaram uma exclamação de surpresa, a princesa Surcease ficou pensativa e o rei bramou de raiva. Os guardas levaram o Jack a prostrar-se ante o rei e a guarda pôs sua espada sobre o pescoço do bufão.

— Fala! — gritou o rei. — Fala e nos diga a quem roubaste os anéis.

Porque, naturalmente, ninguém acreditava que o miúdo deformado pudesse ter conseguido os anéis por si só.

— Fala! Fala ou faço que lhe cortem a cabeça!

Do Jack o Risonho

Um mês depois...

Sally Suchlike duvidou ante a porta de sua senhora. A manhã estava já muito avançada, mas mesmo assim nunca sabia, e não queria entrar se sua senhora não estivesse sozinha. Retorceu as mãos e, enquanto tentava decidir-se, olhou a estatueta daquele fauno tão feio. Mas, como sempre, a estatueta a distraiu. O fauno se parecia muito ao senhor Pynch, e Sally se perguntou, como sempre, se aquele gigante...

Um homem pigarreou as suas costas.

Sally deu um gritinho e se voltou. O senhor Pynch estava tão perto dela que sentiu o calor de seu peito.

O ajudante de câmara levantou uma sobrancelha lentamente, o qual o fez parecer mais que nunca ao fauno da estatueta.

— O que faz rondando pelo corredor, senhorita Suchlike?

Ela sacudiu a cabeça.

— Estava pensando se entrava ou não no quarto da senhora.

— E por que não entras-te?

Ela se fingiu surpreendida.

— Porque pode ser que não esteja sozinha, por isso.

O senhor Pynch levantou o lábio superior em um leve sorriso.

— Custa-me acreditá-lo. Lorde Vale sempre dorme sozinho.

— Ah, sim? — Sally pôs os braços em jarras e sentiu um calor de emoção no baixo ventre. — Muito bem, por que não entra a ver se seu amo está sozinho em sua cama? Porque aposto qualquer coisa a que não está em seu quarto.

O ajudante de câmara não se dignou a responder. Olhou-a da cabeça aos pés e entrou no dormitório de lorde Vale.

Sally soltou um sopro e abanou as faces, tentando refrescar-se enquanto esperava.

Não precisou esperar muito tempo. O senhor Pynch voltou a sair do quarto do visconde e fechou a porta suavemente atrás dele. Avançou para ela e se aproximou tanto que ela se viu obrigada a retroceder até se chocar com as costas contra a parede.

O senhor Pynch baixou então a cabeça para lhe sussurrar ao ouvido:

— O quarto está vazio. Aceita o objeto de sempre?

Sally engoliu saliva, porque o espartilho sempre parecia ficar muito estreito.

— S-Sim.

O senhor Pynch se inclinou e se apoderou de seus lábios. Só a profunda respiração do senhor Pynch e os suspiros da Sally romperam o silêncio que reinava no corredor.

Logo, o senhor Pynch levantou a cabeça.

— Por que te intriga tanto essa estatueta? Cada vez que te pego no corredor, a está olhando.

Sally se ruborizou porque o senhor Pynch estava lhe mordiscando o pescoço.

— Acredito que se parece com ti. Esse homenzinho com patas de cabra.

O senhor Pynch levantou a cabeça e olhou para trás. Logo voltou a olhar a Sally com uma sobrancelha regiamente levantada.

— Em efeito?

— Mmm — disse Sally. — E me perguntava...

— Sim?

Lhe mordeu suavemente o ombro, e lhe custou se concentrar.

Tentou-o de todos os modos, valorosamente.

— Perguntava-me se também te parece com ele em outras coisas.

O senhor Pynch se deteve com o rosto colado a seu ombro e, por um momento, Sally pensou que possivelmente tivesse sido impertinente.

Depois ele levantou a cabeça e ela viu um brilho em seus olhos.

— Cara senhorita Suchlike, com muito gosto lhe ajudaria a resolver essa dúvida, mas acredito que antes deveríamos fazer outra coisa.

— Qual? — perguntou ela, quase sem fôlego.

O rosto do senhor Pynch havia perdido todo indício de ironia. De repente estava muito sério e seus olhos azuis a observavam quase com indecisão.

Clareou a garganta.

— Acredito que, para continuar esta conversa, você deve se casar comigo, senhorita Suchlike.

Ela se inclinou um pouco para trás e o olhou, completamente muda de assombro.

Ele enrugou o cenho.

— O que ocorre?

— Acreditava que havia dito que era muito velho para mim — disse ela.

— Sim...

— E que eu era muito jovem para saber o que queria.

— Sim.

— E que deveria me fixar em outros homens. Em homens mais de minha idade, como esse lacaio, Sprat.

O cenho do senhor Pynch se tornou tormentoso.

— Não recordo te ter dito que olhe ao jovem Sprat. Você sim?

— Bom, não — reconheceu ela.

O senhor Pynch quase lhe quebrou o coração ao lhe dizer aquilo, porque ela não queria olhar a nenhum outro homem. A única coisa que a salvou, em realidade, era que ele seguia aparecendo atrás dela pelas manhãs e perdendo sua ridícula aposta dia após dia. O senhor Pynch não parecia capaz de conter seus flertes, e ela, certamente, tampouco podia.

Nem queria.

— Bom — grunhiu ele.

Sorriu-lhe, radiante.

Ele ficou olhando-a um momento e logo sacudiu a cabeça como se quisesse limpá-la.

— E bem?

— E bem o que?

Ele suspirou.

— Quer casar comigo, Sally Suchlike?

— Ah. — Sally alisou cuidadosamente a saia. Claro que queria casar-se com o senhor Pynch. Mas era uma garota sensata e precisava estar absolutamente segura. A final de contas, se casar era um grande passo.

— Por que quer te casar comigo?

A expressão do senhor Pynch teria bastado para fazer fugir a mais de uma, mas Sally levava já algum tempo estudando seu caráter e suas expressões, e sabia que não tinha nada que temer dele.

— Se por acaso não o notaste, levo duas semanas ou mais te beijando neste mesmo corredor todos os dias. E embora seja muito jovem e muito bonita para mim, e sem dúvida te arrependerá cedo ou tarde de te casar com um grosso como eu, sigo querendo me casar contigo.

— Por quê?

Ele a olhou fixamente. Se ainda tivesse cabelo, possivelmente o teria puxado por pura exasperação.

— Porque te amo, boba!

— Ah, bom — ronronou Sally, e rodeou seu grosso pescoço com os braços. — Então sim me caso contigo. Mas te equivoca, sabe?

Nesse momento, o ajudante de câmara a interrompeu lhe dando um beijo cheio de entusiasmo, assim passou algum tempo antes que levantasse a cabeça e perguntasse:

— No que me equivoco?

Sally riu ao ver seu encantador e carrancudo semblante.

— Equivoca-te nisso de que me arrependerei de me ter casado contigo. Nunca me arrependerei de ser sua mulher, porque eu também te amo.

O que lhe valeu outro beijo entusiasta.

Melisande se estirou preguiçosamente e se aproximou de seu marido.

— Bom dia — sussurrou.

— Sim que são bons — respondeu ele. Sua voz soava indolente, com um ponto de cansaço.

Com o rosto colado a seu ombro, Melisande dissimulou um sorriso. Jasper quase se esgotou lhe fazendo amor lentamente. Parecia gostar de despertá-la pelas manhãs.

Ouviram ruído de arranhões e um ganido no vestidor.

Melisande cravou um dedo nas costelas de Vale.

— Precisa deixá-lo sair.

Ele suspirou.

— É necessário?

— Vai continuar arranhando e logo começará a ladrar e Sprat virá à porta a perguntar se

precisa tirá-lo.

— Santo céu, quanta animação por um cão tão pequeno — resmungou Vale, mas se levantou de seu colchão e cruzou nu o quarto.

Melisande o olhava com as pálpebras entreabertas. Seu marido tinha um traseiro precioso. Sorriu, perguntando-se o que pensaria ele se o dissesse.

Jasper abriu a porta do vestidor. Camundongo saiu trotando alegremente com um osso na boca. Saltou ao colchão e deu três voltas antes de continuar a roer sua presa.

O colchão se expandiu no último mês com a adição de um colchão fino e um montão de travesseiros.

Melisande ordenou tirar a cama de seu quarto, e agora o colchão ocupava o lugar de honra, apoiado contra a parede, entre as janelas. De noite, iluminada por uma só vela, ela se imaginava deitada em um palácio turco.

— Esse cão deveria ter sua própria cama — resmungou Vale.

— Tem-na — respondeu Melisande. — Mas não dorme nela. — Vale olhou ao cão com cara de poucos amigos. Foi ele, certamente, quem lhe deu o osso, então ninguém levou muito a sério sua expressão.

— Deveria te dar por satisfeito que já não durma debaixo das mantas — disse Melisande.

— Dou-me por satisfeito. Espero não voltar a sentir um focinho gelado colado a meu traseiro — olhou-a com o cenho franzido. — Se pode saber a que vem esse sorrisinho, minha esposa?

— Desculpa, mas não é um sorrisinho.

— Ah, não? — Jasper começou a aproximar-se dela, musculoso e viril. — Então, como definiria sua expressão?

— Estou admirando a paisagem — respondeu ela.

— Sim? — Jasper se aproximou do lugar onde a noite anterior deixou cair sua casaca. — Possivelmente queira que te dance uma gavota[2].

Ela inclinou a cabeça enquanto o via pinçar no bolso de sua casaca.

— Poderia ser.

— Ah, sim, minha insaciável mulher?

— Sim — estirou-se um pouco no colchão, deixando que seus mamilos aparecessem por sobre a colcha. — Mas não sou insaciável, sabe?

— Não? — resmungou ele. Olhava fixamente seus mamilos e parecia um pouco distraído. — O tentei uma e outra vez, e sempre está ansiosa. É capaz de esgotar a qualquer homem.

Ela esboçou um sorriso ao ouvir seu tom queixoso, e olhou com muita intenção sua verga, que se elevava orgulhosa e ereta.

— Não parece esgotado.

— É terrível, verdade? — perguntou tranquilamente. — Assim que me olha me ponho em guarda. É embaraçoso.

Estendeu-lhe os braços.

— Veem aqui, tonto.

Jasper sorriu e se ajoelhou a seu lado.

— O que tem aí? — perguntou Melisande, porque seu marido tinha uma mão às costas.

O sorriso do Jasper se desvaneceu quando deitou a seu lado, apoiando-se em um cotovelo.

— Tenho algo para ti.

— Seriamente? — franziu as sobrancelhas. Não lhe ofereceu nada desde aqueles pendentes de granadas.

Então tirou a mão de detrás das costas e a girou. Em sua palma havia uma caixa de rapé. parecia-se um pouco a caixa em que Melisande guardava seus tesouros, mas era nova.

Ela levantou as sobrancelhas, intrigada, e olhou seu rosto.

— Abre-a — disse Jasper com voz aveludada.

Melisande agarrou a caixa e se surpreendeu ao comprovar que pesava. Voltou a olhar a seu marido. Ele a observava com um brilho nos olhos de cor turquesa.

Ela abriu a caixa.

E então sufocou um grito de surpresa. Por fora, a caixa era de latão comum, sem nenhum adorno, mas por dentro era de ouro reluzente, engastado com pedras preciosas. Pérolas e rubis, diamantes e esmeraldas, safiras e ametistas, e outras gemas cujo nome nem sequer sabia. Todas brilhavam dentro da caixa, cobrindo quase por completo o ouro amarelo com um arco íris de cor.

Melisande olhou ao Jasper com lágrimas nos olhos.

— Por quê? O que significa?

Ele pegou sua mão e, lhe dando a volta, beijou seus nódulos suavemente.

— É você.

Ela olhou a formosa e resplandecente caixa.

— O que?

Jasper pigarreou, com a cabeça ainda agachada.

— Quando te conheci, fui um idiota. E também fui antes, durante anos. Só via o latão atrás do qual te ocultava. Era muito vaidoso, muito frívolo, muito parvo para ver mais à frente e descobrir sua beleza, minha doce esposa.

Levantou seus formosos olhos de turquesa e ela viu que o olhavam com adoração.

— Quero que saiba que agora te vejo. Que me deleitei em sua assombrosa beleza e que não quero que te afaste nunca de meu lado. Quero-te com toda minha alma, por maltratada e espancada que esteja.

Melisande olhou pela última vez o joalheiro. Era precioso. Pensou, cheia de assombro, que assim era como a via Jasper.

Fechou com cuidado a tampa e deixou a um lado a caixa, consciente de que era o presente mais belo, o mais perfeito que Jasper podia lhe fazer.

---

[2] *A gavota é uma dança francesa de origem popular, cadeia aberta, em compasso binário, movimento alegre de moderada ou forte o suficiente. Atestado no século XVI, em diferentes regiões da França, ela é apresentada ao tribunal como uma dança de casal e*

Logo estreitou seu marido em seus braços e disse a única coisa que podia dizer:

— Amo-te.

E beijou-o.

Epílogo

Jack falou com valentia, apesar de que a espada se apertava contra sua garganta.

— Dir-lhes-ia quem ganhou esses anéis, meu senhor — respondeu, — mas, ai, de todos os modos não me acreditariam!

O rei ficou de novo a gritar, mas Jack levantou a voz para fazer-se ouvir por cima de seus gritos de cólera.

— Além disso, não importa quem tenha recuperado os anéis. O que importa é quem os tem agora.

De repente, o rei ficou calado e todos os presentes no salão de banquetes se voltaram para olhar à princesa Surcease. Ela parecia tão surpreendida como todos os outros quando colocou a mão no pequeno bolso que pendurava de seu manto e tirou o anel de bronze e o de prata. Pô-los sobre a palma da mão, ao lado do anel de ouro, e ali ficaram os três juntos.

— A princesa Surcease tem os anéis — disse Jack. — E me parece que isso lhe dá direito a escolher o marido.

O rei resmungou e gaguejou, mas no final não ficou mais remédio que admitir que Jack tinha razão.

— Com quem quer te casar, minha filha? — perguntou o rei. — Aqui há homens de todos os cantos do mundo. Homens ricos e valentes, homens tão arrumados que as damas se deprimem quando os veem passar a cavalo.

Agora, me diga, qual deles será seu marido?

— Nenhum — a princesa Surcease sorriu, ajudou ao Jack a ficar em pé sobre suas curtas pernas e disse:

— Me casarei com o Jack o bufão e com nenhum outro, porque pode ser que seja um bufão, mas me faz rir e o amo.

E assim, diante dos olhos pasmados do rei e de toda a corte, inclinou-se e deu um beijo no Jack o bufão no longo e curvo nariz.

Aconteceu então uma coisa muito estranha: Jack começou a crescer, suas pernas e seus braços se alongaram e se alargaram e seu nariz e seu queixo se reduziram até alcançar suas proporções normais.

Quando tudo acabou, Jack era ele outra vez, alto e fornido, e como usava o traje mágico de noite e vento e a espada mais afiada do mundo, dava gosto vê-lo, como poderão imaginar.

---

tornou-se uma dança de salão e teatro no final do século XVII.

Mas a pobre princesa Surcease não gostou daquele arrumado desconhecido que era mais alto que ela. Chorava e gemia, dizendo:

— OH! Onde está meu Jack? Onde está meu doce bufão? — Jack se ajoelhou diante da princesa e pegou suas mãos entre as próprias, muito maiores. Inclinou a cabeça e lhe sussurrou:

— Eu sou seu doce bufão, minha formosa princesa. Sou o que cantava e dançava para te fazer rir. Amo-te e de boa vontade voltaria a adotar essa forma horrível e deformada só para verte sorrir.

Ouvindo estas palavras, a princesa sorriu e o beijou. Porque, apesar de que Jack mudou tanto de aparência que já não o reconhecia, sua voz seguia sendo a mesma. Era a voz do Jack o bufão, o homem a quem amava.

O homem com quem escolheu se casar.

Fim



Incentive as revisoras contando no nosso blog o que achou da historia do livro.

http://tiamat-world.blogspot.com.br/